**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**O APRENDIZ DE FRADIQUE MENDES:
EÇA DE QUEIRÓS NA LEITURA DE GILBERTO FREYRE**

VANIA REGINA GOMES

São Paulo/2006

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**O APRENDIZ DE FRADIQUE MENDES:
EÇA DE QUEIRÓS NA LEITURA DE GILBERTO FREYRE**

VANIA REGINA GOMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestra em Estudos Comparados de Literaturas Língua Portuguesa sob a orientação do Prof. Dr. Hélder Garmes.

São Paulo/2006

SUMÁRIO

Introdução

1. Histórico

1.1 Eça de Queirós e a consagração no Brasil	4
Eça de Queirós em Pernambuco, terra de Gilberto Freyre	13
1.2 Eça de Queirós e a formação intelectual de Gilberto Freyre	17
1.3 <i>Tempo de aprendiz</i>	22

2. Capital intelectual

2.1 Conhecimento compartilhado.....	30
2.2 Freyre, Fradique, Eça	41
2.3 <i>Tempo de aprendiz</i> e a sociologia	49
Regionalismo e resistência	68
Tradicionalismo gilbertiano	78

3. Capital artístico

3.1 <i>Tempo de aprendiz</i> e a literatura	89
3.2 A luta pela legitimidade literária	106
Gilberto Freyre, Eça de Queirós e a crítica literária	115

4. Conclusão .....

143

5. Referências bibliográficas.....

146

INTRODUÇÃO

Esta dissertação começou a se delinear durante um curso de pós-graduação ministrado pelo professor Antonio Dimas, que me sugeriu a apresentação de um seminário e de uma monografia sobre a presença de Eça de Queirós na obra de Gilberto Freyre, uma vez que o escritor brasileiro cita o autor português inúmeras vezes em seus textos.

Estabelecendo pontos de intersecção entre as obras de Eça de Queirós e de Gilberto Freyre, a partir da reconstituição da leitura que o escritor brasileiro fez dos textos do literato português em *Tempo de aprendiz*, o presente trabalho visa perceber, analisando as inúmeras citações de Eça encontradas nos textos de Freyre, de que forma e com que intenção o sociólogo apropriou-se do universo queirosiano.

No primeiro capítulo, realizamos um breve histórico do sucesso que Eça de Queirós fez no Brasil no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, um verdadeiro culto à sua pessoa e obra. Em seguida, vimos que esse entusiasmo pelo escritor português foi maior em Pernambuco, terra de Gilberto Freyre, que teve em Eça uma forte referência intelectual e artística. Concluímos esse capítulo com a apresentação do livro *Tempo de aprendiz*. Dentre as suas muitas obras, elegemos como ponto de partida para a análise das citações queirosianas essa coletânea de artigos produzidos pelo jovem escritor entre 18 e 26 anos. Essa obra é muito importante para entendermos a gênese do pensamento de Freyre, pois contém, embora germinalmente, as idéias sociológicas e literárias do ensaísta pernambucano que lhe trariam o reconhecimento de seus pares.

No segundo capítulo, analisamos alguns textos escolhidos de *Tempo de aprendiz* em que as citações queirosianas foram empregadas como argumento de autoridade pelo jovem escritor que buscava se inserir no campo intelectual da época. Tratamos também das referências ao escritor e a suas personagens, especialmente Fradique Mendes, que apontam para a qualidade das idéias sociológicas que Gilberto Freyre via nos textos do autor português, relacionando-as a um apego às tradições nacionais e a um hipotético regionalismo telúrico de Eça de Queirós, segundo palavras do sociólogo. Observamos ainda como a identificação entre Freyre e Eça/Fradique, no recorte temático mencionado, começou a comprometer a imagem do promissor sociólogo, que iria se distanciando, paulatinamente, das idéias tradicionalistas que ele atribuía a Eça/Fradique.

No terceiro capítulo, detemo-nos na análise de artigos de *Tempo de aprendiz* em que o entusiasmo de Freyre com as obras queirosianas verifica-se na ênfase ao caráter inovador da língua portuguesa que Eça imprimiu a suas obras. O ensaísta pernambucano, que se dizia antes escritor do que sociólogo ou antropólogo, nem sempre foi bem recebido pela crítica da época devido a um estilo literário diferente, que fugia aos padrões acadêmicos consagrados pela tradição e aceitos pelos intelectuais seus contemporâneos. Freyre cita muitas vezes a expressividade que Eça de Queirós obteve com seu peculiar modo de escrever para legitimar a qualidade estilística de seus textos e se inserir no campo literário brasileiro.

Em seguida, tentamos demonstrar que Freyre, já celebrado por sua contribuição às Ciências Sociais do Brasil, mas ainda não reconhecido como escritor, constatou, após as pesquisas para a publicação da obra sociológica *Ordem e progresso*, em 1959, ser Eça de Queirós uma preferência literária nacional. Necessitando evidenciar-se no campo artístico, Freyre voltaria a empregar, em vários textos, as citações a Eça de Queirós, agora valorizando suas inovações lingüísticas, o que já podíamos vislumbrar de forma incipiente em *Tempo de aprendiz*. Eça, como referência literária incontestável, serviria ao sociólogo pernambucano para legitimar seu estilo entre os críticos que nunca aceitaram haver no cientista social também um escritor.

Para tentarmos provar as hipóteses apresentadas, esbarramos na dificuldade de abarcar todo o universo literário de Freyre em função da dificuldade de encontrarmos os livros e as várias edições de seus textos; porém, acreditamos que as mais de quarenta obras pesquisadas garantem a pertinência e a propriedade de nossas conclusões. Na intenção de apontarmos a intertextualidade entre Freyre e Eça de Queirós, usamos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu e Michel de Certeau para fundamentar nossa análise sócio-literária e Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca e Dominique Maingueneau para embasar nossa análise discursiva.

O objetivo deste trabalho não foi analisar ou julgar o estilo de Eça de Queirós, nem a expressividade literária de Gilberto Freyre: é o agenciamento da figura do escritor Eça de Queirós na capitalização simbólica do sociólogo/escritor Gilberto Freyre que a presente pesquisa se inscreve.

1. HISTÓRICO

1.1 Eça de Queirós e a consagração no Brasil

Eça de Queirós não era um autor confessional e sim uma personalidade avessa à biografia. Mesmo quando, no auge do sucesso literário, o editor Chadron insistia em publicar sua história pessoal, Eça demonstrava temor em expor sua vida privada, chegando a dizer que “um homem de letras que não escreve memórias tem realmente o direito de que os outros não lhas escrevam” (MONICA, 2001, p.22). Para Ramalho Ortigão, escritor português e co-autor de algumas de suas obras iniciais, Eça escreve em 10/11/1878: “Dados para a minha biografia não lhos sei dar. Eu não tenho história, sou como a República do Vale de Andorra. (...) Que documentos, meu Jesus? Eu só tenho a minha carta de bacharel formado”. (CASTILHO, 1983, v.1, p.162)

Por esse motivo, ou seja, a grande circunspecção em relação à sua vida pessoal, seus biógrafos e críticos tiveram inúmeras vezes que se servir de sua correspondência para completar as lacunas que encontravam na descrição de sua trajetória pessoal e intelectual. Para aumentar a dificuldade de se conhecer melhor algumas de suas idéias, contribuíram três fatos: primeiro, Eça de Queirós morreu sem terminar de escrever ou de fazer a revisão de algumas obras consideradas muito importantes para a compreensão de sua última fase literária, publicadas postumamente com alterações, feitas por quem as revisou; segundo, após a sua morte, o navio *St. André*, que transportava muitos de seus papéis de Paris para Lisboa, naufragou; terceiro, sua família, provavelmente respeitando o desejo de reserva do escritor, durante muito tempo não liberou parte de seus documentos, entre eles, correspondências que só recentemente vieram a esclarecer dúvidas sobre seu ideário, o que prejudica a validade das opiniões registradas anteriormente à publicação desse material epistolar por inúmeros críticos ou biógrafos.

O resultado dessas lacunas sobre a vida e sobre algumas das idéias de Eça verifica-se nas diferentes visões que encontramos sobre suas preocupações ideológicas e sobre a análise de seu percurso intelectual, como, por exemplo, aquelas reunidas por José Trêpa, que, no prefácio à edição comemorativa do centenário de nascimento de Eça de Queirós, observa: “Jamais o trabalho de um autor reuniu à sua volta maior número de opiniões e despertou controvérsia mais apaixonada” (TRÊPA, 1945, p.XIII). Como veremos, a recepção

da crítica à obra de Eça de Queirós nunca foi tranqüila nem em seu tempo, nem posteriormente à sua morte.

Essa tensão nos é apontada por Carlos Reis, um dos grandes estudiosos do autor português na atualidade: “A fortuna brasileira de Eça de Queirós é antiga, diversificada e não isenta de controvérsia” (ABDALA JR., 2000, P.23). Entre os autores que mais contribuíram para uma possível compreensão do sucesso brasileiro de Eça de Queirós, temos as obras críticas de Arnaldo Faro (*Eça e o Brasil*), Paulo Cavalcanti (*Eça de Queiroz agitador no Brasil*), Heitor Lyra (*O Brasil na vida de Eça de Queiroz*), Clóvis Ramallete (*Eça de Queiroz*), João de Medina (*Eça de Queirós antibrasileiro?*). Esses relatos confirmam que houve uma verdadeira febre de leitura dos textos do escritor português, assim que esses chegaram ao nosso conhecimento.

A. Campo Matos, organizador e coordenador da obra *Dicionário de Eça de Queiroz*, escreveu um verbete denominado “ecite”, em que analisa esse culto ao autor, e atribui esse termo a um de seus admiradores no Brasil, Monteiro Lobato. Para Matos, esse sentimento foi mais forte no Brasil que em Portugal (MATOS, 1993, p.353-355). Palavras de Alberto de Oliveira, escritor brasileiro que viveu essa “cultura queirosiana” em seus primórdios, corroboram essa opinião, afirmando que não foi só no final do século XIX, mas durante muitas décadas do XX que esse fato se verificou.

Culto é a palavra exata, creio eu para designar a admiração e o entusiasmo com que os escritos de Eça de Queirós eram acolhidos por seus leitores brasileiros. Mais talvez ainda que em Portugal, onde as inovações do escritor abalavam tradições e rotinas, e onde suas irreverências satíricas lhes suscitavam inimigos, no Brasil a repercussão de sua obra foi desde logo imensa e o seu nome alcançou um prestígio sem reservas. (TRÊPA, 1945, p.385-386)

Clóvis Ramallete confirma essa “mania” precoce de Eça, anterior à dos portugueses, escreve que ela não ocorreu somente entre os brasileiros mais cultos:

Por todo o Brasil, os contemporâneos o elevaram a gênio máximo da língua. Em certa época, por aqui, houve mania. Pode-se mesmo afirmar que o Brasil consagrou e adotou Eça de Queirós, antes de Portugal. No Maranhão, fundaram uma estranha “Padaria Espiritual Eça de Queirós”, espécie de Cenáculo brasileiro dos Vencidos da Vida de lá, que se propunha: batalhar pelas letras e amar o romancista. Em Cuiabá, na bruteza da mata entre índios e padres catequistas, lia-se atentamente aquele puro filho da civilização. (RAMALHETE, 1942, p.18)

Ratificando esse entusiasmo inusitado dos brasileiros não só pela obra, mas também pela vida do autor português – inusitado porque primordialmente foi mais intenso fora de sua

terra natal, conforme os estudiosos já citados – o brasileiro Miguel Melo, em 1911, escreve a primeira biografia de Eça, antecedendo em 13 anos o livro biográfico produzido pelo português Antônio Cabral (FARO, 1977, p.27). Sabe-se que, em 5 de julho de 1893, o jornal *A Semana* lançou um concurso que visava conhecer os seis melhores romances em língua portuguesa. O resultado, segundo Alberto Faro, “no que respeita a Eça de Queirós, refletiu, realmente, a idolatria de que o cercavam a nossa mocidade acadêmica e os brasileiros em geral”. Os seis primeiros classificados foram, pela ordem: *Os Maias*, *O primo Basílio*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *A relíquia*, *A mão e a luva*, *O ateneu*. Observe-se entre nós a sua primazia sobre o também célebre escritor nacional Machado de Assis.

Para se confirmar o que já foi escrito sobre o maior apreço de Eça de Queirós entre os brasileiros que entre seus compatriotas, deve-se lembrar também que em 1884, em concurso semelhante, feito por um jornal de Coimbra, *O Imparcial*, com pesquisa somente entre os portugueses residentes ou não em Portugal, Eça não foi eleito entre os três melhores escritores lusitanos, tendo ocupado o quarto lugar, após Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas e Latino Coelho (MÓNICA, 2001, p.473).

Por outro lado, nem sempre esse amor se mostrou incondicional. Paulo Cavalcanti, em obra que lhe consumiu dez anos de pesquisa em bibliotecas e arquivos, principalmente pernambucanos, resgatando ou descobrindo artigos, documentos, esquecidos ou desconhecidos, escreveu sobre a maneira como os sentimentos dos leitores brasileiros foram do desprezo à eçolatria, expressão de Fidelino de Figueiredo (FIGUEIREDO, 1943, p.30).

Tensão e agressividade marcaram, no princípio, a carreira literária de Eça no Brasil, quando textos satíricos sobre o Imperador D. Pedro II e sobre os brasileiros, escritos na revista mensal portuguesa *As Farpas*, foram reproduzidos indevidamente pelos jornais *O Seis de Março*, do Recife, e *A República*, do Rio de Janeiro. *As Farpas*, revista mensal surgida em Lisboa em maio de 1871, com textos de Eça e de Ramalho Ortigão, criaram em Portugal “um novo tipo de jornalismo – a da crônica regular, independente e viva da vida política, das letras e dos costumes” (MEDINA, 2000, p.23) . O entusiasmo e a irreverência desses jovens em seus ensaios logo chamaram a atenção de intelectuais brasileiros e deram origem a várias contrafações, como as citadas anteriormente. A viagem de D. Pedro II à Europa em 1871, com permanência por algum tempo em Portugal, serviu de tema para vários de seus artigos, entre os quais “Fastos da peregrinação de Sua Majestade o imperador do Brasil por estes reinos” e

“Viagens dos imperadores do Brasil em Portugal”. Ao analisar esses textos, Paulo Cavalcanti considera-os depreciativos, julgando que os autores teriam zombado cruelmente do imperador; no entanto, essas impiedosas críticas a D. Pedro II ajustavam-se perfeitamente às pretensões republicanas e rapidamente foram reproduzidas sem autorização. A interpretação ofensiva de Cavalcanti aos brasileiros coincide com a de outros ensaístas, como podemos observar nos textos mais recentes de Luís Filipe Castro Mendes (MENDES, 2000, p.126-131) ou ainda de José Rodrigues de Paiva (MATOS, suplemento, 1998, p.506-510).

No entanto, retomando o caráter controverso que permeia as opiniões da crítica dedicada à análise das obras do escritor português, podemos observar que Arnaldo Faro não concorda com a análise que Paulo Cavalcanti fez dos textos em questão, embora tenha registrado páginas laudatórias à importância do livro de Cavalcanti para a bibliografia crítica queirosiana, ressaltando o caráter científico que o autor imprimiu às suas pesquisas. Em seu livro *Eça e o Brasil*, Faro desmonta, frase por frase, a interpretação do colega, concluindo que o autor português apenas fez comentários risinhos sobre o Imperador e não eram críticas severas e mordazes, ou diatribes, termo usado com frequência por Cavalcanti na obra citada (FARO, 1977, p.65-101). Os textos pretensamente injuriosos aos brasileiros conteriam apenas o tom humorístico a que se propunha Eça no prólogo da 1ª edição de *As Farpas*: a sua intenção e a de Ortigão eram claras, prometendo, em páginas irônicas, mas justas, denunciar tudo o que lhes parecesse necessário de correção, através do riso porque “o riso é uma filosofia. Muitas vezes o riso é uma salvação. E em política constitucional, pelo menos, o riso é uma opinião” (QUEIROZ, 195-, v.3, p.961). Com a interpretação menos severa de Faro sobre os textos referentes ao imperador e sua viagem, concorda João de Medina, em seu livro *Eça de Queirós antibrasileiro?*

Possivelmente irritado com a ousadia dos responsáveis por essas contrafações – como escrevemos, os textos contra D. Pedro foram rapidamente copiados – Eça de Queirós escreveu o ensaio intitulado “O brasileiro”, em *As Farpas*, em fevereiro de 1872 (QUEIROZ, 195-, v.3, p.1190-1193), carregado de cinismo contra seus “clientes” brasileiros. Essa espoliação literária, atitude que estava se tornando recorrente no Brasil, também foi alvo de protesto de Pinheiro Chagas, em 1879, em carta ao imperador, a quem ele responsabilizava pela inexistência de um tratado sobre a propriedade literária (FARO, 1977, p.59-61).

Segundo Paulo Cavalcanti, na obra citada, os textos referentes à viagem imperial foram motivo de pequena reação de nossos intelectuais, visto que beneficiavam as aspirações republicanas, e o passeio de D. Pedro pela Europa era motivo de reparos até entre os monarquistas. Entretanto, o artigo “O brasileiro” desencadeou um grande número de manifestações de repúdio aos escritores lusitanos, que culminaram com perseguições e atentados a portugueses residentes em Pernambuco, principalmente no Recife e em Goiana, cidade litorânea economicamente importante para a região. Observe-se que não se registraram manifestações como essas em outros centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Referindo-se posteriormente a esses atentados contra os portugueses, em carta endereçada ao presidente da Província de Pernambuco, os autores do ensaio “O Brasileiro” acusaram os “nativos” de terem-no usado como pretexto de brasileiros antilusitanos para reagirem contra seus compatriotas, argumento que foi endossado por Paulo Cavalcanti quando fez a análise econômica e social da região pernambucana, na época da ocorrência desses fatos.

Ainda na visão de alguns queirosianos, entre eles Paulo Cavalcanti, as críticas do texto se referiam obviamente aos brasileiros natos, com agressões de toda ordem, inclusive morais; Arnaldo Faro novamente desmonta as conclusões de Cavalcanti sobre o artigo “O brasileiro”, após criterioso estudo do texto provocador da celeuma, concluindo que o personagem visado por Eça seria mesmo o português que retornava a Portugal, e que, em sua crítica, o autor deixava cair alguns respingos nos brasileiros nativos, falha que viria a corrigir em 1890, na revisão desse artigo para a coletânea denominada *Uma campanha alegre*. Eça de Queirós teria, com habilidade, transformado o texto numa caricatura apenas dos “brasileiros de torna-viagem” (portugueses que enriqueciam no Brasil e retornavam a Portugal). João Medina (MEDINA, 2000, p.67) lembra-nos que muitos românticos, inclusive Camilo Castelo Branco, já haviam desenhado um estereótipo negativo do brasileiro de torna-viagem, e que em 1886, no prefácio a *O brasileiro Soares* de Luís de Magalhães (ABDALA JR., 2000, p.143-148), Eça já havia mostrado a falta de apreço dos portugueses em relação a esses seus conterrâneos, tentando reabilitar a imagem desses últimos.

Para o nosso trabalho, não cabe optar por uma ou outra análise sobre a verdadeira intenção desses textos de Eça de Queirós em *As Farpas*. Estudando a gênese do culto brasileiro ao escritor português, é relevante saber que as manifestações literárias de repúdio a seus textos críticos tiveram maior repercussão entre intelectuais de pouca expressividade.

Foram várias as publicações de exaltação nacionalista, como *Os Farpões*, de José Soares Pinto Correia, que causaram também muito alvoroço nos dois países, com direito à réplica e tréplica, mas não há registro de texto assinado por autor brasileiro de reconhecimento nacional.

Atribuindo ao grande nativismo do crítico literário pernambucano essa análise equivocada (a suposta intenção dos autores de *As Farpas* de satirizar o brasileiro e seu imperador nos textos mencionados), Arnaldo Faro discorda ainda de Paulo Cavalcanti por este atribuir a Eça dois artigos sem assinatura da referida revista. Em forma de cartas, ambas muito violentas, foram endereçadas ao imperador e ao presidente da Província de Pernambuco, após as repercussões iniciais de seus textos. A corroborar sua tese, Faro cita outros estudiosos queirosianos, como Alberto Machado da Rosa (FARO, 1977, p.88-101), que também atribuem esses textos a Ramalho Ortigão. Se verdadeiro, esse fato atenuaria a participação de Eça nos episódios constrangedores de sua estréia literária no Brasil, que não teria sido tão negativa e virulenta quanto à de seu companheiro literário Ramalho Ortigão.

Ainda repercutindo textos e acontecimentos subseqüentes, eram atiradas farpas dos dois lados do Atlântico, quando Eça de Queirós, em 1872, foi nomeado cônsul em Havana e encerrou sua participação na revista, em parceria com Ramalho Ortigão. Somente quatro anos depois, em 1876, sua obra apareceu novamente nos meios acadêmicos brasileiros, quando foi publicado em fascículos *O crime do Padre Amaro*, na *Revista Ocidental*. Como essa revista portuguesa tinha pequena circulação no Brasil, poucas pessoas tiveram acesso a essa versão, mas se sabe que, novamente, surge uma contrafação, ou seja, uma publicação não autorizada, em São Paulo, em uma revista acadêmica chamada *A República das Letras*, que publica apenas o primeiro capítulo e parte do segundo.

Apenas em 1878, com a publicação de *O primo Basílio*, Eça de Queirós conquistaria definitivamente o Brasil. Lançada em Portugal em 28 de fevereiro, a obra no mês de abril já era motivo de polêmica entre os brasileiros, quer seja pelo seu estilo inovador, quer seja pela audácia de páginas consideradas para alguns como imorais. A querela mais conhecida se estabeleceu após as críticas demolidoras de Machado de Assis aos primeiros romances de Eça, *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, publicadas em artigos no jornal *O Cruzeiro*, em abril de 1878, no Rio de Janeiro, assunto que gerou, posteriormente, estudos como *Eça, discípulo de Machado?* de Alberto Machado da Rosa. À época, a celeuma agitou

intensamente nossos intelectuais, chegando a ser considerada a mais importante das preocupações nacionais daquele momento. Devido à sua repercussão, surgiu o neologismo “basilismo”, como registra Arnaldo Faro: “O ‘basilismo’ alastra por toda a parte, enriquecendo os livreiros... Ai porém de quem ousar dizer que o romance de Eça de Queirós é um exemplo d’imoralidades, ai dele! que logo será esbordado” (FARO, 1977, p.137). A postura negativa inicial do escritor de *Dom Casmurro* acabou se transformando com o tempo em certa admiração ao literato português, como podemos ler no artigo póstumo que escreveu em homenagem a Eça (ASSIS, v.5, p.258-259).

Pode-se afirmar que o autor português tornou-se rapidamente uma epidemia nacional. Em poesias jocosas ou elogiosas publicadas em periódicos, adaptações variadas para o teatro, saraus, reuniões boêmias ou acadêmicas, o tema recorrente era Eça e seus textos. Todos os que se queriam cultos tinham que conhecer suas publicações e, como não bastassem as originais para o consumo voraz, rapidamente começaram a surgir as cópias não autorizadas, o que propiciou entre os brasileiros um número maior de leitores do que em Portugal. Sabedor dessas contrafações, que se por um lado deveriam aborrecê-lo, por outro lhe davam a dimensão de sua popularidade, o autor de *Os Maias* chegou a sugerir a seus editores, na época do lançamento dessa obra, que ela deveria ser primeiramente publicada aqui, numa tentativa de diminuir seu prejuízo financeiro.

A partir de 1880, seus laços com os brasileiros se tornam mais efetivos, porque passa a ser o correspondente na Europa de *A Gazeta de Notícias*, periódico do Rio de Janeiro, colaboração que perdurou por quase vinte anos. Segundo Carlos Reis (ABDALA JR., 2000, p.25), o autor, sabedor desse seu prestígio no Brasil, publicava seus artigos jornalísticos e romances em fascículos, como *O mandarim* em 1880, e *A relíquia*, em 1887, quase simultaneamente nos dois países.

Entre alguns fatos que confirmam o entusiasmo brasileiro a Eça de Queirós no final do século XIX, podemos lembrar que, em 1897, ele foi admitido como sócio-correspondente da Academia Brasileira de Letras, a “casa de Machado de Assis” (MENDES, 2000, p.128), ocupando a cadeira número 2 e que, nesse ano, Martinho de Arruda Sampaio fundou um periódico brasileiro em Paris, a *Revista Moderna*, do qual o autor português foi um dos grandes colaboradores e pelo qual recebeu a sua maior homenagem em vida: em 20 de novembro a revista foi toda dedicada a Eça de Queirós (FARO, 1977, p.219-230).

O reconhecimento da estima e da admiração que os brasileiros lhe devotavam deve ter sido um dos motivos que levaram o autor português a convidar vários escritores brasileiros a colaborarem com a *Revista de Portugal*, que ele lançou em Paris, em primeiro de julho de 1889. Entre os vários convidados, estavam Alberto de Oliveira, Barão do Rio Branco, Capistrano de Abreu, Domício da Gama, Machado de Assis, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Raul Pompéia, embora apenas três deles tenham efetivamente colaborado com textos para publicação: Oliveira Lima, Medeiros e Albuquerque e Eduardo Prado (FARO, 1977, p.195-196).

Podemos recordar ainda que Eça, em seu longo “auto-exílio” de Portugal, embora deplorasse em sua obra o atraso cultural lusitano, nunca quis participar das rodas literárias estrangeiras, freqüentadas pelos maiores intelectuais europeus. Na última década de sua vida, coincidentemente a última do século XIX, morando em Paris, o centro da cultura ocidental, preferiu o convívio de seus compatriotas e aprofundou sua amizade com vários brasileiros, principalmente Eduardo Prado.

O culto a Eça de Queirós, que se iniciou com a publicação de *O primo Basílio*, permaneceu após sua morte em 16 de agosto de 1900. Houve, entre esse ano e 1912, a publicação de inúmeras obras póstumas, algumas inéditas, outras que só haviam sido publicadas em periódicos ou ainda coletâneas de artigos publicados na imprensa: *A ilustre casa de Ramires*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *A cidade e as serras*, *Contos*, *Prosas bárbaras*, *Cartas da Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Cartas familiares*, *Notas contemporâneas* e *Últimas páginas*. Essas publicações foram imediatamente consumidas e eram motivos de debates literários entre seus admiradores brasileiros, provando que morria o autor, mas não o entusiasmo por seu trabalho, que beirava o fanatismo em alguns de seus leitores (Cf. FARO, 1977, p.249-256).

Monteiro Lobato e Graciliano Ramos, grandes intelectuais brasileiros do início do século XX, são citados com freqüência pelos estudiosos da recepção de Eça no Brasil.¹ Segundo Luís Felipe de Castro Mendes, foi o criador da famosa personagem Jeca Tatu que teria originado o termo “ecite” e que teria escrito em uma carta de 1903: “Meu avô lê *A cidade e as serras*, minha irmã lê *A ilustre casa de Ramires*, eu leio *As histórias de santos*, e como somos três neste imenso casarão, não erro dizendo que a casa inteira lê Eça. [...]”

---

¹ Cf. Arnaldo Faro (1977, p.260) e Matos (1988, p.353)

Chegamos quase à conclusão de que ele privara conosco” (Lobato, apud MENDES, 2000, p.128). No mesmo texto, Castro Mendes conta-nos que em 1915, no *Jornal de Alagoas*, no artigo intitulado “Linhas tortas”, o jovem Graciliano Ramos, outro admirador confesso do ficcionista português, indignava-se com o apedrejamento da estátua de Eça em Lisboa, considerando que tal ato assumia “quase as proporções de um sacrilégio” e declarava: “Confesso ingenuamente que, às vezes, cheguei a perguntar a mim mesmo se não havia em Lisboa algum templo de mármore, onde sacerdotes inteligentes oficiassem, prestando culto à memória do grande ímpio” (Ramos, apud MENDES, 2000, p.128).

Também Benjamin Abdala Júnior ratifica a empatia de Graciliano Ramos por Eça de Queirós, retirando o seguinte excerto do citado artigo, “Linhas tortas”, em que opinou sobre o reconhecimento da universalidade e do realismo das personagens do ficcionista português:

Seus personagens não são, por assim dizer, entidades fictícias, criação de um cérebro humano – são indivíduos que vivem a nosso lado, que têm os mesmos defeitos e virtudes, que palestram conosco e nos transmitem idéias mais ou menos iguais às nossas [...]. Que enorme quantidade de Raposos, de Zé Fernandes, de Dâmasos, de Conselheiros Acácios e de Ramires há nesse mundo! (Ramos, apud ABADALA JR., 2000, p.89)

Não fugindo à intenção de nosso trabalho, vimos que a admiração pelo escritor português não era exclusiva de Gilberto Freyre; ao contrário, tal admiração era capital, ou quase indispensável, a quem quisesse se inserir no campo intelectual e artístico brasileiro, especialmente nas primeiras décadas do século XX. Arrematando esse tópico, registramos que a apropriação de Eça de Queirós poderia ser encontrada em outros escritores daquele período e, para exemplificarmos essa constatação, apontamos a intertextualidade presente no seguinte excerto de *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato, escritor que teria originalmente empregado de forma tão apropriada o termo “ecite”. Como brasileiro que valorizava nossa cultura mais tradicional – característica apontada também em Eça pelos intelectuais da época – e que sabia da relevância do autor português nas rodas literárias mais importantes do país, no conto “Noite de São João”, Lobato empregou, ironicamente, uma alusão a Eça de Queirós como marca de distinção, utilizada por uma personagem, pequeno literato do interior paulista:

Foi água na fervura. Todos se esqueceram do buscapé para só se lembrarem da garganta. Era a vez de consertar os gorgomilos e matar no ovo a possível constipação. Por minutos um soprar de chicharas [sic] e um chuchurrear com estalos de língua [sic] dominaram todos os barulhos.

— Está supimpa!

— Isto regenera o fígado.
— Corrobora, pois não.
— Mais uma chicara, dona Lulú?
— Ardidinha, mas bôa que dói!
— Está d'apetite, como diz o Eça.

Este comentário saiu do literatelo da roda, Júlio da Silva de nome, Julius d'Altamira no pseudônimo com que desovava sonetos semanais nas folhas da terra. A Candoquinha, de ha muito pelo beijo, encantou-se com a frase.

É da pele, este são Júlio!

Bem gengibrados, dispersaram-se de novo. (LOBATO, 1959, p.39)

Eça de Queirós em Pernambuco, terra de Gilberto Freyre

Paulo Cavalcanti considerava Recife a cidade mais “eciana” do País, referência que aparece logo no prefácio de sua famosa obra, *Eça de Queirós, agitador no Brasil*, em que discorre sobre a relação de Eça com Pernambuco (CAVALCANTI, s.d., p.26). Resumindo as conclusões de Paulo Cavalcanti, Dagoberto Carvalho Jr., também conhecido queirosiano, diz que a ligação entre Eça e Recife teve três momentos distintos: o primeiro afetivo, o segundo de estremecimento e o terceiro de consagração (QUEIROZ, 2000, v.3, p.639-656).

O momento afetivo deve-se ao seu primeiro contato com a cultura desse estado, quando, ainda na infância, Eça começou a ser criado pela pernambucana Ana Joaquina Leal de Barros. “O certo é que Eça aprendeu a falar português em sotaque brasileiro. (...) A linguagem desses pernambucanos nunca mais deixaria de impressionar Eça de Queiroz, para quem o português falado no Brasil era um português com açúcar” (CAVALCANTI, s.d., p.28). Há muitas controvérsias a respeito da primeira infância do autor português, mas é certo que Ana Joaquina foi sua madrinha e mãe de criação pelo menos até os quatro anos. A amizade entre a pernambucana e a família Queirós teria se originado quando os avós de Eça estiveram no Brasil, onde teria nascido José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, pai do escritor português.

Segundo João Gaspar Simões, no prefácio ao citado livro de Cavalcanti, os avós paternos teriam levado do Brasil criados e “escudeiros” negros (CAVALCANTI, s.d., p.28). No texto “O francesismo”, Eça registra que “A minha mais remota recordação é de escutar, nos joelhos de um escudeiro negro, grande leitor de literatura de cordel, as histórias que ele me contava de Carlos Magno e dos Doze pares” (QUEIROZ, 195-, v. 2, p.814).

Ainda de acordo com Cavalcanti, no conto “Singularidades de uma rapariga loura”, da primeira fase literária do romancista, há uma menção às cantigas brasileiras ouvidas em sua infância: “Depois o cônego Saavedra cantou uma modinha de Pernambuco muito usada no tempo do senhor D. João VI: lindas moças, lindas moças” (CAVACANTI, s.d., p.29). Duas citações de Gilberto Freyre em diferentes ensaios fazem referência também à presença dessa “bá” negra pernambucana na infância de Eça:

A essa altura, observe-se a vantagem que vem sendo para o Brasil a presença, na sua população e na sua cultura, de iletrados e até analfabetos, em parte descendentes de escravos africanos dos velhos dias patriarcais que, como reserva de gente intuitiva, espontânea, telúrica em sua adaptação ao trópico, vêm retardando uma demasiadamente rápida, além de absorvente, europeização e racionalização da gente brasileira, com sacrifício de suas aptidões mágicas. Aptidões mágicas comunicadas a tantos brasileiros e até portugueses de gênio ou talento artístico ou literário - **um deles o português Eça de Queirós** e, entre os brasileiros, um Sílvio Romero, um José Lins do Rego, um Jorge de Lima - pela “bá” negra já abasileirada e pessoa íntima da família nas antigas casas-grandes. (FREYRE, 1976, p. 14) (grifo nosso)

Foi aqui [em Pernambuco], talvez mais que em qualquer outra parte do Brasil, que se começou a dizer “me diga” em vez de “diga-me”, “me faça”, em vez de “faça-me” e, é claro, “me ouça”, “me escute”, “me queira bem”, **acrescentando-se à língua portuguesa vinda da Europa aquele açúcar a que se referiu certa vez Eça de Queiroz**. Pensava decerto o autor de *Os Maias* nos muitos “inhos” da nossa fala. Açúcar nas palavras. Açúcar e calor. Sol. Verdes. Doçura, ternura, amorosidade, sem que esses exageros de delicadeza de expressão venham significando falta de energia viril nos homens e mesmo excesso de fragilidade feminina nas mulheres. (FREYRE, 1971, p.4) (grifo nosso)

Como percebemos, Gilberto Freyre, nesses dois textos que têm em comum a defesa da valorização da tradição oral no Brasil, citou Eça de Queirós que, em defesa própria, acusado de desvirtuar a língua portuguesa com seus francesismos, lembrou com carinho que as primeiras palavras de que se recordava eram as da sua “bá” brasileira ou de seus criados pernambucanos. Por causa desse carinho, tal período de contato com os brasileiros foi chamado de afetivo por Carvalho Jr.

Já o momento de estremecimento entre o escritor português e seu público pernambucano que aconteceu em 1872, como descrito anteriormente, e que resultou em comentários de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão sobre o cinismo de seus clientes do Recife, se por um lado agradou aos jovens republicanos da Faculdade de Direito do Recife, entre eles Tobias Barreto, por outro, acirrou antigos sentimentos nativistas contra os portugueses locais.

A publicação da revista portuguesa pelo jornal republicano *O Seis de Março* – gesto de cunho – eminentemente político-partidário – não deixou de motivar os moços da Faculdade de

Direito, em quem reconheceriam os farpistas de Lisboa “penetrante sagacidade” e alcançou, no âmagô, recônditos sentimentos nativistas que cinquenta anos de Império não haviam conseguido arrefecer em Pernambuco, irredenta província onde, desde a capitania, plantaram-se as primeiras sementes brasileiras de república. (CARVALHO JR., 2000, v.3, p.639-656)

Como explica Carvalho, embora os pernambucanos tenham sido os brasileiros que mais concretamente reagiram às provocações dos dois escritores portugueses, o afastamento de Eça do jornal, ainda em 1872, com sua partida para Cuba, e o sucesso de seus primeiros romances provocaram uma rápida superação dos desapontamentos iniciais, de ambas as partes. Segundo Carvalho Júnior, apenas aos críticos esse assunto ainda interessaria e não aos brasileiros em geral, porque a estes

[...] bastaria o prefácio de *Uma campanha alegre*, de onde a pilhéria envelhecida de 1872, fora, diplomaticamente, excluída. Eça foi sincero quando Ramalho Ortigão o consultou sobre a reedição de *As Farpas*: “Estou hoje tão longe delas e do estado de espírito que as inspirou... que já quase as não compreendo, e, portanto, de modo nenhum as defendo”. (CARVALHO JR., 2000, v.3, p.639-656)

O momento de consagração de Eça em Pernambuco chegou logo após a publicação de *O Primo Basílio* no Brasil em 1878, quando o autor transformou-se em moda. Sua crítica de costumes, em estilo literário leve e irônico, acabou conquistando definitivamente seus leitores, que esqueceram as antigas mágoas. Por esta época, Eça, com suas críticas aos portugueses, era suspeito de lesa-nacionalidade, não sendo muito bem visto em sua terra e os brasileiros tomaram para si o escritor. Para Fidelino de Figueiredo, “mesmo que no fundo de tal ‘eçolatria’ houvesse algum sentimento anti-português (sic) a gozar voluptuosa e maliciosamente o sentido local das sátiras do escritor, ele acabaria por se requintar em verdadeira sensação de arte, purificada e reconciliadora...” (FIGUEIREDO, 1943, p.30).

Nas primeiras décadas do século XX, inúmeros intelectuais de Pernambuco, com o mesmo entusiasmo de seus colegas de outras partes do país, iriam reverenciar o escritor, quer seja admirando, comentando ou discutindo suas obras, quer seja tomando como modelo sua vida de intelectual, homem moderno, crítico, viajado.

Tudo isso [a imitação de seu estilo dândi] vai por conta dessa vontade escondida de restaurar a sua presença e, desde que isso é impossível, de trazer um bocado do espírito dele para o mundo que nos cerca hoje.

Há, sim, numa secreta significação evocativa, escondendo-se, mal disfarçando-se em todos esses modos do seu culto, a intenção indefinida de mantê-lo vivo, de arrastá-lo da vida mental para o meio físico ambiente, e pô-lo ainda a circular entre as coisas cotidianas. Já falei por aí sobre essa “saudade impossível” de Eça de Queiroz, a vontade

íntima que, na imaginação do seu cultuador, o conserva vivo, alimenta-o pelo amor às coisas que foram dele, pela recordação de seus hábitos, a admiração de sua arte, a curiosidade sobre tudo o que se refere à pessoa e à vida dele. (RAMALHETE, 1942, p.32)

Entre os intelectuais pernambucanos que de alguma maneira participaram dessa consagração mencionada ao escritor português, podemos citar Gilberto Freyre, Paulo Cavalcanti, Olívio Montenegro, Álvaro Lins, Luís Delgado, José Maria Bello.

Em 1945, com a intenção de comemorar o centenário do aniversário de Eça de Queirós, a Prefeitura Municipal do Recife promoveu inúmeras atividades, entre elas dois concursos de monografias e um de pinturas e gravuras que deveriam retratar a obra eciana. Entre outros eventos, muitas palestras se realizaram e participaram também dessas homenagens os meios de comunicação – jornal e rádio – e até o comércio (MATOS, suplemento, p.507-508).

Entretanto, o culto ao autor português não findou com o passar do tempo e o mérito dessa permanência talvez possa ser atribuído às sociedades criadas em várias regiões do país, ainda hoje em atuação, dedicadas ao estudo das obras e ao reconhecimento da importância literária de Eça de Queirós, especialmente na literatura brasileira. Em Pernambuco, deve-se esta constância à *Sociedade Eça de Queiroz*, fundada após as comemorações do mencionado centenário, que desde 1948 – e mais formalmente a partir de 1993 – promove reuniões lítero-gastronômicas para discutir a obra do prosador português, nos jantares denominados *Ecianos do Recife* e que teve, como um de seus idealizadores, o queirosiano Paulo Cavalcanti.

1.2 Eça de Queirós e a formação intelectual de Gilberto Freyre

A partir dessas constatações iniciais, podemos levantar algumas hipóteses sobre a apropriação do escritor português pela obra gilbertiana, que textualmente o chama de “o quase brasileiro Eça de Queirós” (FREYRE, 1966). Freqüentador assíduo das rodas intelectuais pernambucanas, Freyre parece ter-se contaminado pela “ecite” já em sua casa, pois o ensaísta registrou, em pelo menos dois textos, a presença de Eça desde a infância em sua formação intelectual: o autor de *Os Maias* figurava entre os preferidos do Professor Alfredo Freyre, pai de Gilberto, como este evoca em diferentes ensaios:

[Meu pai] Não admitia que em sua presença se estropiasse a língua portuguesa. Estava sempre a corrigir nos filhos e nos netos erros de pronúncia, vulgarismo, anglicismo. Na defesa da pureza da língua materna chegava a ser caturra. Seus clássicos prediletos eram Camões, Frei Luís de Souza, Bernardes, Castilho e Herculano. Dentre os brasileiros, Vieira. Mas sem deixar de saborear o seu Oliveira Martins, o seu Ramalho Ortigão e **o seu Eça, a quem perdoava os galicismos por amor ao que, no autor de *Os Maias*, era graça literária, ironia viva, coragem de crítica social.** (FREYRE, 1978c, v.2, p. 1028) (grifo nosso)

Possivelmente imbuído da visão romântica dos brasileiros sobre o cultuado autor português do início do século XX, Gilberto Freyre, aos dezesseis anos já tinha lido quase toda a sua obra, conforme registra em seus textos autobiográficos. No livro memorialista *Tempo morto e outros tempos*, em confissão registrada em 1916, revela o escritor brasileiro: “Mário Severo me aconselha Flaubert, que ainda não li. Eça já li quase todo; é o autor mais lido pelos estudantes da ‘república’ de Mário que me emprestou um livro de Eça que eu não conhecia: *Prosas Bárbaras*. Meu entusiasmo é pelo *Os Maias*.” (FREYRE, 1975d, p.9)

A admiração por essa obra se encontra em alguns de seus ensaios, como, por exemplo, quando o sociólogo, expressando sua opinião sobre os assuntos mais diversos, busca legitimar seus argumentos em Eça, através da voz de Carlos da Maia. No excerto do discurso proferido em maio de 1947, que transcrevemos abaixo, a personagem eciana ratificaria a opinião de Freyre sobre a política da época: ela deveria ficar nas mãos de quem realmente a conhecesse e a entendesse, como metaforicamente sugere, e, nesse caso, estava se referindo a Walt Whitman nos Estados Unidos, e não aos cuidados de artistas, como no Brasil, onde os postos políticos estariam entregues “aos Ruys Barbosas e aos Albertos Torres”. Observemos a apropriação da obra de Eça de Queirós:

Estava Carlos da Maia, um dia de sol, em Cintra, com seu amigo, o maestro Cruges, quando pararam diante de um jardim caracteristicamente português: “aqui e além, entre a bela desordem da folhagem... arranjos de gosto burguês...” Árvores, estatuetas, ruídos d'água, flores.

É quando Cruges não se contém e observa: “Que pena que isto não pertença a um artista! Só um artista saberia amar estas flores, estas árvores, estes rumores. . .” Mas Carlos sorri. E depois de sorrir diz estas palavras que me parecem conter alguma sabedoria: “Os artistas só amam na natureza os efeitos da linha e cor; para se interessar pelo bem-estar de uma tulipa, para cuidar de que um craveiro não sofra sede, para sentir mágoa de que a geada tenha queimado os primeiros rebentões das acácias - para isso só o burguês que todas as manhãs desce ao seu quintal com um chapéu velho e um regador, e vê nas árvores e nas plantas uma outra família muda, porque ele é também responsável”. É claro que Eça emprega aqui a palavra “burguês” não no seu sentido marxista, mas no francês, no flaubertiano, em que se contrapõem não burguês e proletário, mas burguês e artista. (FREYRE, 1965, p. 88-89)

Como vimos anteriormente, ainda na adolescência, Freyre presenciou no Recife um período de idolatria ao autor de *Os Maias* sem similaridade em outro lugar, nem mesmo em Portugal, segundo estudiosos queirosianos. José Maria Bello, com quem Freyre dividiria a responsabilidade da direção do jornal pernambucano *A Província*, em 1928, não escondia o entusiasmo não só pelas obras, mas pela figura e pela vida de Eça de Queirós na sociedade acadêmica que ambos freqüentaram. Clóvis Ramallete assim registrou essa verdadeira devoção pelo autor português, a quem os jovens gostavam de imitar:

[Após sua morte] Permanece vivo o amor pelas coisas dele, o desejo escondido de restaurar a sua presença, tê-lo outra vez elegante, magro, poste de nervos, com o monóculo a cair e a repor, cintilando ironias.

O encontro com Eça de Queiroz é feito, quase sempre, à saída da adolescência. E é por tudo a idade madura para descobri-lo. “Aos vinte anos, Eça nos é prodígio, (autobiografa-se José Maria Bello) percorremos-lhe os livros no encanto de quem tivesse encontrado algum país novo, alguma ilha misteriosa prometida em sonhos”. E então “o nosso grande, quase incontido desejo era gritar ao primeiro amigo, ao vizinho, à multidão indiferente e apressada, que vai à vida, às alegrias e às tristezas, às ambições e aos desesperos, a extraordinária descoberta”. É a idade do descobrimento do mundo, dos transbordamentos sentimentais e especulativos. Aos vinte anos, ama-se, nega-se Deus, estabelecem-se princípios gerais, arrasa-se a sociedade pela base. Quem, nesta idade, não teve um desdém superior por Pachecos que ocupavam a cátedra ou se sentavam à mesa do chefe da repartição?

A obra de Eça vem com todos esses elementos mentais, no bojo. É sobre Portugal, sim, – mas escrita por um homem que viajou e viu o mundo! Serve ao despertar universal dos vinte anos. – Coincide! E depois, que exagero impagável, que clareza, que impertinente audácia ao enfrentar princípios velhos! A mocidade encontra-se, ajusta-se com ele, – ama-o! É ela própria, vista num espelho, que se lhe vem apresentar para guiá-la. (RAMALHETE, 1942, p.28-29)

Não seriam mais necessários outros depoimentos sobre a incontestável admiração ao autor português por parte do campo erudito a que Freyre pertencia. Provavelmente, por esse motivo, além de uma estima também pessoal, encontramos as muitas referências a Eça de Queirós em seus textos: seriam uma forma de capitalização de bens simbólicos que as

citações ecianas representariam em um campo erudito, no qual Freyre pretendia se destacar como escritor e intelectual.

Não deve ser por outra razão que, no primeiro capítulo de sua mais famosa obra, *Casa Grande & Senzala*, para traçar o caráter social do português, Freyre valeu-se da descrição que a personagem João Gouveia faz do modo de ser de Gonçalo Mendes Ramires, nos últimos parágrafos de *A Ilustre Casa de Ramires*.

[...] o luxo de antagonismos no caráter português surpreendeu-o magnificamente Eça de Queiroz. O seu Gonçalo, d' *A Ilustre Casa de Ramires*, é mais que a síntese do fidalgo — é a síntese do português de não importa que classe ou condição. Que todo ele é e tem sido desde Ceuta, da Índia, da descoberta e da colonização do Brasil como Gonçalo Ramires [...] (FREYRE, 1975a, p.7)

Devemos lembrar que tal visão do sociólogo brasileiro sobre essa personagem queirosiana era recorrente à época em que publicou *Casa Grande & Senzala*, em 1933; entretanto, as últimas obras do autor português têm suscitado vários estudos com opiniões divergentes sobre a sua real intenção na construção da trama e da caracterização das personagens desses textos.²

Passados vinte anos dessa publicação, Eça de Queirós ainda provocaria emoções mágicas e comovedoras em Freyre. Foi o que ele expressou em vários trechos da obra *Aventura e rotina*, relatos de sua viagem por Portugal e por seus territórios da África e da Ásia, entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952, redigidos sob a forma de um diário, em 1953. Destacamos a passagem que consideramos ser a melhor para exemplificar os sentimentos acima mencionados:

Para o brasileiro há qualquer coisa de mágico no nome de Eça de Queiroz. Confesso que sou dos que não sabem fugir a essa magia. Ainda sou dos que hesitam entre o Eça d' *Os Maias* e o Machado de Assis dos *Contos fluminenses*, embora saiba que a moda hoje entre a gente fina seja exaltar o brasileiro e diminuir o “pobre homem de Póvoa do Varzim”. Em Lisboa estou sempre a imaginar o Eça à porta da Havanesa, o Eça a descer o Chiado, o Eça a contemplar o Tejo do alto de algum sobrado, mais parecido com o Ramalhete.

Quando, na Emissora Nacional, meu amigo Pedro de Moura e Sá apresentou-me a Antônio Eça de Queiroz, filho do autor d' *Os Maias*, apertei-lhe a mão comovido. Tive a impressão de tocar em alguma coisa de mais pessoalmente queirosiano que um livro. Impressão um tanto fantástica, certo, como é, que um grande homem de letras está, quase sempre, mais intensa e pessoalmente nos livros que escreveu quase sozinho do que nos filhos que produziu de colaboração com a mulher. Com a família da mulher. Com os próprios tios, avós e antepassados, não só seus como da mulher.

---

² Cf. *A ilustre casa de Ramires: cem anos*. (BERRINI, 2000)

Ao chegar a Leiria, me informa alguém que Eça aqui viveu uns tempos como administrador e aqui escreveu grande parte de sua colaboração para o *Mistério na estrada de Sintra*. Confesso que ao som do nome mágico diminui meu interesse por velhos castelos, antigas igrejas e até quintas – minhas amadas quintas portuguesas – que pudesse admirar em Leiria. E guardo toda a atenção de que sejam capazes meus olhos já quase de velho, mas ainda de estudante, para procurar surpreender, neste recanto de Portugal, e com o alvoroço de um adolescente que tivesse acabado de ler *A cidade e as serras*, um pouco do Eça que me dizem, também, ter-se inspirado em fatos e costumes que observou em Leiria para escrever o seu *O crime de padre Amaro*. (FREYRE, 2001, p.150)

Freyre deixou evidenciado em tal diário que a admiração de estudante pelo grande escritor português continuava muito presente no ideário cultural do consagrado sociólogo que já era em 1953.

E, lembrando essas palavras que nos remetem a Machado de Assis, finalizaremos esse tópico unindo duas fases da vida do intelectual pernambucano. Iniciamos essa parte da dissertação citando um trecho autobiográfico de Freyre em que ele disse que considerava, aos 16 anos, *Os Maias* como a melhor obra de Eça de Queirós e terminaremos com a ratificação dessa opinião, quando o sociólogo tinha 74 anos. Para tanto, evocamos os excertos da entrevista que concedeu nessa idade, no auge de uma vida cultural muito intensa, quer seja escrevendo, lendo ou dando palestras e aulas. Conforme seu testemunho, as obras de Eça de Queirós eram as mais relidas pelo escritor:

[...] Sobre los [escritores] preferidos en nuestra lengua, voy a particularizarlos: Fernao Mendes Pinto, al que considero el más alto escritor de lengua portuguesa, más alto incluso que Camoens, al que mucho he leído y del cual soy un gran entusiasta. Camoens, el lírico del amor; Gil Vicente, Garret, **Eça de Queiroz, el autor que más he releído**; Machado de Assis, Euclides da Cunha, Antonio Nobre, Augusto dos Anjos, por el cual tengo especial predilección.

[...] Nadie en la lengua portuguesa es más (periodista de calidad), en el sentido más de la palabra, que Eça de Queiroz. Sin embargo, y usted lo sabe, **Eça se consideró siempre periodista**. El nunca dejó el contacto con el público a través del periódico.

[...] Sí, como escritor doy mucha importancia a la forma de expresión. Y desde el principio procuré una nueva forma de escribir. **Creo que será lo mismo que le pasó a Eça de Queiroz cuando al empezar a escribir, en Portugal, intentó liberarse de ciertas fórmulas ya establecidas y procuró nuevas flexiones e incluso nuevos sabores a las palabras**. Pienso que he logrado hacer de las palabras algo así como CARNE, como si realmente el Verbo se hiciese CARNE. Sin embargo, no me satisface completamente lo que he logrado en ese sentido.

[...] Trabajo más cuando me llega la voluntad de hacerlo, que por seguir una disciplina regular, diaria. Diré que a veces amanezco sintiéndome completamente incapaz de escribir. [...] Lo esencial en esas ocasiones, es evitar escribir, pero sí releer. Digo releer porque una de las

mayores alegrías de la vida del escritor y de todos es releer. Y existen autores a quienes he leído muchas veces. Uno de ellos es Eça, en *Os Maias*, quizá el libro que más he leído en mi vida.

[Siendo Eça de Queiroz un autor tan visitado por usted, ¿existe alguna afinidad entre los dos?]

Claro, claro, reconozco esa afinidad, mucha afinidad. Creo incluso que es autor muy actual, muy de hoy. Lamento mucho no haber conocido a Eça de Queiroz personalmente. Creo que nos hubiéramos comprendido muy bien. Pero he conocido a su hijo, que hace poco falleció. Eramos amigos y hemos charlado mucho sobre su padre. En su opinión, había algo en común entre su padre y yo. (FREYRE, 1975b)³ (grifo nosso)

Nessa entrevista, Gilberto Freyre declara, novamente, sua grande admiração pelo escritor português: não só deixou registrada sua identificação com o autor que mais releu e em cuja leitura se inspirava, como também enfatizou que o considerava o maior dos escritores de artigos jornalísticos, gênero no qual também muito se expressou.

Finalmente, podemos afirmar que, na entrevista acima, Freyre corrobora nossa hipótese inicial, ou seja, a do agenciamento da figura do escritor/sociólogo Eça de Queirós na construção da figura do sociólogo/escritor Gilberto Freyre, ao usar a afirmação do filho do literato português de que ambos os escritores tinham algo em comum e ao declarar que Eça, como ele, também procurou uma forma inovadora de expressão. Percebemos nessas declarações a tentativa de legitimar o estilo gilbertiano de escrever, que tanta polêmica causou e que foi o motivo da publicação de inúmeros textos escritos com o intuito de sobrepor a figura do escritor à do sociólogo.

Tempo de aprendiz

O “real” é aquilo que, em cada lugar, a referência a um outro faz acreditar.⁴

Michel de Certeau

---

³ Essa entrevista foi feita por ocasião do recebimento do prêmio Medalha de Ouro José Vasconcelos, outorgada pela Frente de Afirmación Hispanista do México, em 1974, pelo reconhecimento de sua obra. O texto completo encontra-se na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre.

⁴ Michel de Certeau (1994, p.288-289).

Tempo de aprendiz, conjunto de todos os 270 textos de Gilberto Freyre publicados no *Diário de Pernambuco*, entre 1918 e 1926, foi editado em livro em 1979 pelo Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, organizado por José Antonio Gonsalves de Mello, com prefácio de Nilo Pereira e introdução do próprio autor. Alguns textos já tinham sido incluídos por Freyre em outros dois volumes: *Artigos de jornal*, de 1934, coletânea com 35 artigos e, em 1964, foi lançada uma segunda edição ampliada sob o título de *Retalhos de jornais velhos*, contendo 70 textos. Com o subtítulo de “Artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)”, a obra reuniu os textos enviados dos Estados Unidos, onde estudou de 1918 a 1922 e publicados no *Diário de Pernambuco*, assim como aqueles que escreveu após sua volta ao Brasil, de março de 1923 até 1926.

A primeira parte da coletânea contém os artigos numerados de 1 a 61, sob o título de “Da outra América” e de mais quatro com títulos, sendo que três desses foram publicados originalmente em periódicos do exterior e depois enviados para o *Diário de Pernambuco*. Na segunda parte, de volta ao Brasil, o autor optou por escrever uma série de 100 textos, artigos numerados e, nessa sequência, entremeou outros três com títulos; terminada a série numerada, foram publicados mais textos com 100 com títulos. Compõem ainda a obra, nos anexos, o artigo de Aníbal Fernandes, anunciando a chegada de Gilberto Freyre ao Brasil, em 8 de março de 1923; o discurso do escritor, em homenagem que lhe prestaram ao assumir o cargo de professor do Colégio Americano Batista, em Recife, no dia 28 de março de 1923 e o texto pronunciado na conferência promovida pelo “Centro Regionalista do Nordeste”, em 11 de novembro de 1924, todos publicados no *Diário de Pernambuco*.

Em seu prefácio, Nilo Pereira já nos antecipou a dificuldade de classificar esse livro, que poderia ser considerado, ao mesmo tempo, um livro de artigos, de crônicas, de impressões de viagem, de crítica literária, de pensamentos e de reflexões de um jovem sobre sua época (FREYRE, 1979b, p.22). Seja qual for essa classificação, seus textos transmitem o entusiasmo de um recifense que se mostra precocemente apaixonado pela arte de escrever e com a intenção de firmar sua opinião, qualquer que fosse o tema analisado. O adjetivo gentílico aqui empregado já aponta para seu assunto predileto, quer quando estava nos Estados Unidos, quer após sua volta para o Brasil: a cidade do Recife e seus habitantes. Nos textos intitulados “Da América”, Freyre constantemente escrevia sobre a cultura, os hábitos, as instituições e as

personalidades que mais lhe chamavam a atenção nesse primeiro contato com o estrangeiro, para depois, no mesmo ensaio, compará-los aos recifenses, ou ainda pernambucanos, ressaltando suas semelhanças e diferenças. Como recebesse com muita frequência publicações do Brasil, correspondia-se com amigos e parentes de Pernambuco, além de freqüentar brasileiros moradores nos Estados Unidos, o autor estava, dentro do possível, sempre a par dos acontecimentos no país. Apesar da variedade temática dos artigos desse período, há dois assuntos que recorrentes: a arte literária – a crítica, os escritores e as novidades estilísticas – e a preservação dos valores culturais, principalmente os de Pernambuco.

Segundo o prefaciador Nilo Pereira: “... esta edição há-de (sic) constituir uma fonte de exegese da obra e mesmo da vida do escritor, do poeta...” (p.16); “É a gênese de toda a sua obra, que se aprimorou como continuação de sua investigação científica...” (p.23). Sobre a importância dessa obra, Pallares-Burke compartilha da mesma opinião, considerando essa antologia: “uma das mais ricas fontes para o estudo dos elementos formadores de seu pensamento e não, como já foi afirmado, ‘crônicas ‘leves’ que refletem muito pouco do pensamento mais sério de Freyre [...]” (Pallares-Burke, 2005, p.29). Insistindo na idéia de já apontarem esses textos do articulista pernambucano para o estilo que iria impressionar seus leitores devido à escrita moderna, diferente, anti-retórica, Nilo Pereira afirma que, na época da publicação dessa coletânea, em 1979, “a forma literária do adolescente ou do jovem é a mesma dos dias atuais de glória e consagração” e que, entre outras novidades, sobressai em seu estilo uma ironia à moda de Tobias Barreto e de Eça de Queirós, a que Gilberto Freyre teria aderido.

O autor desses artigos iniciou a introdução de *Tempo de Aprendiz* comentando a participação de todos que ajudaram na constituição dessa coletânea. Logo no terceiro parágrafo, Freyre começou a escrever sobre seu estilo, já anteriormente elogiado pelo organizador e pelo prefaciador da obra, como inovador na sua expressão, inovações qualificadas pelos três escritores como estilísticas. Pode-se afirmar que o tema primordial, nas dez páginas dessa introdução, é o “estilo original, novo, que antecipou até o dos modernistas”.

Gilberto Freyre, autor desse prefácio aos 78 anos, enfatizou que ao começar a escrever esses artigos era ainda muito jovem, apenas um adolescente que buscava uma nova forma de linguagem, diferente da acadêmica, consagrada no Brasil por vários escritores, mas representada principalmente por Rui Barbosa e considerada, na época, a verdadeira e única

possibilidade de expressão literária. Procurava escrever seus artigos em uma linguagem que superasse a jornalística, que fosse mais literária, modernizando a língua portuguesa, aos poucos, e individualizando seu estilo, ou seja, “gilbertinizando-o”. Lembrou-nos o escritor que, logo após publicar seus primeiros textos, sentiu-se lisonjeado com as palavras de Monteiro Lobato, que indagou em carta a Oliveira Lima, grande amigo e mestre informal de Freyre nos EUA, quem era o autor daqueles artigos com idéias arrojadas e escritos em um estilo tão diferente, mas que muito lhe agradava. Esses elogios o incentivaram em sua busca para firmar um modo de escrever original no Brasil, mas que seria muito questionado por alguns críticos durante sua carreira literária, tantas as inovações que ele trazia.

Nesse texto memorialístico, Freyre diz que se sentia, nessa fase de experimentações lingüísticas, um desbravador, um “arremedo daquele do ideal do Fradique do Eça”, buscando, quixotesicamente um modo de escrever que ainda não existia. Quando se referiu a essa personagem, o articulista estava lembrado de uma passagem de *A correspondência de Fradique Mendes*, obra queirosiana que estudaremos mais detalhadamente durante este trabalho. Relembrando a fase em que ainda estava delineando seu estilo, aos dezoito anos, o sociólogo nos deixou essas palavras ratificadoras da admiração indelével que tinha pelo também jornalista Eça, através de sua personagem Fradique Mendes. Para melhor entendermos essa frase de Freyre, transcreveremos o trecho a que ele alude:

Aturdido, rindo, perguntei àquele “feroz insatisfeito” que prosa pois concebia ele, ideal e miraculosa, que merecesse ser escrita. E Fradique, emocionado (porque estas questões de forma desmanchavam a sua serenidade), balbuciou que queria em prosa “alguma coisa de cristalino, de aveludado, de ondeante, de marmóreo, que só por si, plasticamente, realizasse uma absoluta beleza – e que expressionalmente, como verbo, tudo pudesse traduzir, desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados de alma...”

— Enfim – exclamei – uma prosa como não pode haver!

— Não! – gritou Fradique – uma prosa como ainda não há!

Depois, juntou, concluindo:

— E como ainda a não há, é uma inutilidade escrever. Só se podem produzir formas sem beleza: e dentro dessas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é redutível ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que mantivera mudo aquele superior espírito – possuído da sublime ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas, por meio de formas absolutamente belas. (QUEIROZ, 195-, p.1036)

Nessa prosa fictícia, Eça de Queirós era o interlocutor do intelectual Fradique Mendes, uma das suas criações mais polêmicas entre os estudiosos do autor português. Eça discutia com o intelectual a sua constante rejeição de registrar em livro seus conhecimentos,

sob o pretexto da personagem de que ninguém saberia escrever, depois de apontar falhas nas obras dos maiores escritores franceses. A discussão entre Fradique e Eça de Queirós não abordavam os conhecimentos da personagem porque isso era indiscutível; mas sua contestação à proposta do escritor, com quem teria uma convivência intelectual, advinha do fato de que ainda não existira uma forma literária realmente bela capaz de abarcar seus pensamentos.

Após essa discussão, surgiu a frase de que se apropriaria Freyre. Lembrando-nos que o sociólogo pernambucano já estava com 78 anos quando escreveu esse prefácio, logo, já tinha experimentado muitas dificuldades para se firmar como literato observamos que, ao empregar essa frase, possivelmente estava se reportando à intransigência dos acadêmicos brasileiros ao negarem qualidade literária às suas inovações estilísticas; logo, Freyre estaria se referindo ao aspecto formal de sua linguagem, visto que no âmbito do conhecimento suas obras já o tinham consagrado no Brasil e no exterior como cientista social. Por isso, esses “experimentos de adolescentes” serem também “quixotescos”. Realmente, como veremos, Freyre vai apontar já nesses textos de juventude um desejo muito evidente de se inserir no campo artístico, mas com uma linguagem não acadêmica, que ele queria própria, diferente, o que a crítica literária mais ortodoxa, como ele a alcunhava, não aprovou.

Esse “experimentador adolescente”, agora reconhecido sociólogo, entretanto, não deixa de citar as diversas fontes literárias que o ajudaram na estruturação de seu estilo: as de origem portuguesa, desde os clássicos “secundários” até os mais famosos, além das fontes de língua inglesa, francesa e espanhola. Freyre também não esqueceu o contato com o Imagismo, especialmente representado por Amy Lowell, poetisa e crítica de quem se aproximou em sua estada nos Estados Unidos. Seria esse movimento que, segundo o ensaísta, teria inspirado seu estilo inovador ao criar imagens inusitadas, juntando o sentido lógico das palavras a aspectos que poderiam ser captados sensorialmente.

Observamos, nessa introdução, a insistência de Freyre em se arrogar a antecipação das inovações lingüísticas que seriam inauguradas no Brasil a partir da Semana da Arte Moderna de São Paulo, de 1922. O escritor defendeu sua condição de precursor de uma nova forma de expressão tão admirada, que teria feito inúmeros seguidores, como José Lins do Rego, Olívio Montenegro e Aníbal Fernandes, que embora já consagrados, alteraram seu

estilo; Freyre teria também teria inspirado também outros intelectuais, então principiantes, com seu estilo arrojado e diferente.

Freyre descreveu também nessa introdução os temas que viriam a torná-lo um expoente na sociologia. O escritor apresentou-os, fazendo um breve resumo dos vários assuntos de seus artigos, assuntos que só posteriormente seriam abordados por outros intelectuais no Brasil, como as idéias tradicionalistas e regionalistas.

Para terminar esse texto de introdução a *Tempo de aprendiz*, citando Ortega, para quem o “eu” se altera com as circunstâncias, Freyre se justificou por possíveis injustiças ou contradições temáticas que poderiam ser encontradas naqueles textos de juventude. Mas, insistiu, não alterou as idéias expressas em seus artigos, exceto para corrigir erros de revisão ou para tornar claras expressões que não seriam compreendidas pelo leitor da década de 70. E, principalmente, reiterou o escritor Freyre, o estilo renovador do jovem encontrava-se ainda no reconhecido sociólogo.

Como em *Tempo de aprendiz* encontramos 33 citações a Eça de Queirós e suas personagens, elegemos os textos dessa coletânea como ponto de partida para entendermos as apropriações que Freyre faz do universo queirosiano. Essa escolha se fez visando compreender como e porque, já em seus textos de juventude, o sociólogo recorria a essas citações e os motivos pelos quais, em determinado momento de seu percurso intelectual, ora Freyre privilegia a visão tradicionalista que ele atribuía a Eça/Fradique, ora enfatiza as particularidades estilísticas que caracterizam as obras do autor português.

Para melhor entendermos o emprego das citações queirosianas por Freyre, usamos conceitos elaborados por Pierre Bourdieu e Michel de Certeau para fundamentar nossa análise sócio-literária. A necessidade do reconhecimento público e, principalmente, da aceitação de sua obra pelos intelectuais da época, é inerente e fundamental à carreira de qualquer escritor. Tal reconhecimento público leva a um prestígio social, quando se usam os “valores” de seu grupo de “status”, ou seja, quando se usam signos distintivos que lhe “conferem uma marca comum aos membros de um grupo particular, distinguindo-os dos estranhos do grupo” (Cf. BOURDIEU, 2005, p.14-21). Esses valores, que Bourdieu denomina de “bens simbólicos” e que poderiam conferir legitimidade aos textos de Gilberto Freyre, seriam, segundo nossa interpretação, o resultado das afinidades estabelecidas por ele com os escritores que concorreram para a sua formação acadêmica, cujos méritos eram também reconhecidos pelos

intelectuais brasileiros. Na busca da formação de seu capital simbólico, ele recorre em seus textos a tais escritores, na forma de simples alusão ou de citação. Partindo da noção bourdieuriana de campo erudito, aqui metodologicamente dividida em campo intelectual e campo artístico (as duas frentes que compõem o campo erudito), apreciaremos de que maneira Freyre utilizou as citações queirosianas para legitimar suas opiniões ora em um campo, ora em outro.

Segundo Certeau, no “jogo escriturístico”, ao elaborar seus textos, o escritor “tem como alvo a eficácia social” e a citação o auxiliaria nesse sentido, porque é um elemento que alia a produção do texto ao efeito que produz, uma vez que esse instrumento retórico “inquieta o texto” (CERTEAU, 1994, p.250):

O laboratório da escritura tem como função “estratégica” ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo. (CERTEAU, 1994, p.226)

Parece-nos que tal teoria foi uma das motivações de Freyre ao citar Eça de Queirós: consciente da inscrição do escritor português nos meios intelectuais brasileiros, especialmente o pernambucano, o sociólogo trabalhou as próprias idéias, que teriam pontos de contato com aquelas que atribuíra a Eça, e lançou-as nesse ambiente acadêmico, de modo que as do escritor português legitimassem as suas. A intenção de Freyre de “agir sobre o meio e transformá-lo” fez criar várias polêmicas sobre sua originalidade, quer sejam temáticas – o tradicionalismo –, quer sejam estilísticas – a renovação lingüística.

Na intenção de apontarmos a intertextualidade entre Freyre e Eça de Queirós, também recorreremos aos conceitos de Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca e Dominique Maingueneau para embasar nossa análise discursiva.

Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca, na obra *Tratado da argumentação*, em seus estudos sobre a retórica, consideram que a alusão e a citação são figuras de comunhão com o “auditório” – o público leitor ou ouvinte –, quando esses elementos retóricos se utilizam de conhecimento comum ao grupo, no caso de Freyre um “fato cultural”, cuja lembrança “aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.201). Esses estudiosos também atribuem à citação outra função: a de argumento de autoridade, que “utiliza atos ou juízos de uma pessoa

ou um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese” ou ainda “vem complementar uma rica argumentação” (p. 348-349).

Percebemos, nos textos de *Tempo de aprendiz*, o emprego tanto da alusão e da citação como figuras de comunhão, em momentos em que Freyre não oferece explicações sobre as referências ecianias empregadas, aparentemente partindo do princípio de que seu “auditório” era privilegiado, isto é, já tinha um conhecimento prévio de Eça de Queirós e de suas personagens. Por outro lado, notamos em muitos textos dessa coletânea a citação empregada como argumento de autoridade, quando Freyre procura legitimar seus conceitos explicitando sua similaridade com os de Eça.

Reportando-se a Bourdieu e a Certeau, Maingueneau, na obra *O contexto da obra literária*, também oferece algumas teorias sobre a necessidade que tem o escritor de legitimar seu texto empregando referências comuns a uma “tribo” – grupo de artistas – em que está inserido, ratificando as afirmações acima:

A existência de uma tribo não implica necessariamente a frequência assídua aos mesmos lugares. Ela pode resultar de trocas de correspondência, de encontros ocasionais, de semelhanças nos modos de vida, de projetos convergentes... Existe desse modo um certo número de “tribos invisíveis”, que desempenham um papel na arena literária, sem por isso terem tomado a forma de um grupo constituído. Ademais, qualquer escritor se situa numa tribo escolhida, a dos escritores passados ou contemporâneos, conhecidos pessoalmente ou não, que coloca em seu panteão pessoal e cujo modo de vida e obras lhe permitem legitimar sua própria enunciação. Essa comunidade espiritual que usa o espaço e o tempo associa nomes numa configuração cuja singularidade se confunde com a reivindicação estética do autor. (MAINGUENEAU, p.31)

Para concluirmos esse capítulo, é interessante observar que Gilberto Freyre, antecipou em parte os teóricos mencionados, abordando o assunto da apropriação feita pelo artista ou cientista do texto de outrem na constituição de seu discurso. Em 1943, publicou no jornal *A Manhã* do Rio de Janeiro, um artigo intitulado “Citar ou não citar”. Contestando a manifestação de alguns intelectuais que viam na citação simples falta de originalidade e uma atitude desabonadora a quem as empregou, Freyre registrou sua opinião favorável à utilização desse recurso, uma vez que a fronteira entre o discurso individual e o coletivo é muito tênue, sendo a citação um modo de explicitar os materiais que compõem a originalidade de uma teia discursiva:

Hoje sabemos que, em ciência como em arte, a originalidade absoluta não existe; e que a originalidade do criador ou do renovador está na combinação de elementos velhos com novos ou de dois elementos velhos, nunca dantes reunidos, correlacionados ou aproximados por outro cientista ou artista. A essa maravilha de criação raro se chega de improviso ou por espontaneidade pura: é preciso o contato do artista ou cientista moço com a obra dos clássicos, dos mestres, dos pioneiros, dos velhos. Contato direto, de preferência, embora às vezes baste o vago ou fortuito para se verificar a fecundação do novo pelo velho.

Sendo este o mecanismo da criação ou da renovação em arte ou em ciência, já não devemos nos sentir tão diminuídos como outrora, pela sombra de domínio dos mestres sobre os assuntos que desejaríamos marcar, com a nossa passagem, pela descoberta de um aspecto novo e surpreendente ou apenas adivinhado de longe por algum remoto, vago e incerto pioneiro. Pois a originalidade – repita-se – está em combinações novas ou na combinação de um elemento novo com os velhos: e não na invenção absoluta, que seria maculada pela antecipação mesmo vaga de um pioneiro que o suposto inventor se esforçasse por esconder, citando-lhe o nome o menos possível. Como se deixando de o citar conseguisse matá-lo. Como se citar ou não citar resolvesse a questão da originalidade: o *to be or not to be* do original. (FREYRE, 1981b, p.325)

Para o escritor pernambucano, ser original num texto iria além do emprego de referências a outros autores: para se criar ou se renovar, no campo artístico ou no campo intelectual: ser original implicaria a combinação de idéias antigas às novas. O resultado dessa consciência lingüística gilbertiana pode ser percebido em suas obras, a partir de *Tempo de aprendiz*. É o que pretendemos apontar na apreciação que faremos de seus textos nos próximos capítulos.

2. CAPITAL INTELECTUAL

2.1 Conhecimento compartilhado

Nesse capítulo, veremos como Freyre, em seus primeiros artigos de *Tempo de aprendiz*, se apropriou da imagem e da obra de Eça de Queirós para legitimar a condição de escritor capaz de corresponder à expectativa de seus leitores, quando ainda tinha pouco reconhecimento literário, no início de sua trajetória artística. Como registrou na introdução a essa antologia, escrita anos depois, em 1975, muitos foram os escritores cujas obras ele considerou importantes nesse momento germinal de sua carreira de escritor:

De modo que isto é o que foram os artigos *Da Outra América* publicados no "Diário de Pernambuco" de 1918 a 1922: uma quixotesca busca. Experimentos de adolescente. Adolescentismo. Aventura de um adolescente brasileiro de província, estudante universitário no estrangeiro. Aventura. A procura de uma expressão literária diferente das consagradas. Nova sem repudiar sugestões por ele encontradas mais em clássicos considerados secundários como Fernão Lopes, como Fernão Mendes Pinto e em Gil Vicente e em Vieira, em Alencar, **em Eça**, em Oliveira Martins, do que no excelso Camões, ou nos egrégios Castilhos e no, para tantos, exemplar, Camilo. [...] Procurou o experimentador ainda adolescente tais influências ao seu modo de ser começo anglo-saxonizado de homem sem deixar de conservar-se fiel ao que fora quando brasileiríssimo menino de engenho: do Engenho São Severino dos Ramos. (FREYRE, 1979b, p. 27) (grifo nosso)

Em diversos textos, especialmente em prefácios, o sociólogo se mostra consciente da importância dos autores acima, incluindo nesse patamar de reconhecimento autores de outros idiomas, nas primeiras tentativas da formação de um estilo próprio e da cooptação de leitores. Freyre nunca negou, na genealogia de sua obra, a presença da “linguagem polifônica”, empregando-se aqui o termo bakhtiniano (Cf. BARROS e FIORIN, 2003, p.1-6). Queremos dizer que ele não assume as “vozes” de outros escritores com as quais dialoga em seus textos como suas. Ao contrário, reconhecendo-as, estaria apontando para “os traços de pertença” de uma determinada elite intelectual, e ao usá-las, estaria se inserido nela (CERTEAU, 1994, p.110). Essa intertextualidade já estava presente nos artigos incipientes de sua carreira, recolhidos em *Tempo de aprendiz*.

Já assinalamos no capítulo anterior os motivos de Freyre para eleger Eça de Queirós entre seus autores de predileção: além de reconhecer desde muito jovem o apreço pessoal às obras do escritor português, essa distinção reflete o sentimento denominado “ecite”, que contagiou os intelectuais brasileiros, em especial os recifenses, com a consagração das obras de Eça. Por tal razão, consideramos a hipótese de que as referências a esse autor e suas

personagens, inseridas nos artigos de *Tempo de aprendiz*, contribuíram, como “marcas de distinção” a favor do jovem escritor. Aproveitando como recurso estilístico as citações a Eça de Queirós, autor que constituía um dos bens simbólicos da intelectualidade brasileira da época, Freyre obteria o reconhecimento de sua obra entre aqueles a quem desejava por seus pares. Retomando Bourdieu:

[...] o campo da produção erudita tende a produzir ele mesmo suas normas de produção e os critérios de avaliação de seus produtos, e obedece à lei fundamental da concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes. (BOURDIEU, 2005, p. 105)

A partir desse enfoque, analisaremos alguns excertos da antologia *Tempo de Aprendiz*, em que seu autor faz referência a Eça e a suas personagens sob a forma de citações, que, em nossa concepção, poderiam ter uma intenção particular: diferentemente de outras que avaliaremos mais adiante, essas citações representariam para Freyre apenas um índice público de seu conhecimento literário e de sua formação intelectual, visto que elas aparecem em artigos com temas diversificados; além desse motivo, nos textos selecionados, freqüentemente, o articulista não se detém em maiores explicações sobre o emprego dessas referências queirosianas. Perceberemos nesses artigos o que afirmamos anteriormente: esses textos do jovem Freyre são dirigidos a uma determinada parcela da sociedade, já que, por falta de esclarecimentos maiores por parte do escritor, apenas o leitor conhecedor da obra eciiana, o “cliente privilegiado”, entenderia as menções feitas a tal autor. Segundo Bourdieu esses procedimentos ocorreriam durante um período que ele chama de “processo de canonização”, porque ainda não houve a consagração do intelectual, no caso do escritor, em seu meio acadêmico, período cuja duração “depende diretamente da medida em que a autoridade é reconhecida e capaz de impor-se de maneira duradoura” (BOURDIEU, 2005, p. 121-122).

Chaïm Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca, na obra *Tratado da argumentação*, sem seus estudos sobre a retórica, a alusão e a citação são figuras de comunhão com o auditório:

As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório. Amiúde essa comunhão é obtida mercê de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns. [...]

A *alusão*, que muitos autores tratam como uma figura, desempenha certamente esse papel. Há alusão quando a interpretação de um texto, se se omitisse a referência voluntária do autor a algo que ele evoca sem designar, estaria incompleta [sic]; esse algo pode consistir num acontecimento do passado, num uso ou num fato cultural, cujo conhecimento é próprio

dos membros do grupo com os quais o orador busca estabelecer essa comunhão. A esses fatos culturais atribui-se em geral uma afetividade particular: enternecimento ante as lembranças, orgulho da comunidade; a alusão aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas.

[...]

A *citação* só é uma figura de comunhão quando não serve ao que é sua função normal, a saber: apoiar o que se diz com o peso de uma autoridade. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.201)

Dentro dessa perspectiva de análise, selecionamos 11 artigos, dos quais três foram enviados do exterior, os de número 25, 30 e 51 da série “Da outra América”, e oito foram escritos quando o autor já se encontrava em Pernambuco: os artigos numerados 14 e 90, além dos textos intitulados “Fradique historiador”, “A rebours”, “Da tirania do calor tropical”, “Do íntimo sentido de um grande vôo”, “Do horrível mau hábito de falar gritando” e “São Paulo separatista”.

Em alguns desses artigos, Freyre lança ao seu leitor uma citação ou uma alusão ao autor Eça de Queirós e a suas personagens sem maiores explicações, como já afirmamos, buscando comunhão com seu público e procurando se inscrever no mercado de bens simbólicos dos intelectuais brasileiros, que, dessa forma, outorgariam legitimidade cultural a seus textos. Veremos algumas dessas referências, sobre as quais não nos deteremos em análise prolongada, visto que a intenção de estabelecer comunhão com o leitor e de se capitalizar intelectualmente se auto-evidencia:

Morreu Lord Bryce aos oitenta e quatro anos e de repente. Doce morte a sua. Pode-se mesmo dizer de Bryce, como de **Fradique** o doutor parisiense: “toujours de la chance, ce ce [sic] Lord Bryce”.

[...] Eça de Queiroz disse uma vez que para o inglês ninguém pode ser moral sem ler a Bíblia, forte sem jogar o “cricket” e “gentleman” sem ser inglês. (FREYRE, 1979b, v.1, p.200-202) (grifo nosso)

Ninguém ignora serem os médicos e a medicina assunto em volta ao qual muita filosofia fácil tem girado; e muita sátira injusta e alguma justa. Isto desde Molière ao Sr. George Bernard Shaw.

Minha opinião a respeito é talvez acaciana: nem vou ao extremo de endeusar a medicina – que escrevo com *m* minúsculo – menos ainda os médicos; nem ao de considerar aquela formidável embuste e a estes inúteis calungas de fraque preto e esmeralda no dedo. (FREYRE, 1979b, v.1, p.285) (grifo nosso)

O Sr. Fernando de Sousa é uma espécie de Carlos de Laet português. Visitei-o uma tarde na companhia do meu gentil e querido amigo Sr. Fidelino de Figueiredo. Uma doce tarde lisboeta em que, depois do chá, subimos o Chiado; e do Chiado fomos devagarinho à rua de um ar de rua de subúrbio onde fica a redação d’ “A Época”. **E como avistássemos ao longe, entre edifícios altos, uma tira de mar, lembrou o Sr. Fidelino o “Ramalhete”. O “Ramalhete”**

dos Maias. Casarão desta parte de Lisboa do qual se avistava, entre prédios de quatro andares, uma tira de mar. Estávamos, pois, num bairro de sugestões queirosianas. (FREYRE, 1979b, v.2, p.107) (grifo nosso)

O hispanismo não é para nós, nova gente da América Hispânica, nenhum melancólico e exagerado culto do passado: o hispanismo é para nós uma força de vida a nos oferecer o mais belo e o mais congenial dos ritmos para a disciplina da nossa jovem e dispersa energia.

[...]

Nada mais caracteristicamente hispânico que a exaltação mística de Santo Inácio de Loiola disciplinada pelo mais agudo sentido da realidade humana. **Da real realidade, como diria o Eça.** (FREYRE, 1979b, v.2, p.263) (grifo nosso)

O primeiro excerto, copiado do artigo sem título, de número 51, foi escrito em 19 de março de 1922, por ocasião da morte de Lord Bryce, um escritor inglês, diplomata em Washington, que escrevia sobre política. Nesse texto, o autor aproveitou a oportunidade do tema para comparar Lord Bryce a Rui Barbosa, comentando os excessos de erudição de ambos, o que Freyre já nessa época tanto criticava no intelectual brasileiro e considerando exageradas tanto a apreciação de Rui Barbosa por seus compatriotas como a glorificação de Lord Bryce pelos anglo-saxões em geral.

No primeiro parágrafo reproduzido desse artigo, Gilberto Freyre parodiou o Dr. Labert, médico que atendeu à personagem Fradique Mendes quando este faleceu, ao comentar a felicidade que teve seu paciente por ter morrido sem sofrimento, de forma rápida e serena. No segundo, embora tenha elogiado o livro *The American Commonwealth* de Lord Bryce, Freyre fez algumas críticas aos ingleses, quando estavam fora de seu país, e empregou a mesma ironia de Eça de Queirós na caracterização negativa que o escritor português registrou desses europeus em *Cartas da Inglaterra* (QUEIROZ, v.2, p.588). Como podemos observar, as referências às duas personagens queirosianas nesse artigo só seriam compreendidas integralmente pelo leitor que já conhecesse bem a obra do escritor português. A personagem de *A correspondência de Fradique Mendes* não teve o contexto de sua morte detalhado por Freyre, o que poderia levar ao não entendimento dessa alusão a uma parte de seu público. Quanto à segunda citação desse artigo, o escritor pressupõe que seu leitor reconhecesse os textos de imprensa, que Eça enviou de Bristol, sob a forma de cartas à *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1882. Publicadas postumamente em livro, em 1905, esses artigos fizeram muito sucesso no Brasil por evidenciarem suas críticas político-sociais, entre outras, o repúdio à política externa das potências da época, em especial, nesse caso, à da Inglaterra. Logo, a intenção discursiva de Freyre nessa última citação reduziria ainda mais seu público,

agora necessariamente mais erudito, interessado em outros campos intelectuais de Eça, além do literário.

No segundo excerto, que faz parte do artigo de número 14, de 23 de julho de 1923, percebemos a alusão ao Conselheiro Acácio, da obra *O Primo Basílio*. Essa personagem é considerada, entre as criações irônicas de Eça, uma das mais interessantes, pela forte carga negativa de sua descrição, cuja figura remeteria à caricatura de um tipo português, o conselheiro. Dessa personagem derivou-se o adjetivo “acaciano”, qualificativo sempre empregado com sentido depreciativo, podendo significar tanto afetado, ridículo pela sua pomposidade, quanto ingênuo, simples, vazio⁵. Em nossa interpretação, Freyre, ao utilizar o adjetivo em seu artigo, demonstra a seus leitores consciência de que essa era uma palavra de seu domínio comum, privilegiando novamente os conhecedores da obra eciana. Ciente da conotação pejorativa do adjetivo, ao comentar sua opinião sobre o tema abordado, utiliza-o lembrando a vacuidade da personagem, mas, inteligentemente, alivia essa carga negativa, com o emprego do advérbio “talvez”. Dessa forma, o leitor tende a não interpretar sua opinião como hesitante, mais próxima do “acacianismo”, mas como ponderada, sentido que adquire o adjetivo modificado pela dúvida instalada pelo autor. Como o termo “acaciano”⁶ e seus derivados serão freqüentemente empregados por Gilberto Freyre, retomaremos em outros capítulos essa apropriação.

A leitura do terceiro trecho, do artigo de número 90, publicado em quatro de janeiro de 1925, indica-nos a mesma admiração de Fidelino de Figueiredo, escritor português, conhecido queirosiano, e de Freyre pelo ambiente lisboeta que lhes recorda não só a obra, como também o autor de *Os Maias*. Nesse caso, o excerto, repleto de adjetivos aprazíveis a quem o lê, diferentemente da ironia que lhe era habitual, sugestivamente, poderia capitalizar bens simbólicos ao escritor pernambucano, através da intimidade agradável com Fidelino de Figueiredo⁷ e com a produção eciana revelada pelo autor. A leitura integral desse artigo reforça-nos a idéia acima afirmada sobre o emprego da citação como argumento de poder

---

⁵ Cf. CATTON, s/d; MATOS, 1993 ; HOUAISS, 2001.

⁶ O artigo “São Paulo separatista”, inserido nesse capítulo sobre a capitalização intelectual de Freyre, também contém o adjetivo “acaciano”, empregado com o sentido de afetado, ridículo (FREYRE, 1979B, v.2., p. 339-340).

⁷ Antonio Dimas relatou o primeiro encontro de Freyre e Fidelino de Figueiredo em Lisboa, em janeiro de 1923, e estudou algumas das cartas que compõem a variada correspondência patenteadora da amizade e das afinidades entre os dois intelectuais no texto “De Gilberto Freyre para Fidelino de Figueiredo” (MATOS et al, 2003, p.125-132).

junto a seus pares, visto que o assunto da argumentação de Freyre possui tênue relação com o excerto apresentado. O elemento de ligação entre o artigo e esse parágrafo é apenas o contato inicial que o autor fez, através de Fidelino de Figueiredo, com o Sr. Fernando de Sousa. Este escritor também português e suas impressões sobre Madri, que ele teria recentemente enviado ao jornal de Lisboa *A Época*, compõem realmente o tema desse texto de Freyre (FREYRE, 197b, v.2, p.107-108).

Entre os vários textos de *Tempo de aprendiz* mencionados, selecionamos o quarto excerto transcrito anteriormente para finalizarmos a análise que pretendemos do referido emprego das apropriações gilbertianas. Nesse trecho, também não existe a preocupação do escritor com o alcance que seu leitor possa ter da citação a Eça de Queirós no contexto do artigo, o que nos evidencia, outra vez, o direcionamento do texto a um público intelectualmente selecionado, ao qual, com naturalidade, o articulista se sente integrado. Os dois parágrafos foram retirados do artigo “Do íntimo sentido de um grande vôo”, publicado em três de fevereiro de 1926. Tendo como mote a comparação entre as manobras militares do espanhol Major Franco e as atitudes corajosas do protagonista de *Dom Quixote de la Mancha*, Freyre defendeu nesse artigo a necessidade da aproximação do Brasil com os povos hispânicos. No decurso de sua argumentação, inesperadamente, empregou a expressão pleonástica “real realidade” no intuito de intensificar o vínculo da doutrina mística de Santo Inácio de Loyola, com a realidade que antecede tal citação. Empregada de forma irônica por Eça de Queirós, Freyre, ignorou essa particularidade estilística da frase, tomando-a literalmente e, na continuidade de seu artigo, não há maiores explicações sobre o seu emprego. Por conclusão, seu leitor privilegiado, observando essa intertextualidade, deveria reconhecer a intimidade de Freyre com *A correspondência de Fradique Mendes*, obra em que Eça de Queirós empregou tal expressão para caracterizar a preocupação do protagonista com a credibilidade de suas cartas (QUEIROZ, 195- v.2, p.1039).

Entre os outros sete artigos de *Tempo de aprendiz* mencionados nesse capítulo, selecionamos dois para uma análise mais detalhada, visando à confirmação de nossa hipótese anterior: a escolha de determinadas referências que confeririam a Freyre “argumentos de poder” junto a seu público (Cf. PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.347-352). Nesses textos, diferentemente dos anteriores analisados, observaremos que seu autor

identificou o motivo da escolha de determinada passagem ou personagem da obra de Eça de Queirós para seu leitor, explicando-lhe essa intertextualidade.

No artigo de número 25 da série “Da outra América”, enviado de Nova Iorque, em abril de 1921, Gilberto Freyre escreveu sobre a mania de especialização dos estudiosos americanos e aludiu, como exemplo negativo dessa nova formação acadêmica, à personagem Dr. Topsius, da obra *A relíquia*, de Eça de Queirós. Estendendo sua crítica aos brasileiros, Freyre comentou que os médicos estariam se especializando cada vez mais, o que os levaria a uma possível superficialidade e que, para evitar esse “excesso de enciclopedismo científico”, seria necessária a moderação. Retomando a censura aos americanos, o escritor mencionou várias áreas às quais a mania de especialização estaria se estendendo (na prestação de serviços, na preparação de alimentos, nas fábricas). Sua atenção voltou-se, no final do artigo, ao ensino superior e à formação de “Ph.Ds.”, que estariam particularizando excessivamente seus estudos e escrevendo textos sobre assuntos que não seriam de interesse geral. Finalizando esse artigo, o jovem ensaísta escreve que esse processo estaria gerando “um monstro como o antepassado do ‘Herr Professor’ Dr. Topsius – ele próprio uma vítima da mania do pormenor”. Leiam-se as duas citações irônicas à criação eciana nesse artigo:

[...] Tanto enciclopedismo científico tende naturalmente à superficialidade. É melhor especializar moderadamente, sem perder o prumo e o equilíbrio. **Sem degenerar no monstro horrível que é o especialista exagerado, ao qual Eça ridiculariza na pessoa do Dr. Topsius, aquele alemão da Universidade de Bonn, rebento de toda uma dinastia de especialistas, um dos quais escrevera gorda enciclopédia sobre a fisionomia dos lagartos.**

[o Ph.D] é apenas “the man of one subject”: um grande homem de menos, mais um especialista estreito. É, às vezes, **um monstro como o antepassado do “Herr Professor” Dr. Topsius – ele próprio uma vítima da mania do pormenor**”.⁸ (FREYRE, 1979b, p.124-125) (grifo nosso)

Na obra de Eça de Queirós, Topsius é descrito pelo narrador como um fanático estudioso alemão, em quem “a sabedoria [...] era dom hereditário”. Como o faziam seus parentes, escrevia extensos tratados sobre assuntos tão específicos que, na realidade, a poucas pessoas interessariam, mas que, na visão sarcástica de Eça, teriam feito grande sucesso na Alemanha: seu avô escrevera, em oito volumes, um tratado sobre *Expressão fisionômica dos Lagartos* e seu tio teria se imortalizado por ter publicado “esse livro genial e fácil *a Síntese*

---

⁸ As mesmas observações de Gilberto Freyre à personagem Dr. Topsius e a mania generalizada de especialização estão registradas no livro *Tempo morto e outros tempos*, (FREYRE, 1975d, p. 52) e nos seguintes textos: discurso de *Doutoramento de Gilberto Freyre* (FREYRE, 1972b) e *A Propósito de José Bonifácio* (FREYRE, 1972a).

Monoteísta da Teogonia Egípcia, considerada nas relações do Deus Ftá e do Deus Inhotep com as Tríades dos Gnomos". O pai de Topsisus teria fugido à tradição familiar, mas o filho a reataria, escrevendo aos 22 anos, um tratado publicado no *Boletim Hebdomadário de Escavações Históricas* sobre uma parede de tijolos "erguida pelo Rei Pi-Sibkmé, da vigésima primeira dinastia, em torno do templo de Ramsés II, na lendária cidade de Tânis". Eça termina sua descrição sobre a personagem com sua ironia peculiar: "Em toda a Alemanha científica, hoje, a opinião de Topsisus, acerca desta parede, brilha com a irrefutabilidade do sol" (QUEIROZ, 195-, v.1, p.1535).

Em outros artigos dessa coletânea, tal particularidade do escritor português, a linguagem irônica, será literalmente comentada por Freyre, que deixa transparecer sua admiração por esse traço estilístico do autor português e que será recorrente nos artigos críticos e jornalísticos do sociólogo brasileiro. Certamente, foi esse tratamento jocoso, que Eça deu à característica acadêmica da personagem, que teria levado Freyre a elegê-la para ilustrar seu texto.

A ironia aludida anteriormente também permeou o presente artigo de número 25. Ao longo de sua argumentação, Freyre construiu, igualmente, uma imagem negativa do "especialista" e, ao concluir essa caracterização, o escritor associou tal figura indelevelmente à personagem de Eça, qualificando ambas através do substantivo "monstro", verbalizando de forma direta, não mais irônica, sua rejeição ao tipo. Essa apropriação concretizaria ao seu leitor a similitude das concepções dos dois autores sobre a figura em questão, ao corroborar sua postura anti-academicista, legitimando a sua linguagem pouco convencional na visão mais ortodoxa do campo erudito. Podemos inferir que Freyre, ao escolher essa personagem ridicularizada por Eça para ilustrar seu texto, estaria validando sua pertença a um grupo intelectual específico, menos ortodoxo, que apreciaria suas novidades estilísticas, uma vez que a sua opinião estaria respaldada por um autor já consagrado por seus contemporâneos.

Terminaremos esse capítulo, com a análise das citações de um mesmo trecho de Eça, apropriado por Freyre em diferentes textos e épocas, mas todas pressupondo o conhecimento prévio do contexto em que foram empregadas. Trata-se de mais uma referência à obra *Os Maias*, livro pelo qual o escritor pernambucano, já vimos, mostrou predileção. No referido excerto, o autor português, com a ironia que lhe é peculiar, através de um diálogo entre as personagens João da Ega e Carlos da Maia, critica a ignorância de um funcionário público que

ocupava cargo importante na repartição da Instrução Pública, mas que desconhecia a existência de escritores e poetas na Inglaterra (QUEIROZ, 195-, v.2, p.276).

Em onze de setembro de 1921, Freyre publicou um artigo⁹ da série “Da outra América”, que recebeu o número 30, em que descrevia a seus leitores impressões sobre a cidade de Washington e da casa do escritor e historiador Oliveira Lima, diplomata do Brasil nos Estados Unidos, a quem visitava nessa ocasião. Elogiando muito a residência e o estilo de vida do casal Oliveira Lima, Freyre registrou que o historiador brasileiro tinha o hábito de ilustrar os assuntos sobre ao quais discorria com anedotas, uma das quais serviu de motivo de comparação à aludida passagem da obra de Eça de Queirós, no artigo do correspondente brasileiro nos Estados Unidos:

O Sr. Oliveira Lima gosta de ilustrar os assuntos que vai versando em conversa, com anedotas. Lembram-me as que esteve a contar ontem à noite. Deliciosas. Uma delas sobre certo “estadista” sul-americano que perguntou ao Sr Oliveira Lima se o Japão tinha costas de mar. **Algo no gênero da pergunta em que *Os Maias* faz a Carlos da Maia um figurão português: se havia literatura na Inglaterra**¹⁰. (FREYRE, 1979b, v.1, p.142) (grifo nosso)

Essa referência irônica de Eça de Queirós, em sua obra, como já o dissemos, visava criticar a falta de informação do Sr. Sousa Netto, um funcionário público português, a quem esse conhecimento não deveria faltar, porque era um “oficial superior” da “Instrução Pública”. Percebemos que, na mesma linha sarcástica, Freyre comparou a ignorância do “estadista sul americano” à personagem de Eça, a quem o sociólogo pernambucano não nomeou, partindo novamente da concepção de que estava se dirigindo a leitores também ecianos. Percebemos nesse texto, implícito, o tema do poder simbólico da cultura, na denúncia da ignorância de pessoas que pertencem a um grupo intelectualmente privilegiado.

Encontramos essa mesma citação de *Os Maias* aplicada mais duas vezes em textos de Freyre, mas bem distanciadas no tempo. A primeira foi proferida na conferência intitulada *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, realizada no Gabinete Português de Leitura de Pernambuco, em 1940, que foi posteriormente incluída na edição lusitana da obra *O mundo que o português criou*. No mesmo tom irônico que caracteriza o texto original de Eça, Freyre

---

⁹ Esse artigo recebeu violenta crítica no Brasil, porque Freyre se referiu à retórica de Rui Barbosa como um “grosso xarope”, espantado com a admiração de Oliveira Lima pelo intelectual brasileiro. Essa recepção negativa ao texto será analisada no próximo capítulo de nosso trabalho.

¹⁰ Esse texto recebeu o título “Um emigrado brasileiro residente em Washington” em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964 (p.128-131).

censurou o pouco ou nenhum conhecimento que se tinha no exterior sobre a literatura em Língua Portuguesa. Atribuiu esse demérito à propaganda “anti-luso-brasileira” que brasileiros e portugueses exerceriam ao preferirem escrever seus artigos em língua inglesa:

Alega-se contra a tradição, a cultura e a língua portuguesa uma inferioridade que está longe de estar demonstrada: a não ser para incautos leitores estrangeiros de manifestos como o que acabo de citar ou como o ainda mais recente, de um geógrafo residente no Paraná sustentando a mesma tese anti-luso-brasileira. Um daqueles estrangeiros incautos e pouco versados em coisas hispânicas, depois de ler o artigo do ilustre geógrafo-político, residente em Curitiba – artigo publicado em inglês – perguntava-me muito a sério, o ano passado, em Nova York, se havia literatura na língua portuguesa: alguma tradição épica ou lírica; algum grande poeta; estilistas; romancistas; ensaístas literários. **Quase o personagem de Eça em sentido contrário: ignorando Portugal e o Brasil como expressões de cultura erudita, inclusive a literária.** (FREYRE, 1942, p.74-75)

Percebemos nessa apropriação da fala de Eça de Queirós, a mesma certeza anterior de Freyre, a confiança de estar se dirigindo a um público privilegiado – dessa vez, pelo local do discurso, isso seria o mais provável – que não só entenderia, mas também distinguiria, através do “quase”, a diferença textual com o trecho de origem. Como se pode perceber, o escritor pernambucano inverteu a nacionalidade das personagens e dos locais questionados.

Aproximadamente quarenta anos após suas primeiras publicações, em 1964, a mesma citação de *Os Maias* retoma seu contexto original na voz de Freyre, ao lembrar a difícil adaptação aos meios acadêmicos brasileiros, após seu regresso do exterior, onde fora realizar seus estudos universitários. Observe-se a semelhança da situação descrita pelo sociólogo com o contexto de em que se verifica a referida crítica social feita pela personagem João da Ega: logo após sua chegada ao Brasil, por sugestão de seu amigo Oliveira Lima, ofereceu exemplares de sua tese de Mestrado apresentada à Universidade de Colúmbia, denominada *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, aos secretários dos Institutos Históricos Brasileiro e Pernambucano, que desprezaram seu trabalho. Segue-se, após essas explicações iniciais de seu texto, o seguinte excerto:

Se o ensaio merecera a aprovação de mestres universitários nos Estados Unidos, isto não surpreendia tais caturras. Um deles, quase imitando certo personagem de Eça, chegou a perguntar-me certa vez: “Mas existem mesmo universidades de alta categoria intelectual nos Estados Unidos?” A idéia predominante entre muitos dos intelectuais brasileiros da época, a respeito daquele país, era ainda sumária: admitiam o brasileiro que estivesse nas escolas dos Estados Unidos – ou antes, nas suas oficinas – estudando engenharia, mecânica, agricultura. Daí eu raramente me ter apresentado, naqueles dias, aos meus compatriotas, indivíduo de formação universitária. Pois a muitos dificilmente convenceria ser “homem formado” sem

haver estudado nem engenharia nem mecânica nem agricultura. E sim umas vagas Ciências Políticas, inclusive algumas Jurídicas e várias Sociais. Entre as Sociais, a Antropologia Cultural e a História Social. Entre as Políticas, a Economia. Entre as Jurídicas, a Diplomacia e o Direito Internacional. (FREYRE, 1968)

Constatamos acima que a intertextualidade é mais presente devido à semelhança do cargo das personagens envolvidas e da mesma ignorância a elas atribuída: em se tratando de assuntos referentes aos meios acadêmicos, as autoridades que os representam não poderiam ser tão mal informadas sobre os temas em questão. Tanto a falta de conhecimento sobre a literatura da Inglaterra em Portugal, quanto a falta da credibilidade das universidades americanas no Brasil, atestam não apenas a ignorância dos representantes do campo erudito em Portugal e no Brasil, mas também a falta de legitimidades dessas instituições em relação a uma tradição erudita clássica, já engessada.

Concluindo esse tópico, vimos que nos primeiros artigos analisados Freyre se dirigia a um público privilegiado, com uma cultura minimamente literária, pois deveria entender suas citações queirosianas sem que elas fossem explicadas, como nas referências a Fradique Mendes e ao conselheiro Acácio. Num segundo momento, observamos que Freyre estabeleceu, subliminarmente, um diálogo com os próprios acadêmicos sobre o que seria o campo intelectual que não reproduziria o esteriótipo esperado por esse campo, mas validado pela academia estrangeira. Também lançou o questionamento sobre a ortodoxia de alguns escritores do meio erudito que não reconheceriam a legitimidade de determinados campos intelectuais, nos quais Freyre se sentia inserido. Logo, com esse posicionamento, o jovem escritor estaria indicando que não pertencia ao grupo tradicional da literatura brasileira.

Essa insatisfação será constantemente encontrada nos textos de *Tempo de aprendiz*, em que se evidenciam mensagens a um meio erudito arcaico, que não aceitavam as propostas vanguardistas, inerentes a um grupo cultural mais modernizado. A partir dessas explicações, trabalharemos com as citações queirosianas dirigidas a um campo intelectual que pudesse compreender as renovações temáticas (o tradicionalismo) e artísticas (o estilo não-acadêmico) da obra de Freyre.

2.2 Freyre, Fradique, Eça

Dentre todas as personagens de Eça de Queirós, há uma, Fradique Mendes, que é citada com maior frequência por Gilberto Freyre, na época dos textos de *Tempo de aprendiz* e nos anos subsequentes. Pode-se creditar essa empatia à identificação das opiniões expressas por essa personagem com as do jovem sociólogo no início de suas atividades intelectuais. Para se entender tal preferência do escritor pernambucano, vamos explicar a gênese dessa personagem e analisar por que a figura ficcional Fradique Mendes transformou-se na inspiração de muitos jovens do início do século XX, assim como apontaremos quais de suas características mais se associaram ao ideário do incipiente sociólogo.

Carlos Fradique Mendes foi uma criação conjunta, de Antero de Quental, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis, em sua fase revolucionária, como um poeta baudelaireano, satânico, cuja produção excêntrica agitaria os meios intelectuais portugueses que estariam bastante apáticos. As referências a Fradique e sua poesia, reunidas com o título de *Lapidárias*, foram publicadas no jornal *A Revolução de Setembro*, em 1869. Possivelmente, o autor de *Os Maias* seria responsável pelo texto de apresentação da personagem e de seu terceiro poema (Cf. MATOS, 1988, p.436-437).

Em 1870, na obra *O Mistério da Estrada de Sintra*, Eça de Queirós ressuscitou a personagem, que apareceu rapidamente na obra, e era descrito como uma figura distinta, original, superior e que se vestia e se comportava com um *gentleman*. Percebia-se já a excentricidade da personagem, que seria retomada anos depois.

Em 10 de junho de 1885, Eça escreveu ao amigo Oliveira Martins sobre sua intenção de publicar uma série de cartas:

(...) sobre toda a sorte de assuntos, desde a imortalidade da alma até o preço do carvão, escritas por um certo grande homem que viveu aqui há tempos, depois do cerco de Tróia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes*! Não te lembras dele? Pergunta ao Antero. Ele conheceu-o. Homem distinto, poeta, viajante, filósofo nas horas vagas, *diletante* e voluptuoso, este *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e o tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade daquele espírito, tive a idéia de recolher a sua correspondência (...) com toda a sorte de gentes várias. (MINÉ, 2000, p.122)

Ainda segundo Miné, em 1888, Eça em nova carta a Oliveira Martins comentou sobre sua intenção de editar a biografia e as cartas de Fradique, a que ele chamava de “Fradiquices” no jornal do amigo, *O Repórter*, em Portugal, e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, simultaneamente. O escritor português visava aproveitar alguns textos já publicados pela imprensa, transmutando-os em cartas, escolhendo “aqueles que pudessem

mais facilmente funcionar, de acordo com o projeto geral da obra, como manifestações de opinião de Fradique: sobre o clero, sobre a vida numa quinta do Minho, sobre o jornalismo, sobre a poesia” (MINÉ, 2000, p.122). Em 26 de agosto de 1888, a *Gazeta* começou a publicar os textos que comporiam a biografia de Fradique, *Memória e Notas*, e algumas de suas cartas.

Em 1900, logo após o falecimento de Eça, foi publicado o livro *A correspondência de Fradique Mendes*, composto de uma parte narrativa em que o autor, agora de maneira independente, construiu sua personagem (a quem hipoteticamente admirava desde a publicação de suas poesias e com o qual teria convivido de 1880 até sua morte “oficial” em 1888, embora já tivesse anunciado seu falecimento em 1885, na carta acima transcrita, a Oliveira Martins) e de quatorze cartas anteriormente publicadas em jornais (principalmente no Brasil); em 1929, foram publicadas as *Cartas inéditas de Fradique Mendes*.

Eça, durante toda a narrativa ficcional biográfica da personagem, disse estar encantado pelas qualidades físicas, literárias, políticas e filosóficas de Fradique. Descreveu o primeiro contato, em 1867, que teria tido com os poemas reunidos em folhetim sob o título de *Lapidárias* e com os quais se maravilhou; contou-nos sobre o hipotético primeiro encontro dos dois nesse mesmo ano e a impressão de inferioridade que a natureza superior da personagem lhe teria causado, e, posteriormente, do distanciamento de ambos até 1871, quando, durante uma viagem ao Egito, teria tornado a vê-lo. Nessa ocasião, a amizade se estreitaria e Eça, sempre seduzido com o amigo, teria a oportunidade de conhecer algumas opiniões de Fradique a respeito de diversos temas, como a religião (por curiosidade crítica, achava-se ligado ao surgimento de uma seita no Oriente, o “babismo”, que viria a substituir o “muçulmanismo dogmático”) e a preocupação com a perda das tradições locais, como as grandes artes orientais, a dança e a poesia, ameaçadas pela invasão de novas culturas dos países colonizadores.

Afastados fisicamente por muitos anos, a amizade entre os dois permaneceria com regular epistolografia. No quarto capítulo de *A correspondência de Fradique Mendes* (QUEIROZ, s.d, v.2, p.1008), fica-se sabendo que Fradique, após longa viagem, permanecera em Lisboa, entre o outono de 1875 e o verão de 1876. Através de correspondência com seus amigos, Eça teria tomado conhecimento de que todos, da mesma forma que ele, teriam se envolvido com a sedução dessa personagem: Oliveira Martins compará-lo-ia a Descartes em suas viagens para conhecer melhor o mundo, elogiando-o bastante, mas apenas lamentando o

fato de ele não escrever sobre seus conhecimentos; Ramalho Ortigão escreveria entusiasmado: “Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado produto da civilização”; Antero de Quental consideraria sua aparição na terra como resultado divino da conjunção das qualidades de diversos artistas e sábios; e Carlos Mayer, embora admitisse que “o cérebro de Fradique está admiravelmente construído e mobiliado”, faria coro a Oliveira Martins, deplorando-lhe uma “idéia” que lhe permitisse registrar em livros seu variado conhecimento. A única voz destoante desses representantes da cultura portuguesa da época seria a de J. Teixeira de Azevedo, que, segundo Eça, sendo um “homem de paixões”, sentia grande antipatia pela personagem, o qual considerava, pelo conjunto de suas idéias, como um “homem de análise”. Apesar dessa opinião, Azevedo o apreciaria como o português mais interessante do século XIX e faria questão de se corresponder com ele para discutir e criticar suas idéias. Todas as cartas ficcionais trocadas entre Eça, Fradique e seus amigos, constantemente aludidas no texto biográfico da personagem, seriam publicadas em jornais e reunidas, posteriormente, nos livros citados.

Em 1880, finalmente, o escritor escreveu que teria encontrado Fradique Mendes em Paris, com quem, para seu regozijo, teria convivido e desfrutado de uma grande intimidade intelectual até sua morte, em 1888. A importância dessa amizade se revelaria na seguinte frase: “mais que nenhum outro homem, ele exerceu sobre mim império e sedução” (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1012).

Fradique Mendes foi e continua sendo uma das personagens mais discutidas pelos críticos da obra queirosiana devido às suas complexas características: alguns estudiosos tendem a ver no biografado muitas semelhanças ideológicas com seu criador, enquanto outros entendem ser ele um forma inusitada das personagens irônicas que caracterizaram a última fase da obra de Eça.

A título de exemplo, podemos lembrar que, em texto com forte cunho político, escrito em 1920, Antonio Sardinha referiu-se à criação de Eça, não como uma personagem, mas como uma entidade, a quem ele denominou “Fradique, mestre da Contra-Revolução”. O crítico português sugeriu que tal ser, a quem ele muito admirava, era também “vítima, como sua geração, do conflito entre a ideologia e a *realidade*” e “como seus amigos de perto, Fradique também é um *inactual* [sic], é também um antecipado” (AMARAL e MARTHA, 1947, p.356-376). Com essas palavras, Sardinha materializou a personagem, colocando-a lado

a lado com os intelectuais e escritores contemporâneos a ela, entre os quais o próprio Eça e Antero de Quental, e, como eles, sofrendo a incompreensão da crítica da época.

J. de Melo Jorge (1940, p.23-33) acreditou nas semelhanças entre “fotógrafo” e “fotografado” que se perceberiam tanto em pequenos detalhes (por exemplo, a necessidade de ambos de escrever em folha de papel especial, que levavam em um canto as iniciais de seu escritor), como também no sentimento de bom português que “conservava inato o desejo de correr mundo e tinha sempre a nostalgia do lar abandonado”.

Contrariamente a essa opinião, Álvaro Lins (1959, p.111-122) percebeu Fradique como apenas mais um “episódio” na obra queirosiana, afirmando que “nunca um criador esteve tão distante da sua criatura”, considerando todas suas idéias e impressões extremamente confusas e muito distantes das de seu autor. Analisando as críticas que Fradique fez a tipos portugueses, como o religioso-funcionário público Padre Salgueiro e o político Pacheco, Álvaro Lins concluiu que essa criação representava a vingança de Eça contra seu século.

Isabel Pires de Lima, em artigo recente, intitulado “Fradique Mendes e o dandismo”, estudou essa característica marcante da personagem, principal atributo que teria envolvido seus leitores no começo do século XX. Para a ensaísta, “a moda dândi” surgiu na Inglaterra “com seu programa liminar do culto do belo até ao mais pequeno [sic] e gratuito detalhe do próprio vestuário”. Fugindo à uniformização que teria marcado o final do século XIX como resultado da industrialização e da democracia, o dândi se caracterizou pela “busca de excentricidade na elegância e do culto da arte de surpreender”. Segundo a autora, a personagem Fradique corresponderia à imagem formada de um perfeito dândi porque sua figura se compunha dos seguintes traços: tinha o pessimismo radical de quem não acreditava na “mitificação do progresso e da razão”, denunciando seus malefícios, entre outros, a desnacionalização das nações; cético, o dândi tinha nostalgia do passado, amenizada pelas viagens arqueológicas e pelas visitas ao “velho Portugal”; seu desprezo à vida se concretizava através da ironia, outra característica dândi; queria gozar a plenitude da vida, na alegria ou na dor, o que o levou a viajar para conhecer e aproveitar o mundo; a marca distintiva de sua aristocracia era o apuro na “toilette”, buscando a originalidade, distanciando-o do vulgar; era um rebelde passivo que, apesar de surpreender pela excentricidade, jamais transgredia a ordem; e, finalmente, Fradique era um diletante, com um projeto utópico de unir o ideal com

o real, “tornando-se a perfeita ilustração do princípio da contradição” (Cf. MATOS, 2000, suplemento, p.305-310).

Lucette Petit, no artigo há pouco publicado, “A propósito de *A correspondência de Fradique Mendes*”, acredita que a intenção oculta de Eça de Queirós ao criar tal obra era deixar a sugestão a seus contemporâneos de publicar postumamente sua vasta correspondência, estabelecendo pontos coincidentes entre o autor e sua personagem, sendo um deles a ironia:

Evidentemente, Eça entra na pele de seu personagem quando o faz proferir tais verdades, por certa ditas alhures, nas numerosas crônicas em que a ironia mais mordaz rivaliza com as críticas mais acerbas, nas cartas rebeldes que arremessa como flechas contra instituições ou práticas deletérias. (GALVÃO, GOTLIB, 2000, p.118)

Apesar dessas diferentes visões apresentadas por estudiosos queirosianos, a complexa e intrigante personagem encantou toda uma geração que viu em Fradique um estilo de vida a ser imitado. Como afirmou Carlos Reis, a febre pelo escritor português não se restringiu à literatura, mas essa admiração resultou numa “cultura queirosiana literária, gastronômica e comportamental”, cultura que teria unido os jovens do começo do século XX. (ABDALA JR, 2000, p.23).

Ratificando as palavras de Carlos Reis, Bourdieu teoriza que:

[...] os traços distintivos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social – por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia, e sobretudo “as maneiras”, o bom gosto e a cultura – pois aparecem como propriedades essenciais da pessoa, como um ser irredutível ao ter, enfim como uma *natureza*, mas que é paradoxalmente uma natureza cultivada, uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom. O que está em jogo no jogo da divulgação e da distinção é, como se percebe, a excelência humana, aquilo que toda sociedade reconhece no homem cultivado.

Portanto, não é por acaso que, como Weber aponta, “os grupos de *status* são os portadores de todas as ‘convenções’: toda estilização da vida, seja qual for a forma sob a qual se manifesta, tem sua origem num grupo de *status*.” (BOURDIEU, 2005, p.15-16)

Posteriormente, em 1940, este escritor deu a um texto seu, o título sugestivo “Retratos de família”, no qual discorre sobre a importância da personagem de Eça de Queirós para os jovens seus contemporâneos. Fidelino de Figueiredo escreveu que Fradique Mendes lembrava-lhe, na infância, a figura de “um bom tio, rico de idéias e sem filhos” e, na mocidade, era “o figurino dileto da minha geração, enquanto na sua fase indiferenciada de homogeneidade juvenil”.

As gerações têm, normalmente, um ideal de tipo humano, modelo vivo da sua concepção da existência culta, o qual em arte literária se expressa. [...]

Nesse curto século, comparável ao XVI pela exaltação da personalidade, algumas figuras imorredouras surgiram na vida e na literatura. Eu não distingo muito bem as duas coisas. No meio delas, tio Fradique ostentava um poder de fascinação invencível. Tarde nos libertamos. Ele foi, nos amores da nossa inteligência, “our date”, como se diz com flagrante simplicidade nos Estados Unidos. “Our date”, “my date” – é um encontro de camaradagem fraternal, é o interesse vivo e estimulante que um momento doura a vida e lhe descobre perspectivas novas. Tio Fradique era para nós – “gente finisecular”[sic], segundo ouvi dizer na Argentina – o sol quente e poderoso das idéias, a penetração da mais espessa ou mais hostil realidade com a análise percuciente e a sua condensação em idéias, em humaníssimas idéias de compreensão norteadora. Como ele dizia que a arte resumia a natureza pela imaginação, assim ele resumia a vida em idéias. Sob o seu signo, soubemos donde vínhamos e para onde íamos. E adivinhamos também alguns perigos que negrejavam no horizonte, por exemplo a plebeização do saber degenerado em técnica. (FIGUEIREDO, 1945, p.161-162)

Nesse mesmo texto, Fidelino de Figueiredo justificou seu título “Retratos de família”, comentando que a figura de Luís Cotter, que ele criara como protagonista da obra ficcional *Sob a cinza do tédio*, em 1925, seria um sobrinho de Fradique e herdeiro de suas idéias. Luís Cotter representaria um tributo a Eça/Fradique, como *persona* importante em sua formação pessoal e intelectual.

É justamente essa cultura comportamental que se faz perceber em autores lusitanos como Antonio Sardinha, e também entre os jovens brasileiros, ávidos leitores da obra de Eça de Queirós, que elegem Fradique Mendes como um representante digno e à altura de sua geração. Entre estes últimos, encontramos o sociólogo Gilberto Freyre, cuja opinião sobre a personagem assim ele expressou:

Toujours de la chance, ce Fradique! O Eça faz um dos seus personagens dizer a respeito do superpersonagem [sic], do quase perfeito europeu do século XIX que ele criou em páginas de quem recordasse a vida e retratasse a personalidade de um português impossivelmente superior a Portugal, à Europa, ao Ocidente. (FREYRE, 1979b, p.202)

Observe-se que nas primeiras décadas do século XX, a alta sociedade brasileira importava da Europa, junto com a modernidade, traços da *belle époque*, em seu anseio de civilizar-se. Era, então, o “dandismo” das personagens de Eça que fazia seguidores: “No momento há, em muita gente, um pouco de Dâmaso Salcede, a admiração incontida por aquilo que ‘só se vê lá fora’. Talvez por isso, Fradique Mendes – exatamente um dos personagens de Eça de Queirós mais exaltados ou detestados – torna-se símbolo do superfino, do ultraperfeito” (FARO, 1977, p.252).

Clóvis Ramallete chama a atenção para o fato de que não eram apenas as personagens, mas também a vida do escritor português, que excitavam a imaginação de nossos jovens, fazendo-os seguidores de seu comportamento pessoal e social:

Queriam confundir-se nas idéias dele, paladinar-lhe os combates, as frases, as teorias. Interessavam-se por sua pessoa física como por um modelo ideal. Conheciam minúcias lendárias da intimidade dele, na paixão de sua presença invisível. Eça de Queiroz existia poderosamente dentro da imaginação de cada um. E com seus livros e com sua vida, excitou desejos e aspirações. Os novos desejavam modelar-se pelo seu *fin du siècle*. Os modelos gerais eram o aristocratismo indolente de Carlos da Maia e o apuro intelectual de Fradique Mendes (RAMALHETE, 1942, p.15).

Gilberto Freyre, nas décadas de 40 e 50, recolheu depoimentos para escrever a obra *Ordem e Progresso*, publicada em 1959, e nela ratifica a importância da personagem, assim como a do autor, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. No excerto abaixo, o consagrado sociólogo resume as opiniões sobre Fradique Mendes que coletou para esse livro:

Nem num sentido nem no outro, mas num terceiro sentido, de conciliação de extremos temperada por um ceticismo às vezes exagerado, parecem ter agido os contos, romances e pequenos ensaios de Machado de Assis, o *Minha formação* e *Um Estadista do Império*, de Joaquim Nabuco, os estudos críticos de José Veríssimo e – **é claro – os romances de Eça: tão lidos, de norte a sul, pela elite brasileira da época; e tão imitados por escritores novos. Aliás, pode-se em parte atribuir a preferência dos brasileiros elegantes ou semi-elegantes dos dias aqui evocados, pelo corte inglês de roupa de homem, à influência do Fradique, de Eça, que também parece ter sido responsável pelo uso, por alguns dos mais requintados dentre esses elegantes, de monóculo e polainas. Houve anglomania, à parte dessa influência literária; mas não há dúvida que ela a reforçou de modo indireto.** (FREYRE, 2000, P.449)

Possivelmente, Freyre se inseriu nessa sua conclusão. Como afirmamos anteriormente, o escritor pernambucano foi, desde muito jovem, leitor das obras de Eça de Queirós, tendo consciência de que este era o literato em língua portuguesa mais lido por seus contemporâneos e que, por conseguinte, fazia parte do capital intelectual de seus pares; logo, podemos concluir que Freyre não poderia deixar de se envolver por esse entusiasmo supracitado, já que fazia parte da geração que via Fradique Mendes como detentor de uma atitude modelar frente à vida.

Além dessa motivação, a personagem remetia à figura de seu criador na interpretação de Freyre, que, muitas vezes, confundiria a consagrada imagem de Eça de Queirós e a de Fradique. Como analisaremos mais adiante e lembrando sempre que o jovem universitário

pernambucano elegeu as ciências sociais como seus estudos prioritários, a visão sociológica que o Freyre em Eça freqüentemente se manifestava através da voz de Fradique. Podemos supor que esse é mais um dos motivos do entusiasmo do ensaísta brasileiro pela personagem, assim como o foi para seus amigos Antônio Sardinha e Fidelino de Figueiredo. A admiração inquestionável a Fradique por parte desses escritores lusitanos, que defendiam o tradicionalismo em Portugal¹¹, também pode ser percebida nos textos de Freyre. Os três escritores vão mostrar grande identificação com algumas das opiniões de Fradique, principalmente com aquelas que revelam sua posição mais idealizante em relação às tradições populares.

Para ratificar essa visão tradicionalista de Fradique, particular a um campo intelectual da época a que pertenciam Antônio Sardinha, Fidelino de Figueiredo e Gilberto Freyre, podemos dizer, resumidamente, que a personagem queirosiana era caracterizada por seu criador como um cosmopolita que, desprezando Portugal devido à sua estagnação política, social e cultural, optou por morar em Paris, mas que sempre visitava a terra natal, saudoso das tradições de seu povo e de sua paisagem; Fradique citava e descrevia com orgulho a culinária portuguesa, que ele julgava superior à dos outros países; amava seus conterrâneos provincianos, seus hábitos e linguajar simples, ainda não tocados pelo francesismo e era um grande crítico da “saloia macaqueação” dos lisbonenses que queriam imitar Paris. Acabava por engessar as tradições de seu país a partir de um ideal purista, tradições que ele não queria ver modificadas pelo progresso ou por influências estrangeiras. Como veremos, este pensamento idealizante da personagem vai ser apropriado por Freyre em diversos textos, legitimando um dos principais temas de sua obra sociológica: a preservação da cultura popular brasileira, principalmente a pernambucana. Essa apropriação se dá, em nosso parecer, como um argumento de autoridade (Cf. PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.347-352), a fim de que Freyre pudesse se capitalizar intelectualmente, usando, para tanto, a

---

¹¹ Freyre registra a identificação de sua geração com a perspectiva intelectual desses escritores em “Apologia pro generatione sua”, artigo escrito em 1924: “É curioso como tantos dos elementos pensantes da nova geração, nestes últimos dez ou quinze annos, temos pelo esforço heuretico de cada um, tomado o rumo da tradição contra o furor neophilo em que se desgarrou a geração dos nossos paes. Em Portugal, em plena orgia de liberalismo, de scientificismo, de intellectualismo estreou-se na philosophia e na critica sociaes a mocidade do Sr. Fidelino de Figueiredo, clamando pelos direitos do espirito historico, oppondo-o á nevrose de impulsos reformistas, prestigiados pelos vastos cabellos brancos de Theophilo Braga e pela espessa barba patriarchal do Sr. Magalhães Lima. E com um “programma de geração” parecido ao de Peguy, agitando uma “élite” de novos diante da qual sentia Ramalho Ortigão que a dos velhos devia inclinar-se, appareceu o Sr. Antonio Sardinha.” (Freyre, 1941)

apreciação da personagem Fradique Mendes, reconhecidamente um bem simbólico nos meios acadêmicos brasileiros.

O ideal de nacionalismo de Fradique/Eça na visão de Gilberto Freyre assumiu uma dimensão tal para o jovem ensaísta que durante sua formação intelectual, principalmente na década de 20, quando era colaborador do *Diário de Pernambuco*, inseria com frequência a personagem queirosiana em seus artigos, posteriormente recolhidos em *Tempos de aprendiz*.

2.3 Tempo de aprendiz e a sociologia

Embora o vínculo entre Eça e o tema do tradicionalismo – aliado ao nacionalismo e ao regionalismo – seja mais explorado na apropriação de Fradique Mendes, perceberemos que, em menor número, o autor lusitano e suas outras personagens também serão citadas por Freyre, ao abordar o referido tema. Concomitantemente à reprodução de algumas das opiniões dessa excêntrica personagem, conhecidas através da pseudo-convivência física e epistolar com Eça de Queirós e seus amigos intelectuais, avaliaremos como elas foram apropriadas e inseridas por Gilberto Freyre em seus artigos de *Tempo de aprendiz*.

Observe-se que, entre os textos da antologia que serão comentados nesse capítulo, apenas o primeiro foi escrito nos Estados Unidos, no período em que o incipiente escritor era correspondente do *Diário de Pernambuco*: o artigo de número 47, da série “Da outra América”, que foi publicado em 1922. Os outros sete textos de *Tempo de aprendiz* que analisaremos foram publicados quando Freyre já se encontrava no Brasil, ainda como colaborador daquele jornal: os de número 3, 11, 13 e 21, publicados em 1923, “O Recife a as árvores”, em 1924, “Einstein regionalista” e “A propósito de regionalismo” em 1925 e “O livro do Sr. Amaury de Medeiros” em 1926. Como já escrevemos, em todos esses textos, as referências à figura de Eça de Queirós ou de suas personagens estão sempre vinculadas à questão do tradicionalismo; mas, vamos observar que, após um tempo no Brasil e encontrando resistência às suas opiniões, as figuras de Eça/Fradique nacionalistas, gradativamente, se associam também à indignação do escritor contra algumas das recepções negativas de suas idéias. Nesse período, com o intuito de ratificar suas apreciações, Freyre escreveu outros textos, não reunidos à antologia *Tempo de aprendiz*, que serão também mencionados e analisados, quando necessários.

Na opinião que Freyre faz de Eça e, aqui em especial, de Fradique Mendes, o depuramento da concepção que tem da noção de nacionalismo é privilegiado no texto de número 47, publicado em cinco de fevereiro de 1922. O jovem ensaísta, fazendo um jogo irônico entre as palavras História (disciplina) e história (obra de ficção), começou o artigo explicando o motivo pelo qual ele achava importante estudar História e lamentou que essa disciplina estivesse sendo mal ensinada tanto nas escolas americanas, como nas brasileiras, porque, em nome do “patriotismo”, muitas vezes o conteúdo transmitido não corresponderia à verdade: o que se ensinaria nas escolas seriam histórias que exaltavam apenas os aspectos positivos dos acontecimentos e não os fatos da História real. Esse artigo de Freyre resultou de um “assunto de cavaco aqui em New York”, onde alguns críticos pretendiam reformar os livros de História, visto que esses deveriam ter conteúdos apenas favoráveis aos americanos:

E a atitude dos críticos é esta: “Assim não. O que nós queremos são compêndios que falem só de nossas vitórias, glórias e virtudes; que nos apresentem como o povo-deus, imaculado, sempre a vencer os estrangeiros maus; que façam os meninos, os cidadãos de amanhã, patriotas até a raiz dos cabelos”. Em outras palavras: compêndios com as chamadas “mentiras patrióticas”.

Sumam-se Michelet, os metafísicos da Grécia, Carlyle, Hegel, Comte, Nordau, Karl Marx, Croce, Giddings, estes e todos os mais que têm produzido teorias e interpretações da história. **A que se quer é esta: a história reduzida a vaca de leite de patriotismo. Ou melhor, e parodiando a Fradique: que se ensine a história patrioticamente mal.**

Felizmente, esse rasgo de patriotismo da gente que governa a metrópole dos Estados Unidos está encontrando reação; o que prova, ao meu ver, a existência de gente culta nos Estados Unidos. Pois convenhamos em que seria, pelo menos, demonstração de ruins maneiras, reformar os tais compêndios, por dizerem, candidamente, a verdade.

No Brasil, isto de mentir patrioticamente é comum – dentro e fora de compêndios escolares. Fora do Brasil, o mentir patriótico da parte de brasileiros é desculpável: é a válvula das saudades e o meio de neutralizar as mentiras desfavoráveis de viajantes, de repórteres e de outros senhores de opinião ligeira que a gente está sempre a encontrar. **Não me irritam muito os patrícios e amigos que tenho ouvido dizer, aqui, mentiras patrióticas; como não me irrita o falar patrioticamente mau [sic], à boa moda fradiqueana, o idioma inglês, por compatriotas meus – mesmo os ligados à Embaixada em Washington e a Consulados.** Porém aí – nos nossos livros escolares, nos jornais, nos discursos – para que mentir? Temo que me haja embotado o patriotismo a permanência no estrangeiro, porém não vejo, palavra de honra que não vejo (e por mais que simpatize com as pessoas e admire o talento dos autores), o valor de ensinar aos pequenos a “Nossa Pátria” e o “Por que me, ufano do meu País”. (FREYRE, 1979b, v.1, p.190) (grifo nosso)

A frase que inspirou Freyre a parodiar Fradique Mendes, “Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros”, aparece na obra *A correspondência de Fradique Mendes*, em carta “A Madame S.”, que desejava que seu filho aprimorasse o conhecimento do castelhano. Eça de Queirós atribuiu à personagem a opinião de que a aprendizagem de outro

idioma desnacionalizaria o homem, porque ele iria apreendendo, aos poucos, não somente a língua, mas também a cultura de outros povos. Estabeleceu-se, dessa forma, a idéia de Fradique sobre a relação entre o idioma pátrio e o nacionalismo:

[...] o propósito de pronunciar com perfeição línguas estrangeiras, constitui uma lamentável sabujice para com o estrangeiro. Há aí, diante dele, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos nele, no que ele tem de mais seu, de mais próprio, o Vocábulo. Ora isto é uma abdicação de dignidade nacional. Não, minha senhora! Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros! Mesmo porque aos estrangeiros o poliglota só inspira desconfiança, como ser que não tem raízes, nem lar estável – ser que rola através das nacionalidades alheias, sucessivamente se disfarça nelas, e tenta uma instalação de vida em todas, porque não é tolerado por nenhuma. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1049)

Essa opinião é uma das grandes contradições da personagem, que se expressava em cinco idiomas fluentemente, contradição que não foi levada em conta pelo sociólogo brasileiro, que, como já observamos, só vai se ater às características da criação de Eça que lhe interessam na corroboração de suas idéias. Observamos que as duas referências ao personagem Fradique Mendes estão ligadas ao “patriotismo verdadeiro” concebido por Freyre e não apenas ao idioma português, tema do texto queiroziano, nem à forma com que a História era passada aos jovens da época, através dos livros ou não, tema inicial desse artigo. Segundo o jovem escritor recifense, a História e todas as informações que os brasileiros quisessem transmitir sobre sua terra deveriam estar necessariamente ligadas à verdade dos fatos, para não serem reduzidas “a mero instrumento de patriotismo”.

Esse artigo crítico, que teve inicialmente como alvo os norte-americanos, serviu como motivação para Freyre discorrer sobre um assunto que o incomodava já aos 22 anos, a desvalorização da cultura brasileira, confirmando o que escrevemos anteriormente. Segundo o autor, à medida que as descrições dos historiadores enfeitavam seus relatos sobre o Brasil, transformando-o em uma terra idílica, afastavam-se da realidade nacional, porque estariam retratando valores espelhados numa cultura estrangeira, os quais não corresponderiam àqueles autenticamente brasileiros. Reforçando sua tese, aproveitou também para elogiar seus compatriotas que, nos Estados Unidos, “à boa moda fradiqueana”, não se esforçavam para falar corretamente o inglês.

No ano seguinte, em 1923, o escritor pernambucano inseriu novamente a personagem eciana em três textos, conforme explicitado anteriormente. Embora os artigos tratem de

diferentes assuntos, o tema do tradicionalismo foi trazido à discussão, o que nos permite estabelecer a semelhança das idéias sobre tal tema entre Eça/Fradique e Freyre.

Em primeiro de julho de 1923, no artigo sem título, de número 11, lemos uma crítica muito óbvia do autor aos admiradores brasileiros e portugueses do escritor Júlio Dantas, a quem Freyre já havia demonstrado desprezo no artigo de número 3, caracterizando sua obra com a frase “da literaturazinha de confeitaria do Sr. Júlio Dantas”. O literato português teve seus textos novamente deplorados pelo ensaísta, que assim descreve a recepção brasileira ao escritor em visita ao Brasil, na ocasião em que foi redigido este artigo:

São os homens de sua sedução pessoal e do seu gênio verbal que conseguem muitas vezes deslocar a resistência de antipatias e incompreensões populares. Principalmente em países como o nosso, e como o do glorioso hóspede, particularmente sensíveis ao gênio verbal e aos encantos pessoais. Pelo que, de muito júbilo nos deve encher a todos, brasileiros e portugueses, o ter o Sr. Júlio Dantas, com a melhor das bravuras, **enfrentado aquelas amolecedoras “fadigas atlânticas” que a Carlos Fradique Mendes obrigaram a muitos dias de repouso.** (FREYRE, 1979b, v.1, p.276-277) (grifo nosso)

Essa frase foi tomada como empréstimo de *A correspondência de Fradique Mendes*, numa carta da personagem ao brasileiro Eduardo Prado, em 1888, quando o missivista se encontrava de volta a Paris, depois de prolongada viagem pelas Américas. “*Meu Caro Prado* – A sua tão excelente carta foi recebida no devoto dia de S. João, neste fresco refúgio de arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazônia, e da fadiga das águas atlânticas” (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1105).

No artigo de Freyre, essa frase, aparentemente, não tem relação com o tradicionalismo gilbertiano; entretanto, na carta enviada a Eduardo Prado, a personagem faz grande crítica à descaracterização cultural que o Brasil estaria sofrendo no século XIX, devido às influências estrangeiras. Logo, como afirmamos, Freyre, astuciosamente, não descontextualizou essa citação do seu texto original ao empregá-la em seu artigo, porque, nos parágrafos seguintes a essa referência, o sociólogo vai abordar a questão da conservação da cultura em Portugal. Lembramos novamente que esse discurso subliminar só poderia ser compreendido por um leitor privilegiado, apontando para um público cuja marca distintiva deveria ser, no mínimo, as leituras queirosianas. Continuando suas críticas sobre a estada do Sr. Dantas no Brasil, Freyre censura os comentários do escritor sobre os “integralistas” lusitanos, que, na opinião do visitante, teriam um “caráter infantil e passageiro”. O escritor pernambucano não aceitou essa apreciação, por considerar que as pessoas visadas

representavam, para o momento político por que passava Portugal, “um elemento pensante e inteligentemente crítico”, além de estarem preocupadas com a preservação dos costumes portugueses. O parágrafo abaixo, do mesmo artigo de Freyre, remete o leitor à censura que Fradique fez aos brasileiros, em sua carta a Eduardo Prado, lembrando a analogia que há entre o tradicionalismo idealizado pelo sociólogo pernambucano e pela personagem eciana.

O movimento antiliberal português, longe de ser “esprit de minorité”, é um esforço consciente de reintegração nacional. A reintegração de um país no seu caráter e nas suas tradições, desfiguradas por uma como espessa camada de cem anos de **constitucionalismo acaciano** e, ultimamente, de delírio demagógico. [...] É que para os inteligentes reacionários a má saúde de Portugal se deve ao furor neófilo, de que não escapamos nós, sua antiga colônia. Nisso até lhe tomamos a dianteira: apenas não chegamos ao excesso do anticlericalismo a que tem chegado Portugal. (FREYRE, 1979b, v.2, p.277) (grifo nosso)

Observamos, no mesmo excerto, que Freyre empregou o adjetivo “acaciano” novamente, como vimos no capítulo dois, sempre atribuindo um caráter pejorativo à palavra que o acompanha. Nesse caso, o qualificativo lembrou ao leitor desse artigo o conservadorismo da constituição portuguesa, que seria empecilho para os planos de revalorização nacional dos integralistas. Como na maior parte de seus textos sobre assuntos estrangeiros, Freyre aproveitou para vincular o tema abordado a alguma questão nacional a que ele pretendia se reportar: ainda nesse parágrafo, o autor fez alusão ao mesmo fenômeno negativo que estaria ocorrendo no Brasil, onde o gosto pelas novidades também estaria destruindo valores culturais.

No artigo 13, publicado em quinze de julho de 1923, o sociólogo pernambucano aproveitou a simbologia conhecida sobre o número do texto, para comentar sobre superstições e misticismo, mostrando também em Eça e Fradique uma adesão à cultura popular:

Do misticismo não estão livres as puras inteligências à la Fradique. O próprio Fradique, impermeável ao sobrenatural cristão, teria sido capaz, em dadas circunstâncias, de cair lubricamente ajoelhado ante rude bruxedo como qualquer braquicéfalo da África equatorial. [...] E haveria de fazê-lo Fradique, dizendo, como diante da vasta bacalhoadada que ele e os amigos foram comer numa taverna da Mouraria: “Nada de idéias! Nada de idéias!”

De Eça positivamente sabe-se que conservou, a vida toda, pegados às paredes do cérebro, retalhos de superstições infantis: o medo às bruxas, ao azeite derramado, ao pio das corujas, ao uivar dos cães. (FREYRE, 1979b, v. 1, p.283)

O autor comunicou ao leitor seu apoio às crenças populares em oposição ao racionalismo positivista do século XIX, mas ainda muito presente no século XX. Gilberto Freyre, para legitimar sua opinião sobre o tema, utilizou-se do ficcional e do real misticismo,

apontados respectivamente em Fradique Mendes e em seu criador, Eça de Queirós. Assim como a personagem, o ensaísta pernambucano não era místico, mas poderia algumas vezes dobrar-se ao misticismo, atitude com a qual demonstrava seu respeito pelas tradições populares¹². Quanto à referência ao escritor português, essa citação nos revela uma particularidade pinçada na biografia de Eça, por estar relacionada ao universo popular explorado por Freyre.

Como explicou o escritor em seu artigo, a expressão “Nada de idéias! Nada de idéias!”, surgiu em *A correspondência de Fradique Mendes* no momento em que, para a personagem, era mais importante a bacalhoad, prato legitimamente português, do que a discussão sobre filosofia que estava sendo proposta por seus amigos. A inserção dessa frase no contexto do referido artigo é um indicativo de que esse respeito à diversidade religiosa era inquestionável para Freyre, não merecendo maiores discussões.

Concluindo o artigo número 13, com o mesmo estilo irônico que o permeou, o escritor nos revelou que no Brasil seriam menos importantes as “artes liberais” que as “artes negras” (estas relacionadas ao misticismo, a cartomantes) e exemplificou sua afirmação com uma referência ao escritor João do Rio. Confirmando seu respeito pelo misticismo das tradições populares brasileiras, Freyre fez uma conjectura sobre o sucesso do cronista carioca: ela teria sido decorrência da grande intimidade de João do Rio com as chamadas “artes negras”.

Embora nesse capítulo a intenção seja observar a semelhança das idéias sobre a conservação da cultura nacional entre Eça/Fradique e Gilberto Freyre, para comentarmos o texto de número 21, publicado em nove de setembro de 1923, temos que analisar outro artigo, o de número 3, publicado quatro meses antes, em que, curiosamente, o autor faz referência a criações ecianas de diferentes obras: o Padre Soeiro, de *A ilustre casa de Ramires*, Jacinto de *A cidade e as serras* e Steinbroken de *Os Maias*.

Em ambos os artigos, Freyre vai opinar sobre a relação entre o analfabetismo, a cultura oral e a cultura letrada. Como o texto de número 21 é, segundo afirma o autor, uma complementação das idéias registradas no outro, a análise de ambos não pode ser dissociada, como veremos nos seguintes excertos, respectivamente dos artigos de número 3 e de número 21:

---

¹² Cf. QUEIROZ, 1958, v.2, p.1035 e p.1050-1051.

Em toda parte é o analfabeto um ser interessante. Subtraído da cultura humana o contingente de analfabetos, escancara-se entre nós formidável lacuna. Basta recordar as “folk dances” dos russos; e a música dos negros norte-americanos. Eu mil vezes prefiro [sic] um menestrel dos nossos sertões a toda legião de poetas meio-letrados cá do litoral. Em Portugal foram os analfabetos e os quase analfabetos a gente que mais me encantou. **Povo tão bom e tão doce não creio que exista; tinha razão o Padre Soeiro em pedir para eles a benção de Deus. Contrasta com o Portugal da superfície;** o das festas oficiais; o da literaturazinha de confeitaria do Sr. Júlio Dantas; o que faz a barba, e mal, à inglesa e o mais, da política aos requintes sibaritas, à francesa. **Quem vê esse Portugal mal adivinha o outro – o que Jacinto achou, passada a fronteira, na fala doce dos guardas da alfândega; e está na gente que cuida das vacas e colhe dos vinhedos e faz azeite e vende peixe e, cantando, trabalha, ditosamente alheia às teorias anticlericais e antidinásticas e ao falatório bolchevista.** Em Coimbra são as tricanas que falam de Antônio Nobre; os acadêmicos perguntam por Mary Pickford.

Quais são, na Europa, as glórias máximas do alfabetismo? A Suíça e a Finlândia. À Suíça há quem exageradamente diga que o mundo só é devedor de relógios, latas de leite condensado, Jean Jacques Rousseau, Haller e queijos – artigos todos facilmente substituíveis, quando não dispensáveis. **Quanto à Finlândia, só lhe conheço de notável este contingente: ter fornecido a Eça de Queiros o original para uma de suas melhores caricaturas.** (FREYRE, 1979b, v.1, p.254-255) (grifo nosso)

Da instrução universal resultam as Suíças, as Finlândias e o muito que têm de “bon enfant” os Estados Unidos. Democracias de cidadãos lavados, barbeados e bem penteados, irritantemente parecidos uns aos outros, medianos em tudo. Democracias onde não há trens especiais e os gostos e as idéias viajam juntos: as dos hoteleiros abraçadas às dos pedagogos. Democracias em cuja arte não se sente nem o sabor forte de “rhum” da energia rústica nem o gosto esquisito de “vespetro” da alta emoção ou da sutil análise.

[...]O Sr. Fidelino de Figueiredo, no seu estudo sobre Rodó, fixa o sutil mas inútil esforço do uruguaio (em *El Mirador de Prospero*, se não erro) para conciliar “a cultura e o respeito da seleção social” com “as instituições democráticas”. Resume Fidelino as idéias de Rodó: “E o caminho será, não destruir essa democracia, como Renan aconselhava, mas educá-la.” Salvar a democracia, educando-a.

Soube o Fradique, de Eça, antecipar a insuficiência dessa ilusão em que todos os Rodós deixaram “s’embaler”. Fradique queria para a Ciência uma espécie de sacro colégio intelectual. Quer vem a ser isto senão o ideal duma cultura de elite? (FREYRE, 1979b, v. 1, p.307) (grifo nosso)

No primeiro parágrafo, vimos as duas personagens ecianas, Padre Soeiro, e Jacinto, sendo empregadas em situações que encarnam o amor aos valores portugueses no que eles teriam de melhor, ou seja, a simplicidade de seu povo. Fica muito óbvio que Freyre faz essa escolha porque os pensamentos que elas representam estão de acordo com suas opiniões, defendidas nos dois textos: se todas as pessoas tivessem acesso à alfabetização e à cultura, desapareceria, paulatinamente, o que havia de mais genuíno na cultura popular. Essa simplicidade – também defendida por Fradique – manifestada em seus hábitos mais tradicionais seria substituída por uma mediocridade intelectual.

Na continuidade desse texto, de número 3, a defesa do analfabetismo¹³, “o analfabeto é um ser útil e interessantíssimo, o que não sucede com o meio-culto”, levou o autor a citar, como exemplo da supracitada mediocridade intelectual, outra personagem eciana, Steinbroken. O criador dessa figura o caracterizou, em seu estilo irônico, como um ministro da Finlândia, supostamente, culto e ilustrado, retrato do diplomata solene, formal, sempre receoso de afirmações políticas comprometedoras e freqüentador assíduo do Ramalhete, casa de Afonso da Maia. Resumidamente, podemos dizer que Eça o descreveu como uma figura medíocre, continuamente repetindo as mesmas frases, em quaisquer circunstâncias: “É grave, excessivamente grave” (QUEIROZ, 1958, v.2, p.142).

Podemos observar que Freyre ratifica o conceito negativo que tinha dessa personagem, no artigo de número 51, também inserido em *Tempo de aprendiz*, escrito quase um ano depois, em seis de junho de 1924. Nesse excerto, o articulista criticou a economia verbal de certos intelectuais, retomando, como argumento, o aspecto pejorativo dessa personagem, cuja ignorância ele considerava também resultado de uma “democracia cultural”:

O Steinbroken do nosso querido Eça entrincheirava-se diante das situações mais diversas da vida mundana num “c'est très grave”. Mas um “c'est très grave” invariável quanto à inflexão e à cadência. Excede a inteligência dum diplomata finlandês ou suíço manejar uma frase com a plasticidade e a fluidez com que Rubens Daria [sic] manjava o seu “admirable”. (FREYRE, 1979b, v.1, p.385)

Voltando à análise do artigo de número 3: Freyre concluiu suas idéias sobre a importância do analfabetismo na preservação de certos hábitos tradicionais, retomando sua habitual inquietação com o estrangeirismo no Brasil. Para ilustrar tal pensamento, citou Afonso Lopes Vieira, poeta português tradicionalista, preocupado com a revalorização do patrimônio e da cultura de sua terra e a quem o sociólogo brasileiro fez referência em vários textos, devido a suas idéias análogas:

[...] Aliás, neste respeito, representam os analfabetos papel muito nobre, como elemento saudavelmente conservador. Principalmente entre povos cuja neofilia chega a ser, como entre nós, nevrose. Compare-se a fala do sertanejo com a do semiletrado do litoral: é aquela a mais rica em nervos. E a Portugal, vítima, como nós, da mania de estrangeirice, sucede o mesmo. Que o diga uma de suas vozes mais autorizadas: a do Sr. Afonso Lopes Vieira. E com esta clareza: “Não saber ler tem sido para o nosso povo uma fonte de cultura

---

¹³ Esse texto recebeu o título “A propósito de analfabetos” em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964, p.85-87.

espiritual. Todos que conhecemos a província sabemos que são os analfabetos que melhor falam a nossa linguagem”. (FREYRE, 1979b, v.I, p.255)

Ao iniciarmos a análise do excerto transcrito do artigo de número 21, é necessário registrar que Freyre, logo no terceiro parágrafo, escreveu estava retomando as idéias do texto de número 3, o qual acabamos de analisar. Retomando o trecho reproduzido, veremos que Freyre ampliou a concepção do ensaio anterior sobre a “utilidade” do analfabetismo, defendendo a idéia de uma elite cultural. Ao analisarmos esses parágrafos do segundo texto¹⁴, notamos que o autor empregou o mesmo exemplo de países com grande número de alfabetizados, a Suíça e a Finlândia, cujos habitantes estariam sofrendo um processo de padronização devido ao que ele nomeou de “democracia cultural”. Coincidentemente, na obra *A correspondência de Fradique Mendes*, a personagem afirma sua preocupação com a extrema democratização da Ciência:

Muito bem me lembro eu duma resplandecente manhã de Maio em que atravessávamos, conversando por sob os castanheiros em flor, o jardim das Tulherias. Fradique, que se encostara ao meu braço, vinha vagarosamente desenvolvendo a idéia de que a extrema democratização da Ciência, o seu universal e ilimitado derramamento através das plebes, era o grande erro da nossa civilização que, com ele, preparava para bem cedo a sua catástrofe moral... [...]

— Não lhe acabei de dizer há pouco... A Ciência, meu caro, tem de ser recolhida como outrora aos Santuários. Não há outro meio de nos salvar da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos Santuários, e entregue a um sacro colégio intelectual que a guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes... Há a fazer com esta idéia um programa para as gerações novas! (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1011)

Apesar de percebermos em Fradique uma preocupação com a anarquia moral e não com o aniquilamento das tradições como em Freyre, ambos, a personagem eciana e o sociólogo pernambucano, têm opiniões coincidentes sobre a disseminação da “alta cultura”: ela deveria ser privilégio de poucos. E é esse recorte da opinião de Fradique que Freyre vai empregar em sua argumentação nesse artigo e em alguns outros textos¹⁵.

---

¹⁴ Esse texto recebeu o título “Cultura e aristocracia intelectual” em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964, p.139-141.

¹⁵ Como outro exemplo dessa similitude de opiniões, podemos apontar a conferência lida na Sociedade dos Amigos da América, do Rio de Janeiro, em 22 de maio de 1947, exaltando o escritor Walt Whitman. Gilberto Freyre iniciou seu texto citando Fradique Mendes (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1013) e sua esperança de encontrar, na América, o homem puro, porque inculto: **“A América já não é só paisagem: a paisagem exaltada pelos Chateaubriands e desdenhada pelos Fradiques, ainda que o próprio Fradique sentisse nos sertões e nos pampas americanos a capacidade de refazerem no chamado ‘homem civilizado’ a virgindade intelectual perdida na Europa; e comparasse a Patagônia a Vichy; uma Vichy capaz de operar sobre o intelecto como a outra sobre o fígado, desobstruindo-o”**. (Freyre, 1965, p.85) (grifo nosso)

Ao encerrarmos a análise desse artigo, de número 21, chamamos a atenção para as palavras ferinas que Freyre dirigiu a alguns de seus críticos, confirmando o que escrevemos sobre a necessidade do jovem sociólogo de ter o reconhecimento de seus pares, ao comentarmos como Freyre se apropriou de Eça de Queirós para a capitalização de bens simbólicos visando à sua inserção no campo intelectual brasileiro. Demonstrando descontentamento pela falta de compreensão de alguns intelectuais com as idéias de artigo de número 3, em que defendeu o analfabetismo como recurso para a preservação cultural, o autor aproveitou para criticar o Sr. Agripino Grieco, que teria “copiado” seus conceitos, ou melhor, “seus ideais sobre cultura”, em artigo que acabara de ser publicado em um periódico do Rio de Janeiro. Assegurando que aquele jornalista seria “o mais arguto crítico brasileiro do Brasil de hoje”, Freyre comentou, ironicamente, que o texto de Grieco, plagiário de suas próprias idéias, havia conseguido melhor aceitação, porque o outro escritor teria o reconhecimento que ainda lhe faltava nos meios acadêmicos: diferentemente de Freyre, que tentava impor um estilo próprio, o crítico seguia os cânones da academia, contra os quais se indignava o jovem sociólogo: “No artigo do Sr Agripino Grieco – que é uma inteligência diabolicamente aguda – vêm idéias parecidas a estas. Vêm em boa caligrafia, enquanto as minhas vieram em borrão. Mas as afinidades saltam aos olhos” (FREYRE, 1979b, v.I, p.305).

Vamos observar na análise dos próximos artigos de *Tempo de aprendiz* uma sutil mudança na apropriação de Eça e de suas personagens por parte de Freyre. Nos textos já comentados nesse item, vinculados pela abordagem de temas com forte cunho nacionalista, a relação Eça/Freyre era apenas suscitada pelo escritor, que esperava o conhecimento prévio de seus leitores sobre sua intenção ao inseri-los em seus artigos, sem explicar-lhes, por exemplo, quem seriam as personagens ecianas aludidas, sabedor que era do sucesso do escritor português entre seus conterrâneos, como vimos também em alguns artigos analisados no capítulo anterior. Se antes o caráter nacionalista se fazia presente, agora percebemos que a defesa do regionalismo, é expressa com mais rigor, aliada à contestação das críticas que lhe eram atribuídas¹⁶. Na análise que faremos dos próximos artigos, veremos como a apropriação do escritor português e de suas criações se faz de maneira mais explícita e a intertextualidade fica mais fácil de ser evidenciada. Podemos observar essa mudança expressiva de Freyre até

---

¹⁶ Ver PALLARES-BURKE, p.160-161.

mesmo em alguns dos títulos que seus textos passaram a receber, no final de 1924, textos que antes eram apenas numerados.

A faceta de Fradique Mendes tradicionalista, com grande apego aos valores regionais de Portugal, seria novamente explorada por Gilberto Freyre no texto “Einstein regionalista”, publicado em cinco de abril de 1925, quando o autor já se encontrava no Brasil há dois anos:

Einstein deu ao seu contato com o Rio uma nota deliciosamente simpática. Homenageado, na horrível instituição que é o Copacabana Palace Hotel, falou aí das bananeiras e do Sol do Brasil, das varinas de Lisboa, das danças da Catalunha. Tem-se quase a impressão de que, ao primeiro sorvo de sopa ou ao primeiro reparo erudito do professor doutor Aloysio de Castro sobre a teoria da relatividade ou à primeira pergunta do senhor Assis Chateaubriand sobre o futuro da República alemã, **Einstein, pelo menos mentalmente, repetiu Carlos Fradique Mendes: “Nada de idéias, meus senhores! Nada de idéias! Nada de Ciência ou de Democracia!”** E, conversando com o arguto diretor de “O Jornal”, Einstein que, sendo judeu, não é poliglota, e sendo matemático, o é plasticamente e sem prejuízo de certa sensualidade da imaginação, falou, com a volúpia de um artista, do Sol, das árvores e das velhas ruas do Rio de Janeiro.

Nunca um estrangeiro fez entre nós uma mais nítida apologia do regionalismo. Esse homem tão universal e tão sem pátria nas suas preocupações, na sua ciência, na sua glória, no seu sangue de judeu, é dos que podiam ser alheios e até hostis às variações regionais da vida; e desejar um mundo igual, plano, geométrico, sem altos e baixos, sem ziguezagues.¹⁷ (FREYRE, 1979b, v.2, p.140) (grifo nosso)

A frase “Nada de idéias, meus senhores! Nada de idéias! Nada de Ciência ou de Democracia!” pode ser analisada literalmente, mostrando-nos uma possível insatisfação do cientista com os intelectuais que o cercavam, interessados em suas teorias e idéias, no momento em que ele privilegiava seu encantamento com a natureza e com a diversidade da cultura brasileira. Mas, lida em seu contexto original, essa citação da personagem queirosiana revela-nos mais, associando, na visão de Freyre, de forma positiva, Fradique a Einstein, declaradamente também entusiasta dos valores tradicionais das diversas regiões que visitou.

Segundo Freyre, Einstein, como cientista, deveria interessar-se somente pelos aspectos mais modernos dos locais por que passou; porém, a simpatia do matemático pelo que era genuinamente tradicional no Brasil entusiasmou o articulista, que colocou, logo no primeiro parágrafo do texto, uma frase de Fradique Mendes na voz de Einstein, aparentemente desvinculada do tema do artigo. Só aparentemente, porque para Freyre, o cientista alemão e a personagem de Eça de Queirós teriam vários traços em comum: Fradique, também caracterizado por seu criador como uma pessoa “sem pátria nas suas preocupações, na sua

---

¹⁷ Esse texto foi publicado com o mesmo nome em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964, p. 32.

ciência, na sua glória” e, apesar de ser considerado, como Einstein, um homem universal, que viajara pelos mais diversos lugares, era igualmente muito tradicionalista, não admitindo um Portugal que se submetesse à modernidade, imitando outros países e depreciando sua cultura.

Em *A correspondência de Fradique Mendes*, a personagem de Eça, em visita a Portugal, lastimava-se por encontrar em Lisboa somente comidas de origem francesa. A frase aludida no artigo foi pronunciada exatamente num momento em que ele, Fradique, finalmente, iria provar pratos da autêntica cozinha portuguesa, o que lhe despertava maior interesse do que participar de uma discussão sobre Renan, com seus amigos intelectuais.

Logo a comida constituía para ele um real desgosto. A cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não poder conseguir “um cozido vernáculo”!

[...]

Só uma ocasião, nesta especialidade considerável, o vi plenamente satisfeito Foi numa taverna da Mouraria (onde eu o levava), diante dum prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão-de-bico. Para o gozar com coerência, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançara casualmente o nome de Renan, ao atacarmos o pitêu sem igual, Fradique protestou com paixão:

— Nada de idéias! Deixem-me saborear esta bacalhoadada, em perfeita inocência de espírito como no tempo do Senhor D. João V, antes da Democracia e da Crítica!

A saudade do velho Portugal era nele constante: e considerava que, por ter perdido esse tipo de civilização intensamente original, o mundo ficara diminuído. (QUEIROZ, 1952, v.2, p.1023-1024)

Como vimos no artigo de número 13, do volume 1 de *Tempo de aprendiz*, publicado em quinze de julho de 1923, a citação a essa personagem e o contexto em que tal frase foi emitida foram empregados em outros textos de Freyre¹⁸. Mesmo que as referências a tais idéias tradicionalistas pinçadas na obra de Eça não sejam explicitadas pelo escritor brasileiro, podemos encontrar a similitude delas com as de Freyre em outros textos do sociólogo pernambucano. No *Manifesto regionalista*, a culinária foi um dos grandes valores da cultura de sua terra mais lembrados pelo escritor, porque já estaria caminhando para a descaracterização devido à influência estrangeira¹⁹. Destaca-se, no seu vasto discurso sobre o assunto, o seguinte trecho, que lembra as palavras de Fradique Mendes no mencionado episódio da bacalhoadada:

---

¹⁸ Observe-se a mesma referência a essa passagem de *A correspondência de Fradique Mendes* no texto “Rio Branco: a estátua e o homem”, escrito em 1946: “Segundo Pedro Paranhos – o sobrinho do Barão a quem me refiro e que foi um dos melhores amigos de minha mocidade – era como um bom *gourmand* - um tanto à maneira de Fradique de volta à Lisboa e às vastas bacalhoadas de sua terra e do seu tempo de rapaz e de boêmio – que o tio, quando desimpedido ou desembaraçado de trabalho urgente, gostava de entregar-se ao prazer de saborear certos pratos gordos e tradicionais” (FREYRE, 1981, p.225).

¹⁹ Esse manifesto será estudado com mais detalhes no próximo item desse capítulo.

[...] estou inteiramente dentro de um dos assuntos que me pareceu dever ser versado por alguém neste Congresso: os valores culinários do Nordeste. A significação social e cultural desses valores. A importância deles: quer dos quitutes finos, quer dos populares. A necessidade de serem todos defendidos pela gente do Nordeste contra a crescente descaracterização da cozinha regional. (FREYRE, 1967, p.46-47)

Esse mesmo episódio da prosa queirosiana foi novamente citado na obra *Aventura e rotina*, em que Freyre publicou suas experiências em terras portuguesas, entre as quais, o contato com a culinária local. Lembrando a necessidade de valorização dos pratos lusitanos tradicionais e tomando como exemplo o bacalhau, retomou essa passagem de *A correspondência de Fradique Mendes*:

Não há brasileiro autêntico que tenha aversão ao bacalhau; e muitos são, no Brasil, os entusiastas da bacalhoadada. Eça, pela boca de Fradique, pedia aos amigos intelectuais que parassem com as idéias ou as teorias enquanto todos saboreassem o prato espessamente português; e os brasileiros autênticos não se fazem de rogados para atender ao apelo de Eça. (FREYRE, 2001, p.166)

O apego à culinária tradicional apareceu recorrentemente entre os temas que se tornariam material de pesquisa de Freyre, confirmando a manifesta intenção de fazer dos valores genuinamente brasileiros seu objeto de estudo. A importância desse assunto para o sociólogo foi ratificada com a publicação, em 1939, da obra *Assucar: algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do nordeste*, composto de duas partes: o subtítulo do livro, “Em torno da etnografia, da história e da sociologia do doce no nordeste canavieiro”, é indicativo do estudo do tema na primeira seção, seguido de um conjunto de receitas típicas da região. Na primeira parte, percorrendo sobre as raízes de nossa tradição culinária, encontramos um trecho em que Freyre reafirmou sua posição contrária à descaracterização da cozinha tradicional por influência estrangeira: aludindo a alguns portugueses, entre eles Eça de Queirós, indicou-nos, mais uma vez, o afinamento de suas idéias com as do criador de Fradique Mendes:

Depois de Mestre Rodrigues e em oposição ao seu tradicionalismo ou casticismo – com o venerável arroz-doce no centro – viria Mestre Lucas Rigaud, de que data o afrancesamento da cozinha e da doçaria portuguesas, tão lamentado mais tarde por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão; também por Antonio Sardinha – meu bom e saudoso amigo – e pelos integralistas portugueses. (FREYRE, 1939, p. ?)

Após apontarmos a intertextualidade da citação fradiqueana do artigo “Einstein regionalista” com vários outros textos de Freyre, citação que originou os comentários

supracitados sobre a visão do sociólogo pernambucano acerca da necessidade da preservação das culinárias tradicionais, continuaremos a análise desse artigo de *Tempo de aprendiz*.

Na conclusão do referido texto, Freyre escreveu que seu entusiasmo por Einstein aumentara quando o cientista, em visita a Recife, teria elogiado as antigas “ruas estreitas e cheias de sombra”. Segundo o escritor, essas ruas antigas estariam sendo substituídas por novas avenidas, largas e ensolaradas, inspiradas em modelos estrangeiros, que desprezavam a necessidade de proteção contra o sol, exigida pelo quente clima nordestino. Ainda no artigo, Freyre escreveu que o assunto já teria sido tema de conversa entre o pernambucano e seu amigo Luís Cedro, também com idéias semelhantes às de Freyre em seu inconformismo com a reurbanização pela qual a cidade estava passando. O articulista concluiu que sua opinião, contrária “à estética dos engenheiros”, estaria correta, já que teria antecipado a de “Einstein, Rei da Matemática e Imperador da Engenharia, colônia da Matemática” (FREYRE, 1979b, v.2, p.142). A opinião do famoso cientista sobre a arborização do Recife estaria ratificando suas idéias, consideradas por alguns críticos como arcaicas e não tradicionalistas.

Não só na conversa entre Freyre e Luís Cedro, citada na conclusão desse texto, mas também em vários artigos anteriores, as modificações urbanísticas em prejuízo da cidade já tinham sido tema de denúncias do escritor pernambucano, de acordo com sua visão sociológica. Segundo Fernanda Arêas Peixoto (2005, p.159), tal preocupação com a descaracterização da cidade do Recife – aquela cidade de suas recordações – já o preocupava desde seus primeiros artigos, também republicados em *Tempo de aprendiz*:

As cidades constituem objeto de interesse de Gilberto Freyre já em suas primeiras colaborações enviadas para o *Diário de Pernambuco*, desde os Estados Unidos, a partir de 1918. Aí, as impressões da sociedade e das cidades norte-americanas, e das cidades européias que visitou entre 1922 e 1923, convivem com a série de observações feitas sobre o Recife, matéria primeira de interesse do cronista, atento às modificações na fisionomia urbana: às mudanças dos nomes das ruas, às remodelações urbanísticas, às restaurações das velhas igrejas e monumentos, à redefinição dos desenhos dos jardins etc. De longe, Gilberto Freyre acompanha as alterações de sua cidade natal, que fazem dela uma "outra cidade", distante daquela dos tempos de infância. A cidade renovada se impõe ao recém-chegado em 1924, estrangeiro em sua própria terra:

“Eu por mim já me sinto um tanto estrangeiro no Recife de agora. O meu Recife era outro. Tinha um ‘sujo de velhice’ que me impressionava, com um místico prestígio, a meninice [...]. Resignemo-nos os que ainda nascemos no tempo da Lingüeta, do Arco de Santo Antonio e dos cocheiros de cartola, à melancolia desse destino: o de acabarmos estrangeiros na própria cidade natal”. (FREYRE, 1979b, vol. 2, artigo 53, p. 16-17)

Levando-se em conta a relação intertextual entre o escritor pernambucano e Eça de Queirós, ressaltamos que Fradique Mendes “lamentava, com melancólica sinceridade, o velho Portugal fidalgo e fradesco do tempo do Sr. D. João V” e enxergava Lisboa modernizada e estrangeirada, com o mesmo olhar crítico de Freyre sobre Recife:

Havia aqui uma antipatia de instinto, toda fisiológica, cuja intransigência e obstinação nem factos nem raciocínios podiam vencer. Bem mais justo era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa, a inábil, descomedida e papalva imitação de Paris. Essa «saloia macaqueação», superiormente denunciada por ele numa carta que me escreveu em 1885, e onde assenta, num luminoso resumo, que “*Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão*” – tornava-se para Fradique, apenas transpunha Santa Apolónia, um tormento sincero. E a sua ansiedade perpétua era então descobrir, através da frandulagem do Francesismo, algum resto do genuíno Portugal.

[...] O mesmo provincianismo releve põe em calão as comédias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democráticos do *boulevard*, requentados, e servidos em chalaça e galantina! Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitela de Lafões, os legumes, os doces, os vinhos, degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois desses enxertos funestos no velho tronco lusitano, os frutos têm perdido o sabor, como os homens têm perdido o carácter...

A saudade do velho Portugal era nele constante: e considerava que, por ter perdido esse tipo de civilização intensamente original, o mundo ficara diminuído. Este amor do passado revivia nele, bem curiosamente, quando via realizados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o “modernismo” inteligente das civilizações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa foi no Rato—numa festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado:

— Em Paris – afirmava ele – a duquesa de La Rochefoucauld-Bisaccia pode dar uma festa igual: e para isto não me valia a pena ter feito a quarentena em Marvão! Suponha, porém, você, que eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pátio, entre os mendigos, rezando em coro a ladainha!... Aí estava uma coisa única, deliciosa, pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira! (QUEIROZ, 1958, v2, p.1023-1024)

Um ano antes da publicação do texto analisado, “Einstein regionalista”, em onze de novembro de 1924, Gilberto Freyre tinha feito um discurso no Colégio Salesiano do Recife, em que criticava ferozmente a derrubada das árvores para estrangeirar-se essa cidade, com suas construções modernas. O longo texto foi publicado no dia seguinte, no *Diário de Pernambuco*, sob o título de “O Recife e as árvores” e também incluído em *Tempo de aprendiz* (v.2, p.379-390). A conferência, em que esse discurso foi pronunciado, tinha sido promovida pelo Centro Regionalista do Nordeste (do qual Freyre fora co-fundador, em 28 de abril de 1924, um ano após sua chegada do exterior) com o evidente intuito de discorrer sobre a importância das árvores do Recife, sua crescente derrubada ou substituição por outras

espécies não representativas da região. No extenso artigo, o autor fez um retrocesso histórico, lembrando personalidades como Maurício de Nassau e alguns governadores do período colonial que muito contribuíram para a arborização da cidade, aquela que caracterizava a terra de sua infância. A esses representantes da tradição recifense, ele confrontou alguns “modernistas”, que paulatinamente destruíam suas recordações, deformando a cidade no que havia de mais peculiar (refere-se nesse trecho de seu texto não somente às árvores, mas também ao desaparecimento dos arcos do velho Recife).

Ao iniciar seu discurso, o autor além de citar Eça de Queirós, faz duas referências seguidas a seu personagem Conselheiro Acácio, figura que seria retomada uma terceira vez, mais adiante em sua fala:

Afirma-se neste momento da “Semana das Árvores” o desejo do “Centro Regionalista do Nordeste” de orientar, dirigir, mover o sentimento e a opinião, fazer sentir sua força jovem num meio parado e **acacianizado**.

Resistirá o Centro a esse meio sobre o qual procura influir? Não acabará também acacianizado? Ou por outro lado não acabará morrendo como aquela “Liga do Norte” a que Antero pertenceu antes de se deixar languidamente roer pela introspecção? **Sabe-se pelo Eça como terminou a Liga, uma tarde tristonha**. Só compareceram o Conde de Rezende e Antero. Chovia. “Ambos se olharam pensativamente”. Estava morta a Liga. (FREYRE, 1979b, vol. 2, p.379) (grifo nosso)

[...]Foram-se as gameleiras da Lingüeta, talvez por necessidade; mas as da Rua do Sol e da Rua Aurora e do Imperador? A estas, não foi necessidade nenhuma que as levou: foram caprichos de simetria dos senhores prefeitos, ou gosto **acaciano** deles, a começar, se não erro, com o Sr. Esmeraldino Bandeira”. (FREYRE, 1979b, vol. 2, p.385) (grifo nosso)

A vinculação do “Centro Regionalista do Nordeste” à “Liga do Norte” referida por Eça de Queirós é bastante indicativa do conhecimento que Freyre tinha da obra do escritor português e de sua geração intelectual. Percebe-se na frase “aquela ‘Liga do Norte’ a que Antero pertenceu antes de se deixar languidamente roer pela introspecção” a fala a um interlocutor privilegiado, que *a priori* compartilharia a informação citada com o emissor, sem que houvesse a necessidade de maiores explicações a esse respeito. Novamente se percebe, por parte de Freyre, a certeza de que seu campo intelectual também divida não apenas a admiração por Eça de Queirós, mas por toda uma geração de intelectuais seus contemporâneos e com ideologia similar à do escritor português.

Em texto conhecido como “Um gênio que era um santo” de 1896, dedicado postumamente a Antero de Quental, Eça escreveu sobre uma das últimas participações na vida política de Portugal de seu companheiro literato, quando, insurgindo-se contra o “Ultimatum”,

criou a referida liga em 1890. Mas, na voz eciana, percebe-se que foi um movimento infrutífero de combate à hegemonia inglesa e de tentativa de revalorização da nação portuguesa:

Essa singular ilusão foi a Liga Patriótica do Norte. Ele próprio o chamava de “o derradeiro fantasma”. Antero acreditou então, e com deslumbrado ardor, em coisas inacreditáveis — na mocidade iniciadora; na contrição dos velhos partidos pecadores; na alma quinhentista de Portugal ressurgindo; no despertar de um povo, com a vontade bem consciente, e formulada em comícios, de ser novamente esforçado e grande! (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1560)

Comparando-se o texto acima ao discurso de Freyre, vemos que a intenção do sociólogo ao citá-lo não se devia apenas ao receio de que o “Centro Regionalista do Nordeste” fosse tão efêmero quanto o outro. Embora a qualificação “patriótica” fosse esquecida por Freyre na referência ao nome do movimento de Antero, o sentimento a que ela alude, ou seja, o nacionalismo, é o que realmente vincula os dois grupos em seus objetivos. O temor real de Freyre, em sua exposição, era ver o Centro Regionalista “renunciando o seu caráter”, malogrando em seus esforços tradicionalistas, como os de Antero.

Ainda nos primeiros parágrafos do artigo em estudo, “O Recife e as árvores”, encontramos duas vezes o emprego do adjetivo “acacianizado”. Conforme análise anterior, nos textos de Freyre, as referências ao Conselheiro Acácio opunham-se às de Fradique Mendes: enquanto aquelas apareciam em situações depreciativas, estas lembravam um ideário que se aproximava ao do escritor-sociólogo²⁰. Nesse texto, o termo “acacianizado” reforçou a caracterização negativa do ambiente recifense, rotulado como burocratizado, que não estaria reagindo aos desmandos modernistas dos representantes do governo, em contraste com a “força jovem” de oposição que o Centro Regionalista simbolizava. Freyre começou seu discurso com essa provocação, com o óbvio intento de agitar esse ambiente considerado por ele como estagnado, embora demonstrasse o receio de que o grupo que ele representava também acabasse “acacianizado”.

---

²⁰ Mais um exemplo da referência ao Conselheiro Acácio aparece no artigo “A propósito do regionalismo no Brasil”, da antologia *Tempo de aprender*: “É pena que nesse trecho tomem as palavras editoriais d’ ‘A Revista’ tão acentuado **ranço acaciano**: ‘organismo social’ tem todo o sabor de fruto demasiado maduro de certa ‘sociologia sistemática’: aquela em que o Sr. Pontes de Miranda por vezes resvala deslumbrando a mediocridade, hoje verdadeiramente áurea, da, entretanto, gloriosa Academia Brasileira de Letras. Nascida gloriosa”. (FREYRE, 1979B, v.2, p.217)

Esse termo, advindo da caricatural personagem eciana, foi retomado na página 385 do mesmo artigo, na expressão “o gosto acaciano”, qualificando os prefeitos que, por capricho, derrubaram árvores no afã de suas reformas.

Nesse texto, Freyre entremeou a crítica àqueles que não valorizaram a flora recifense com elogios aos que se preocuparam com sua preservação. Entre esses últimos, fez apologia ao então atual prefeito que, auxiliado pelo médico sanitaria Amaury de Medeiros, estaria preocupado com a arborização do Recife, mesmo que, malgrado o tradicionalismo do autor, optasse por algumas espécies “estrangeiriças”.

Nas últimas frases desse discurso, inesperadamente, Freyre mudou o tema para desabafar outra vez com seus leitores a mágoa pelo repúdio à sua pessoa: “O Recife que por tanto tempo se deixou abandonar, hoje abandona aos que o querem e são seus. E bem lhe poderíamos perguntar, a este Recife de casas e árvores carnavalescamente exóticas: ‘Cidade da nossa infância, por que nos abandonas?’ ” (FREYRE, 1979b, v.2, p.390).

O sociólogo pernambucano retomou a consternação anunciada no texto acima, em artigo posterior (publicado em novembro de 1926), “O livro do Sr. Amaury de Medeiros”, dedicado ao já citado médico sanitaria, texto também inserido em *Tempo de aprendiz*. Apresentando uma grande diferença em suas palavras com relação a artigos anteriores, Freyre mostrou-se pesaroso por seu radicalismo inicial no tocante às idéias tradicionalistas. Nesse texto, a identificação Fradique/Freyre ficou muito evidente a partir das palavras do autor, que, diferentemente dos textos precedentes, não fez apenas referências a frases da personagem de Eça de Queirós, mas considerou-se “igual” a Fradique:

Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e da Europa que nem um Fradique. Jacobino. Tradicionalista e “futurista” ao mesmo tempo. Querendo isso aqui tudo como no tempo de Lingüeta. Preferindo o caráter da cidade com os maus cheiros à ausência dos ditos maus cheiros com a ausência de caráter. De bom caráter. Elogiando ruas estreitas. (...) E achando safadíssima também a imitação da culinária européia, em prejuízo da nossa velha cozinha e da nossa velha doçaria. Frisando a relação íntima entre a imundície e o gênio artístico em povos como os italianos e os russos; e, entre higiene e a esterilidade de espírito nos finlandeses, nos suíços, nos norte-americanos. Exagero decerto. Mas necessários contra conceitos tão poderosamente cretinos. (FREYRE, 1979b, vol. 2, p.348-349)

Na primeira frase do excerto analisado, “Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e da Europa que nem um Fradique”, percebemos que o autor assumiu as afinidades entre ambos, dele e da personagem, de tal maneira que a imagem dos dois se sobrepõe; entretanto, de forma diferente, o escritor qualificou Fradique/Freyre com um termo empregado no seu

sentido pejorativo: “jacobino”. O sociólogo, sintetizando nessa palavra ter sido, outrora, um nacionalista extremado, xenófobo, assumiria, ainda no mesmo parágrafo, uma mudança de atitudes, apontando uma perspectiva crítica sobre a personagem: apesar de eximir-se por ter exagerado em seus ataques iniciais, Freyre anuncia que não faria concessões em suas idéias, embora expressas, a partir daquele momento, possivelmente de forma menos radical.

O autor começou o artigo supracitado criticando o livro do Sr. Amaury de Medeiros, diretor do Departamento de Saúde e Assistência de Pernambuco, entre 1922 e 1926, com quem tinha mais divergências que coincidências de opiniões. O escritor observou em seu texto que não tinha percebido as intenções positivas do médico, quando ele, Freyre, chegou a Recife com seu “furor” tradicionalista, em “um ambiente saturado de messianismo higiênico”, reagindo igual um Fradique quando, recém-chegado a Portugal, assustou-se com a dissipação gradual dos autênticos valores de sua terra. Ambos eram considerados tradicionalistas²¹, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, eram acusados de modernistas por viajarem muito e trazerem opiniões “diferentes” sobre diversos assuntos, em especial àqueles ligados a um nacionalismo incompreendido, como também sua posição diante da necessidade de se valorizar a presença de uma “elite intelectual” no país. Retornaremos a esse tema mais adiante, analisando textos nos quais Eça e Freyre discorrem sobre ele; faremos também uma reflexão maior sobre o emprego dos termos tradicionalismo e futurismo/modernismo em suas obras.

Encerramos aqui a proposta desse item da dissertação que era analisar um aspecto das citações de Eça e de suas personagens, em especial, Fradique Mendes, nos artigos que compõem a antologia *Tempo de aprendiz*. Segundo nossa análise, tais citações estão vinculadas ao tema do nacionalismo, do regionalismo e do tradicionalismo, apontando-nos sempre a perspectiva de um jovem escritor que, ao redigir seus textos, visa a um leitor privilegiado, e que, simultaneamente, emprega, a seu favor, bens simbólicos que pudessem capitalizá-lo em seu campo intelectual.

Regionalismo e resistência

---

²¹ Ver excerto de *A correspondência de Fradique Mendes*, que compõe a análise do artigo “Einstein regionalista”, nesse mesmo tópico.

Não poderíamos deixar de registrar, ainda dentro dessa temática – nacionalista, regionalista e tradicionalista –, a respeitável intertextualidade que se pode estabelecer entre alguns outros textos de Freyre, e a “Carta a Eduardo Prado”, pseudocorrespondência de Fradique a seu amigo brasileiro.

Essa carta, a última escrita por Fradique, segundo os biógrafos de Eça que a publicaram postumamente, teria sido remetida de Paris, em 1888, a seu amigo brasileiro, que lhe escrevera ansiando por notícias de sua recente viagem aos países americanos. Fradique inicia a correspondência ponderando ser muito difícil responder ao insistente pedido de Eduardo Prado sobre sua opinião a respeito do Brasil, temeroso da reação do amigo, pois possivelmente iria decepcioná-lo. Preparando-o para uma descrição nada lisonjeira de sua terra natal, começou o discurso negativo que iria encetar, com a seguinte frase: “Só lhe posso comunicar uma impressão de homem que passou e olhou. E a minha impressão é que os Brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil” (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1105).

Fradique demonstrou que teve sua expectativa frustrada porque esperava encontrar nos brasileiros, após sua Independência política, atitudes que valorizassem seus hábitos mais tradicionais, cultivando uma vida “rural” autêntica e desligando-se paulatinamente dos costumes europeus.

As opiniões depreciativas sobre o Brasil só reforçaram a fama que Fradique possuía entre seus amigos: era um intelectual já conhecido por suas apreciações idealizadas a respeito da preservação da cultura popular de seu país e de todos pelos quais já viajara, mostrando-se preocupado com a descaracterização que os modernismos e a democracia estariam causando a esses lugares.

Retomando alguns excertos dessa correspondência, podemos apontar semelhanças com o *Manifesto Regionalista*. Para tanto, selecionamos trechos do manifesto que vão nos remeter a um exame de sua intertextualidade com a “Carta a Eduardo Prado”, embora esse diálogo não seja explicitado por Freyre.

O referido manifesto teria sido lido, segundo seu autor, no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado no Recife, em fevereiro de 1926, como resultado de “um movimento de reabilitação de valores regionais e tradicionais desta parte do Brasil”.²²

Começando seu discurso, Freyre reforça o caráter pragmático dos representantes desse movimento: “Animado [o Movimento Regionalista] por homens práticos como Samuel Hardman e não apenas por poetas como Odilon Nestor; por homens politicamente da ‘esquerda’ como Alfredo Moraes Coutinho e da extrema ‘direita’ como Carlos Lyra Filho” (FREYRE, 1967, p.29). Em seguida, repudia a qualificação desse movimento como separatista ou bairrista, caracterização que estaria sendo erroneamente aplicada. Em defesa de seus princípios, mostra-se claramente em oposição ao modelo republicano brasileiro da forma como ele se apresentava, inspirado em padrões estrangeiros, que tal Congresso pretendia denunciar e modificar, substituindo o “estadualismo” pelo regionalismo:

A maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundilo com separatismo ou com bairrismo. Com anti-internacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo. Ele é tão contrário a qualquer espécie de separatismo que, mais unionista que o atual e precário unionismo brasileiro, visa à superação do estadualismo, lamentavelmente desenvolvido aqui pela República – este sim, separatista – para substituí-lo por novo e flexível sistema em que as regiões, mais importantes que os Estados, se completem e se integrem ativa e criadoramente numa verdadeira organização nacional.

Dizendo sistema não sei se emprego a expressão exata. Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil. Uma nova organização em que as vestes em que anda metida a República – roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, peles para gelos que não existem por aqui – sejam substituídas não por outras roupas feitas por modista estrangeira mas [sic] por vestido ou simplesmente túnica costurada pachorrentamente em casa: aos poucos e toda sob medida.

Dá ser perigoso falar-se precipitadamente num novo “sistema” quando o caminho indicado pelo bom senso para a reorganização nacional parece ser o de dar-se, antes de tudo, atenção ao corpo do Brasil, vítima, desde que é nação, das estrangeirices que lhe têm sido impostas, sem nenhum respeito pelas peculiaridades e desigualdades da sua configuração física e social; e com uma outra pena de índio ou um ou outro papo de tucano a disfarçar o exotismo norte-europeu do traje. (FREYRE, 1967, p.30-31)

---

²² Embora esse manifesto tenha sido publicado como originalmente escrito em 1926, segundo seu autor ele foi reelaborado na data de sua publicação integral, em 1952, o que não invalida nossa análise, visto que as idéias tradicionalistas que serão analisadas já tinham sido apresentadas por Freyre em outros textos de caráter sociológico. Em relação à divergência dessa datas, formou-se uma polêmica que explicaremos no próximo capítulo. A esse respeito pode-se conferir “Um manifesto guloso”, artigo de Antonio Dimas. (KOMINSKY, LÉPINE, PEIXOTO, 2003, p.327-346)

Comparemos a opinião sobre o sistema político vigente no Brasil de Freyre com as opiniões de Fradique, na carta a Eduardo Prado, sobre a República, sistema que estava na iminência de ser implantado no Brasil:

Percorri todo o Brasil à procura do novo e só encontrei o velho, o que já é velho há cem anos na nossa Europa –as nossas velhas idéias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo Sol. Sabe o que me parecia, para resumir a minha impressão numa imagem material, como recomenda Buffon? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização européia, e recobrimdo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... Concebe V. maior horror? Sobre um jardim perfumado, em pleno viço, tudo tapar, tudo abafar, rosas abertas e botões que vão abrir, com um tapete de lã, esburacado, poeirento, cheirando a bafio!

E haverá remédio para tão duro mal? Decerto! Arrancar o tapete sufocante. Mas que Hércules genial empreenderá esse trabalho santo? Não sei.

Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma *chance* de reentrar numa vida nacional e só brasileira. Quando o Império tiver desaparecido e, a seu turno, vier essa República jacobino-positivista que já lateja nas escolas e que os doutores de pena hão-de necessariamente fazer, de parceria com os doutores de espada; quando, por seu turno, essa República jacobino-positivista murchar como planta colocada artificialmente sobre o solo e sem raízes nele, desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo, sem luta, e por uma mera conclusão lógica, surgir no Paço de São Cristóvão um novo Imperador ou Rei – o Brasil, repito, nesse momento, tem uma *chance* de se desembaraçar do “tapete europeu” que o recobre, o desfeia, o sufoca. A *chance* está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bem brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1108)

Percebemos nesse confronto que os dois discursos desprezam menos o sistema político em vigência e mais o fato de que, independente de qual fosse, esse sistema não passasse de uma cópia de modelos estrangeiros, não adaptados às condições peculiares do Brasil: Fradique aplicou a metáfora de “um tapete feito com os remendos da civilização européia, e recobrimdo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo” para condenar o estrangeirismo de nossa organização política, enquanto Freyre metaforizou tal situação aplicando a imagem de vestimentas que não condizem com o clima brasileiro: “[vestem] a República – roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, peles para gelos que não existem por aqui sejam substituídas não por outras roupas feitas por modista estrangeira mas [sic] por vestido ou simplesmente túnica costurada pachorrentamente em casa: aos poucos e toda sob medida”.

Para Freyre, não se tratava de se propor uma mudança imediata na organização política do Brasil, mas de indicar a necessidade de que ela fosse feita paulatinamente, à medida que nossas tradições culturais fossem sendo reabilitadas e substituindo os

estrangeirismos cada vez mais presentes na mentalidade do povo brasileiro. Somente após se conseguir restituir os valores verdadeiramente nacionais é que se poderia constituir um sistema político que correspondesse a essa nova visão do Brasil.

Atitudes e textos revelam uma posição de incerteza do jovem Freyre sobre o sistema político nacional. Essa indefinição foi comentada no prefácio à antologia *Tempo de Aprendiz*, escrito por Nilo Pereira, no qual ele descreveu as dificuldades de adaptação de Freyre ao Brasil. (FREYRE, 1979B, p.18). Entre outros problemas, o prefaciador comenta sua insatisfação com o regime político brasileiro, a República, nos moldes como ela havia sido implantada. Além de conhecer em Portugal intelectuais que defendiam o integralismo e a monarquia (FREYRE, 1979B, p.124), com os quais se identificou e com quem manteria amizade através de correspondência – entre outros, Antônio Sardinha e Fidelino de Figueiredo –, o jovem sociólogo teve contato, também na Europa, com as idéias de Georges Sorel sobre uma “monarquia regionalista”.

Em 1925, seu parecer sobre a última fase do regime monárquico no Brasil foi trazido a público, em discurso que intitulou de “Dom Pedro II imperador cinzento de uma terra de sol tropical”, proferido durante as comemorações do centenário de nascimento do Imperador. Nesse texto, não obstante a sua insatisfação com o sistema político vigente tal como ele se estabelecera, não apresenta solução para esse questionamento, pois, ao que tudo indica, ainda lhe faltava a convicção de qual modelo político seria melhor para o Brasil.

Apesar de elogiar o caráter muito humano do imperador homenageado, o jovem sociólogo criticou o aspecto cinzento (europeu) que sempre orientou suas atitudes políticas, em um país tropical, logo, com características diversas às que ele usava como modelo. Nesse sentido, observemos novamente a apropriação das personagens de Eça, em um discurso que privilegia a valorização das tradições locais:

A Dom Pedro II faltou mais de uma vez a noção da necessidade de ser brasileiroamente tradicionalista contra os excessos burguesmente progressistas da época. A Dom Pedro, e aos seus estadistas. É por isto que as suas casacas todas se acinzentam quando no meio delas aparece – com seus exageros de padre educado na Europa mas também com seus modos de filho de senhor-de-engenho – D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira – esse sim, com alguma coisa de Imperador Divino para os olhos do povo. Em volta do roxo de sua murça, **titulares e conselheiros do Império ficam por um instante quase do tamanho de titulares e**

conselheiros de Eça²³. Antes de se tornar brasileiroamente mártir, seu vulto é o de um herói. Um Dom Quixote vestido de capuchinho. (FREYRE, 1944) (grifo nosso)

Contrapondo a figura de Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, reconhecido por sua “pernambucanidade”, aos políticos do Império, o escritor inferiorizou-os, comparando-os aos conselheiros de Eça. A característica coletiva dessas personagens é a preocupação maior com seus interesses privados em detrimento dos interesses públicos.²⁴ Essas personagens foram individualizadas em várias obras como Pacheco (*A correspondência de Fradique Mendes*), Sanches Lucena (*A ilustre casa de Ramires*), Pinto Porto (*A cidade e as serras*), mas podemos supor, segundo o que já vimos, que, entre essas personagens aludidas, a primazia seja do Conselheiro Acácio;²⁵ embora aqui não se refira expressamente a ele, o emprego que Freyre fez de seu nome e derivados (acaciano, acacianizado)²⁶, evidentemente sempre foi depreciativo e, muitas vezes, em oposição ao idealismo tradicionalista de Fradique e de Freyre. Essa oposição torna-se mais evidente no encerramento de seu discurso sobre o imperador homenageado, quando o escritor se remeteu ao excerto supracitado da carta de Fradique a Eduardo Prado, que pôs em questão a Monarquia e a República no Brasil. Observe-se o entrelaçamento das vozes dos dois discursos:

Fradique Mendes – de quem as pesquisas recentes de Antonio Sardinha mostraram que era no íntimo um antiliberal extremo – via num imperador moço, são, de bom parecer bem brasileiro – a chance de desembaraçar-se o Brasil do absorvente tapete europeu. Uma linda receita com o nome do remédio em letra de médico. Dom Luiz, neto de Dom Pedro II, teria sido talvez o imperador moço desejado pelo Fradique, diante do fracasso do velho e bom Bragança para quem o tapete europeu foi toda a vida o abrigo com que se defendeu do contacto vivo com o chão cru do trópico. Mas agora que Dom Luiz é morto, como se retificará a história brasileira? Um otimista diria que por um presidencialismo mais acentuado nos seus pendores monárquicos; nas suas tendências para a realza eletiva que Theodoro Roosevelt inaugurou nos Estados Unidos embora sem se desembaraçar de todo dos interesses plutocráticos. Um radical desejará que Dom Sebastião volte. E o sebastianismo não faz mal aos povos: apenas não lhes resolve os problemas. (FREYRE, 1944, p.144)

---

²³ Essa mesma frase em negrito foi empregada no artigo “Irmandades e caridades no Brasil” de 1925, na apologia do mesmo religioso Dom Vital (FREYRE, 1964a, p.57).

²⁴ Cf. “Os conselheiros de Eça de Queiroz” de Jorge Borges de Macedo. (MATOS, 1993, p.228-232)

²⁵ Ver também “Getúlio Vargas: meu depoimento” em anexos.

²⁶ Em “Dom Pedro II julgado por alguns estrangeiros seus contemporâneos”, conferência proferida no Museu Imperial de Petrópolis, em 1970, o mesmo adjetivo aparece relacionado à caracterização jocosa que se fez de D. Pedro, durante seu governo: “Mas a verdade é que nem malícias nem caricaturas, nacionais e estrangeiras, conseguiram fazer de Pedro II uma figura ridícula: **um conselheiro Acácio coroado**, por exemplo”.

Freyre encerrou seu discurso empregando o texto de Fradique, mas sem julgar a solução proposta pela personagem eciana como ideal para a organização política do Brasil. Ao contrário, seu discurso teve apenas a intenção de dar seu parecer sobre o governo do imperador D. Pedro II, homenageado naquela ocasião. Quanto à opinião de Fradique sobre a necessidade de se restituir o sistema monárquico no Brasil, julgando o sistema republicano prejudicial ao país, inferimos que Freyre considerou-a impossível de se realizar, quando caracterizou tal idéia como “Uma linda receita com o nome do remédio em letra de médico”. Entretanto, o sociólogo não apresentou nenhuma outra proposta que substituísse a de Fradique, para o sistema político brasileiro.

Para entendermos melhor e encerrarmos a análise sobre as idéias políticas de Freyre em seus escritos de juventude, a leitura de alguns textos sobre essa temática, uns redigidos pelo sociólogo, outros por alguns críticos que se remetem a pessoas de seu relacionamento, levam-nos a afirmar que Gilberto Freyre não aceitava o republicanismo brasileiro da maneira como ele foi instalado²⁷. Entre os vários motivos dessa rejeição, apenas nos interessa aquele que foi registrado no *Manifesto Regionalista*: o separatismo que teria surgido com a divisão do país em Estados. Esse tipo de organização política teria provocado o afastamento entre si daquelas unidades da Federação com características físicas e sociais semelhantes; por isso Freyre era a favor de um Brasil que se dividisse em regiões e que, partindo delas, a nação pudesse ser vista como um todo. Quanto às sugestões de um novo regime monárquico no Brasil, elas estavam ainda muito presentes no círculo social e familiar do jovem escritor. Podemos citar dois casos: Oliveira Lima, grande mestre intelectual brasileiro de Freyre nos Estados Unidos, tinha sido convidado pelo príncipe D. Luiz para o cargo de Ministro das Relações Exteriores, caso se conseguisse a restauração do Império no Brasil (Cf. FREYRE, 1941); seu pai, entre outros que influíram em sua formação intelectual, era entusiasta da monarquia inglesa (Cf. PALLARES-BURKE, 1997). Além desses fatos, o relacionamento com monarquistas europeus, como já citamos, são apenas alguns exemplos de contatos intelectuais que podem ter levado Freyre a veleidades monárquicas em sua juventude e à sua crítica ao regime político estabelecido, quando voltou ao Brasil em 1923. Apesar dos muitos textos escritos na época sobre essa sua insatisfação – um dos motivos que o levaram a ser

---

²⁷ A propósito desse tema, a República e a Monarquia no Brasil na ótica de Gilberto Freyre, leiam-se os textos: “Prefácio à Tradução Italiana de ‘Ordem e Progresso’ ” (FREYRE, 1965); *Forças armadas e outras forças* (FREYRE, 1965); “Artigo número 20” (FREYRE, v.1, 1979).

muito censurado naquele momento – lemos, no excerto abaixo, como o sociólogo elucidou seu pensamento, passados muitos anos daqueles fatos, em 1979:

Vocês não pensem que eu sou, como meu querido amigo Ariano Suassuna, monarquista; não vou a tanto. Mas sou dos que reconhecem que a Monarquia foi útil ao Brasil. Ela concorreu para a unificação do Brasil. A Monarquia desenvolveu todo um sistema de oportunidade, até para brasileiros de cor, de chegarem a altas situações, como foi o caso dos Rebouças, tão amigos de Pedro II, como foi o caso de Teodoro Sampaio, como foi o caso de Juliano Moreira, como foi o caso de outros brasileiros de cor, protegidos, amparados, dadas oportunidades de ascensão social, pela Monarquia e por sobrevivências da Monarquia na República. Julgada a Monarquia por um critério sociológico-histórico, de justiça histórica e justiça sociológica, neste particular merece o respeito dos brasileiros de hoje. (FREYRE, 1979b, s/p)²⁸

Após os esclarecimentos acima, voltamos à análise intertextual do *Manifesto regionalista* e da “Carta a Eduardo Prado”. Percebemos que ambos apresentam, em seus respectivos textos, a defesa de habitações simples no Brasil, mais adaptadas ao clima tropical, diferindo-se daquelas moradias que imitavam os modelos estrangeiros que estavam sendo construídas tanto no período imperial a que se refere Fradique, quanto durante a reurbanização a que Freyre estava assistindo:

Eis o que eu queria, dilecto amigo! E considere agora como seria deliciosamente habitável um Brasil brasileiro! Por toda a parte, ricas e vastas fazendas. Casas simples, caiadas de branco, belas só pelo luxo do espaço, do ar, das águas, das sombras. Largas famílias, onde a prática das lavouras, da caça, dos fortes exercícios, desenvolvendo a robustez, aperfeiçoaria a beleza. Um viver frugal e são; idéias claras e simples e uma grande quietação de alma; desconhecimento das falsas vaidades; afeições sérias e perduráveis... (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1106)

[...]O mucambo [sic] é um desses valores. Valor pelo que representa de harmonização estética: a da construção humana harmonizada com a natureza. Valor pelo que representa de adaptação higiênica; a do abrigo humano adaptado à natureza tropical. Valor pelo que representa como solução econômica do problema da casa pobre: a máxima utilização, pelo homem, da natureza regional, representada pela madeira, pela palha, pelo cipó, pelo capim fácil e ao alcance dos pobres.

[...]as casas que os “caboclos”, os negros, os pardos, os pescadores, os pobres da região levantam eles próprios, às vezes por meio do esforço comum do mutirão, revestindo-as e cobrindo-as de palhas, folhas e capins secos que franciscamente defendem os moradores das chuvas e das ventanias fortes sem os privarem do sol, do ar e da luz tropicais. (FREYRE, 1952, p.38-39)

Não obstante a ironia presente no texto de Eça de Queirós, percebemos que sua descrição a respeito de um ideal de habitação para o morador dos trópicos assemelha-se ao mocambo defendido como a moradia típica da região nordestina por Freyre, atendendo principalmente às necessidades climáticas de seu povo, além de empregar materiais genuinamente brasileiros. Por estarem harmonizadas com a natureza, essas sugestões proporcionariam ao brasileiro uma vida mais saudável, mais higiênica, na expressão de ambos os autores.

Mais adiante em seu manifesto, o jovem sociólogo insistiu em defender-se daqueles que censuravam não apenas ele, mas também os participantes do Congresso Regionalista, por suas intenções tradicionalistas, imputando-os como intelectuais que fomentavam um retrocesso histórico e que não reconheciam o valor do progresso; novamente podemos verificar a intertextualidade do trecho abaixo, com a carta de Fradique, defendendo-se, também, de uma possível acusação de ser contrário ao desenvolvimento da nação brasileira por seu interlocutor, Eduardo Prado:

Reconheçamos a necessidade das ruas largas numa cidade moderna, seja qual for sua situação geográfica ou o sol que a ilumine; mas não nos esqueçamos de que a uma cidade do trópico, por mais comercial ou industrial que se torne, convém certo número de ruas acolhedoramente estreitas nas quais se conserve a sabedoria dos árabes, antigos donos dos trópicos: a sabedoria de ruas como a Estreita do Rosário ou de becos como o do Cirigado que defendam os homens dos excessos de luz, de sol e de calor ou que os protejam com a doçura das suas sombras. A sabedoria das ruas com arcadas, de que o Recife devia estar cheio. A sabedoria das casas com rótulas ou janelas em xadrez, que ainda se surpreendem em ruas velhas daqui e de Olinda.

[...]

Mas o pecado maior contra a Civilização e o Progresso, contra o Bom Senso e o Bom Gosto e até os Bons Costumes que estaria sendo cometido pelo grupo de regionalistas a quem se deve a idéia ou a organização deste Congresso, estaria em procurar reanimar não só a arte arcaica dos quitutes finos e caros em que se esmeraram, nas velhas casas patriarcais, algumas senhoras das mais ilustres famílias da região e que está sendo esquecida pelos doces dos confeitores franceses e italianos, como a arte – tão popular como a do barro, a do cesto, a da palha de Ouricury, a de piaçava, a dos cachimbos e dos santos de pau, a das esteiras, a dos ex-votos, a das redes, a das rendas e bicos, a dos brinquedos de meninos feitos de sabugo de milho, de canudo de mamão, de lata de doce de goiaba, de quenga de coco, de cabeça – que é, no Nordeste, o preparo do doce, do bolo, do quitute de tabuleiro, feito por mãos negras e pardas com uma perícia que iguala, e às vezes excede, a das sinhás brancas. (FREYRE, 1967, p.40-45)

Não exijo para o Brasil as virtudes áureas e clássicas da Idade de Saturno. Só queria que ele vivesse uma vida simples, forte, original, como viveu a outra metade da América, a América do Norte, antes do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dolarismo, e todos esses *ismos* sociais que hoje a minam e tornam tão tumultuosa e rude quando os colonos eram puritanos e graves; quando a charrua enobrecia; quando a instrução e a educação residiam

entre os homens da lavoura; quando poetas e moralistas habitavam casas de madeira que as suas mãos construíam; quando grandes médicos percorriam a cavalo as terras, levando familiarmente a farmácia nas bolsas largas da sela; quando governadores e presidentes da República saíam de humildes granjas; quando as mulheres teciam os linhos dos seus bragaís e os tapetes das suas vivendas; quando a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações; quando os lavradores formavam uma classe que, pela virtude do saber, pela inteligência, podia ocupar nobremente todos os cargos do Estado; e quando a nova América espantava o Mundo pela sua originalidade, forte e fecunda. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1106)

Em diversos momentos de seu discurso, Freyre lembrou a necessidade de se combater aqueles que, por diferentes motivos, trocavam os valores autenticamente nacionais por outros estrangeiros, embora reconhecendo algumas das vantagens que acompanhavam o progresso. Note-se a referência irônica, mas que não deixa de conter elementos intertextuais à famosa “Questão Coimbrã” que deu origem ao também famoso folheto *Bom senso e bom gosto*, em 1865, de Antero de Quental. No texto de Freyre, os regionalistas estariam erroneamente sendo tomados como os antagonistas de Antero, quando, na realidade, era Freyre quem inovava e incomodava a vida da intelectualidade brasileira naquele momento, papel que cumprira o texto de Antero entre os escritores do século XIX.

Fradique mostrou essa mesma preocupação em sua carta: ele tinha uma expectativa, frustrada após a fictícia viagem ao Brasil, de que a liberdade que os brasileiros conseguiram com a independência de Portugal, não fosse apenas política, mas uma oportunidade para o afloramento de uma tradição muito particular de seu povo. Comparemos os dois excertos seguintes:

Tudo em redor dele, desde o céu que o cobre à índole que o governava, tudo patentemente indicava ao Brasileiro que ele devia ser um povo rural. Não se assuste, meu civiliadíssimo amigo. Eu não quero significar que o Brasil devesse continuar o patriarcalismo de Abraão e do Livro do Gênesis, reproduzir Canaã em Minas Gerais e pastorear gado em torno das tendas, vestido de peles, em controvérsia constante com Jeová. Menos ainda que se adoptasse o modelo arcádico, e que todos os cidadãos fossem Títiros e Marfílias, recostados sob a copa da faia, tangendo a frauta das Éclogas... Não; o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro imoral, e do seu D. João VI se instalasse nos seus vastos campos, e aí quietamente deixasse que, dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração dela, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéias, sentimentos, costumes, uma literatura, uma arte, uma ética, uma filosofia, toda uma civilização harmónica e própria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, as modas, aos hábitos importados da Europa. O que eu queria (e o que constituiria uma força útil no Universo), era um Brasil natural, espontâneo, genuíno, um Brasil nacional, brasileiro e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços da Europa, levados pelo paquete e arrumados à pressa, como panos de feira, entre uma natureza incongénere, que lhe faz ressaltar mais o bolor e as nódoas. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1105-1106)

Procurando reabilitar valores e tradições do Nordeste repito que não julgamos estas terras, em grande parte áridas e heroicamente pobres, devastadas pelo cangaço, pela malária e até pela fome, as Terras Santas ou a Cocagne do Brasil. Procuramos defender esses valores e essas tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal o furor neófilo de dirigentes que, entre nós, passam por adiantados e “progressistas” pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira. A novidade estrangeira de modo geral. De modo particular, nos Estados ou nas Províncias, o que o Rio ou São Paulo consagram como “elegante” e como “moderno”: inclusive esse carnavalesco Papai Noel que, esmagando com suas botas de andar em trenó e pisar em neve, as velhas lapinhas brasileiras, verdes, cheirosas, de tempo de verão, está dando uma nota de ridículo aos nossos natais de família, também enfeitados agora com arvorezinhas estrangeiras mandadas vir da Europa ou dos Estados Unidos pelos burgueses mais cheios de requififes e de dinheiro. (FREYRE, 1967, p.33-34)

Observamos a similitude dos trechos supracitados, inclusive na conscientização do escritor brasileiro e da personagem eciana, que sabiam que nem o Brasil, para Fradique, nem o nordeste, para Freyre, iriam se transformar em terra idílicas como Canaã, para o primeiro, ou Cocagne, para o segundo. Ambos tinham consciência de que não poderiam deter o progresso, mas na leitura integral dos dois textos, o manifesto e a carta, percebemos o desejo latente de um Brasil que deveria sim ser moderno, mas a partir da valorização de seus costumes mais genuínos. Paradoxalmente, essa modernização da cultura regional, na visão da personagem e de Freyre, deveria brotar espontaneamente no seio das tradições brasileiras, com o resgate de seus valores, com características próprias e não apenas como cópias de modelos estrangeiros, que substituiriam a autenticidade dos hábitos e da natureza genuinamente nacionais. Ou ainda, como insiste Freyre em alguns textos, o progresso e a cultura tradicional do Brasil poderiam coexistir, sem que o primeiro destruísse a segunda.

E encerra Freyre o seu *Manifesto Regionalista*, com a mesma argumentação tradicionalista com que o permeou, argumentação que lembra o Brasil que Fradique supostamente viu, “feito com velhos pedaços da Europa”:

Hoje precisamos de Joões Ramos, continuadores de Joaquins Nabucos e cujas vozes se ergam não só a favor dos homens ainda cativos de homens ou dos animais ainda maltratados e explorados pelos donos ou das matas roubadas de seus bichos mais preciosos por caçadores a serviço de comerciantes gulosos de dinheiro fácil, mas a favor das árvores, das plantas, dos frutos da região, dos seus doces e dos seus quitutes, que tanto quanto as artes populares e os estilos tradicionais de casa e de móvel, vêm sendo desprezados, abandonados e substituídos pelas conservas estrangeiras, por drogas suíças, remédios europeus e pelas novidades norte-americanas. Donde a necessidade deste Congresso de Regionalismo definir-se a favor de valores assim negligenciados e não apenas em prol das igrejas maltratadas e dos jacarandás e vinháticos, das pratas e ouros de família e de igreja vendidos aos estrangeiros, por brasileiros em quem a consciência regional e o sentido tradicional do Brasil vem desaparecendo sob uma onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo. É todo o conjunto da cultura regional que precisa ser defendido e desenvolvido. (FREYRE, 1967, p.73)

Tradicionalismo gilbertiano

Após a análise a que nos propusemos, apontando a intertextualidade entre Gilberto Freyre e Eça/Fradique, transcreveremos a opinião do sociólogo brasileiro e da personagem queirosiana sobre o possível paradoxo dessa posição tradicionalista e ao mesmo tempo modernista, que aparecem em alguns dos textos analisados. Apresentaremos também a análise de alguns discursos gilbertianos que nos levaram a acreditar na possibilidade de sua gradual desvinculação desse recorte da caracterização de Fradique/Eça.

No prefácio do autor à 4ª edição do *Manifesto Regionalista*, publicado em 1967, Freyre atribuiu o nome de “Regionalistas-Tradicionalistas-Modernistas” aos intelectuais e jovens artistas nordestinos que procuravam uma renovação cultural, na segunda década do século XX, registrando que: “Foram os ‘Regionalistas-Tradicionalistas’ do Recife, a seu modo também modernos e até modernistas”. (FREYRE, 1967, p.15-16)

Na obra *Região e tradição*, coletânea de textos diversos publicada em 1941, também em seu prefácio, Gilberto Freyre considerou as posições defendidas na sua juventude como incoerências próprias de quem, num momento de romantismo, gostaria de aliar “a aventura intelectual, para a experimentação artística, para a inovação literária” com “os encantos da rotina, da tradição e da continuação – nos limites do possível – das coisas familiares, quotidianas e de província” (FREYRE, 1941, p.23).

Do autor, já houve quem perguntasse como é que sendo tão entusiasta de coisas de arte, estrangeiras e moderníssimas, mostrava ou, pelo menos, affectava interesse pelos bonecos de barro das feiras e pelos bolos de tabuleiro das ruas do Recife. Evidente contradição. E como essa haverá nelle varias outras contradições de romantico. (FREYRE, 1941, p.38)

Nesse mesmo texto, ele apontou o equívoco de seus críticos que ora o chamavam de passadista – pelo seu culto à tradição –, ora o consideravam um “estreante perigoso iconoclasta, ‘modernista’, ‘futurista’ e ‘blagueur’ ” – devido à sua pretensão de inovar a linguagem literária brasileira. Freyre privilegiou exatamente esse último aspecto no prefácio de *Região e tradição*: sua confraria intelectual teria trazido à literatura da época uma forma artística muito particular, congregando um certo romantismo ao fazer a representação da cultura popular, um pouco do realismo ao retratar fielmente as tradições dessa cultura e um modernismo expresso na inovadora maneira de representá-la, diferente dos cânones da época.

Quanto a Fradique Mendes, criado ironicamente por Eça, e sua opinião sobre tradicionalismo-modernismo, lembremos inicialmente o fato de ele ser uma das mais questionadas personagens desse autor, característica já comentada no início desse tópico. À parte essas discussões e diferentes opiniões dos estudiosos de obra *A correspondência de Fradique Mendes* sobre as intenções expressas em suas idéias – seriam todas ironias de seu autor ou representariam um alter-ego de Eça? – não podemos ignorar a visão paradoxal da personagem sobre o progresso. Se por um lado, ela condenava a paulatina substituição dos valores tradicionais portugueses por uma cultura estrangeira considerada moderna por uma parcela da população lusitana, por outro, em muitos trechos, Fradique criticava o atraso de sua terra e deixava clara sua preferência por manter-se distante dela, quer seja morando em Paris, quer seja em suas inúmeras viagens pelo mundo, como escreveu em *Carta a Mme. de Jouarre* (Cf. QUEIROZ, v.2, p.1071-1075). Também, em nenhum momento, Fradique apresentou propostas razoáveis ao ser questionado sobre essas atitudes contraditórias, como em uma fictícia conversa com Ramalho Ortigão. Eis a conclusão de tal conversa a que chegou o pseudobiógrafo da personagem, Eça de Queirós:

[...] nesta saudade de Fradique pelo Portugal antigo, havia amor do “pitoresco”, estranho num homem tão subjetivo e intelectual: mas, sobretudo, havia o ódio a esta universal modernização que reduz todos os costumes, crenças, idéias, gostos, modos, os mais ingênitos e mais originalmente próprios, a um tipo uniforme[...] (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1024)

O sentimento paradoxal tradicionalista/modernista de Fradique não se restringia a Portugal, como observamos no trecho supracitado. Essa visão pode ser ratificada na leitura da carta enviada ao engenheiro Mr. Bertrand B. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1076-1080), que estava construindo uma estrada de ferro entre Jafa e Jerusalém, em uma das passagens do livro que mais evidenciam esse paradoxo. Argumentando de maneira falaciosa, avaliou a construção da estrada de ferro como uma obra de profanação, um crime cultural por levar o progresso a essa região, o que ele caracterizou como “um retrocesso da civilização”. Na Palestina, segundo Fradique, tudo deveria permanecer como nos “tempos de Abraão”, para o prazer de intelectuais e turistas como ele. A personagem concluiu que ninguém mais do que ele, Fradique, apreciava e aproveitava o progresso nos lugares certos e que “Os homens, mesmo os que melhor servem o ideal, nunca resistem às tentações sensualistas do progresso”. E despediu-se, chamando o engenheiro de “monstro” devido à sua obra profanadora da região. (QUEIROZ, 1958, v.2, p.1079)

Dado o que foi exposto, acreditamos que, em Freyre, os ideais tradicionalistas e modernistas se complementavam; daí apenas um suposto paradoxo de suas convicções, que poderiam apresentar algumas controvérsias próprias de um jovem entusiasmado e ainda com seu universo intelectual em formação. Diferentemente, encontramos em Fradique uma personagem muito irônica e paradoxal, quando, no texto de Eça de Queirós, esse tema é discutido: queria para si um mundo de fantasia, onde o progresso pudesse lhe conferir muitas comodidades; quanto às regiões que ele considerava sagradas, como Portugal e Palestina, se dependesse de sua vontade, elas deveriam se transformar em verdadeiros museus, para o deleite de historiadores, artistas, cientistas e diletantes como ele, enquanto sua população permaneceria feliz, desde que continuasse na ignorância das benesses que pudessem ser obtidas pelo desenvolvimento.

Entretanto, percebemos que, possivelmente a partir de 1926, a identificação apontada por Freyre em seus textos com a figura e com as idéias tradicionalistas de Eça/Fradique começou a incomodar o escritor pernambucano. Por causa de sua insistência nessa similaridade, o jovem ensaísta vinha recebendo severas críticas daqueles que o consideravam um passadista, contrário às benesses da modernidade, associando o sociólogo à personagem de forma negativa.

Já analisamos algumas dessas críticas de que se queixava o cronista em alguns textos de *Tempo de aprendiz*. Entre elas, “O Recife e as árvores”, discurso de setembro de 1924, onde registrou que “O Recife que por tanto tempo se deixou abandonar, hoje abandona aos que o querem e são seus. E bem lhe poderíamos perguntar, a este Recife de casas e árvores carnavalescamente exóticas: ‘Cidade da nossa infância, por que nos abandonas?’ ” (FREYRE, 1979B, v.2, p.390). Também constatamos no artigo “O livro do Sr. Amaury de Medeiros”, publicado em novembro de 1926, as seguintes palavras que já mostravam uma sobreposição prejudicial de sua imagem com a da personagem queirosiana: “Eu acabara de chegar dos Estados Unidos e da Europa que nem um Fradique. Jacobino. Tradicionalista e ‘futurista’ ao mesmo tempo” (FREYRE, 1979B, vol. 2, p.348-349). Num discurso com caráter de *mea culpa*, o autor vai afirmar que essa postura em seu retorno ao Brasil teria sido muito radical.

Para melhor entendimento da hipótese apresentada nos parágrafos anteriores, deixamos para esse momento de nossa argumentação a análise de um excerto do *Manifesto regionalista*, no qual Freyre novamente lamentou a incompreensão de seus críticos, numa

passagem em que explicita claramente o seu descontentamento com o vínculo depreciativo que se tinha estabelecido entre a sua figura e a de Fradique:

É outro ponto em que venho insistindo nos meus artigos desde que aqui cheguei; e, como no caso dos mucambos[sic], tal atitude me tem valido não só o soberano desprezo dos engenheiros mais simplistas – místicos do cimento armado e mistagogos das avenidas largas, gente que há anos dominou esta como outras cidades do Brasil e, ao contrário dos engenheiros mais esclarecidos, só sabem derrubar igrejas, sobrados de azulejos, arcos como o da Conceição, palmeiras antigas, gameleiras velhas, jardins ou hortos coloniais, contanto que os velhos burgos de fundação portuguesa se assemelhem às mais modernas cidades norte-americanas ou francesas – como a pecha de “blagueur”. **Ou de literato metido a superior que, farto de viagens pela América do Norte e pela Europa, desejasse, como um novo e barato Fradique de subúrbio, divertir-se á custa da ingenuidade da gente mais simples de sua Província: daí louvar-lhe os atrasos em vez de glorificar-lhe os progressos.** Querer museus com panelas de barro, facas de ponta, cachimbos de matutos, sandálias de sertanejos, miniaturas de almanjarras, figuras de cerâmica, bonecas de pano, carros-de-boi e não apenas com relíquias de heróis de guerras e mártires de revoluções gloriosas. (FREYRE, 1967, p.42) (grifo nosso)

Nesse excerto, percebemos a comparação depreciativa entre Freyre e Fradique decorrente da caracterização insultuosa da personagem queirosiana pelo escritor brasileiro, já que ele, Freyre, seria superior Fradique em suas pretensões tradicionalistas. Constatamos pelas declarações anteriores do sociólogo, que ele considerava seu apego à cultura popular como uma forma diferenciada de se relacionar com os modernismos da época, não se manifestando contrário aos progressos necessários, desde que se respeitassem os valores dessa cultura. A grande diferença entre os dois não estaria em seu ideário quanto ao tema do tradicionalismo, mas em suas atitudes em relação a ele: Fradique, sempre um turista em Portugal, declarava a sua aversão em morar em um país culturalmente atrasado como o seu, mesmo que, contraditoriamente, fosse um grande amante de suas tradições, ao passo que Freyre, desde sua chegada ao Brasil, sempre deixou patente sua vontade de aqui permanecer, assumindo-se regionalista e tradicionalista e fazendo da preservação da cultura brasileira um dos grandes objetivos de sua vida intelectual. Conseqüentemente, o descrédito de seus críticos sobre suas opiniões e intenções teria incitado em Freyre a ironia expressa no texto, pois o escritor recifense não estaria se divertindo “à custa da ingenuidade da gente mais simples de sua Província”, quando pregava a luta pela preservação dos costumes autenticamente nacionais.

Entretanto, possivelmente devido aos textos e discursos anteriores de Freyre, em que o sociólogo visava à sua inserção num campo intelectual que revelara uma admiração

incontestemente pela personagem queirosiana, seus detratores abalizavam-no através de uma leitura crítica da personagem: um dândi estrangeirado, que retornou a seu país saudoso de suas tradições e exibindo uma cultura superior a de seus pares, numa atitude de pedantismo. Para ratificar nossa afirmação, citamos como exemplo de manifestação que pode ter abalado o escritor pernambucano: a publicação de um artigo chamado “Um putici de Fradique”²⁹ de Benedito Monteiro, em 1925, pela *Revista do Norte*, que criticou a rapaziada da época que tinha mania de se “enfradiquear”³⁰. (Azevedo, 1983, v.2, p.29)

O estudo mais detalhado da presença de Fradique nos textos de Freyre revela-nos a complexa relação que se desenvolveu entre o jovem intelectual e a personagem. Se por um lado, houve momentos de encantamento com a criação queirosiana, alguns dos quais já registramos, em outros, seu discurso apontou críticas a Fradique, que ele considerava um alter-ego de Eça de Queirós, como vimos.

Destacamos um trecho da correspondência enviada a Oliveira Lima em agosto de 1921, para ilustrar um desses momentos de confesso entusiasmo inicial. Descrevendo a leitura como sua atividade preferida durante um curto período de férias em Lake George, Freyre relatou: “Trouxe o meu Fradique, o meu Oscar Wilde e um livro de Naidu – que são meus favoritos” (FREYRE, 1978b, p.187). Porém, no livro memorialístico *Tempo morto e outros tempos*, o sociólogo registrou em 1924:

Também já não tolero reler os livros mais brilhantes do Eça: *Correspondência de Fradique*, *A cidade e as serras*, a *Ilustre casa*. Mas *Os Maias*, sim. Este é livro denso. Machado não tem romance nenhum que iguale a *Os Maias*. A arte de Machado onde se revela melhor creio que é nos contos. Em alguns contos. (FREYRE, 1979b, p.146)

Verificamos que, nos textos escritos antes de 1926, a apropriação da imagem tradicionalista de Eça/Fradique por Freyre eram positivas, visando à legitimação das suas idéias sociológicas por semelhança. Tais citações queirosianas, analisadas anteriormente, apareceram nos seguintes textos: em cinco artigos de *Tempo de aprendiz* – de número 47, da série “Da outra América”, de 1922; de números 11, 13 e 21, de 1923; “Einstein regionalista”

---

²⁹ A palavra “putici” significa “grande quantidade”, segundo registro do dicionário de Cândido de Figueiredo como termo brasileiro empregado na região nordeste do país. (FIGUEIREDO, 1949, p.796)

³⁰ Outros textos críticos a Gilberto Freyre estão registrados no próximo capítulo, em item dedicado a esse estudo.

e 1925 – e no discurso “Dom Pedro II imperador cinzento de uma terra de sol tropical”, também de 1925.

Contudo, observamos que esse repúdio se manifestará direta ou indiretamente, nos textos escritos a partir de 1926, quando Freyre começou a se afastar da imagem de Fradique, quer seja negando esse vínculo, quer seja se referindo ironicamente de forma pejorativa a seu nome³¹. Também constatamos que, gradativamente as menções a essa personagem vão rareando em seus textos. A esse respeito achamos interessante registrar que em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea publicada em 1964, em que se reproduziram alguns artigos de *Tempo de aprendiz*, Freyre retirou do texto “Autores sem título”, coincidentemente o primeiro da coletânea, os dois parágrafos iniciais em que ele citou Fradique, no mesmo artigo que anteriormente tinha sido publicado no *Diário de Pernambuco*, em 1924, com número 76 e que, por interessar ao campo artístico, será estudado no próximo capítulo.

Deixamos para a conclusão desse tópico, um importante texto de Freyre sobre Eça de Queirós. Importante porque o escritor pernambucano, aos 45 anos, com obras de caráter sociológico consagradas dentro e fora do Brasil, criticou o posicionamento do autor português diante da imperativa necessidade de valorização do tradicionalismo lusitano frente ao progressivo cosmopolitismo que estaria acontecendo em Portugal no século XIX, numa postura muito diferente daquela identificação de seus textos de juventude. Importante também porque nele Freyre deixou evidente que sempre associou Fradique a um porta-voz das idéias de seu criador.

O título do texto, “Lusitanidade e universalidade em Eça de Queiroz” (PEREIRA e REIS, 1945, p.23-30), já nos sugere seu recorte temático, privilegiando o assunto que era um dos pilares da obra do sociólogo brasileiro desde os artigos de *Tempo de aprendiz*. O referido texto foi escrito para a abertura do *Livro do centenário de Eça de Queiroz*, a convite de Lúcia Miguel Pereira, famosa estudiosa da literatura de Eça de Queirós e conhecedora do grande encantamento que Freyre sentia pelo universo literário do autor lusitano. Essa obra fez parte das muitas homenagens que o escritor recebeu durante as comemorações do aniversário de seu nascimento (PEREIRA e REIS, 1945).

O sociólogo pernambucano avaliou, como um aspecto lisonjeiro ao autor português, ter sido Eça um dos primeiros intelectuais que se destacaram na percepção e no registro da descaracterização contínua por que estava passando Portugal desde o final do século XVIII. Por isso, no primeiro parágrafo de seu texto, Freyre fez uma leitura do romance *Os Maias*, como uma obra muito significativa porque já apontaria para aquela que seria, segundo a análise de Freyre, uma temática constante em Eça de Queirós a partir desse romance: a crítica ao cosmopolitismo que estava suprimindo os mais tradicionais hábitos lusitanos. O Ramalhete dos Maias traduziria uma residência “castiçamente portuguesa”, mas seus moradores viveriam com os olhos voltados para o mar, prestigiando costumes das mais variadas nacionalidades, em detrimento das tradições locais. Ainda na análise gilbertiana, a personalidade do autor, Eça de Queirós, poderia ser percebida na leitura da obra, diluída no contraditório grupo de freqüentadores do solar português.

Em seu texto, Freyre afirmou que “[...] o Eça da última fase – o da reconciliação amorosa com Portugal”, fez do “portuguesismo uma filosofia política de seu outono de vida”; por isso, obras como *A cidade e as serras*, *A correspondência de Fradique Mendes* e *a Ilustre casa de Ramires*, e também textos não-ficcionais dessa fase, constituiriam uma crítica negativa aos lusitanos daquela época, que deveriam abandonar o gosto pela aventura fora de seu país e resistir à invasão do exotismo estrangeiro.

Ainda na avaliação gilbertiana, a personagem Fradique Mendes expressaria “o drama do próprio autor”: o sentimento antagônico de um homem dividido em cosmopolita e provinciano ao mesmo tempo. Observemos, no excerto abaixo, a opinião do sociólogo brasileiro a respeito de Eça/Fradique: o segundo seria a voz do primeiro, ou seja, a certeza de Freyre de que a personagem seria um alter-ego do escritor.

As férias do universo e da inquietação das cidades não duravam, porém, senão dias, semanas, meses, nunca a vida inteira, na existência daqueles personagens sofisticados do Eça, nos quais mais se sente o drama do próprio autor: o antagonismo que houve sempre dentro dele entre o homem da província e o homem do mundo; entre o português e os outros europeus; entre o primitivo e o civilizado. Numa casa rústica, e muito portuguesa, do Minho, é o próprio Fradique que sente o mundo recuar “para muito longe”, para além dos pinhais e das colinas, como “uma miséria esquecida”; é o próprio Fradique que se sente “na felicidade de um convento sem regras e sem abade, feito só da religiosidade natural que nos envolve, tão própria à oração que não tem palavra e que é por isso a mais bem compreendida por Deus”. (PEREIRA e REIS, 1945, p.26-27)

Podemos observar que essa análise de Freyre estava intrinsecamente relacionada com suas convicções de juventude sobre a conservação da tradição brasileira e sua concepção da terra natal como um lugar ideal para se viver, convicções expressas desde a época de *Tempo de Aprendiz*.

Até esse momento, a análise que fazemos desse texto de Freyre indica-nos que ele se identificava com a uma visão tradicionalista comum Fradique/Eça. Entretanto, percebemos que, na continuidade de sua explanação, o sociólogo foi distanciando criticamente a sua posição daquela que atribuiu ao escritor português em relação a esse tema.

Freyre concluiu o texto censurando Eça de Queirós, com a alegação de que seu envolvimento com os provincianos, representantes da cultura mais tradicional portuguesa, foi apenas intelectual e distanciado. O autor brasileiro comparou-o, depreciativamente, aos escritores espanhóis Angel Ganivet e Miguel de Unamuno, contemporâneos a Eça, e escreveu que teria sido necessária uma vivência real com as camadas mais simples da sociedade, como o fizeram os autores citados, para que sua literatura não ficasse marcada por um quê de aristocracia ou de “grande burguês”. Segundo o sociólogo brasileiro, esses intelectuais, cuja obra admirava e sobre a qual também fez constantes referências em seus textos, tentavam conciliar o “casticismo” e a universalidade, sem que a segunda resultasse na destruição da primeira.

Sabemos que Gilberto Freyre (Cf. FREYRE, 1975d), desde que voltou de sua viagem de estudos na juventude, procurou, em suas pesquisas sociológicas e antropológicas, e devido também à sua curiosidade pessoal, aproximar-se das classes mais humildes. Esse é outro denominador comum entre ele e os intelectuais espanhóis que fez o escritor brasileiro censurar o estimado autor português. Para quem pretendia restaurar as tradições populares, o contato com aqueles que, genuinamente, poderiam estabelecer elos entre o cientista ou literato social e as raízes culturais do país era imprescindível para legitimar seu interesse pelo tema.

Outro motivo da crítica gilbertiana é quanto à postura de Eça de Queirós em relação ao cosmopolitismo em que imergia a elite portuguesa. Embora fosse ferino nos ataques a seus conterrâneos entusiasmados com os estrangeirismos, o escritor português, como sua personagem Fradique Mendes, optou por permanecer longe de seu país, da juventude até sua morte. Além disso, na visão de Freyre, Eça, que quando jovem teria exaltado e assimilado diversos estrangeirismos como sinal de modernidade, em seu amadurecimento intelectual

incitaria a negação ou a destruição de todos os símbolos da cultura de outros países que estariam estragando Portugal; entretanto, a posição do sociólogo brasileiro nesse aspecto era outra, como já vimos: deveria haver uma conciliação entre a cultura local e a estrangeira, que, paulatinamente, seria assimilada aos costumes locais. Observe-se a ratificação do que expusemos no seguinte trecho:

Eça foi da geração mais alcançada na mocidade pelo furor cosmopolita [...]. Foi dos que se desgarraram na imitação passiva de gostos, modos e estilos franceses. Mas a certa altura reagiu contra o cosmopolitismo em que se vinha requintando desde novo e descobriu no Portugal castiço encantos pelos quais morreria apaixonado de longe: de sua casa de Paris. Nessa sua paixão de velho deixou-se ir a exageros de reacção ao Parlamentarismo, ao Constitucionalismo, ao Francesismo, à própria Crítica, à própria Democracia dos seus grandes entusiasmos de moço mais ou menos simbolista no seu amor a maiúsculas como que mágicas. Tivesse vivido alguns anos mais e provavelmente teria chegado a uma situação de equilíbrio ou de síntese em que se concilhassem as duas tendências: o nativismo e o universalismo; o casticismo e o internacionalismo; a lusitanidade e a universalidade. (PEREIRA, REIS, 1945, p.27)

Essa mesma rejeição a um arrependimento tardio de Eça de Queirós e a aceção de que Fradique representava sua voz em seus textos, apareceria como análise crítica novamente em 1953, na obra *Aventura e rotina*:

Fradique ou Eça foi português imperfeitamente cosmopolita pelo excesso de europeísmo ou de francesismo que lhe desequilibrava a personalidade tanto de português como de cosmopolita: quando quis retificar-se, no fim da vida, era tarde. (FREYRE, 2001, p. 125)

Um dos meus jantares de despedida é na casa do Paço d'Arcos. Joaquim Paço d'Arcos: um romancista também ao mesmo tempo português e cosmopolita, dentro da boa tradição de Eça em contraste com o casticismo intransigente de Camilo. São romances, os seus, psicologicamente interessantes para quem situa, como venho procurando situar, o comportamento tipicamente português entre os extremos de aventura e rotina. Entre estes extremos movem-se quase sempre os personagens do Paço d'Arcos como se moviam os de Eça. O telurismo absoluto me parece tão antiportuguês como o velho cosmopolitismo absoluto. (FREYRE, 2001, p. 466)

A aversão a uma pátria despersonalizada, porque cópia de padrões europeus, pode ser percebida em toda a obra de Eça de Queirós, ficcional ou não. A necessidade de despertar em seus conterrâneos o sentimento de uma pátria que valorizasse seus elementos mais genuínos foi tema de vários textos. Nossa pesquisa sobre essas manifestações privilegiou sua produção epistolar. Entre outros comentários que mostram um distanciamento entre o escritor português e algumas opiniões de suas personagens, lemos que, quanto ao “francesismo” de que lhe

acusavam e de que mais tarde também seria crítico, defendeu-se diversas vezes, considerando-se um escritor fruto de uma alta burguesia portuguesa “que é francesa”: “Nem podia ser de outro modo: já no pátio da Universidade, já no largo do Rossio, eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros franceses, idéias francesas, modos de dizer franceses, sentimentos franceses e ideais franceses” ³² (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.526).

Como outro exemplo com que podemos ilustrar sua rejeição aos valores estrangeiros em Portugal, lemos que em setembro de 1884, o escritor encontrava-se em Portugal e foi acometido de um mal-estar gástrico repentino. Em carta enviada ao Conde de Ficalho, Eça atribuiu sua doença à mania que se instalara entre os portugueses de abandonarem suas tradições, numa tentativa de se “afrancesarem”. E com seu peculiar estilo, a que não faltavam humor e ironia, escreveu:

Desde sua partida, tenho estado doente – doente com todas as regras e acessórios: receita de botica, médico, dieta, etc. Tem sido um incômodo gástrico – e imagine V. meu furor de patriota, ao descobrir que ele fora originado por essa cozinha do Hotel, pessimamente e pretensiosamente feita *à francesa*! Sempre a França, sempre ela! Sempre os nossos males públicos e privados, resultando da chocha imitação, da reles tradução, que nós fazemos da França, em tudo, desde as idéias até aos *potages*!

E é culpa sua! Está claro que é sua, e dos seus amigos os liberais, e do Sr. D. Pedro IV, e dos homens de 20 e do execrando Fernandes Thomaz! Essa gente não compreendeu que esse país, para ter prosperidade e saúde, não se devia afastar nunca da verdadeira tradição nacional, da legítima, da antiga, com um rei absoluto e paternal, frades, merendas nos adros, capote de cabeça, e o belo assado no espeto, e o delicioso arroz no forno...

Mas qual! Quiseram ser humanitários, leram os Enciclopedistas, papaguearam os Direitos do Homem, fizeram-se liberais, filósofos, polidos, literários, *franceses*, e substituíram a nobre vaca cozida dos avós, pelo abominável *boeuf à la mode* do jacobinismo ³³. (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.533)

Constatamos que Freyre entendia que o tradicionalismo presente nos textos de Fradique/Eça e de outras obras do escritor português era artificial, característica que ele não teria percebido em toda a sua extensão em seus sonhos de juventude. Vale observar que a crítica que o sociólogo faz a Eça de Queirós tem base biográfica e não textual, na medida em que evoca a não atuação do escritor nas classes populares como argumento para a desqualificação de seu tradicionalismo. Textualmente, sabemos que Eça de Queirós é bem mais complexo, como procuram demonstrar Franklin de Sousa em *O segredo de Eça*:

---

³² Carta escrita a Oliveira Martins em 10 de maio de 1884.

³³ No texto “Região, tradição e cozinha”, Freyre se apropriou dessa frase do escritor português: “Eça de Queiroz, numa de suas cartas ultimamente publicadas, fala com horror dos patriotas liberais que em Portugal substituíram ‘a nobre vaca cozida dos avós pelo abominável *boeuf à la mode*’ ”. (FREYRE, 1941, p.213)

ideologia e ambigüidade em A cidade e as serras (SOUSA, 1996), ou João Roberto Maia da Cruz em “A visita ao velho sótão dos avós: uma revitalização do presente pelo exemplo do passado” (CRUZ, 2000, p.131-157), entre muitos outros críticos contemporâneos da obra queirosiana.

No decorrer da análise desse capítulo, através de uma avaliação mais detalhada do ideário tradicionalista-modernista, real em Freyre, e artificial em Fradique, percebemos que a semelhança de tal ideário, citada ou apenas aludida pelo sociólogo brasileiro, estava condicionada à visão particular que o escritor tinha de Eça/Fradique: embora fosse muito irônico ao escrever seus textos, Freyre nem sempre observava esse traço estilístico na composição da personagem, empregando muitas vezes suas citações no sentido literal, a favor de suas concepções sociológicas. À medida que a imagem Fradique/Freyre começou a ser apontada negativamente por seus detratores, Freyre passou a questionar tal simbiose a partir da crítica ao artificialismo de Fradique e acabou por transformar sua relação com a obra do escritor português, voltando-se para a questão estilística, como veremos no próximo capítulo.

3. CAPITAL ARTÍSTICO

3.1 Tempo de aprendiz e a literatura

O que principalmente sou? Creio que escritor. Escritor literário. O sociólogo, o antropólogo, o historiador, o cientista social, o possível pensador são em mim ancilares do escritor. Se bom ou mau escritor é outro assunto³⁴.

Gilberto Freyre

A epígrafe aqui escolhida revela a angústia que permeou toda a obra de Gilberto Freyre, preocupado com o caráter literário que muitos críticos negaram a seus textos, desde seus primeiros artigos de adolescência. Em muitos outros posteriores aos de *Tempo de Aprendiz*, a questão sobre a sua imagem como escritor foi o assunto central, como podemos perceber no capítulo intitulado “Como e porque sou escritor sem deixar de ser um tanto sociólogo”, da obra *Como e porque sou e não sou sociólogo*. A epígrafe e o excerto abaixo, ambos do capítulo citado, denunciam a preocupação seu reconhecimento como literato:

Sou escritor – ou um constante aprendiz de escritor que nas suas tentativas de captar e interpretar aspectos situados da condição humana, em geral, através da do homem tropical, especialmente da do brasileiro, em particular, vem procurando captá-los e interpretá-los por meio de várias perspectivas, por vezes simultâneas. Daí o confuso, o desordenado, o descontínuo que têm encontrado em meus trabalhos certos críticos literários. Talvez, daí, a incompreensão, da parte de uns tantos outros, do que vem sendo, nesses trabalhos, o emprego de perspectivas científicas ao lado das humanísticas, além de repetições e desordens na expressão ou fixação possivelmente literária dessas perspectivas por vezes simultâneas: expressão que daria a esses trabalhos segundo alguns críticos, categoria artística ou qualidade poética e segundo outros os reduziria a um amontoado caótico de imagens, nem validamente científicas, nem literariamente sugestivas.(...) Concordo em que haja, nos meus trabalhos, objetos dessas críticas, além de desordem e repetições, de negação de virtudes: convencionalmente literárias, por um lado, e de convencionalmente científicas, por outro, como virtudes puras ou castiças em suas formas acadêmicas ou ortodoxas. (FREYRE, 1962b, p.178)³⁵

Essa preocupação pode ser encontrada na introdução da antologia *Tempo de aprendiz* (Cf. FREYRE, 1979B, p.27-36). Como registramos anteriormente, ao escrever, aos 79 anos, esse texto, que precederia e explicaria aqueles da juventude, sua maior ênfase foi a de afirmar sua condição de literato renovador das letras no Brasil, na década de 20, preconizando a liberdade

---

³⁴ Cf. “Como e porque sou e não sou sociólogo”. (FREYRE, 1962b, p.165)

³⁵ Ambos os excertos foram desmembrados do texto original e republicados em *Seleção para jovens*. A epígrafe foi inserida no capítulo intitulado “Que é ser escritor” (p.26) e o segundo trecho transcrito, em “Meu modo de ser escritor”. (FREYRE, 1971c, p.15-16)

de estilo que caracterizaria os escritores da “Semana de 22”, em São Paulo. É dessa introdução o seguinte excerto:

A expressão, senão literária, paraliterária, que, aos poucos, se foi acentuando como nova, moderna, e logo chamada por alguns, ora pejorativamente, ora não, “gilbertiana”, nesses artigos, repercutiria entre não poucos jovens brasileiros. Teria imitadores. (FREYRE, 1979B, p.28)

Gilberto Freyre, através dos “artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)” – subtítulo de *Tempo de aprendiz* –, leva-nos a perceber uma tentativa de firmar um novo estilo de escrever. São inúmeros os textos desse período em que o autor faz críticas literárias, sejam elas positivas ou não, ao analisar revistas e livros recém-lançados e artigos de imprensa, brasileiros e estrangeiros. Em alguns casos, Freyre manifestou seu desagrado com escritores que considerava arcaicos, porque não acompanharam a modernização literária explorada por certos autores que ele conhecera em sua formação intelectual no Brasil ou durante sua estada fora do país. Por conseguinte, sua censura recaía, principalmente, sobre aqueles escritores cuja linguagem lhe parecia ultrapassada, ora purista e formal, ora barroca, como em Rui Barbosa, escritor que era muito admirado nos meios acadêmicos brasileiros da época (FREYRE, 1979b, 35-36).

Outras vezes, Freyre manifestou seu apoio àqueles autores que ousavam ou ousaram se expressar em um novo estilo, e, nesses casos, estava fazendo defesa em causa própria, visto que também escreveu artigos nos quais repudiava aqueles que censuravam sua expressão inovadora. Seus textos de imprensa, embora carregassem características próprias, não desprezavam o que teria aprendido com aqueles a quem considerava seus grandes mestres na arte de escrever, citados diversas vezes nos textos que analisaremos.

No artigo “Da correspondência de H. L. Mencken com um amigo brasileiro”, em comentário sobre a carta enviada por esse escritor, crítico e filólogo norte-americano, Freyre relacionou os mestres germinais de seu estilo que, aos poucos, foi adquirindo características próprias, ou usando o mesmo verbo que ele empregou na introdução a *Tempo de aprendiz*, quando escreveu sobre seu estilo diferente dos convencionais, “gilbertinizando-o”. Observamos nesse excerto, que entre esses mestres, encontrava-se Eça de Queirós:

Tampouco compreendia Mencken que fosse para alguns um problema delicadíssimo tanto de estética quanto de psicologia, em que o senso íntimo de música de um escritor se associasse ao plástico, ao visual, ao sensual e simbólico, de forma, a preocupação, que

lhe confessei ser uma das minhas torturas de adolescente aliteratado, no sentido de desenvolvermos, uns tantos escritores novos daquela época, sistemas de pontuação que se tornassem expressões tanto da música quanto da plástica literária. Combinação que eu então buscava para a minha frase, em inglês e principalmente em português. Insinuou que eu talvez estivesse a me preocupar com chinesices. Ou a me deixar influenciar demais pelos Imagistas.

Essa sua advertência, porém, eu a desprezaria para, ao concentrar-me, como aprendiz de escritor, na língua portuguesa, procurar desenvolver na mesma língua um sistema personalíssimo de pontuação. O que me valeu muita crítica da parte dos escritores mais convencionais, tanto portugueses como brasileiros, dentre os que então se aperceberam dos meus pequenos, insignificantes mas, mesmo assim, audazes experimentos. Foram experimentos que realizei contra a advertência de Mencken. Mas animado por Amy Lowell e por Vachel Lindsay. E procurando assimilar à língua portuguesa ritmos que aprendera não só do inglês moderno como do anglo-saxão; formas de pontuação desenvolvidas de sugestões não só de Eça de Queirós como de Gil Vicente, de Fernão Lopes, de Fernão Mendes Pinto e de Frei Luís de Sousa. (FREYRE, 1962d, p.396)

Mencken, que o aconselhara a ficar nos Estados Unidos e a se transformar em escritor em língua inglesa, aparentemente não entendia sua busca por uma forma própria de expressão literária. Embora não seja finalidade desta dissertação discutir ou comentar o caráter estilístico de Freyre, achamos interessante transcrever um trecho mais longo do artigo citado, para vermos, na explicação do autor, como esse jovem escritor buscava uma “plasticidade” da frase que a diferenciasse das tradicionais.

Na sequência de nossa linha de análise, selecionamos, em *Tempo de aprendiz*, alguns textos em que Freyre mostrou-se um admirador confesso do estilo do escritor português, quer seja no emprego da ironia, quer seja na renovação lingüística que caracterizou sua obra. Devemos nos lembrar que, se, no capítulo anterior, analisamos as citações queirosianas como capital simbólico intelectual, neste, nós as analisaremos como capital simbólico artístico junto ao campo erudito.

Num primeiro momento desse capítulo, veremos algumas referências de Freyre ao estilo irônico de Eça de Queirós, que marcaria muitas crônicas do jovem escritor. Essa singularidade de expressão aparece nos artigos “Da outra América” – números 43, 56 e 58 do volume 1 – que foram escritos em 1922 e em “Literatura de desaforo” publicado em 1925.

Nos dois primeiros textos, esse traço marcante da obra do escritor português não vem nomeado, sendo apenas sugerido ao leitor, que deveria reconhecer o propósito implícito de seu autor de relacionar a sátira eciana às suas palavras.

Freyre iniciou o texto de número 43 escrevendo sobre o hábito de se comparar injuriosamente animais ao caráter das pessoas (por exemplo: “víbora”, “burro”) e que isso não

aconteceria em relação à arte, afirmando desconhecer “reações estéticas expressas zoologicamente”. Para essas, Freyre considerava que o ideal para na sua caracterização seria o emprego de termos botânicos. E, dando mostras de sua erudição no campo das letras – essa nos parece a intenção primeira do texto para capitalizar-se junto ao campo artístico e acadêmico brasileiro –, resolveu empregar a botânica a fim de distinguir os estilos literários de alguns escritores. Observamos nos exemplos transcritos que, também empregando a ironia, o autor manifesta sua opinião sobre a expressão literária desses autores:

Não há como um fruto para dar, em síntese, a idéia dum estilo literário. Ou, em alguns casos, uma flor. Há estilos que produzem em nós impressão mista de cor e de perfume: o de Baudelaire, por exemplo. Outros, de cores vivas, ricas: o da minha amiga Miss Amy Lowell. Outros, ainda, o sabor é a impressão dominante: acre, o de Pio Baroja ou o do nosso Laet, o Sr. Carlos de Laet: moderadamente doce o do Sr. Afrânio Peixoto: de um doce temperado de sal o do Sr. Oliveira Lima; melífluo a valer o de Castelar: ou o do Sr. Ruy Barbosa em certas páginas.

Experimentarei dar exemplos de estilos literários sugestivos, na minha mente, de frutos ou de flores. Em alguns casos será preciso qualificar o fruto quanto à maturidade, forma, condição (fresco, seco, cristalizado), origem etc. (FREYRE, 1979b, v.1, p.179)

Após essas considerações, Freyre elaborou uma extensa lista de autores, relacionando o estilo literário de cada um a termos botânicos e deixando ao encargo do leitor a inferência sobre essas comparações.

A Eça de Queirós, o escritor reservou a caracterização de “laranja acre-doce”. Considerando nossas pesquisas sobre as citações queirosianas de Freyre, analisamos essa comparação como uma referência à ironia, marca indelével dos textos do escritor português³⁶, que o jovem articulista tanto admirava. Batalha Reis, no prólogo de *Prosas bárbaras*, escreveu que a finalidade da arte realista foi, para Eça de Queirós, “a reprodução exata da Natureza, da realidade, impessoal, impassível. A intervenção da ironia representa a forma superior, a única forma admissível da opinião do artista a se manifestar, e a correção necessária para qualquer excesso de sentimento” (QUEIROZ, 195-, v.1, p.568).

Similarmente, no artigo de número 56, sem explicar a apropriação da frase de Eça, encontramos mais uma vez apenas uma alusão à ironia queirosiana (FREYRE, 1979b, v. 1, p.215-217). Nessa crônica, seu autor criticou o “Puritanismo” que restringiria a liberdade artística nos Estados Unidos, especialmente no teatro. O tema do artigo surgiu após sua

---

³⁶ Diversos estudos mostram que a ironia é uma figura essencial na obra de Eça de Queirós, bastando lembrar o texto *Eça de Queirós: uma estética da ironia*, de Mário Sacramento.

participação de um encontro da Liga Dramática de New York, representando seu professor de literatura, o Dr. A. J. Armstrong, em que se tratou do progressivo movimento do governo para regular as peças teatrais através dos censores. Os participantes da Liga preocupavam-se com um possível excesso de moralismo no julgamento destes críticos, que Freyre exemplificou dessa forma:

Contra o meio-nu nos teatros insurge-se, aliás, o Puritanismo que, neste sentido, há mesmo congelado, em leis municipais, sua vontade estrita. Em Boston, por exemplo, não foi permitido a Isadora Duncan, quando ali esteve, exhibir-se nas suas formosas danças, de pura arte, por ter a dançarina insistido na nudez de suas pernas e pés. O mal do Puritanismo é não saber discernir. Disto deu triste cópia o ano passado, pelo órgão de um conselho municipal, creio que na Flórida: mandou sisudamente dito conselho que se cingisse de grossa camisa de malha a nudez de uma estátua de Vênus de Milo. Nem ao menos foi um véu – o “véu diáfano” de Eça. (FREYRE, 1979b, v. 1, p.216)³⁷

Considerando muito rigorosas as atitudes dos censores, denominadas por Freyre de Puritanismo, percebemos o estilo irônico que ele empregou ao julgar o exemplo citado e, que, sugestivamente, ao fazer esse comentário apropriou-se da também irônica expressão de Eça de Queirós. Novamente, o jovem cronista pressupôs que seu leitor, privilegiado, já conhecesse o romance do autor português *A Relíquia*, que teve como subtítulo a frase “Sobre a nudez forte da verdade – o manto diáfano da fantasia”³⁸. Essa frase nos remete à seguinte interpretação: o propósito de seu autor era a denúncia da realidade social portuguesa, mesmo que transmitida de forma irônica, sob a aparência de ficção fantasiosa. Tal subtítulo criou um vínculo tão forte com o estilo literário do escritor português que, em Lisboa, no Largo Barão Quintela, há um monumento a Eça de Queirós, em que ele aparece segurando, nos braços abertos, uma bela jovem representando a verdade, semicoberta por um véu, com a frase citada transcrita embaixo.

O estilo irônico queirosiano, consubstanciado nessa escultura, seria comentado por Freyre em dois outros textos de *Tempo de aprendiz* – respectivamente o de número 58 da série “Da outra América” e o intitulado “Literatura de desaforo”. Embora sejam artigos produzidos em épocas distintas – o primeiro de 1922 e o segundo de 1925 –, neles percebemos que o autor explicita o encantamento incontestável que tinha por esse traço característico das obras ecianas, diferentemente dos dois primeiros textos analisados, em que

---

³⁷ Esse texto recebeu o nome de “Coisas de teatro” em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964, p.80-82.

³⁸ Freyre faria novamente a apropriação dessa frase, com o mesmo caráter irônico empregado nesse texto, no artigo “Atualidade da Sociologia”, publicado em 8 de outubro de 1941, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

essa admiração ficou subentendida em suas palavras. Eis a apropriação de Eça de Queirós inserida no texto por Freyre para ilustrar seus comentários sobre a obra do escritor inglês Mr. Bennett:

Mr. Bennett chegou à maturidade de escritor, fiel à sua arte. Nada de romances à tese com o artista psicólogo de *Five Towns*. É um tanto parecido ao nosso Eça – um Eça menos amargo. Há nele a mesma ironia, a mesma irreverência, o mesmo *humour* pungente; tudo, porém, como que dulcificado por uma imensa tolerância. (FREYRE, 1979b, v. 1, p.221)

Observamos que Eça de Queirós deixa de ser apenas um autor de Portugal, para ser chamado de o “nosso Eça”, expressão que se repetirá em outros textos³⁹ numa demonstração da intimidade de Freyre com o criador de Fradique Mendes. Intimidade que se depreende ser também a de seus leitores pela naturalidade com que foi expressa. Por outro lado, esse possessivo pode ser interpretado também como uma forma carinhosa de se referir àquele a quem considerava um dos autores responsáveis pela constituição de sua bagagem intelectual. Apesar dessas considerações iniciais, podemos observar uma censura a Eça de Queirós à medida que Freyre parece privilegiar a ironia mais tolerante do autor inglês. Em *Retalhos de jornais velhos*, esse artigo foi republicado com o título “Em torno de uma comédia de Mr. Bennett”, mas com o acréscimo de outra frase no texto em que Freyre aprofunda essa crítica, à ironia eciana: “[...] tudo, porém, como que dulcificado por uma imensa tolerância **que o livra de ser caricatural: excesso em que resvala com freqüência o autor de *Os Maias***” (FREYRE, 1964a, p.98). Essa ampliação do artigo mostra-nos um autor menos apaixonado pela obra e pelo estilo de Eça de Queirós, permitindo-se criticá-lo no mesmo sentido que o fizera Machado de Assis.⁴⁰

A intenção primeira da crônica foi elogiar a comédia teatral *What the public wants*, de Mr. Arnold Bennett. Estendendo seu apreço por toda obra desse escritor inglês, Freyre discorreu sobre o assunto da peça, o “moderno jornalismo inglês”, que o entusiasmou a fazer comentários negativos sobre esse tipo de imprensa: os proprietários de alguns jornais visariam apenas à comercialização e ao lucro de seu produto, em prejuízo da qualidade, oferecendo ao público aquilo que ele queria ler, como sugere o título da comédia.

---

³⁹ Cf. FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930, p.29.

⁴⁰ Ficou célebre a crítica de Machado de Assis que condena o aspecto caricatural das personagens de Eça de Queirós, publicada em *O Cruzeiro*, em 30 de abril de 1878.

Deplorando os assuntos sensacionalistas veiculados por esses jornais, Freyre atribuiu à democratização da cultura e da alfabetização a responsabilidade pela expansão desse tipo de jornalismo, que ele chamou de “literatura inferior”. O jovem cronista privilegiou a necessidade de se lutar pelo estabelecimento de uma elite cultural que geraria “uma literatura de encanto e força”, confirmando sua adesão a um movimento incipiente de arte e de literatura que se caracterizaria por uma consciência de superioridade intelectual. Ratificando seu apoio a essa “elite intelectual” – na qual se sentia inserido –, ele classificou de “prostituição intelectual” provocado pela “tirania da massa de meio-educados” o que estaria ocorrendo na imprensa dos Estados Unidos e da Inglaterra, mas ainda não no Brasil. Esse artigo causaria muita polêmica e seria retomado por seu autor em outros textos que já analisamos e que colocaram em evidência personagens ecianas que poderiam legitimar as concepções de Freyre a esse respeito.⁴¹

O artigo “Literatura de desaforo” foi publicado em 4 de outubro de 1925, mais de dois anos após o retorno do autor ao Brasil. Embora passados três anos da publicação do texto analisado acima, percebemos que, nesse último artigo, Freyre retomou o tema polêmico – de uma literatura intelectualmente superior contra uma literatura mais vulgar – só que de forma dissimulada, porém não menos cáustica, desafiando mais uma vez seus críticos. Considerando que no Brasil não havia ainda “uma fidalguia de espíritos apurada pelos séculos” – expressão que nos remete ao conceito de elite intelectual –, Freyre sugeriu que estaria proliferando uma literatura rasteira, cuja agressividade ele chamou de “desaforo”. O autor não citou nomes para condenar esse tipo de texto que estaria grassando no jornalismo do Rio de Janeiro daquela época, mas deixou evidente, pelo sarcasmo de seu texto, que ele estaria respondendo a alguma crítica que lhe tinham feito, atacando principalmente os jornalistas cariocas.

À “literatura de desaforo”, ele iria contrapor a ironia e a sátira, associando o emprego desse traço estilístico novamente ao criador de Fradique Mendes, entre outros escritores:

Nós não possuímos, neste pobre idioma que Portugal nos deu, em contraste com a extensão formidável de território, nem a tradição psicológica, nem os recursos verbais – espécie de moeda miúda – da ironia e da sátira.

A nossa tradição é antes a do desaforo; é a da graçola pesada; é a da pilhéria sem malícia; é a tradição do sal grosso, tão caro ao paladar vulgar.

[...]

---

⁴¹ Ver no capítulo 2, em que destacamos o tradicionalismo gilbertiano, a análise dos artigos número “3” e “21” do volume 2.

De Eça e de Ramalho e de Machado de Assis, de Santo Thyrso e de Carlos de Laet – destes escritores, recentíssimos e todos com um sabor estrangeiro, inglês e francês, na sua sátira e na sua ironia – ainda há tradição firmada. O que eles trouxeram de íntimo para a psicologia da língua ainda se não incorporou a ela definitivamente. Vaga por aí, ao alcance de raros. (FREYRE, 1979b, v. 2, p.214) (grifo nosso)

O autor escreveu que a ironia deveria vagar “por aí, ao alcance de raros”, empregando o mesmo estilo satírico que enaltecia. Com essa frase, retomou o lugar junto à elite artística, sugerindo que estaria entre esses raros e remetendo-nos ao que escrevera no artigo anterior de número 58 sobre a mediocridade cultural.

A importância desse artigo para o estudo que estamos fazendo sobre a admiração de Freyre pelo estilo irônico de Eça de Queirós, entre outros, pode ser percebida nos excertos supracitados, em que ele declarou a superioridade literária de quem utilizava esse recurso expressivo, desprezando os autores que empregavam a agressividade em seus textos críticos. Para Freyre, contrariamente à opinião dos que escreviam uma “literatura de desaforo”, o emprego da ironia não demonstrava covardia por parte dos escritores, mas apenas uma forma delicada, menos grosseira e superior de crítica.

A ironia não refoge à verdade: diz a verdade com mais agudeza e mais penetração. O desaforo é o que não possui: poder de penetração mesmo superficial. Pelo seu ruído de casco de cavalo é uma arma que parece pertencer a inferiores na escala zoológica. (FREYRE, 1979b, v. 2, p.215)

Como esse é um estilo usual em Freyre nesses artigos, tem-se aqui sua adesão a essa característica da linguagem literária. Já vimos e ainda veremos muitos textos gilbertianos em que o emprego da ironia fica evidenciado, possivelmente na intenção de dar singularidade a seus textos e colocá-los no patamar de uma desejada “literatura superior”, além, é claro, da crítica inerente ao emprego dessa figura retórica.

Na volta de sua viagem de estudos no exterior, apesar da pouca idade, o escritor, já tinha algum reconhecimento nos meios acadêmicos brasileiros, como o do famoso e polêmico escritor Monteiro Lobato, que teria se interessado pela publicação de artigos de Freyre para a sua *Revista do Brasil*, conforme o escritor mencionou na introdução a *Tempo de aprendiz*. Essa visibilidade advinha principalmente dos textos que remeteu ao *Diário de Pernambuco*, uma vez que aos 23 anos não tinha ainda nenhum livro publicado, o que somente viria a ocorrer dez anos depois, quando escreveu sua mais conhecida obra, *Casa grande & senzala*. Apesar dessa notoriedade precoce, algumas de suas posições radicais, como o antagonismo à

democracia cultural ou as suas concepções tradicionalistas e regionalistas, fizeram surgir adversários a essas opiniões, como o vimos lamentar em textos analisados anteriormente.

Entretanto, não foi apenas a originalidade dos temas de Gilberto Freyre que causaram polêmicas entre seus leitores, mas também seu estilo, considerado arrojado para a época. Além da ironia, o jovem articulista expressou, em alguns textos desse período, seu gosto pelas novidades expressivas das obras de escritores que apreciou em sua primeira fase de formação intelectual no Brasil e pelas novas tendências de autores que conheceu através de seus contatos intelectuais no exterior, com alguns dos quais chegou a relacionar-se pessoalmente. Como exemplo, podemos citar que, aos vinte anos, sua breve convivência nos Estados Unidos com Amy Lowell e com suas propostas literárias revolucionárias em termos de estilo, designado Imagismo, marcaram muito o jovem estudante. Podemos confirmar seu interesse pela escritora na introdução do autor a essa coletânea ou em inúmeros artigos como o que enviou ao *Diário de Pernambuco*, no qual também se posicionou a favor de uma crítica mais aberta às novidades artísticas (Cf. FREYRE, 1979b, p.28 e 79-82).

Possivelmente abalado pela receptividade negativa de seu estilo⁴², o jovem escritor defendeu-se das acusações, apontado a similaridade de sua forma menos acadêmica de expressão com a de outros autores consagrados, que também obtiveram a incompreensão por parte da crítica no início de suas carreiras literárias. Entre os escritores mais antigos, mas não menos ousados em suas inovações estilísticas, destacava-se para Freyre, como já escrevemos, Eça de Queirós.

Nos textos redigidos durante o período em que se encontrava no exterior, não encontramos citações ao autor português que pudessem nos sugerir seu emprego para a legitimação do estilo diferenciado que Gilberto Freyre adotava. Mas, a partir de sua chegada ao Brasil, no início de 1923, já percebemos essa apropriação dos textos queirosianos com tal intenção. Nos artigos dessa coletânea, *Tempo de aprendiz*, encontramos quatro citações ao escritor português, em que se distingue a defesa do jovem escritor por empregar uma linguagem mais popular na literatura, inovação já apresentada pelo autor lusitano tão aplaudido pelos brasileiros. São eles: artigo de número 76, “As duas ênfases”, “A cerca do belo idioma de Camões e o Frei Viterbo” e “O livro belo”.

---

⁴² Comentaremos sobre as críticas aos textos gilbertianos ao término da análise dos textos de *Tempo de aprendiz*.

Em nossa pesquisa, privilegiando a intertextualidade entre Freyre e Eça de Queirós, percebemos que vários artigos de *Tempo de aprendiz* tinham o objetivo de fazer crítica literária: indicavam as novidades desse campo artístico que tanto embeveciam o jovem escritor, as dificuldades de fazê-lo em um país que valorizava muito o purismo lingüístico e a reação da crítica desestimulante a esses renovadores da linguagem artística. Embora sem referências ao escritor português, acreditamos ser importante apresentar dois desses artigos para ratificar a opinião de Freyre a esse respeito. O primeiro, escrito em outubro de 1923, recebeu o número 27 e o segundo, de fevereiro de 1924, de número 45, ambos do período em que o escritor já se encontrava no Brasil:

Haverá povo que tenha mais que o brasileiro a obsessão da Gramática? Duvido. A Ordem Gramatical nos inquieta muito mais que a Ordem Constitucional e mesmo a Pública. O purismo gramatical nos preocupa muito mais que a pureza do leite ou da manteiga. E qualquer dia desses vai aí aparecer novo Messias de fraque, berrando que a salvação da pátria está, não no Rumo aos Campos do Sr. Wenceslau Braz nem no Rumo ao Mar do Almirante Alexandrino nem no Rumo à Caserna do poeta Bilac, mas no Rumo à Gramática. E veremos o país salpicado de Ligas Pró-Gramática e um grande Congresso da Gramática reunido no Rio sob a presidência do Sr. Laudelino Freire e o problema da colocação dos pronomes discutido nas câmaras com o maior ardor deste mundo.

Nós vivemos numa obsessão verdadeiramente patológica da Gramática. O brasileiro, quando não escreve versos, escreve desaforos e, quando não escreve desaforos, escreve gramáticas. Vêm os escritores de gramáticas em terceiro lugar.

[...]

Creio ainda que se deve atribuir à nossa obsessão pela Gramática o ser entre nós a crítica literária mais um horrível ofício de catar piolhos que uma função criadora e plástica da inteligência e do gosto. O crítico no Brasil, como em Portugal, é ainda o que abre um romance ou um livro de sonetos à procura de pronomes mal colocados, de erros no infinito pessoal, de falhas na metrificação. Mero guarda-civil da Ordem Gramatical. Mero mata-mosquito da Higiene Gramatical. E à luz fumarenta da gramática é que **o Sr. Osório Duque Estrada, por exemplo, faz entre nós** seu arremedo de crítica, numa despreocupação soberana pelo sentido íntimo das coisas. Não discuto, antes respeito, os méritos **do Sr. Duque Estrada** no distrito da Gramática. O que lhe nego é sensibilidade, é gosto, é acuidade, é o sentido plástico reunido à capacidade de abstração, **é o "artistic temperament" de que nos fala Wilde, repetindo seu querido Pater. Ora, sem nenhuma dessas coisas, pode-se muito bem ser mestre de Gramática; mestre de crítica, é que não. Está, entretanto, fora dos propósitos deste artigo tão à toa, ocupar-me de crítica literária no Brasil. Onde apenas vejo esboçar-se uma grande vocação de crítico na arte ainda em flor e no gosto ainda a aguçar-se do Sr. Agripino Grieco; e vocações menores nos Srs. Gilberto Amado, Tristão de Athayde, Antônio Torres, Andrade Muricy e mesmo no Sr. Ronald de Carvalho. Afirmação, não vejo nenhuma. Em Portugal, há o Sr. Fidelino de Figueiredo, cuja obra ainda por acabar já assumiu na literatura crítica da nossa língua o relevo duma catedral.**⁴³ (FREYRE, 1979b, v. 1, p.323-325) (grifo nosso)

⁴³ Os trechos em negrito foram excluídos na republicação desse texto que recebeu o título "O brasileiro e a gramática" em *Retalhos de jornais velhos*, coletânea de 1964, p.41-42; entretanto, o artigo não foi alterado em *Artigos de jornal*, coletânea de 1934, onde recebeu o mesmo título.

A nova revista [*Terra de Sol*] parece admitir com o Sr. Andrade Muricy e contra José Veríssimo, a possibilidade de valores mentais desgarrados nos pequenos centros provincianos, fora da quase irresistível viscosidade desse papel-de-pegar-mosca que é o Rio-intelectual.

Certo, são raríssimos esses valores. Porque nos pequenos centros do Brasil a alta vida de idéias importa ou em ascetismo ou em onanismo mental. É preciso muita impermeabilidade para resistir ao ar hostil, aos elementos tóxicos, à erosiva acidez do meio à sua saturação. E é preciso um gênio muito plástico de camaradagem com os inferiores, com os “bárbaros” de que fala Barres, para conseguir o superior que aceitem, com menor hostilidade, a sua superioridade. (FREYRE, 1979b, v. 1, p.372-373)

Percebemos nesses excertos, escritos num período de muita agitação intelectual no Brasil, pós Semana da Arte Moderna de 1922, três aspectos importantes: a aversão de Freyre aos puristas, cuja obsessão pela gramática o escritor pernambucano chamava de patológica; a depreciação gilbertiana extensiva aos críticos que ainda valorizavam essa preocupação formal em detrimento do conteúdo dos textos; e a dificuldade de todo incipiente escritor, imbuído de idéias próprias, de conseguir a aceitação de sua arte inovadora junto aos meios acadêmicos, principalmente em se tratando de autores fora do eixo Rio-São Paulo.

Considerando essa apreciação de Freyre sobre a crítica literária no Brasil, retomaremos aos textos da coletânea de 1979 que contêm referências a Eça e a Fradique Mendes. O artigo de número 76 (1924), “As duas ênfases” (1925), “A cerca do belo idioma de Camões e o Frei Viterbo”(1926) e “O livro belo” (1925) foram escritos posteriormente aos acima transcritos, mas apresentam a mesma temática polêmica sobre as renovações estilísticas defendidas por seu escritor.

No artigo intitulado “As duas ênfases”, Freyre criticou um problema comum à língua portuguesa e ao italiano no uso dos pronomes de tratamento: ou as pessoas eram levadas ao exagero dos superlativos, “Excelentíssimo”, ou praticavam a pobreza da redução empregando, por exemplo, “seu” no lugar de “senhor”. Demonstrando certa decepção porque “as pessoas amáveis” rapidamente o chamavam pelo primeiro nome, Freyre repelia o tratamento de “doutor”, mas gostaria de ser distinguido pelo de “senhor”. Lembrando que, assim como ele, Machado de Assis também apreciava um mínimo de cortesia nos relacionamentos e abominava os exageros em gestos e palavras, justificou assim essas atitudes nos brasileiros:

Essa indisciplina de palavras e até de gestos, há que atribuí-la em parte ao idioma com a sua cortesia de superlativos. Semelhantemente, há que atribuir à ênfase do

idioma, a falta, em nossa literatura, desse giro de frase livre e solto que dá à prosa em inglês e em francês um fino sabor de conversa. Giro de frase equidistante [sic] da ênfase acadêmica e da ênfase plebéia.

Em português, Eça de Queiroz, conseguiu libertar o vocabulário e o ritmo da frase do gongorismo, trazendo para a escrita todo o frescor de certas expressões vivas e fortes da tradição oral; e até “erros” e modismos deliciosos da língua falada. Também umas boas franceses. Mas o senso da elegância salvou-o sempre de resvalar na ênfase plebéia – à qual talvez fosse preferível a (sic) dos pedagogos e oradores parlamentares se ambas não fossem detestáveis. (FREYRE, 1979B, v.2, p.191) (grifo nosso)

Ao arrematar o texto comentando o estilo do escritor português, Freyre lembrou que à linguagem plebéia ele ainda preferiria a acadêmica, embora se opusesse a ambas. Numa leitura desatenta, poderíamos considerar uma incoerência do autor tal afirmação, visto que ele combatia qualquer formalismo acadêmico na arte literária; entretanto, com essa opinião, ele reafirmou sua convicção sobre a necessidade de um equilíbrio entre a linguagem formal e a popular, equilíbrio que Eça de Queirós teria atingido. Freyre associou o uso da tradição oral empregada na escrita a situações que ele considerava falta de cortesia de alguns falantes da língua portuguesa. Ou seja, no trato pessoal, Freyre via a necessidade de um pouco de cerimônia, importante “ao bem conviver, mesmo entre os íntimos”, assim como seria necessário o “senso da elegância” de Eça para que o estilo que ele defendia na literatura, mais próximo do popular e menos ortodoxo, não desabasse para a vulgaridade.

Gilberto Freyre, assumido leitor voraz das obras queirosianas, ficcionais ou não, conhecia uma das marcas de distinção do escritor português: o autor de *Os Maias* era perfeccionista na busca do equilíbrio formal em suas obras. Essa é a conclusão a que chegamos ao analisarmos textos de estudiosos queirosianos e após uma leitura atenciosa da vasta correspondência de Eça de Queirós, quer seja em respostas a críticas que recebeu após a publicação de suas obras, quer seja em cartas triviais com seus pares, quando o assunto recorrente era a arte e a literatura. Nelas, o que o escritor defende não é o estilo acadêmico e purista dos clássicos, nem o estilo sentimental dos românticos. Mas um estilo todo próprio, de quem buscava a representação da realidade tal como ela é: com objetividade, sem enfeites, sem máscaras. Uma arte em que a forma deveria ser trabalhada à exaustão, valorizada sempre em detrimento do sentimento. Pode-se perceber a felicidade de Eça na constatação de ter ajudado nas transformações pelas quais a literatura portuguesa tinha passado, quando, em carta ao Conde de Ficalho, o autor discorre sobre o culto “da bem-amada Deusa”, a Arte:

Antigamente, a Arte, sendo toda de idealismo, ou no bem ou no mal, era necessariamente o produto do desequilíbrio do artista: para adorar ou amaldiçoar, para conceber anjos ou para conceber monstros, (e as antigas composições poéticas não passaram disto) o artista tinha de estar sempre descompassadamente *num dos extremos* do sentimento: ou no êxtase ou na imprecisão. E assim se era Lemaître, Byron, Espronceda e novelista romântico. O desgraçado que se conservava no ponderado equilíbrio dos sentimentos, passava por burguês, recebia injúrias, e era *um Boileau*. *Mais nous avons bravement et rondement changé tout cela*. Descobrimos que nunca se devia adorar nada em êxtase, que nunca se devia amaldiçoar nada em cólera – mas que se devia *explicar* tudo, tranquilamente: – e a **Arte, passando a ser um frio ato de observação, necessitou logo, como condição essencial para ser bem realizada, do calmo e pacífico equilíbrio do Artista.** (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.558-559) (grifo nosso)

Observe-se que o conteúdo dessa carta nos remete à referência que Freyre fez do equilíbrio formal de Eça de Queirós. Também em outros textos encontraremos as inovações lingüísticas pretendidas por Freyre, como a que ele defendeu acima: o emprego de uma linguagem mais próxima da oralidade do povo, característica como ele afirmou em seu artigo acima ser também a de Eça de Queirós. No texto analisado, ao se referir a Machado de Assis, ele não fez alusão a uma aproximação estilística com a obra do escritor brasileiro. Nesse artigo, em que o jovem pernambucano discorreu, embora brevemente, sobre estilos literários, vimos que a referência feita ao escritor brasileiro foi apenas relativa à sua opinião sobre a falta de cerimônia de algumas pessoas no tratamento pessoal, não mostrando proximidade entre ambos, dele e de Machado, no campo artístico. Consequentemente, podemos afirmar, e também como resultado das pesquisas efetuadas, que poucas vezes Freyre se reportou ao estilo de Machado de Assis da mesma forma como fez em relação a seu contemporâneo português Eça de Queirós.

O texto “Acerca do belo idioma de Camões e frei Viterbo” é muito semelhante ao de número 45, analisado anteriormente, em que Freyre discorreu sobre a importância da gramática para os brasileiros, que criticariam com muita ênfase aqueles que ousassem desenvolver uma expressividade mais próxima da tradição oral em seus textos. Como o estilo do escritor pernambucano estava se definindo contrariamente aos cânones dos acadêmicos da época, no artigo agora analisado encontramos o autor insistindo na necessidade de se permitirem soltar as amarras que impediriam o idioma português de se expandir.

Nessa crônica, segundo seu autor, os brasileiros da época cresceram ouvindo que a língua portuguesa era rica. Freyre contrapôs-se a essa idéia, escrevendo que tal riqueza só corresponderia “às fáceis necessidades da meia-cultura” – novamente nos remetendo a seu

antagonismo à democracia intelectual –, cujos representantes, de “uma sentimentalidade piegas”, classificariam Rui Barbosa e Camilo Castelo Branco como “gênios” literários. Outra vez, tentando legitimar seu estilo, Freyre vai se opor ao purismo gramatical, citando Eça de Queirós, entre outros grandes escritores que conseguiram celebridade sem se prenderem à normatização lingüística:

O português ou brasileiro cujo sentido lógico ou especulativo ou de beleza se aguça e utiliza tem de soltar-se todo do cinto de castidade do purismo gramatical; e valer-se de recursos verbais exóticos ou meio-exóticos. Daí o exotismo de sabor, tão irritante para os puristas, dos melhores escritores da língua: Eça, Frei Luís de Sousa, Santo Thyrso, Raul Pompéia, Nabuco, Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens, Manuel Bandeira, Grieco, Lobato, Ronald e até Mendes, Machado de Assis, Anthero e Nobre. (FREYRE, 1979b, v.2, p.243) (grifo nosso)

Segundo o autor, a imitação de clássicos (Camões, Vieira, Bernardes) estaria produzindo o engessamento do idioma, tornando-o pobre em relação a outros, que realmente poderiam se considerar ricos como o inglês, o francês e o alemão. Freyre finalizou o artigo escrevendo que construir a riqueza e a beleza do idioma português seria “trabalho para gerações. Ou para um ou dois gênios”. De tal afirmação, podemos deduzir que o jovem intelectual estaria tentando contribuir com esse “trabalho para gerações” com as inovações estilísticas de seus textos.

Posteriormente, em 1979, Freyre ratificaria, na introdução a *Tempo de aprendiz*, essa tentativa de desvincular a expressão literária dos limites impostos pelos puristas da época: “[o autor] concentrou-se no esforço, através de tais artigos, de procurar escrever português, além de jornalístico, literário, que, dentro de suas fracas forças de um ainda quase menino, fosse um arremedo daquele do ideal do Fradique de Eça: como ainda não existia” (FREYRE, 1979b, p.27).

A certeza do escritor experiente confirma a intenção expressa pelo jovem, intenção que apontamos em seus textos: não havia àquela época uma literatura no Brasil, mesmo que jornalística, que agradasse totalmente a Freyre, pois considerava as manifestações literárias de então ultrapassadas, uma vez que os escritores com pretensões literárias renovadoras seriam impotentes diante do purismo e da mediocridade intelectual brasileira.

A intertextualidade produzida por Freyre com a fala de Fradique Mendes mencionada acima apareceria novamente no artigo de número 76, mas numa extensão do contexto original de Eça de Queirós, cuja análise efetuamos na avaliação da introdução a *Tempo de aprendiz*.

De forma resumida, lembramos que a suposta recusa de Fradique de escrever suas idéias em livro, ficcionalmente instado por Eça e seus contemporâneos, culminou com a frase “uma prosa como ainda não há!”. Como já comentamos, a personagem, através dessa fala, julgava impossível que as palavras registrassem fielmente o conteúdo das idéias. Segundo Freyre, nesse artigo de 1924, alguns autores se assemelhavam a Fradique nesse aspecto: embora grandes pensadores, não chegaram a reunir suas opiniões em livros, “talentos inéditos por indiferença, a toda espécie de sedução editorial”. Essa comparação foi sugerida no seguinte excerto:

Fradique Mendes em conjunto talvez não exista, talvez não possa existir. Mas 3/4, 4/5 e até 9/10 de Fradique, eu próprio tenho encontrado na vida. E entre esses retalhos de Fradique estão autores sem livros.

Santo Thyrso, em que havia talvez 3/4 de Fradique e era, em certos pontos, um tipo mental mais acabado que o de Eça, morreu autor sem livro. (o 1/4 de Fradique que faltava a Santo Thyrso era sobretudo a beleza física. Explica-se: Santo Thyrso foi pensador mais fundo que Fradique. Ora, pensar faz mal ao rosto; faz mal à plástica. Bem o observou Wilde. Por isso seu Dorian Gray é aquele rapaz com rosto de menina; e que era bonito porque não pensava. A beleza no seu sentido animal é sem dúvida o primeiro traço da vacuidade). (FREYRE, 1979b, v.2, p.76)

Freyre admitiu, nesse texto, a impossibilidade de se encontrar alguém com todas as características de Fradique Mendes. Com essa opinião, o escritor estaria se distanciando propositadamente da figura idealizada, assumindo o fato de que sendo uma personagem não poderia ser equiparada aos seres reais, opinião que paulatinamente Freyre estaria questionando, confirmando nossa análise do capítulo anterior. Apesar dessa constatação, Freyre deixou evidente que percebia, em algumas pessoas, traços de Fradique. E, entre essas, algumas superariam as qualidades da personagem eciana, como no caso do pensador Santo Thyrso.

Nesse texto, a relação entre Santo Thyrso e a criação eciana surgiu a partir do fato de que ambos teriam morrido sem deixar suas opiniões impressas em livros. Na seqüência do texto, Freyre considerou os autores iguais a Santo Thyrso, que teriam rejeitado a adulação de editores, possíveis casos “patológicos de aristocratismo social” ou meras “esquisitices”. Depois de relacionar alguns escritores e intelectuais de destaque em Portugal, na Inglaterra e no Brasil, que também não deixaram obras, ou escreveram apenas uma, Freyre concluiu que o verdadeiro artista se satisfaria apenas elaborando suas idéias, corrigindo-as e atualizando-as em sua mente. O “puro artista” só escreveria quando encontrasse um público capaz de

acompanhá-lo na recriação de sua obra, uma vez que o verdadeiro escritor seria aquele que aceitasse a evolução de suas opiniões à medida que crescesse com suas experiências. Ou seja, o público leitor seria responsável por tantas boas idéias não registradas para a posterioridade. Estaríamos diante de uma crítica aos que tentaram restringir sua vontade de escrever, vontade cerceada pelas apreciações negativas que recebia? Tentaremos responder a essa pergunta no próximo tópico desse capítulo, quando analisaremos a recepção crítica de Freyre nessa época, recentemente chegado do exterior.

No último artigo que estudaremos dessa antologia, a personagem eciana polêmica, Fradique Mendes, foi retomada por Freyre, numa citação muito semelhante à que ele escreveu na introdução a essa coletânea: “Fradique poderia ter escrito uma carta sobre a arte tipográfica ou de impressão, como ainda não há; ou como não pode haver” (FREYRE, 1979B, v.2, p.221). Essa frase encerrou a crônica “O livro belo”, de outubro de 1925, em que seu escritor fez uma extensa crítica à impressão dos livros nacionais, que, assim como o seu conteúdo, envergonhariam qualquer brasileiro. Ele, Freyre, já teria passado por essa experiência, quando no exterior, sentira-se encabulado com a apresentação de dois volumes brasileiros que lera, diante da cuidadosa impressão e encadernação que encontrava nas obras estrangeiras. Mais uma vez, mostrando desconforto com a literatura como se apresentava à época, desconforto motivado possivelmente pelas críticas que recebia, Freyre é incisivo em lembrar a mediocridade intelectual que ele via nos meios acadêmicos brasileiros, situação que ele estende à apresentação do livro.

Da minha parte, habituei-me a ver no atual livro brasileiro toda a negação da estética do livro. Toda a negação do decoro, já não digo artístico mas [sic] comum. E a mim parece certo o seguinte: que os poetas têm os tipógrafos que merecem; e o chamado “público intelectual” tem igualmente os livros que merece. E a verdade é que nós, brasileiros, não estamos ainda em idade de fazer livros, nem intelectual nem tecnicamente. Isso de fazer livro não é arte para povos adolescentes e apressados. É arte para os povos maduros e pacientes. Nós nos devemos contentar em ser assuntos de livros de viajantes europeus e em fornecer com a nossa paisagem sugestões decorativas a artistas estrangeiros. (FREYRE, 1979B, v.2, p.221)

Como percebemos nesse texto, quase três anos após seu retorno ao Brasil, Freyre estava muito decepcionado com a arte literária brasileira, a ponto de refletir ironicamente que o brasileiro não estava pronto para ser escritor. Com essas palavras mordazes, o ensaísta desqualificou todos os literatos brasileiros, inclusive a si mesmo, possivelmente em um

momento em que seu descontentamento com essa manifestação artística estava bastante evidente.

Com esse texto, finalizamos a análise dos artigos de *Tempo de aprendiz*, escritos por “um então adolescente e, depois, jovem brasileiro do Recife”, que contêm incipientes alusões a Eça de Queirós e a seu estilo. Entretanto não se encerra aqui o estudo sobre as apropriações que Freyre ainda fará do escritor português, que lembrarão cada vez mais seu leitor da renovação literária como uma característica do autor de *Os Maias*. Esse recurso retórico substituiria, aos poucos, não só as primeiras referências a Eça de Queirós e a suas personagens como argumento de autoridade – na demonstração de erudição diante de um público privilegiado do campo intelectual em que ele pretendia se inserir –, mas também aquelas legitimadoras de seus pensamentos sobre os temas do nacionalismo, do tradicionalismo e do regionalismo, conforme demonstramos no capítulo anterior.

Nos meios acadêmicos, após a publicação de seu primeiro e mais famoso livro, *Casa-grande & senzala*, em 1933, mais e mais o escritor pernambucano foi festejado como um grande sociólogo e antropólogo que inovou essa área de estudos no Brasil e que conseguiu mudar a imagem depreciativa que se tinha do povo brasileiro no exterior devido à sua miscigenação. Entretanto, como vimos na epígrafe desse capítulo, até os últimos anos de vida, a grande intenção de Gilberto Freyre era ser reconhecido como homem de letras, qualificação que lhe negaram vários críticos contemporâneos a ele.

A contestação a esse julgamento seria frequentemente abordada nos textos e pronunciamentos de todas as fases de sua vida e foram germinais em *Tempo de aprendiz*. Exemplificando seus argumentos, Freyre empregará as citações queirosianas que elegem o autor lusitano como um dos maiores renovadores das letras portuguesas, caracterização que ele entendia como similar à sua, devido às novidades estilísticas de seus textos, rejeitadas pelos acadêmicos ortodoxos. Essa marca distintiva da obra freyreana seria paulatinamente mais evidenciada, à medida que o reconhecimento de Freyre como cientista social sobrepunha-se ao do artista literário.

No próximo item dessa dissertação, mostraremos como Gilberto Freyre reagiu às críticas recebidas e qual o motivo da insistência nesse recorte da apropriação queirosiana.

3.2 A luta pela legitimidade literária

Como eu me sinto bem em ser escritor e morar em Apipucos. Não sabe como eu considero o meu trabalho de escritor acima de qualquer outro. Foi o que eu mais quis ser desde que quis ser alguma coisa: escritor. Escritor independente de governos e instituições. Viver para escrever e viver de escrever e sobretudo viver o que escrevo, o que evoco, o que procuro interpretar do homem brasileiro e do homem em geral.

Gilberto Freyre

Gilberto Freyre e o reconhecimento como sociólogo

Para entendermos melhor a apropriação que Freyre faz de Eça de Queirós para legitimar suas intenções no campo artístico, é necessário compreendermos as expectativas que o jovem recém-chegado do exterior trouxe junto a sua bagagem intelectual e as frustrações com a recepção crítica de sua obra, quando voltou da temporada de estudos nos Estados Unidos (1918-1922) e na Europa (1922-1923). Nesse intuito, retomaremos alguns fatos que ajudaram na formação positiva de sua auto-estima e outros que a abalaram, narrados por ele mesmo ou por estudiosos de seu trabalho.

Na volta de sua longa viagem ao exterior, Freyre trouxe consigo a intenção de firmar-se no Brasil como escritor, respaldado no entusiasmo com que seus textos acadêmicos foram recebidos por grandes intelectuais e/ou professores das universidades que frequentou, em meios culturais muito importantes fora do país. Até seu retorno, os artigos “Da outra América”, reunidos em *Tempo de aprendiz*, apesar das várias críticas negativas à suas idéias e ao seu estilo, já lhe haviam rendido admiradores e garantido prestígio entre alguns intelectuais brasileiros, que lhe propiciaram o título de sócio correspondente da Academia Pernambucana de Letras, em 1921 (Freyre, 1978b, p. 184). Como deixou registrado em vários textos de cunho autobiográfico, alguns dos quais serão transcritos neste trabalho, Freyre sabia-se um escritor de talento, um inovador estilístico e pretendia consolidar no Brasil o incipiente prestígio intelectual já obtido em outros países.

Entre os relatos memorialistas do intelectual pernambucano, encontramos os que estão registrados em *Tempo morto e outros tempos*, livro publicado em 1975. No prefácio dessa obra, o autor afirmou tê-la escrito “na adolescência e na primeira mocidade”, de 1915 a

1930, sob a forma de um diário (FREYRE, 1975d, p.vii)⁴⁴. Entre os registros autobiográficos encontrados nessa obra, Freyre apontou para o precoce destaque que seus conhecimentos e suas leituras provocavam no ambiente universitário, em Baylor, onde os colegas o chamavam de “gênio”. Mais do que o reconhecimento de seus colegas, insuflavam a vaidade desse então jovem estudante as palavras do professor inglês J.A. Armstrong que, também impressionado com a inteligência de Freyre, tentou convencê-lo a se tornar cidadão norte-americano, garantindo-lhe que só em um país culturalmente adiantado como os Estados Unidos ele teria seu valor intelectual plenamente reconhecido. Contrariamente ao esperado, alguns acontecimentos dessa longa estada fora do país viriam a reforçar no escritor sua intenção de voltar ao Brasil.

Conforme podemos observar no excerto abaixo, Freyre deplorava o tratamento dispensado “ao conjunto Brasil-Portugal como expressão literária”. Logo após chegar à Universidade de Baylor, nos Estados Unidos, percebeu que um de seus maiores mestres e incentivadores da carreira literária, o já citado professor A. J. Armstrong, desconhecia o “nosso Eça”, tão caro a Freyre, e, por conseguinte, outros autores de língua portuguesa, a qual ele desprezava, chamando-a de clandestina:

(...) É a Browning que o nosso Eça se refere numa das suas páginas escritas na Inglaterra como a um escritor ainda em vida adorado ou divinizado por intelectuais ingleses: “um deus de guarda-chuva”. Já comuniquei a Armstrong essa impressão de Eça do culto inglês a Browning, quando o poeta ainda vivia. **É claro que Armstrong, ainda que professor de literatura comparada, nunca leu uma página de Eça.** Como nós somos desconhecidos! Quando digo “nós” me refiro ao conjunto Portugal-Brasil como expressão literária. Ninguém lê escritor português ou brasileiro fora desse conjunto. A não ser Camões: Camões é lido por alguns eruditos. O próprio Armstrong (...) comigo vive insistindo para que abandone a língua portuguesa e adote a língua inglesa como minha língua literária, tornando-me assim escritor, como ele diz, “universal”. É uma sereia cantando ao meu ouvido. “A glória te espera na língua inglesa: abandona, pois, a portuguesa, que é, como tu próprio reconheces, uma língua clandestina!” Para tanto me falta ânimo: não tanto o ânimo da aventura literária como o de repúdio a valores maternos. Sou muito sensível ao que há de materno, para um brasileiro, na língua portuguesa. Talvez a obsessão psicológica de filho preso demasiado à mãe, e, por extensão, a tudo que se lhe apresente como materno. (FREYRE, 1975d, p.29) (grifo nosso)

---

⁴⁴ Essa afirmação não parece verdadeira a alguns de seus estudiosos: Antonio Dimas, em seu texto “Barco de proa dupla” (DIMAS, 2002, p.120), registra o anacronismo de alguns fatos descritos em *Tempo morto e outros tempos*, como sugestão de que esse diário teria sido reelaborado pelo autor; Pallares-Burke é enfática ao dizer que esse livro foi reescrito ao longo dos anos e editado para ser publicado (PALLARES-BURKE, 2005, p.25 e p.160).

Possivelmente, como rebate a esse comentário, no artigo de número 8 “Da outra América”, escrito em novembro de 1919, Freyre escreveu enfática crítica sobre a ignorância dos norte-americanos em relação à língua portuguesa. Citou Joaquim Nabuco que, embaixador dos Estados Unidos, mendigou a atenção da alta cultura americana para nosso idioma como canal para descobrirem o Brasil. Mencionou ainda que John Casper Branner, um *yankee* brasilianista, e Oliveira Lima, diplomata do Brasil nos Estados Unidos e que viria a se tornar um de seus grandes mentores intelectuais, estariam empenhados em várias atividades culturais com o intuito de continuar a tarefa de Joaquim Nabuco, em solo americano.

Em outra passagem de seu citado livro autobiográfico, *Tempo morto e outros tempos*, Freyre relatou que, após sair dos Estados Unidos para complementar seus estudos na Europa (entre 1922 e 1923), foi algumas vezes interpelado por colegas ou intelectuais desse continente sobre sua intenção de se fixar no Brasil. Em 1922, foi o espanhol Francisco Arteaga, que o fez refletir sobre o assunto ao recomendar-lhe que se fixasse em Oxford, dizendo-lhe que ali ele encontraria a oportunidade de “tornar-se um novo Vives”, famoso pensador que inaugurou, em 1523, naquela universidade, dois cursos de Humanidades:

[...] Já venho sentindo a força dos limites, das fronteiras, das origens. Se nasci brasileiro, e dentro do Brasil, em Pernambuco, não será dentro das fronteiras do Brasil e dos limites de Pernambuco, e seguindo as imposições de minhas origens que devo viver? Este é o meu ideal para um indivíduo de formação não só intelectual como, até certo ponto, pessoal. Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra me reclamam pelo que há em mim, de outra raízes ainda mais fortes. O que me fez querer reintegrar-me no Brasil não é o senso puritano de dever mas uma necessidade de ser, ou desejar ser, autêntico, na minha condição de homem; e temo que fora do Brasil, eu me sentisse postiço ou artificial, mesmo que o triunfo me consagrasse como consagrou a Conrad, na literatura, ou a Westermarck, na sociologia: ambos, hoje, ingleses para todos – ou quase – todos – os efeitos. (FREYRE, 1975d, p.97)

Sugerindo, no trecho acima, que essas duas personalidades foram reconhecidas e apropriadas pela cultura inglesa, embora fossem de outra nacionalidade (Conrad, de origem polonesa; Westermarck, natural da Finlândia), Freyre contrapôs a esses o exemplo do pensador espanhol Luís Vives, que em nenhum momento renunciou a seu país e à sua língua, durante o período que frequentou Oxford, mesmo quando o rei, a rainha e toda a corte iam ouvir suas lições, quando suas conferências eram pronunciadas em latim, língua “comum. à Espanha e à Inglaterra cultas ou universitárias daqueles dias” (FREYRE, 1975d, p.97-98).

Como se pôde observar, o sociólogo brasileiro temia acabar se “desnacionalizando”, se permanecesse fora do país.

Segundo Pallares-Burke, além desses fatos narrados, Gilberto Freyre conseguiu esconder em seus textos o que ela considera ter sido um dos principais motivos de sua decisão de permanecer no Brasil: a discriminação que o jovem teria sofrido num país extremamente racista, considerado um reles sul-americano, até mesmo por seu amigo Simkis “um dago” (PALLARES-BURKE, 2005, p.154).

Por outro lado, o jovem escritor já teria declarado o receio da dificuldade de sua reintegração ao Brasil, ainda em *Tempo morto e outros tempos*. Possivelmente, ele não entendia uma recepção negativa às novidades estilísticas e sociológicas que apresentava em seus textos e estaria antecipando os reais obstáculos que viria a encontrar, quando tentou se impor como intelectual com um estilo próprio e arrojado, num ambiente acadêmico retrógrado e ortodoxo, como ele mesmo caracterizou a crítica brasileira da época, já nos textos de *Tempo de aprendiz*. Em 1924, o sociólogo, há quase um ano em seu país, lembrava-se receoso:

Oliveira Lima advertiu-me: “Não pense em fixar-se no Brasil. Escritor no Brasil? É o mesmo que pretender alguém patinar em areia”. Aqui estou há quase um ano. No Recife: nem ao menos em São Paulo, para onde o excelente amigo deu-me cartas de apresentação [...].

Será que ele tem razão? Às vezes parece-me que sim. Sinto que meu ajustamento intelectual no Brasil é quase impossível. Experimento às vezes enorme vontade de voltar aos meus amigos de Columbia e sobretudo aos de Oxford – de Oxford e Paris – cujas cartas venho deixando sem resposta, decidido como estou a que esse meu intenso passado – inglês e parisiense – seja um tempo que morra de todo – a não ser como vaga recordação sentimental. (FREYRE, 1975d, p.133-134)

Oliveira Lima, escritor, historiador e diplomata do Brasil nos Estados Unidos, foi outra figura muito importante na formação intelectual do jovem estudante e também, na época de sua formação universitária, ratificou as palavras de Armstrong quanto ao futuro literário de Freyre no Brasil. Impressionado com o talento de Freyre, tornou-se seu mentor intelectual durante a estada do jovem pernambucano naquele país, indicando-lhe importantes leituras e apresentando-o a muitos intelectuais proeminentes, brasileiros e estrangeiros.

Nesse mesmo ano, em 1924, a carta recebida de Monteiro Lobato, registrada na obra citada, indica-nos não ser exagerado o sentimento de rejeição do intelectual pernambucano: “Pobre Gilberto Freyre! Tem muito viva a marca, o signo terrível que põe contra o homem a legião inteira de medíocres...” (FREYRE, 1975d, p.156).

Além dos excertos acima transcritos, vários outros relatos de *Tempo morto e outros tempos*, que teriam sido registrados após seu retorno ao Brasil, demonstram as dificuldades encontradas pelo jovem escritor em sua readaptação, em especial, a Pernambuco. Citaremos alguns desses relatos pesarosos, feitos principalmente até 1926, quando já estaria conseguindo se impor no campo erudito através de seus conhecimentos sociológicos: em 1923, sentia-se repellido devido ao “incrível número de artigos e artiguets aparecidos” em poucos meses contra ele (p.128) e dizia que era moda falar-se mal dele no Recife, inventando-se uma série de histórias em que Freyre seria sempre o vilão (p.130); em 1925, ouvia críticas de que ele era um *bluff* (p.177); no início de 1926, sentia-se um “meio-idiota” porque ninguém entendia seus estudos universitários, visto que não tinha retornado com diploma de engenheiro, de advogado ou de médico (p.178).

Do mesmo modo, as cartas de Gilberto Freyre a Oliveira Lima, escritas entre 1918 e 1927 (FREYRE, 1978b, p.168-222), são fundamentais para se perceber não só seus temores quanto à sua readaptação ao Brasil, como também a incerteza quanto a seu futuro intelectual. Percebemos através da leitura dessa correspondência que a importância de Oliveira Lima não se restringiu à formação do pensamento do escritor pernambucano, mas que também o diplomata brasileiro nos Estados Unidos transformou-se num grande amigo, a quem ele desabafava suas frustrações. Destacamos algumas cartas em que esse desabafo era devido às críticas recebidas a alguns dos artigos enviados do exterior e outras em que evidencia a concretização dos receios sobre a recepção negativa que teria ao chegar ao Brasil. A depreciação de seu trabalho estaria acontecendo não somente como resultado do estilo inovador que trazia em seus artigos jornalísticos e de suas idéias arrojadas, mas ainda eram causadas pela inveja que despertava em alguns eruditos, visto que, apesar dos ataques, havia uma parcela intelectual no Brasil que aos poucos o estaria consagrando devido a suas opiniões e seu conhecimento sociológicos. Observemos os excertos dessa correspondência, em que seu autor mostrava-se abalado pela apreciação negativa a ele e a seus textos, quando ainda estava no exterior ou após seu retorno:

Minhas referências à bandeira e ao Sr. Rui Barbosa, a quem respeito, no artigo que escrevi sobre minha visita a Washington⁴⁵, arrancaram indignados protestos de caixeiros-literatos e calouros-literatos na *Província* e na *Noite*. Dizer que prefiro o estilo seco de

---

⁴⁵ Cf. carta a Oliveira Lima datada de 21 de novembro de 1921, após a publicação do artigo de número 30, da série “Da outra América”, em 19 de setembro de 1921 (FREYRE, 1978, p.139-142).

Carlos de Laet ao xaroposo, de Rui, é atirar pedras à glória e à honradez do último! Num meio como esse será impossível fazer crítica. E é por isso que, às vezes, penso em me fixar por aqui. (FREYRE, 1978b, p.192)

Se o Sr. soubesse como tenho estado atarefado, com esse trabalho do livro do *Diário*, obtendo notas e escrevendo a colaboradores, etc., [sic] e em tudo isso pouco ajudado e até veladamente hostilizado pela muita gente de mais de trinta anos que odeia os meus vinte e poucos [...].⁴⁶ (FREYRE, 1978b, p.213)

É interessante observar que o autor lastimou, mas não nomeou seus detratores nas cartas, embora registrasse que eram os “de mais de trinta anos”. Na correspondência abaixo, Freyre escreveu que resistia aos ataques de seus críticos com seu “silêncio e fleugma”. Se, por um lado, ele não reagia diretamente a cada um de seus críticos, por outro, vimos na análise de vários artigos de *Tempo de aprendiz* que essa indiferença à sua recepção negativa não era tão passiva como ele tentava demonstrar a seu amigo Oliveira Lima. Novamente, é um jovem decepcionado que escreveu essa carta em julho de 1924, um ano após a sua chegada ao Brasil:

Vou continuando aqui. Devo chegar a esta semana ao momento decisivo quanto ao meu exílio. Por um lado, seria o mais involuntário dos exílios. Prendem-me aqui a paisagem, a família e outras razões sentimentais. Por outro lado, sinto que cada vez me odeiam mais aqui os chamados *intelectuais*. Vários têm dado expressão ao seu ódio. Um deles chegou a procurar intrigar-me com o Senhor. Conservo diante dos pobres diabos silêncio e fleugma. (FREYRE, 1978b, p.212)

Quem seriam esses intelectuais que o odiavam, se ele não os mencionava nessa época e por que o faziam pensar em se exilar?

Embora não esteja em nosso campo de interesse discutir a visão de Freyre sobre a campanha da Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo, sabemos que um dos problemas que enfrentou em seu retorno foi a polêmica, criada por alguns intelectuais, entre os representantes daquele movimento modernista em Recife e as idéias renovadoras da cultura brasileira apresentadas pelos integrantes do Centro Regionalista do Nordeste, do qual o sociólogo foi um dos idealizadores. Vários estudos registram essa polêmica⁴⁷ e entre eles, o de Wilson Martins (2002, p.120-129 e 217-219), em cuja opinião ambos os movimentos foram similares e até complementares em suas intenções renovadoras e a diferença entre essas duas manifestações se resumiria apenas à visão saudosista do tradicionalismo nordestino.

---

⁴⁶ Carta a Oliveira Lima datada de 10 de dezembro de 1924.

⁴⁷ Sobre a polêmica criada em torno desse assunto, ver também Vamireh Chacon (1993 e 1969) e Antonio Dimas (2003, p.334-335)

As inovações pretendidas por Freyre, antes mesmo de seu retorno ao Brasil, viriam a fazer sombra às intenções de alguns representantes da cultura pernambucana que se intitulavam os primeiros modernistas da região, autênticos representantes do modernismo paulista. Entre eles, encontramos Joaquim Inojosa, que embora tenha escrito sobre sua admiração a Gilberto Freyre em 1923⁴⁸, foi durante muitos anos detrator do sociólogo pernambucano, inclusive na questão da credibilidade sobre a data correta em que teria sido redigido o *Manifesto regionalista de 1926*, por nós já analisado⁴⁹. Inojosa sempre atribuiu a si a responsabilidade de ter trazido para o nordeste as idéias modernistas de São Paulo. Como Gilberto Freyre ganhou destaque na década de 20 como aquele que iria reunir intelectuais e artistas que representariam uma nova expressão modernista na região, o cientista social foi alvo de muitos ataques de Inojosa e de seu grupo, principalmente através da imprensa.

Polarizando ainda mais essa discussão, tivemos a rivalidade que teria surgido entre Mário de Andrade e Gilberto Freyre. Antonio Dimas, em “Barco de proa dupla”, escreveu sobre o escritor pernambucano que, desde sua chegada, atento ao movimento modernista do sul, deixou claras suas reservas em relação ao autor de *Macunaíma*: considerava-o artificial, embora reconhecesse sua importância na renovação artística e literária brasileira e preferia Oswald entre os dois Andrades da Semana de Arte Moderna. Por outro lado, o escritor paulista não se mostrou muito entusiasmado em se aproximar de Freyre, sabedor de suas opiniões a seu respeito. Além dessas conclusões, Antonio Dimas lembra-nos que as propostas renovadoras de Freyre eram artísticas e literárias como as de São Paulo, mas diferiam destas por serem também sociológicas (Cf DIMAS, 2002, p.112-126).

Devido às divergências mencionadas, muitas eram as críticas que Freyre recebeu e que tantas declarações aborrecidas geraram em seus textos. Entretanto, encontramos em nossas pesquisas poucas referências depreciativas quanto ao aspecto estilístico sua obra, no período anterior à publicação de *Casa grande & senzala*, referências que se detiveram mais às críticas às suas idéias sociológicas, consideradas passadistas ou futuristas pelos grupos apontados anteriormente; além desse aspecto, os textos de seus detratores privilegiavam ridicularizá-lo por sua postura singular, considerada estrangeirada e pedante. Entre esses textos de apreciação negativa, podemos citar como os mais famosos “Gilberto Freyre, fruto

---

⁴⁸ Cf. Neroaldo Pontes de Azevedo, 1983, p. 147.

⁴⁹ A esse respeito Joaquim Inojosa escreveu duas obras: *Pá de cal* (1978) e *Sursum corda* (1981), além de já tê-lo exposto em *O movimento modernista em Pernambuco*. (1968).

bichado da literatura brasílio-ianque”, de autor anônimo, “Ao Freyre com Ypsilon”, de Austro-Costa, “Tradição e tradicionalistas”, de Joaquim Inojosa e “O sr. Gilberto Freyre” de João Vasconcelos, encontrados em vários estudos sobre Gilberto Freyre, entre eles o de Neroaldo Pontes de Azevedo (Cf. AZEVEDO, 1983).

Apesar das críticas e da indecisão quanto ao destino que deveria dar à sua vida pessoal e intelectual, como vimos em correspondência anterior – “Devo chegar a esta semana ao momento decisivo quanto ao meu exílio” –, o apego de Freyre à terra natal iria tornar-se cada vez mais evidenciado em sua correspondência.

A expectativa de um futuro promissor, fruto do encorajamento de alguns intelectuais no exterior, seguida de todas as frustrações encontradas nos anos iniciais de seu retorno ao Brasil levaram Freyre a um aparente arrependimento por não ter permanecido fora do Brasil, como vimos no excerto de *Tempo morto e outros tempos*, em que relembrou os comentários de Oliveira Lima para que permanecesse nos Estados Unidos. Mas, em setembro de 1926, o jovem sociólogo ratificou sua intenção de permanecer em Recife, cidade que o atraía cada vez mais, com “um apego quase doentio” (FREYRE, 1978b, p.217-218), onde realmente iria permanecer, mesmo tendo recebido, posteriormente, quando já desfrutava de certo prestígio no campo intelectual brasileiro, vários convites para se estabelecer no Rio de Janeiro e também em São Paulo.

Somando-se os episódios relatados que o levaram paulatinamente a abandonar a idéia de se fixar no exterior, à auto-imagem positiva de sua capacidade intelectual que lhe foi assegurada nesse período de formação acadêmica, e apesar de todos os momentos críticos mencionados, Freyre resolveu fixar-se no Brasil com os seguintes propósitos, em áreas distintas do saber: sociologicamente, com a intenção de revalorizar a cultura e as tradições populares, através de sua incipiente força intelectual junto ao campo erudito, e, literariamente, com a missão não apenas de continuar a projetar seu nome junto aos campos intelectuais e artísticos nacionais, como também a de tirar a cultura brasileira do ostracismo em que se encontrava frente a outras estrangeiras, como a inglesa e a norte-americana.

Como já comentamos, nem todos os integrantes de seu campo intelectual lhe deram a mesma recepção negativa e alguns se mostraram empenhados em ajudá-lo na sua readaptação ao Brasil. Em março de 1923, o jornalista Aníbal Fernandes registrou, em crônica no *Diário de Pernambuco*, a chegada de Gilberto Freyre da Europa. Com palavras elogiosas ao escritor

fez crescer a curiosidade pelo jovem que saiu adolescente de sua terra para voltar como um pensador que ousava impor suas idéias arrojadas, num ambiente retrógrado e, por isso, assustado com suas opiniões de forasteiro recém-chegado.

Citando Bourdieu, Pallares-Burke, (2005, p.167-178) escreveu que, graças ao capital intelectual que teria acumulado em seu período de estudo e de viagens pelo exterior, o jovem pernambucano conseguiu reunir em torno de si um grupo de antigos e novos amigos entusiasmados com suas idéias. Ainda de acordo com a escritora, Freyre encontrou, ao chegar ao Recife, um grupo de intelectuais em que já manifestavam germinalmente as idéias do jovem sociólogo sobre a necessidade de se preservar o sentimento de “pernambucanismo” e de tradicionalismo no país, contra a atração indiscriminada dos brasileiros pelo modernismo das novidades estrangeiras.

Malgrado as opiniões contrárias mencionadas, tendo optado por permanecer no Recife e sendo apoiado por esses intelectuais tradicionalistas, em 1924, participou da criação do “Centro Regionalista do Nordeste”. Em 1925, ratificando seu prestígio junto ao órgão de imprensa que lhe permitiu transmitir suas opiniões do exterior, foi encarregado pela direção do *Diário de Pernambuco* de organizar o livro comemorativo do primeiro centenário de fundação do referido jornal, posteriormente intitulado *Livro do Nordeste*. Em fevereiro de 1926, o Centro Regionalista do Nordeste promoveu o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste e depois a Semana da Árvore, tendo Gilberto Freyre como um de seus mentores.

Os bens simbólicos capitalizados nos eventos citados consagrariam Gilberto Freyre junto ao campo erudito e suas qualidades como sociólogo, com idéias inovadoras apreendidas durante os contatos que teve em sua viagem de formação intelectual no exterior, passaram a ser respeitadas.

Tomada a decisão de aqui ficar e lutar por seus ideais, o retorno ao exterior só viria a ocorrer em períodos curtos, embora frequentes em toda sua vida, ocasiões em que, na maioria das vezes, aceitava convites para participar de atividades acadêmicas. Além dessas rápidas viagens, fez somente uma mais prolongada, acompanhando Estácio Coimbra ao exílio, em 1930, o que o manteve afastado do Brasil até o final de 1931. Gilberto Freyre cumpriu assim a intenção manifestada em vários textos, como já vimos, de aqui permanecer.

Entretanto, em fevereiro de 1927, desligou-se do jornal *Diário de Pernambuco*⁵⁰, após oito anos de atividades jornalísticas, enquanto suas idéias sociológicas começavam a ser conhecidas além dos limites regionais. A partir desse mesmo ano, engajou-se politicamente ao governo de Estácio Coimbra e viu suas pretensões literárias serem adiadas até a publicação de *Casa-grande & senzala*, em 1933.

Gilberto Freyre, Eça de Queirós e a crítica literária

Analisando a participação de Gilberto Freyre no livro comemorativo do primeiro centenário de fundação do *Diário de Pernambuco*, o *Livro do Nordeste*, escrito em 1925, quer seja como organizador da obra ou como autor de três de seus artigos – “Vida social no Nordeste. Aspectos de um século de transição”, “A pintura no Nordeste”, “A cultura da cana no Nordeste. Aspectos de seu desenvolvimento histórico” –, Antonio Dimas relata a recepção negativa dos textos quanto a seu inovador caráter estilístico e quanto à dessacralização da cultura ao focar hábitos e costumes populares:

[...] o antropólogo pernambucano reinventa as palavras e delas subtrai qualquer traço de elaboração intelectualizada e, portanto, inapreensível. Ao materializar desse modo tão concreto e tão prosaico aquilo que defende, Gilberto decepciona uma expectativa *high brow* que, de modo habitual, manifesta seu projeto estético em termos de distanciamento em relação ao populacho, do qual se pretende a todo custo, se diferenciar e se destacar, ainda que não o explicita, às vezes”. (DIMAS, 2003, p.344)

Como indica Antonio Dimas, a recepção da crítica era contrária principalmente ao estilo inovador, menos acadêmico de Freyre. Embora não tenha sido unânime, iria repetir-se com frequência após a publicação de *Casa-grande & senzala*, obra que seu autor desejava ver reconhecida também como artística.

No tópico anterior, vimos que, diante da expectativa no mínimo otimista quanto à sua capacidade intelectual e literária, criada quando ainda estava no exterior, essa recepção negativa, que se tornaria constante às suas inovações estilísticas, tornou-se, no jovem vaidoso de suas potencialidades, um constante desgosto e um tema recorrente em muitas obras de

---

⁵⁰ Cf. carta a Oliveira Lima de 20 de fevereiro de 1927 (FREYRE, 1978, p.220).

Freyre, nas quais defendia sempre a modernidade e o caráter literário de sua obra, confirmando a epígrafe desse tópico.

A insatisfação decorrente das críticas a seu estilo, percebidas desde seus primeiros textos enviados do exterior ao *Diário de Pernambuco*, foi similar entre Freyre e Eça de Queirós no começo e durante suas carreiras literárias. Já vimos que o sociólogo pernambucano tinha em comum com o escritor português Fidelino de Figueiredo a admiração pelas idéias tradicionalistas eciananas; além disso, para estes dois escritores, Eça de Queirós sabia que a inovação em sua linguagem era motivo de celeumas e que uma das suas maiores preocupações era a defesa de seu estilo e a busca incessante de aperfeiçoá-lo. Segundo Fidelino de Figueiredo, em opinião não diferente de seu colega brasileiro, Eça ergueu uma sólida obra a partir da concepção estética de que “a arte é a luta pela expressão” e a história literária portuguesa deve ao escritor “a reforma da língua portuguesa como instrumento de expressão” (FIGUEIREDO, 195-, p.47). Obviamente, pelas leituras constantes que fazia da obra queirosiana, Freyre era sabedor das dificuldades que Eça enfrentou para se impor como um escritor com estilo próprio, muito diferente do academicismo da época.

Lembra-nos A. Campo Matos (MATOS, 2000, p.510) que, em 1878, em Portugal, o analfabetismo atingia 84,4% de uma população apática e atrasada; logo, os leitores das páginas de Eça de Queirós formavam um público muito restrito e exigente, representado principalmente por intelectuais, políticos, escritores e jornalistas. Como Freyre, o escritor português iniciou sua carreira artística escrevendo textos para a imprensa visando a um leitor privilegiado. Com seus temas novos, polêmicos, escritos em linguagem muito original e provocativa, tanto Eça como o sociólogo pernambucano, representavam um acinte, ou eram motivo de inveja, a muitos de seus leitores formados pela elite intelectual de seu país.

Por esse motivo, o escritor português viu toda sua obra ficcional e não-ficcional suscitar reações controversas de agrado e de repúdio sempre que publicadas, o que se, por um lado, satisfaziam-no por colocá-lo em evidência, por outro, como resultado de sua excessiva autocrítica e perfeccionismo, abalavam-no. Sempre atento às críticas, estranhava e considerava-se desprezado quando essas não aconteciam, como percebemos em carta a Luiz de Magalhães, em que discorreu sobre a importância da crítica ao nortear os literatos em suas produções:

Um artigo de crítica é hoje uma coisa tão rara em Portugal, que, quando me aparece um, sinto-me penetrado de reconhecimento, como cidadão e como português. (...) Com efeito, a crítica não é só a consciência escrita d'uma literatura, é também a polícia da literatura. Onde ela falta, como entre nós, há logo, como entre nós, anarquia e balbúrdia na cidade literária. (...) por isso, mal avisto um crítico, bato palmas, como a uma inesperada garantia, que surge, de decência e ordem. (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.575)

Esta consciência da necessidade de uma crítica que contribuiria para o aperfeiçoamento de seu trabalho, aliada a uma constante autocrítica, foi responsável, por exemplo, por Eça de Queirós ter atribuído o título pejorativo de *Prosas bárbaras* a seus primeiros textos de imprensa, que teriam inaugurado as reações negativas a seu estilo.

Jaime Batalha Reis, amigo e companheiro de Eça desde suas primeiras produções, escreveu o prólogo da edição póstuma que reuniu esses textos sob o título, já sugerido pelo autor, de *Prosas bárbaras* (QUEIROZ, 195-, v. 1, p.543-569). Nessa introdução, Batalha Reis comenta a hilaridade com que foram recepcionados esses folhetins por seus leitores, desde seus companheiros de jornal até às rodas de intelectuais. Não só os textos, como também esse “novo” escritor eram recebidos com curiosidade e sua figura singular era ridicularizada com imitações grotescas. Com Freyre, já vimos, não foi muito diferente, com as publicações bem humoradas, porém maldosas, de seus detratores após sua chegada ao Brasil (Cf. PONTES, 1983).

Eça de Queirós, acusado de escrever textos com erros de gramática e de sintaxe, não poderia, como um escritor reconhecidamente autocrítico e perfeccionista, aceitar passivamente que lhe atacassem o estilo exatamente naquilo que lhe era mais caro, ou seja, na forma de escrever. Em carta-resposta a Mariano de Pina⁵¹, revidando as acusações de não dominar os rudimentos da língua, Eça deixou clara a sua opção de fazer, orgulhosamente, uso de construções modernas na língua e de não aplicar em seus textos “a sintaxe e a gramática de Sá de Miranda e de Bernardim Ribeiro”. Aqui, numa comparação intertextual, podemos relembrar as críticas de Freyre ao estilo dos escritores mais ortodoxos e à “preferência dos brasileiros pela gramática”, em artigos que analisamos em tópico anterior. A preocupação de Eça de Queirós com a objetividade e a clareza do texto, conseguidas através do burilamento da produção literária até alcançar a perfeição da forma, o fez considerar essa crítica, publicada

---

⁵¹ Carta a Mariano de Pina em 8 de abril de 1888.

na revista portuguesa *Ilustração* em 5 de abril de 1888, como uma das mais violentas que teria recebido (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.582-583).

O escritor português registrou em várias cartas sua eterna busca pela perfeição. Observe-se o seguinte trecho da carta enviada a seu amigo Bernardo, Conde de Arnoso, em que ele ironiza seu próprio comportamento, responsabilizando-o pela demora em lhe responder uma carta:

O meu mal é o amor da perfeição – este absurdo afã de querer fazer as coisas mais corriqueiras, sempre do modo mais completo e brilhante. Se se trata de espirrar, eu tanto me preparo para que o espirro seja suave e musical, que a coisa termina sempre em carantonha, ronco e porcaria. Se se trata de enviar para o jornal a simples notícia de que um amigo chegou, eu tanto cinzelo e repulo que a notícia parece feita no Leitão ourives e dá a sensação de que o amigo partiu. Se se trata de escrever seis linhas a um velho Bernardo, eu espero até ter o vagar de escrever uma epístola muito cheia, muito completa, muito divertida, muito amiga, e a consequência é que o vagar não vem e nunca se começa a primeira linha. (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.596)

Essa preocupação na refacção dos textos, quaisquer que fossem eles, visando atingir a forma ideal, é tema corrente em outras correspondências. Nas três citadas a seguir, o autor insiste com os destinatários sobre a necessidade de não publicarem seus textos antes de se examinarem as provas tipográficas em busca de possíveis erros. Tendo terminado de escrever o prólogo da obra *Azulejos*, do Conde de Arnoso, Eça avisa-o de sua conclusão, através de uma carta a seu companheiro de viagem, o Conde de Ficalho: “E os Azulejos? Devo mandar o prólogo a Godinho? Onde mora Godinho? É Godinho homem de confiança para me *mandar as provas*? Não quero arriscar-me a que ele imprima o prólogo sem me deixar rever as provas – *para ir mais depressa*” (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.564).

Observam-se as mesmas considerações anteriores, ou seja, a necessidade de ter em mãos as provas para posterior revisão, na carta de 20 de maio de 1886, em que se desculpa com Luiz de Magalhães pelo atraso em lhe entregar o prólogo que havia prometido para *O brasileiro Soares*:

Preciso *absolutamente* de provas. Como vê, vai por copiar, sem pontuação, com palavras repetidas, num extremo desalinho: precisa *toilette*. E as provas, *exijo-as inevitavelmente*. Que sejam mandadas logo, para logo serem devolvidas. Mas *nenhuma consideração* que o Genelioux possa apresentar (pressa, etc.) deve impedir que Você me mande as provas já. (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.567)

Em 1888, Eça, então diplomata em Bristol, era correspondente do jornal *Repórter*, sob a direção de Oliveira Martins. Comentando em carta ao amigo sobre o envio de novo artigo⁵², o escritor pede a atenção dele para as provas, como soava fazer.

Não tive tempo de o copiar – mas escrevi-o, creio eu, numa caligrafia de incomparável beleza. Depois de o publicares como Ensaio de Filosofia – podes expô-lo como desenho à pena. Não há, pois, razão razoável para que esses espantosos tipógrafos do *Repórter* o trucidem. Mas, em todo o caso, lança os olhos às provas, para que, em virtude das *coquilles* usuais, transposições de períodos, de mutilações de parágrafos, etc. – ele não pareça, em vez d’um estudo de filosofia florestal, como é – uma apreciação retardatária sobre a *Dama das Camélias*! Vigia sobretudo a pontuação, que mal se distingue entre as correções e entrelinhas. (QUEIROZ, 195-, v. 3, p.578)

Da mesma maneira, encontramos a mesma preocupação nas cartas de Freyre endereçadas a Rodrigo M. F. de Andrade, que o ajudava nas provas de *Casa-grande & senzala*:

Seu Rodrigo, estou com mais setenta páginas datilografadas, prontas – mal datilografadas, é certo. O fim do 1º capítulo, o 2º e começo do 3º. Não mando porque não sabia deste portador e não preparei. Peço-lhe recomendar cuidados em respeitarem a ortografia das transcrições. A minha, pode ficar à vontade do editor. Recebeu uma carta minha? Outra coisa, o título do livro já não fica aquele, mas este, menos *popular* e mais *scholarly*: *Vida sexual e de família no Brasil escravocrata*. Talvez seja melhor não anunciar nada por ora; mas é este o título. Não acha melhor? Quanto às vinhetas, creio que vão bem mesmo com um livro... sério. Outra coisa: nas notas de livros e artigos, os títulos dos primeiros vão sempre em itálico, os dos artigos entre aspas. Seguem logo as 70 págs. (FREYRE, 1978b, p.248)

Cada vez penso menos em despregar-me daqui e a própria idéia de um salto ao Rio para ver as provas do livro (pois contava, a princípio, que a impressão fosse aos poucos e que me enviassem as provas, para exatidão de nomes próprios, transcrições, etc., [sic] leitura por meu Pai) me deixa inquieto. (FREYRE, 1978b, p.250)

Conforme pudemos observar, Gilberto Freyre também tinha preocupações quanto à revisão de seus escritos antes de serem publicados. Entretanto esse cuidado não apontava para o emprego de uma linguagem purista, cerceada pela normatização gramatical; e sua preocupação revisional não invalidava seu desprezo por tal estilo literário.

Após a publicação de *Casa-grande & senzala*, em 1933, Gilberto Freyre passa a ter reconhecimento nacional. Antes de tal lançamento, no sul, contava apenas com a amizade de alguns críticos e modernistas. A partir desse reconhecimento, numa época em que os meios culturais estavam muito agitados e vários eram os escritores que se lançavam através da

---

⁵² Este artigo foi publicado posteriormente em *Notas Contemporâneas*, com o título *A Europa*.

crítica literária nos jornais, muitas são as resenhas à sua obra. Edson Nery da Fonseca, em 1989, reuniu os artigos que comentavam *Casa-grande & senzala* e podemos perceber que a maior parte deles faz a apologia da obra e de seu autor, apontando, o livro como resultado de uma grande cultura sociológica de Gilberto Freyre.

Na recolha de Fonseca, para confirmar nossa linha de pensamento, interessam-nos apenas as observações que se fizeram a seu estilo literário, comentários que pouco ocuparam os autores desses textos, em relação ao que se escreveu sobre os aspectos históricos e sociológicos da obra. Entre outros, podemos citar Murilo Mendes “que pensava ‘que fosse mais literário’[o livro]...” (p.13); Agrippino Grieco que “reclama as ‘repetições ou pequenas incoerências’ do livro, mas qualifica-o como ‘notabilíssimo’ e ‘sutilíssima obra de arte’ ” e ainda que possui “certos trechos de irresistível efusão poética” (p.17); Plínio Barreto não recomenda a obra a todos os leitores, “porque ‘os sr. Gilberto Freyre gosta de dizer as coisas nua e crua’, escrevendo ‘em português claro aquilo que os autores púdicos [sic] costumavam escrever em latim...’ ” (p.19); Lúcia Miguel Pereira critica o autor “porque ‘sacrifica uma ou outra vez o ídolo moderno do relaxamento verbal, mas logo volta à boa linguagem’ ” (p.20).

Houve ainda duas críticas mais severas quanto ao estilo do autor que nos chamaram mais a atenção: a primeira do escritor Afonso Arinos de Melo Franco, a quem Freyre, diversas vezes apontaria como um dos críticos ortodoxos que não reconheceriam o valor literário de suas obras, como ainda veremos, e a segunda de V. de Miranda Reis.

Afonso A. de M. Franco publicou seu texto, com o mesmo nome da obra analisada em fevereiro de 1934. O organizador dessa coletânea chamou de “Uma obra rabelaisiana” porque esse viés que foi bastante destacado nesse artigo por seu autor e condenou a exposição dos hábitos sexuais em *Casa-grande & senzala*. O crítico literário finalizou seu artigo com elogios a Freyre por suas qualificações como sociólogo, porém, numa análise mais atenta, percebemos que seu texto é irônico e demolidor, principalmente quando comenta suas características artísticas (como exemplo da mordacidade presente, no artigo, citamos a comparação de Freyre ao “poeta notável e sutil” que seria Mario de Andrade). Para esse crítico, o estilo literário do autor pernambucano não se coaduna com o sociológico, que seria o principal campo intelectual a que se destinaria essa obra. Observemos algumas de suas críticas:

[...] A sua formação rapidíssima [do idioma brasileiro], a prodigiosa receptividade que o distingue imprimem à sua estrutura elementos muitas vezes efêmeros. Modismos, gírias, que perdem o valor e o interesse em poucos anos. Por isso me parece que, num livro feito para durar no tempo, num livro escrito com o sentido de permanência, como este de Gilberto Freyre, é mais prudente manejar a língua brasileira sem exageros, porque os exageros se vão e o estilo fica avelhantado e precioso em curto espaço de tempo.

Em obras puramente literárias compreende-se o esforço de um Murilo Mendes, de um Manuel Bandeira. Trata-se de uma espécie de exercício militar da linguagem de uma revisão de valores verbais, de uma experiência de materiais de construção para se ver quais são os aproveitáveis e quais os desprezíveis.

Numa obra como a de Gilberto Freyre, porém, sua língua deve ser simples e nossa, não julgo indispensável que seja chula, impura e anedótica, tal como aparece em tantas das suas páginas. É pouco técnico esse linguajar. Pouco científico. Da ao livro um aspecto literário que o seu assunto e as suas graves proporções não comportam.

A linguagem de Gilberto Freyre devia ter um pouco mais de dignidade [...] (FONSECA, 1985, p.85-86)

O artigo de V. de Miranda Reis, também sociólogo, recebeu o título de “Desobriga” e foi publicado em dezembro de 1934 no *Boletim de Ariel*, periódico literário do Rio de Janeiro, e escreveu sobre alguns “cochilos” que seriam rebatidos no mesmo jornal, no ano seguinte, por Freyre:

Até de palavras chulas o autor se serve, como a que se encontra a páginas 468[sic], com referência aos hábitos dos escravocratas; “Era na rede que eles faziam longamente o quilo – palitando os dentes, cusindo no chão, arrotando alto...” e aqui vem o termo que quiséramos ver o sr. Freyre empregar em uma de suas ótimas conferências, perante auditório seletivo... Essa linguagem nada teria de estranha no romance, no conto, desde que viesse da boca das personagens. O autor da obra, e muito menos o dessa obra, é que não pode falar assim.

E entretanto, de envolta com todos esses plebeísmos e brasileirismos, aparece à página 296 um “famílias de prol”, que é tudo quanto há de mais português, de mais seiscentista, de mais Barão d’Ascurra...

Linguagem escrita igual a linguagem falada ou sintaxe brasileira diferente da portuguesa — essa, a fórmula que encheu de entusiasmo ao sr. Gilberto Freyre. Me dê, me deixe, me diga, contra dê-me, deixe-me, diga-me. [...] Mas foi, como se diz, na onda, aderiu à tolice de alguns gramáticos, logo aproveitada e explorada pelos que não sabem escrever; o que não se entende, absolutamente, com ele, que alia à sua competência nas chamadas ciências morais à qualidade de um escritor consumado, cujo estilo não precisa dessa “sintaxe” para ser o que é: um encanto. (FONSECA, 1985, p.148)

Como pudemos observar, os dois críticos vão destacar os traços estilísticos do autor como, no mínimo, inconvenientes para quem se pretendia escritor literário. Quanto ao primeiro, Afonso A. de M. Franco, não conhecemos resposta de Freyre na época, mas vamos

encontrá-las em alguns textos do autor pernambucano sobre sua decepção com a crítica⁵³, como mostraremos em seguida, mas a V. de Miranda Reis, a resposta foi mais direta, cinco meses depois da sua publicação, em um artigo denominado “Pontos certos II”, que também faz parte dessa coletânea (FONSECA, 1985, p.301-305). Nele, o escritor de *Casa-grande & senzala* rebate ponto por ponto todas as acusações que lhe foram imputadas por Reis; entre as que nos interessam, porque relacionadas a seu estilo peculiar, citamos: possíveis erros gramaticais – “O bom Deus que me perdoe na sua alta misericórdia e, abaixo de Deus, o Dr. Laudelino” –, as expressões “portuguesíssimas” e a linguagem que deveria ser feita em discursos diferenciados, como indagou o crítico. Todas as respostas, numa linguagem agressivamente irônica, denunciam o aborrecimento do autor quanto à depreciação de sua já famosa obra.

Conforme apontamos anteriormente, a coletânea de Edson Nery da Fonseca, nos permitiu observar que as apreciações positivas ou negativas entre 1933 e 1944, da obra *Casa-grande & senzala*, visaram mais às novidades que o autor trouxe ao campo das ciências sociais, motivadas pelos estudos que fez com grandes mestres no exterior, como Franz Boas. Nessa coletânea, seu organizador lembrou que em 1934, Freyre foi agraciado com o prêmio literário anual da Sociedade Felipe d’Oliveira, mas que essa homenagem rendeu bastantes críticas, visto que muitos intelectuais consideravam essa obra exclusivamente científica.

Muitos escritores se mostraram surpresos com a cultura que o provinciano, quase desconhecido no centro intelectual brasileiro formado pelo eixo Rio-São Paulo, revelou nesse livro. Para Freyre isto não era suficiente, pois o sociólogo queria seu reconhecimento como escritor literário. Na esteira da celebração progressiva de seus dotes intelectuais e culturais, o escritor pernambucano começou a receber convites do Brasil e do exterior, para ministrar cursos, palestras, escrever para a imprensa, receber prêmios e títulos. Paralelamente, continuou com o plano inicial de fazer do livro que o consagrou o primeiro de uma série, publicando entre outras inúmeras obras de caráter sociológico, *Sobrados e Mucambos*, em 1936 e *Ordem e Progresso* em 1959⁵⁴. Todas essas ocupações, a nosso ver, impediriam Gilberto Freyre, nas décadas de 30, 40 e 50 de se preocupar com seu desejo de juventude: ser consagrado como escritor.

---

⁵³ Cf. *Como e porque sou e não sou sociólogo* (FREYRE, 1968, p.72-73)

⁵⁴ Cf. bibliografia de Gilberto Freyre. (FREYRE, 2000, p.923-941)

Eça, Freyre e a arte literária

Em nossa pesquisa consultamos 41 obras de Gilberto Freyre, inclusive algumas coletâneas de textos para imprensa E ENCONTRAMOS UM TOTAL DE X CITAÇÕES A EÇA DE Queirós.

Após a análise desse *corpus*, parece-nos que podemos apontar duas possíveis conclusões sobre percurso intelectual do sociólogo/literato Freyre, até meados do século passado: primeira, para o cientista social pernambucano, o desgaste da imagem de Eça de Queirós/Fradique Mendes como escritor de caráter tradicionalista, defensor da cultura popular, vinha crescendo, paulatinamente, desde 1926; segunda, as intensas atividades decorrentes do crescente prestígio na área das ciências sociais, assoberbavam a vida intelectual do cada vez mais consagrado sociólogo. A soma dessas duas conclusões apontam-nos para a possibilidade de ser, nas décadas de 30, 40 e 50, esse o motivo da diminuição do emprego das citações queirosianas por Freyre, com a intenção de legitimar seu estilo literário, desprezado pelo campo erudito brasileiro. Encontramos nesse período, nas obras mencionadas somente TANTAS citações de Eça de Queirós que lembram seu sucesso no Brasil, independente de seu estilo não-acadêmico.

Sabemos que não consultamos todas obras escritas pelo sociólogo pernambucano, mas acreditamos que o número dos textos pesquisados é significativo e que possibilitam a seguinte interpretação, como tentaremos demonstrar: no final da década de 50, o sociólogo pernambucano recolheu e publicou no livro *Ordem e progresso* o resultado de uma pesquisa feita durante duas décadas que mostrou a verdadeira importância que Eça de Queirós representou, e ainda representava, para a cultura brasileira e, a partir dessa conclusão, já célebre como cientista social, Freyre voltou a empregar as referências ao estilo queirosiano, para validar seus dotes literários ainda não reconhecidos pela academia.

O crítico literário Antonio Candido descreveu também o culto ao escritor português pelos brasileiros no início do século XX, em um texto intitulado “Eça de Queirós, passado e presente” (SOUZA, 2000, p.11-22) e registrou a admiração de Gilberto Freyre com o resultado de suas pesquisas, embora o escritor discordasse do sociólogo, considerando que o prestígio de Eça, entre os brasileiros da época, “tivesse atingido plenamente os semicultos e até os incultos”:

Gilberto Freyre distribuiu largamente nos anos de 1930 um questionário entre pessoas nascidas pouco antes ou pouco depois da proclamação da República, incluindo também algumas mais velhas. Fazia perguntas sobre as escolas, os esportes, as convicções, as modas, as admirações, as leituras. Uma das coisas que se destacam no resultado das investigações é a voga impressionante de Eça de Queirós, uma verdadeira rede nacional de apreço que, digo eu, estendeu-se até a minha geração e mesmo depois dela. Eça era tão lido e querido, que o sociólogo chega a incluí-lo entre os que contribuíram para a unidade intelectual do país. (SOUZA, 2000, p.11-)

Conforme indicou Antônio Cândido, Freyre, após a avaliação da pesquisa, restringiu o prestígio de Eça de Queirós a uma elite cultural:

Eça de Queirós, continuaremos a ver que foi tanto como Alencar e Bilac uma dessas preferências nacionais que, em sua extensão e sua significação, concorreram para unificar a aristocracia intelectual do Brasil em torno dos mesmos cultos ou de iguais devoções; e, sob este aspecto, semelhantes a devoções ou cultos de caráter popular ou folclórico como os que, desde os dias coloniais, vinham unificando brasileiros de várias regiões ou Províncias em torno de Santo Antônio de Lisboa, de São João, de São Pedro, de São José, de Sant’Ana de Nossa Senhora, do Menino Jesus [...] (FREYRE, 2000, p.431)

Possivelmente, a percepção de Freyre sobre o capital simbólico que Eça de Queirós e suas obras representavam para o campo erudito se consubstanciou nessa compilação das respostas aos questionários que distribuiu, a fim de recolher dados para essa pesquisa e que formam o material de *Ordem e progresso*, publicado em 1959.

Esse livro seria o terceiro de uma série de estudos sobre a sociedade brasileira, iniciado com *Casa-grande & senzala* e seguido por *Sobrados e Mucambos*, que enfocavam, respectivamente o período colonial e o imperial. Em “Nota Metodológica”, Freyre explicou que sua intenção era fazer uma análise classificada como sociológica, antropológica e psicológica de uma época, a da Primeira República. Com esse objetivo, foram entrevistados brasileiros de todas as classes sociais, nascidos entre 1850 e 1900. (Cf. FREYRE, 2000, p.41-63)

Pretendemos mostrar através de alguns de relatos de Freyre, sua surpresa diante constatação das inúmeras referências ao autor português, e como, possivelmente, esse fato interveio em seu trajeto intelectual. Além das 36 entradas de Eça de Queirós no índice onomástico, constatamos outras como “os acácios” (p.165) ou a “antipatia fradiquiana aos Estados Unidos” (p.172). Entretanto, para atingirmos nosso objetivo, julgamos importante descrever apenas alguns dos resultados percebidos por Freyre, que privilegiamos por serem importantes para o entendimento dos objetivos de nossas hipóteses iniciais. Por esse mesmo

motivo, também nos limitaremos às referências queirosianas, embora o universo pesquisado aponte outras predileções literárias importantes à época. Não comentaremos as referências sociológicas da obra que, devido à sua amplitude temática, constitui material suficiente para um novo trabalho.

Empregando sua linguagem peculiar, sem se importar com os cânones acadêmicos, numa obra que se considerava científica – e esse era um dos motivos das críticas feitas ao sociólogo – Freyre registrou encantado, em *Ordem e progresso*, que estava correta a crítica literária que ele anotara há quase 30 anos, em diversos artigos, inclusive nos de *Tempo de aprendiz*: nas primeiras décadas do século XX, o estilo de Eça de Queirós já teria suplantado o de Rui Barbosa.

Nascido em 1886 no Recife, informa Mário Sette terem sido os autores que mais lhe seduziram a inteligência de jovem, Alencar, Casimiro, Castro Alves, Gonçalves Dias, Taunay, Vicente de Carvalho, Alberto de Oliveira, Bilac, Coelho Neto, Alberto Rangel, João Grave, Guerra Junqueiro, Machado, **“o Eça (ah! o Eça!)”** – sem que Ruy tivesse sido, pela sua arte oratória, um desses sedutores.

A mesma história de desenvolvimento intelectual fora da influência de Ruy e do seu verbo de orador é a que nos conta, no seu depoimento, Leonel Vaz de Barros, nascido em São Paulo em 1890; e **cujo grande mestre de prosa e de estilo foi “o formidável, ultraquerido e repetidamente lido Eça de Queirós, cujas piadas, passagens biográficas, tiques, temas, páginas, capítulos, personagens e conceitos” sabia “de cor e salteado, como toda a gente então, aliás”**. Eça foi para a mocidade intelectual brasileira da época aqui considerada uma espécie de anti-Ruy, ou de antiorador, trazendo até nós e contra um dos mais altos valores luso-brasileiros de então e de sempre o seu anticonselheirismo e o seu horror à eloquência parlamentar. (FREYRE, 2000, p.308-309) (grifo nosso)

Encontram-se registradas, nessa mesma obra, algumas facetas que demonstravam o apreço dos brasileiros ao intelectual português, tais quais o fato de algumas crianças terem sido batizadas com o nome das personagens mais famosas das obras de ficção queirosiana, como Carlos Eduardo, Jacinto ou Gonçalo (p.440), ou a simbiose entre Eduardo Prado e Eça/Fradique.

Essa última observação merece um destaque maior, pois constatamos que Freyre, em vários trechos de suas considerações, escreveu sobre a importância da obra *A ilusão americana* de Eduardo Prado, publicada em 1893, e sobre a simbiótica imagem do escritor brasileiro e a do português, no que tange às idéias políticas e “antiianquistas” na época pesquisada. Freyre registrou em sua obra que a idéia da “deterioração social do Brasil em consequência da República federativa” teria como um de seus profetas Eduardo Prado e que Eça de Queirós, ao comentar através da voz de Fradique Mendes em sua correspondência,

suas opiniões sobre o destino político do Brasil, estaria “evidentemente sob a influência de Eduardo Prado” (p.179). No capítulo anterior, comentamos que Gilberto Freyre também defendia essas idéias políticas na década de 20 e fizemos uma análise intertextual da defesa desses conceitos registrados no *Manifesto Regionalista* de Gilberto Freyre com os expressos na “Carta a Eduardo Prado” de Eça de Queirós, escrita ficcionalmente por Fradique Mendes.

Com esses dados registrados no livro *Ordem e progresso* (Cf. FREYRE, 2000, p. 172-216), podemos levantar a hipótese de que essa intertextualidade não teria sido ocasional, questionando-nos se, na década de 50, quando, para alguns críticos, o sociólogo teria reelaborado o texto original do manifesto, Freyre já não teria conhecimento através de suas pesquisas dessa relação íntima entre suas idéias políticas de juventude e as do então consagrado Eduardo Prado/Eça de Queirós/Fradique Mendes. Escrito em 1926 ou em 1956, a constatação dessas possibilidades legitima nossa análise intertextual anterior.

Ratificando considerações anteriores, observamos que a personagem Fradique em *Ordem e progresso* já não merece o destaque que tinha para o sociólogo na época de *Tempo de aprendiz*. Nas poucas vezes em que foi citado, o que ficou evidente é que Freyre considerava-o um porta-voz das opiniões queirosianas. Somente em um parágrafo, o escritor se deteve na figura da personagem, ressaltando a opinião recorrente naquela época sobre a importância da figura fradiqueana nos hábitos dos jovens leitores da obra de Eça de Queirós. Esse excerto foi inserido no capítulo em que a opinião de outros escritores e críticos literários ratifica essa constatação de Freyre.

Encontramos também referências a Eça e o seu cosmopolitismo, tema comentado por Freyre em alguns textos que já analisamos, comprovando a visão gilbertiana sobre esse assunto:

Nascido no Rio Grande do Sul em 1887, Armando Silveira depõe: “Criança, ouvia de todos, os nomes mágicos: Europa! Paris! Modas de Paris, livros de Paris, mulheres de Paris. Também a liberdade, se não fosse de Paris, não prestava (...). **Em nossa adolescência, chega Eça, de monóculo. Mesmo de Lisboa ou de Londres, fala de Paris. E assim o Brasil estabeleceu a sua Capital em Paris. O Rio era apenas uma sucursal.**” (p.801-802) (grifo nosso)

Tanto a Pompéia como a Araripe irritava o "cosmopolitismo" que, naqueles dias, se contrapunha ao “nativismo brasileiro”, tentando – supunha Pompéia – ridicularizá-lo. Cosmopolitismo que não deixando de animar então a literatura de Eça de Queirós, caracterizava, sobretudo, aos olhos dos intelectuais “nativistas” e republicanos do Brasil, o principal autor dAs *Farpas* [sic]; e autor, como já recordamos noutro capítulo, de uma das análises mais perspicazes que se escreveram em 1890 sobre a Revolução de 89. (p.814)

Também não faltaram, na pesquisa de Freyre visando à obra *Ordem e progresso*, opiniões sobre o estilo do escritor português. Da parte do sociólogo pernambucano, notamos, mais uma vez a apreciação entusiasmada com a expressão queirosiana:

Não tardariam aparecer os capitães-doutores, os maiores-doutores, os coronéis-doutores um tanto ridicularizados por Eça de Queirós na “última carta de Fradique Mendes”. Mas em vão, pois contra essa busca exagerada de títulos militares dobrados em acadêmicos, acentuada no Brasil pela República, **nem cinco Eças, com todo o prestígio que viessem a desfrutar entre os brasileiros, pela extraordinária graça do seu estilo e pelo vigor também extraordinário da sua ironia, da sua sátira e do seu sarcasmo**, teriam sido capazes de conseguir a menor vitória. (FREYRE, 2000, p.475) (grifo nosso)

Para Araripe, “esses evadidos da pátria responsável para a Cosmópolis egoísta do gozo” — isto é, **Ramalho e mesmo Eça – eram escritores “cuja situação mental seria inofensiva se eles não procurassem influir sobre a mocidade, bestializando-a com as feitiçarias do estilo [...];** e convencendo-a de que ser “nativista” era ser “besta”. (FREYRE, 2000, p.814) (grifo nosso)

Outros trechos de *Ordem e progresso* deixam-nos perceber a ênfase com que Freyre percebeu a relevante significação de Eça de Queirós para a cultura da época em questão, que o levou a colocar o autor português no patamar de ídolo intelectual para muitos brasileiros desse período. Expressões de entusiasmo do sociólogo como a supracitada – “o Eça (ah! o Eça!)” – sucedem-se na obra: “Sempre Eça de Queirós.” (p.433); “Eça – sempre ‘o grande Eça’, no Sul como no Norte do Brasil.” (p.439) ou de decepção como “Estranhíssimo que [Eurico de Sousa Leão] tenha escapado à sedução de Eça [...]”.

A leitura desses e de outros relatos de Freyre após a conclusão de seus trabalhos que originaram a obra que estamos apreciando, levou-nos à interpretação inicial desse item: a possibilidade de que, a partir das constatações de Eça de Queirós como uma celebridade nacional, Freyre, já consagrado intelectualmente, voltaria a dar mais atenção ao escritor português em alguns de seus textos, citando-o como argumento de poder junto a seus pares em suas pretensões literárias: Eça de Queirós seria indicado como um escritor renovador das letras portuguesas, que conseguiu o reconhecimento de seus leitores brasileiros com seu estilo arrojado de escrever, independente da normatização lingüística, prestígio que Freyre reclamava desde seus textos de *Tempo de Aprendiz*.

No apêndice à 2ª edição de *Ordem e progresso*, Freyre escreveu essas palavras que poderiam ser indicativas do procedimento literário que, em nossa interpretação, retomaria a partir dessa publicação:

Foi sob esse critério antes psicológico e sociológico — antropológico, talvez devesse eu dizer — de interpretação da história de um grupo humano ou apenas de uma época dessa história, que se tentou elaborar, em *Ordem e Progresso*, além da reconstituição, a interpretação, de um passado ainda recente da gente brasileira. **Tão recente que por vezes se projeta sobre a atualidade nacional, tornando difícil separar o atual do histórico.**

E por mais paradoxal que pareça, a verdade contemporânea é por vezes a mais difícil de ser identificada dentre a multidão de verdades que cercam, viva e contraditoriamente, o pesquisador. [...] De certas verdades recentes pode-se dizer serem tão recentes que talvez não tenham se tornado ainda verdade: a verdade geral característica [sic] de uma época ou de um estilo já histórico, embora ainda vivo, de convivência humana. (FREYRE, 2000, p.945-946) (grifo nosso)

Tomando como referência os textos analisados até esse momento do nosso trabalho e tendo em vista a questão do estilo, percebemos que Freyre tinha em comum com Eça de Queirós, o que Carlos Reis denomina de “ponderação metaliterária”: uma grande preocupação a recepção de sua obra, o questionamento sobre seus acertos e erros, sua preocupação com o estilo, “os fundamentos ideológicos e os seus procedimentos técnicos” (REIS, 2000, p.77).

Pode-se conferir essa característica do escritor, germinal nos textos de *Tempo de aprendiz*, com a leitura da obra *Vida, forma e cor*, publicada em 1962, uma seleção de ensaios e prefácios de Gilberto Freyre, escritos em diversas épocas (o mais antigo datado de 1924), somente com textos sobre assuntos artísticos; porém, como possibilidade de confirmar nossa interpretação, há poucas referências a Eça de Queirós.

Como visamos mostrar as tentativas do autor de se firmar, a partir do final da década de 50, como escritor literário, num campo erudito que ignorava a intenção artística de seus textos, julgamos importante a reflexão sobre alguns artigos dessa obra, cujos textos foram recolhidos e publicados por Renato Carneiro Campos, com a anuência do autor. É relevante observar que nos ensaios de caráter literário ou não e, principalmente, nos prefácios a obras de outros escritores, encontramos Freyre aproveitando a oportunidade para discorrer sobre a excelência de seu estilo, e, com muita ênfase, sobre a falta de compreensão dos grandes “mestres” em relação às novidades estilísticas de seus textos. Também salientamos que se nessa antologia, num total de 37 textos, há 17, incluindo-se o prefácio do autor, com referências à ortodoxia da crítica literária, parece-nos que, novamente, Freyre visava a um leitor privilegiado no campo erudito, a quem vai declarar seu descontentamento, porque, direta ou indiretamente, os comentários desses intelectuais poderiam tê-lo desqualificado como escritor literário.

Convidado a escrever também o prefácio da referida obra, Freyre fez a defesa do jovem crítico Renato Carneiro Campos, organizador de *Vida, forma e cor*, que ousou opor-se “à intransigência com que mestres já antigos – um deles, Tristão de Ataíde – vinham excluindo, da Literatura propriamente literária, os mesmos ensaios” e para quem “o fato de ser um indivíduo cientista ou pensador, não o exclui, quando escritor, com qualidades literárias, de admissão entre escritores especificamente literários” (FREYRE, 1962d, p.VIII-XX).

Ainda no prefácio, o sociólogo/escritor explicitou como recebeu a influência direta – de autores com quem convivera – ou indireta – de outros que lera – e que ousaram experimentar linguagens diferentes, nem por isso consideradas menos literárias, como Amy Lowell, Joyce, Proust, Conrad, Lawrence. Discorre também sobre escritores brasileiros, que embora tenham recorrido a outras áreas do saber humano, não tiveram seu trabalho desmerecido como literatos, citando José Lins do Rego que se interessou por estudos antropológicos de folclore; Guimarães Rosa, que teria se especializado em estudos científicos de lingüística associados aos de sociologia; e Jorge de Lima, que deixa entrever a formação médica em sua obra.

No ensaio “Amy Lowell: uma revolucionária em Boston”, o escritor retratou a impressão de seus encontros com a poetisa e crítica, durante sua permanência para estudos universitários nos Estados Unidos, atribuindo-lhe a qualidade de inovadora no uso da linguagem literária ao acrescentar-lhe novas técnicas de expressão poética. Já vimos que essa autora é uma referência recorrente, quando Freyre visa comentar sobre ousadias literárias contra os cânones da época. Como representante do movimento chamado *new poetry*, a autora scandalizou “a crítica conservadora e a opinião acadêmica de seu tempo”, escândalo que também ocasionaria, mais tarde, Freyre com sua linguagem também não acadêmica. Segundo o sociólogo pernambucano, sua poesia “Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados”, publicada em 1926, teve forte influência da “poesia nova” dos “imagistas”; escreveu, também, que se sentia orgulhoso por ter sido responsável pelo contato de jovens poetas brasileiros com esse movimento, o Imagismo, que viria a marcar profundamente a obra deles: Manuel Bandeira e Ronald de Carvalho, entre outros. Ainda nesse artigo, o que fica evidente é que o autor, de forma variada, insiste em que Amy Lowell foi uma escritora que encontrou muita resistência à sua moderna forma de expressão, mas “que, sempre cheia de si,

nunca duvidou do valor de suas inovações”. Parece-nos uma auto-referência, pois, logo em seguida, Freyre lamentaria a negativa recepção de seus textos, imbuídos dessas e de outras novidades literárias e, na sequência, introduziria o tema da necessidade de mudanças no idioma nacional, de modo a dar conta da pluralidade de nossa cultura (Cf. FREYRE, 1962d, p.3-14).

No artigo “A propósito de Jorge de Lima, poeta”, ao defender a excepcionalidade dos textos desse escritor, Freyre novamente voltou-se contra os críticos, principalmente os do sul do país, por não compreenderem “os artistas e escritores do Nordeste que, não sendo de origem rigorosamente popular nem principalmente ameríndia ou africana” optaram por retratar a realidade dos habitantes da região, o que apenas se justificaria, para os que o criticavam, se fosse “expressão de sua dor”. Ora, a condição descrita não era senão igual a de Freyre, também muito “incompreendido” pelos acadêmicos, que enxergariam nas obras deles, autores regionalistas, somente “gulodice de pitoresco”. (Cf. FREYRE, 1962d, p.15-19)

Após comparar vários autores, no texto “Presença de Guimarães Rosa e outras presenças” (p.20-29) – Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso, Ciro dos Anjos –, que também escreveram obras com cunho regionalista, cotejo sempre laudatório e respeitando as características individuais de estilo, Freyre demonstrou a mesma insatisfação dos artigos anteriores que, dessa vez, não apareceu velada:

De tal modo, venho sendo, nos últimos anos, enxotado dos “templos” brasileiros das artes – inclusive das belas-letas – pelos seus sacerdotes mais zelosos, que resolvi afastar-me eu próprio desses templos e cumprimentar apenas de longe esses sacerdotes. São eles uns devotos, no meio dos quais vem se desenvolvendo, quase como numa seita, a idéia de que entre as chamadas “belas-letas” e as outras letras – as feias e às vezes fortes – não deve haver senão distância: fria e dura distância.

Eu sou hoje o primeiro a afastar-me dos beletristas assim sectários, embora sem ligar-me aos sacerdotes ou devotos das seitas opostas às suas (...). Entre esses extremos, é que venho procurando equilibrar-me, contentando-me hoje em ser aceito por críticos estrangeiros – dentre os melhores que me têm honrado com sua atenção – como um híbrido que, fazendo sua literaturazinha, fez também sua cienciazinha e até sua filosofiazinha. (FREYRE, 1962d, p.24-25)

Fica óbvio, na leitura integral da obra, que era apenas aparente esse espírito de aceitação dos ataques da crítica acadêmica nacional, pois ainda vamos encontrar igual ressentimento, expresso ou subentendido, em vários textos dessa coletânea: “Um jovem crítico literário”, “Recordando José Lins do Rego”, “Villa-Lobos, pan-brasileiro mas carioca”, “Em torno de alguns romances regionais”, “Um memorialista e um memorialista e tanto”,

“Modernidade e modernismo nas artes”, “Ensaio de crítica de poesia”, “Reinterpretando José de Alencar”, “Origens e tendências do romance brasileiro”, “Um novo crítico: Eduardo Portela”, “Notas sem lei nem rei”, “O *Diário íntimo* de Lima Barreto”, “Da correspondência de H. L. Mencken com um amigo brasileiro”.

O prefácio ao livro *Dimensões*, publicado em 1958 e nessa antologia reproduzido com o título “Um novo crítico: Eduardo Portela” (p.203-213), talvez seja, no conjunto dessa obra, a mais incisiva demonstração de repúdio ao campo erudito que lhe era contrário. O texto, predominantemente autobiográfico, como prevenira o escritor no parágrafo inicial, surpreendeu desde a primeira página, quando nomeou seus opositores, atitude que, nessa coletânea, só tinha ocorrido no prefácio do autor:

A verdade, porém, é que, por mais intransigentemente severos na sua ortodoxia literária que os Tristão de Ataíde, os Andrade Murici e os Afrânio Coutinho – mestres da crítica literária em nosso país que todos admiramos e respeitamos – se mantenham na atitude de fechar ao prefaciador do livro de estréia de Eduardo Portela as portas daqueles domínios – os ortodoxamente literários – que dependem de sua guarda ou de sua vigilância, no mínimo o mesmo prefaciador não se sente de modo algum, intruso na literatura de seu país. Escritor ou ensaísta literário é o que principalmente se considera, desde jovem, embora com um lastro de especialidade científica que não repudia nem renega; e que, aliás, em escritor de porte, não prejudicaria, antes valorizaria, a condição de escritor. (FREYRE, 1962d, p.203)

Prosseguindo nesse tom irado e ao mesmo tempo imodesto, Freyre, aos 58 anos, relembra a insistência com que, tanto o prof. Armstrong, quanto seu grande mentor intelectual Oliveira Lima, – depois ratificada por H. L. Mencken –, aconselharam o então jovem estudante a que permanecesse nos Estados Unidos, onde poderia consolidar sua precoce carreira de grande escritor. Comentando o seu trajeto intelectual no Brasil, num ambiente adverso às “modernidades” de sua linguagem literária, e as críticas recebidas, termina o prefácio com um apelo vigoroso ao jovem Portela para que não se deixasse seduzir pelos grandes “mestres” ortodoxos, como o foram outros críticos promissores, também nominalmente citados nesse texto.

Não poderíamos deixar de registrar que é igualmente um tema recorrente, em vários textos que compõem *Vida, forma e cor*, a importância que o próprio autor se atribuía, na formação intelectual e, mais precisamente, literária daqueles a quem julgava as maiores expressões da literatura regionalista de seu tempo: José Lins do Rego, Antonio Torres, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Ronald de Carvalho, ou de ensaístas e críticos literários, como Olívio Montenegro. Escritores de projeção nacional, estes autores representariam a

maior prova de que se ele ajudou-os no processo de sua formação intelectual foi absolutamente por suas qualidades como escritor e não como cientista ou sociólogo, conforme insiste no mesmo artigo, “Um novo crítico: Eduardo Portela”.

Além dessa coletânea *Vida, forma e cor*, vamos encontrar essas referências auto-defensivas em diversas publicações de Gilberto Freyre, sejam elas na forma de prefácios, conferências, palestras ou ensaios, que serão apresentadas ao longo dessa dissertação.

Conforme escrevemos anteriormente, nessa publicação encontramos apenas seis referências a Eça de Queirós; dessas, duas já foram citadas: a primeira, à página 193 do livro de Freyre, o emprego do termo “acacianismo”, na reprodução do prefácio à obra *Região e tradição*, e a segunda, no artigo “Da correspondência de H. L. Mencken com um amigo brasileiro”, em comentário sobre a carta enviada por esse escritor, crítico e filólogo norte-americano, em que Freyre citou Eça como um de seus mestres na arte literária, trecho que já foi transcrito no início do quarto capítulo, por apresentar as idéias inovadoras do insipiente escritor pernambucano, na busca por uma forma própria de expressão artística. (FREYRE, 1962d, p.396)

Na outras quatro referências a Eça de Queirós na coletânea *Vida, forma e cor*, Freyre comentou o estilo do escritor português, em abordagens sem vinculação com o aspecto que estamos privilegiando nesse capítulo, em citações que apenas são empregadas como argumento de autoridade: duas foram empregadas no artigo “O reflexo do nominalismo nas artes hispano tropicais” (FREYRE, 1962d, p.271-282) e as outras duas no artigo “De um diário de viagens pelas terras de Portugal”, transcritos da obra *Aventura e rotina*. (FREYRE, 1962d, p.337-358)⁵⁵

Em *Interpretação do Brasil*, no capítulo “A literatura moderna no Brasil”, Gilberto Freyre escreve sobre os escritores modernistas brasileiros, elogia os que se preocupam com os problemas sociais, como José Lins do Rego, Jorge Amado, Raquel de Queirós, entre outros que estavam livrando a literatura das amarras colonialistas, em especial das obras escritas “em linguagem estritamente acadêmica e de acordo com as prescrições acadêmicas e a rígida técnica lusitana ou européia. O resultado é essa literatura nunca exprimir ou interpretar vigorosamente a realidade brasileira” (FREYRE, 1947, p.296). Nesse capítulo, publicado em

---

⁵⁵ Ver citações em anexos.

1947, embora contivesse sua antiga adesão a uma linguagem mais popular e, novamente, a crítica à ortodoxia literária, não encontramos nenhuma referência ao estilo de Eça de Queirós.

Na coletânea *Vida, forma e cor*, encontramos textos escritos desde a juventude que evidenciam a face artística de Gilberto Freyre. Conhecemos, até esse período, prefácios, resenhas, ensaios, artigos publicados em periódicos, enfim, textos esparsos, escritos em diversos gêneros e formas, comentando a arte literária, além de algumas incursões poéticas. Entretanto, na bibliografia gilbertiana, não encontramos antes da década de 60, nenhuma obra ou opúsculo que notabilizem o escritor Gilberto Freyre como literato. Vimos, porém, que desde *Tempo de aprendiz*, o intelectual pernambucano buscava uma expressividade diferenciada em seus textos, uma marca de distinção que o inserisse no campo artístico. Pesquisando sobre o percurso intelectual de Freyre, observamos, entretanto, que seus dotes literários foram-no ajudando a construir uma obra sociológica consagrada, mas que surpreendeu a alguns intelectuais porque fugia ao rigor científico esperado nessa área de estudos, devido à expressividade inovadora na linguagem empregada. Por outro lado, com uma temática voltada para as ciências sociais, os acadêmicos do campo artístico rejeitavam suas obras como literárias.

Aparentemente, avaliando-se os dados recolhidos para essa pesquisa, a partir da década de 60, o escritor Freyre quer se projetar ao lado, ou além, da figura do sociólogo. Além de se iniciar na ficção literária com *Dona Sinhá e o filho do padre* (1964) e *O outro amor do Dr. Paulo* (1977), foram publicadas as obras de poesias *Talvez poesia* (1962), *Gilberto poeta* (1980) e *Poesia reunida* (1980), além de várias coletâneas de textos com temática sociológica e também: *Vida forma e cor* (1962) *Retalhos de jornais velhos* (1964), *Como e porque sou não sou sociólogo* (1968), *Seleção para jovens* (1971), *Alhos e bugalhos* (1978), *Prefácios desgarrados* (1978), *Heróis e vilões no romance brasileiro* (1979), *Pessoas, coisa e animais* (1979) e *Tempo de aprendiz* (1979).

Seria coincidência o fato de que, a partir da década de 60, tais obras, que poderiam evidenciar Freyre no campo artístico foram publicadas? Considerando as declarações do escritor contidas em *Vida forma e cor*, que seria a primeira cronologicamente a reunir textos não-sociológicos e que na nossa interpretação é um marco na luta pela consagração do artista Freyre, entendemos que não. Paralelamente, acreditamos que as pesquisas feitas e reunidas para a publicação de *Ordem e progresso* (1959) por Gilberto Freyre, motivaram o autor a

recorrer às citações que valorizavam o estilo literário renovador de Eça de Queirós para legitimar sua linguagem artística, novamente. Novamente, porque vimos que esse procedimento já se verificava, germinalmente em *Tempo de aprendiz* e, como nos primeiros textos do autor, essas apropriações estariam sendo utilizadas como argumento de autoridade e capitalizando bens simbólicos que, finalmente, permitiriam a Freyre inserir-se no campo literário.

Analisando as referências queirosianas supracitadas, verificamos que elas recommençaram efetivamente a ocorrer no mesmo período da publicação das obras com recorte artístico. Observamos que, nos excertos abaixo escritos respectivamente em 1973, 1980 e 1984, o que podemos ler nas entrelinhas é a legitimação da qualidade literária de Freyre, na defesa do estilo do literato português:

Por essa coragem crítica, intelectuais desse tipo (Yeats, Proust, Joyce), ao surgirem com o escândalo de suas idéias ou de suas expressões, consideradas indesejáveis pela gente mais convencional de seus países e de suas épocas, têm sido abridores de caminhos para futuros que a muitos dos intelectuais de menor porte ou de menor vigor, seus contemporâneos, pareceram inconcebíveis como futuros literários ou estéticos ou culturais. Situação que foi a de Eça de Queirós ao escancarar, com o seu chamado e, nos seus dias, tão condenado à morte, francesismo, novas perspectivas à língua portuguesa do seu tempo. A não poucos dos seus contemporâneos pareceram suas inovações – a que se juntariam seus regressos a modelos arcaicos ou pré-clássicos – da língua portuguesa a própria negação de valores clássicos: inclusive dos camonianos. Engano: eram a revalorização desses valores por meios intelectualmente revolucionários. Se por algum tempo o intelectual Eça de Queirós comprometeu, ou pareceu pôr em perigo, o presente e o passado da língua e da literatura do seu país, foi para assegurar a essa língua e a essa literatura um futuro que não teriam sem a ação – inclusive no Brasil: num novo e vasto espaço e num como novo e vasto tempo – intrepidamente renovadora desse intelectual tão sensível a sugestões de passado como a provocações de presente, tão secretamente aliado ao futuro de sua gente e da própria gente brasileira. Ao futuro da língua e da literatura comuns a essas duas gentes, igualmente suas, quer em seus antecedentes, quer em seus futuros. (FREYRE, 1973a, p. 226-227)

[Joaquim Nabuco] Enriqueceu, com esses novos ritmos, a língua portuguesa, embora imitando puristas. Também o caso de Eça de Queiroz: em contraste com seu contemporâneo Camilo Castelo Branco, de todo fiel aos cânones do português literário, Eça renovou a expressão artística nessa língua, através de francesismos estética e psicologicamente válidos. Com eles deu à língua literária do seu país e do Brasil uma agilidade, uma graça, uma inovação musical, até, que faltava, aos modos de escrever de um Herculano, dos dois Castilhos, de um Latino Coelho, como continuadores de clássicos convencionais dos quais só tinham se afastado Garret e Oliveira Martins. Mas muito menos inovadora ou renovadoramente do que o afrancesante Eça.⁵⁶

---

⁵⁶ http://prossiga.bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_cientificos/escritor_brasileiro.html.

[Camões] Desdenhoso de opulência quantitativa de vocabulário e, neste ponto, em vez de rival de Shakespeare, antecipador, em língua portuguesa, daquele seu compatriota Eça de Queiroz tão menos quantitativamente rico que Camilo Castelo Branco em vocábulos, mas qualitativamente tão superiormente mestre da arte das palavras, além de sensuais, novas, pelos seus relacionamentos inesperados. Os dois, Camões e Eça, preferindo inventar de tal modo novas relações entre substantivos e adjetivos que, através desses arrojos de relações, renovassem a expressividade de palavras liberando-as de colocações convencionais.⁵⁷

Podemos observar, no cotejo entre os excertos supracitados e o transcrito abaixo, redigido em 1953, como a avaliação das características literárias de Eça de Queirós, compreendendo aí o francesismo pelo qual o autor português foi censurado por Freyre, alterou-se com o passar do tempo, segundo nossa interpretação anterior:

Em literatura chegou aos extremos de francesismo denunciados pelo Eça, ele próprio vítima de um excesso de que se curou voltando ao contato com as quintas e com os conventos, com os clássicos e com os cancioneiros. Isto é, com a paisagem e a vida castiçamente portuguesas das quintas e com o português também castiço, escrito principalmente nos conventos ou à sombra deles, pelos frei Luís de Sousa e pelos Antônio Vieira; ou pelos frades de casaca liberal como Herculano e Latino Coelho. (FREYRE, 2001, p.75)

Alhos & Bugalhos é uma das várias obras que reúne textos inéditos e antigos de Freyre e traz no prefácio do autor, escrito em 1978, a definição de literatura como obra de arte. Observamos, logo no primeiro parágrafo, que Gilberto Freyre recorreu novamente a uma possível similaridade entre seus textos e os de Eça, expondo a diferença entre escritor, beletrista e letrado, na defesa do caráter literário de seus ensaios ali reunidos:

Contou-me o Conde de Sabugosa, quando o conheci em Lisboa, ele já muito velho, mas ainda esplêndido de inteligência, eu mal saído da adolescência, que Eça de Queirós – de quem fora tão amigo – não gostava de ser considerado nem literato nem letrado – isto seria para os Pinheiros Chagas – e sim artista. Escrevia como quem criasse arte. Sem aliteratizar-se.

Receava, talvez, o que por vezes acontece com o literato ou o beletrista: resvalar em literatude. Literatude que chega a ser a negação da literatura criativa para requintar-se em simples caligrafia: em esforço ou esmero só de composição quase desprendida da vida.

Dá poder dizer-se que o escritor precisa acautelar-se contra a literatude; e não deixar-se bizantinizar em literato ou em beletrista ou burocratizar-se em letrado. Pois é evidente a distância de escritor criativamente escritor para literato; de tal escritor para beletrista; de tal escritor para letrado. (FREYRE, 1978a, p.7) (grifo nosso)

Esse prefácio destaca-se, entre outros que pesquisamos, devido à insistência de seu autor em defender seus textos como artísticos, inclusive aqueles voltados para a sociologia e porque, em sua argumentação, o escritor pernambucano faz três referências a Eça de Queirós.

---

⁵⁷ <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/camoes.html>.

Notamos que Freyre privilegiou o escritor português, entre os que citou posteriormente, como artista, evidenciando-o no início de seu texto, numa possível comparação entre seus ensaios e as obras do escritor português. Também podemos observar que Freyre chama a atenção do leitor para o fato de que Eça, como ele, tinha preocupação com a qualidade artística de seus textos. Para identificarmos seu conceito de arte no decorrer do texto, selecionamos os seguintes trechos:

Que haja letras como expressão de literatura criativa. Mas que se resguarde o que há de criativo em tais letras do que de literatude nas outras: das esmeradamente compostas por letrados ou por beletristas sem criatividade artística; ou por letrados apenas sabedores de coisas que não interpretam dando-lhes vida ou espírito: o poder poético do escritor-artista. Daí biografias que não ressuscitam mortos; histórias que não vão além de mecânico registro de ocorrências; subsociologias escritas em antiartístico ou em anticriativo sociologês; subfilosofias traçadas em filosofês. São letras a que falta arte não que as decore, mas que lhes dê ânimo. Vida. Criatividade.

Há, assim, letras que são arte no sentido poético, no sensual, no plástico, no interpretativo, no criativo, por vezes no filosófico, outras vezes no místico: sentidos que distinguem a expressão do artista da do não-artista. Ensaaios dessa expressão são os de Montaigne, em francês; os de Nietzsche, em alemão; os de Pater, em inglês; os de Unamuno, em espanhol. Poesias como a de Dante, a de Shakespeare, a de Rimbaud, a de Manuel Bandeira, a de Dario. **Ficção como a de Cervantes, a de Swift, a de Balzac, a de Dickens, a de Henry James, a de Proust, a de Thomas Mann, a de Eça, a de Machado.** [...]

Não se diga da literatura em língua portuguesa que é de todo pobre no gênero: o ensaio literário. Não terá sido Vieira, o dos sermões famosos, a seu modo um ensaísta? Não se poderá sugerir o mesmo de Fernão Mendes Pinto e, como pioneiro do próprio ensaio associado à ciência, Garcia de Orta? **Não foram ensaístas admiráveis Garret, Ramalho, Eça, o Visconde de Santo Tirso, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Antônio Sérgio, Oliveira Lima, Gilberto Amado, Afrânio Peixoto, José Lins do Rego, e não o são, atualmente, Carlos Drummond de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Afonso Arinos de Melo Franco, Sérgio Buarque de Hollanda, Otto Lara Rezende, Nelson Rodrigues, Pontes de Miranda?**

Vários, na nossa língua, os de talvez menor porte especificamente literário ou artístico, ou os ainda a se afirmarem plenamente, que, lidando com assuntos científicos, históricos, sociológicos, jurídicos, vêm fazendo literatura por vezes ensaística, da mais castiça, como M. Jourdain fazia prosa: sem o saberem. À língua portuguesa não vem faltando, nem falta hoje, vocação para o ensaio como expressão literária em harmonia como que, no brasileiro, é, em vários casos, misto de ânimo lírico e de gosto pela análise, pela observação, pela interpretação, pela crítica criadora sem deixar de ser objetiva.

Dos ensaios que se reúnem em *Alhos & Bugalhos* talvez seja discutível, para puristas das chamadas belas-letras, sua condição de castiçamente literários. Serão, para tais puristas, marginais de literários como forma, sendo alguns, com efeito, um tanto, mas não exclusivamente, científicos nas substâncias. Mas, mesmo assim imperfeitamente beletristas, não lhes faltará interesse humano, social e, especificamente, literário. A perfeição literária em literatura nem sempre será superior a imperfeições. (FREYRE, 1978a, p.8-10) (grifo nosso)

Encontramos nesse último parágrafo transcrito do prefácio de Freyre, novamente um ataque aos puristas – que ele não nomeia. Essa dificuldade encontrada junto à crítica pode ser

analisada intertextualmente com a carta fictícia “A E.”, em que Eça de Queirós, na voz de Fradique Mendes, ressuscita o purista do século XVIII, com observações bastante irônicas, na realidade comparando-os depreciativamente a seus detratores:

Com o dedo trêmulo, o esgalgado defunto folheia o *Basílio* e o *Amaro* e solta do cavername oco do peito até aos céus da Arcádia um grito de consternação. (...) O tipo com efeito é monstruoso. Fora de Portugal nunca existiu: — e hoje mesmo, é necessário um esforço, para lhe compreender a existência, o valor e a ação. Toma uma idéia e não quer saber se ela é justa, ou falsa, ou fina, ou estúpida, mas só procura, se a palavra em que ela vem, se encontra toda no Lucena: agarra um soneto, um verso e uma mulher, e pondo de parte o sentimento, a emoção, a imagem, a poesia, indaga apenas se a vírgula está no seu lugar (...).

Embora não tão enfaticamente, em três ocasiões anteriores, mas na mesma década de *Alhos & bugalhos*, respectivamente em 1973, 1975 e 1977, Freyre já havia defendido o ensaísmo literário. Notaremos que os textos são muito similares, visto que em todos os artigos, mesmo que comentando sobre outros escritores, é a importância de seus textos dentro do campo artístico que ele estaria defendendo.

No seguinte excerto, Freyre discorreu sobre a importância das revistas como grande veículo de informações, cujos textos poderiam ser de tal qualidade que lhes permitiria o lançamento posterior em livros. Legitimando suas opiniões, novamente recorreu à experiência de Eça de Queirós nesse gênero:

Repita-se - a insistência se impõe - que muito do que há de mais significativo na cultura moderna, no Brasil e noutros países, está aparecendo, ou continua a aparecer, em revistas, antes de surgir em livros. A tendência - saliente-se mais uma vez - tende a acentuar-se. Quem considerar luxo dispensável ler revistas de cultura corre o risco de tornar-se inatual. A revista - vá o acacianismo - se antecipa cada vez mais ao livro.

A *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queiroz, marcou toda uma época na cultura em língua portuguesa. O Brasil recebeu em cheio sua influência. O Eça dos artigos em periódicos não é menor que o Eça dos romances: é um verdadeiro ensaísta - mestre do ensaio curto - e o ensaio não é menos importante que o romance ou que a poesia.

As *Farpas* não devem ser consideradas uma revista em que à crítica social juntou-se a graça, o vigor, a audácia da expressão literária, quer de Eça, quer de Ramalho? Foram todo um movimento renovador de cultura e até de estilos de vida, através de brilhos aparentemente efêmeros.

Preciosidade é também a já referida *Revista de Portugal* da fase de Eça. (FREYRE, 1973b, p.12-13)

No prefácio escrito em 1975 à sua obra *O Brasileiro entre os outros hispanos: afinidades e possíveis futuros nas suas interrelações* (sic), Freyre, comentando a superioridade que atribuía ao ensaísmo brasileiro, lamentou o fato de os povos de origem castelhana não

conhecerem os escritores de idioma português e novamente lembrou a importância de Eça de Queirós, a quem ele caracterizou como sendo, provavelmente, o único escritor em língua portuguesa reconhecido no exterior, ao qual não havia correspondente espanhol que o ombreasse na qualidade de renovador estilístico do idioma:

O ensaísmo brasileiro parece ser atualmente superior ao espanhol que, no século XIX, teve período de tão grande esplendor. Permanece, entretanto, um fato significativo: o da tradição espanhola de literatura, com possibilidades de desabrochar-se em novas ou renovadas expressões, ser muito mais rica, estética e psicologicamente, e mais universal nos seus apelos e nas suas seduições, do que a portuguesa, embora seja preciso recordar, da língua portuguesa, que teve na nossa época um renovador – Eça de Queiroz – como não surgiu até hoje outro, superior, na língua espanhola.

[...] Admiradíssimo no Brasil é um Federico García Lorca como é um Jorge Luis Borges: um espanhol e um argentino. A reciprocidade parece não vigorar. Fora o escritor do século XIX, Eça de Queiroz, parece que nenhum outro, português ou brasileiro, tem repercussão forte na Espanha e na América Espanhola. (FREYRE, 1975c, p.54-55)

No texto abaixo, o sociólogo voltou a defender o valor literário dos ensaios, numa argumentação possivelmente auto-referente, quando foi convidado a escrever o prefácio do livro *Nelson Rodrigues, escritor*, em 1977. Exaltando as qualidades dos ensaios jornalísticos desse ensaísta, também grande teatrólogo brasileiro, Gilberto Freyre, comparou os textos do autor homenageado aos do jornalismo literário “inatingível” de Eça de Queirós, a quem cita diversas vezes durante sua argumentação:

Dizem-me que um “colunista” – pobre palavra de origem tão nobre quanto, quase sempre, degradada – estranhou que, em artigo para uma revista do Rio, eu considerasse Nelson Rodrigues não só “um novo, Eça de Queirós” como, na prosa jornalística, “mais vigoroso do que Eça”.

Nelson Rodrigues avulta na literatura atual do Brasil, como o nosso maior teatrólogo. [...] Mas ele é também o mais incisivamente escritor, sem deixar de ser vibrantemente jornalístico, dos cronistas brasileiros de hoje. O maior dos jornalistas literários – potencialmente literários – que tem tido o Brasil. Nesse setor é um equivalente do que foi e é – quem o superou? – Eça de Queirós na literatura portuguesa. Apenas com esta diferença: no brasileiro há um vigor de expressão maior do que em Eça – um Eça até hoje inatingido e, talvez, inatingível, na graça artística que soube dar ao seu jornalismo literário.

Por jornalismo literário não se deve entender o jornalismo que se ocupe de assuntos literários; e sim o que se caracteriza pela potência literária do jornalista-escritor. Um característico relativamente fácil de ser captado: contanto, que se dá tempo ao tempo.

O escritor-jornalista ou o jornalista-escritor é o que sobrevive ao jornal: ao momento jornalístico. Ao tempo jornalístico. Pode resistir à prova tremenda de passar do jornal ao livro.

As correspondências de Eça de Queirós, de Paris e da Inglaterra, para jornais portugueses e brasileiros, passaram a ter seu maior esplendor quando publicadas em livro. E esse esplendor continua. Enquanto artigos, para o momento em que apareceram em jornais, magníficos – magníficos como pura expressão jornalística – reunidos em livros não resistem à terrível prova: morrem. Fenecem. Rosas de Malherbe.[...]

Em Nelson Rodrigues, como em Eça de Queirós, o escritor vence o tempo como escritor, embora se servindo do jornal; da correspondência para jornal; do comentário ao acontecimento do dia. Nelson Rodrigues é, dos dois, o mais vigoroso nessa espécie de expressão literária: a transferível de jornal para livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária, quanto lido em jornal. Repete Eça. Repete Eça neste particular, com maior vigor do que Eça. (FREYRE, 1977a, p.9-10)

Essa produção não-ficcional, os ensaios, tão defendida acima por Freyre, que faz questão de rebater os críticos que não reconhecem sua qualidade literária, é outra característica que aproxima os dois autores na arte de escrever: Constantemente, ambos escreviam textos jornalísticos, gênero literário de que ambos foram dois grandes representantes em seus países. Já vimos que, em entrevista feita em 1975, para a Frente de Afirmación Hispanista, Freyre diz considerar que, entre os “periodistas”, Eça é o melhor. Coincidentemente, desde muito jovens, os dois já escreviam artigos para jornais conhecidos em suas respectivas regiões.

Quando era colaborador da revista *O Cruzeiro*, em 1963, Freyre escreveu um artigo intitulado “Jornalismo e letras: serão incompatíveis?”, respondendo a “alguém que desdenha da imprensa” com palavras que deixavam transparecer toda a sua contrariedade, chegou a prometer que no ano seguinte iria reduzir ao mínimo o seu “colunismo”. Possivelmente essa afirmação era só retórica, algo impensável para um escritor que, segundo esse mesmo artigo, orgulhava-se de ser colaborador efetivo, naquela época, de jornais tanto de Portugal, como *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, e o *Diário Popular*, de Lisboa, quanto do Brasil, como o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, e o *Jornal do Commercio*, do Recife. Próprio de seu estilo, acrescentou no artigo que colaborava com esses periódicos não porque o quisesse, mas devido à insistência dos diretores das empresas jornalísticas. Assim ele escreveu:

Terá razão esse meu crítico? Creio que não. Inteiramente, não. Como mestre Ortega y Gasset, não vejo incompatibilidade absoluta entre as duas atividades intelectuais: a de escritor e a de colaborador de jornais e revistas ilustradas. Podem até, em certos casos, completar-se. O intelectual pode, através dessa atividade dupla, alcançar dois tipos de público, igualmente merecedores de sua atenção: o que lê livros e revistas de culturas e o que lê jornais e revistas ilustradas.

Outra coisa não fez, durante anos, na Inglaterra, Gilbert K. Chesterton. **Antes dele, foi o que fizeram, em Portugal, Eça, e no Brasil, Machado [...].**

Estas as minhas colaborações em jornais e em revista ilustrada (*O Cruzeiro*). Será que me fazem dano, tornando-me leviano, superficial, ligeiro – perigo em que resvalam tantos “colunistas”? É possível. De qualquer modo, escrevendo tais artigos, prefiro seguir, dentro – repito – dos meus modestos limites, o exemplo que nos deixaram escritores modelares aos

quais tal espécie de jornalismo nunca fez mal: o excelente Ortega, por exemplo, o bom do Chesterton, **o sempre sugestivo Eça**.⁵⁸ (grifo nosso)

Terminando nossas observações sobre o resgate do valor literário de suas obras que apontamos em Gilberto Freyre após a década de 1960, em que aparecem citações a Eça de Queirós, não poderíamos deixar de lembrar a coletânea que reúne as conferências pronunciadas entre 1969 e 1970: *Heróis e vilões no romance brasileiro*, que tem como subtítulo “Em torno das projeções de tipos sócio-antropológicos em personagens de romances nacionais do século XIX e do atual”. Esses textos, publicados em 1979, questionam a pertinência de obras que, sendo consagradas pela crítica como literária, podem ser consideradas como sociológicas devido a seu caráter investigativo e denunciador de aspectos sociais apontados por seus autores. Para tanto, segundo Freyre seria necessário admitir a existência de uma Sociologia da Literatura. Em seu segundo texto, inserido nessa questão, encontramos a citação de Eça de Queirós e sua obra *Os Maias* como primeiro exemplo de uma obra de ficção com personagens que representam tipos sócio-antropológicos:

Admitida uma nova Sociologia Especial que se denomine Literatura, qual o seu futuro próximo? Quais os casos ou temas, em literaturas atuais ou antigas, mais ao alcance de suas próximas análises e interpretações? Vários, alguns dos quais, sugeridos por escritores, não só clássicos, que venham a ser reexaminados sob esse critério, como apenas menos que modernos ou paramodernos, ou de todo modernos, podem ser aqui destacados como exemplos: especialmente nos quais se projetem tipos sócio-antropológicos.

O caso de amor incestuoso considerado de modo a um tempo literário e sociológico, – ou antropológico – por Eça de Queiroz, em *Os Maias*, é um deles. É considerado por Eça com uma atitude para com esse tipo – tão presente na tragédia grega – talvez tocada, no romancista português, de alguma coisa de moderno. (FREYRE, 1979a, p.32)

Encontraremos também o escritor português citado mais quatro vezes nessa coletânea, porém o que nos parece mais importante é o fato de Freyre encerrá-la com nova referência a Eça de Queirós e a obra mencionada. O sociólogo pernambucano já havia declarado a importância de *Os Maias* no universo de suas leituras, e nesse texto ele ratificou essa valorização, fazendo um cotejo, em nota final, entre a simbologia presente nessa obra e naquela que o tornou famoso, *Casa-grande & senzala*:

[...] E que história convencionalmente social – cientificamente social – de Portugal do século XIX será tão cheio do real mais que real – às vezes apresentado sob forma não só apenas novelesca como exageradamente caricaturesca em seu modo de ser novelesca – que se compare, sob esse aspecto, com *Os Maias*, de Eça de Queiroz? Evidentemente nenhuma. Note-

---

⁵⁸ Disponível em: http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/jornalismo_letras.html.

se que não lhe faltam símbolos, tampouco ausentes da obra histórica e, ao mesmo tempo, sociológica, de Oliveira Martins. (FREYRE, 1979a, p.87)

[...] Note-se da simbologia ostensiva, no livro *Casa-grande & senzala*, quer como expressão criadoramente literária, quer como recurso de interpretação sociológica, que se prolonga, com esse duplo sentido através de outros símbolos, no livro *Sobrados e Mucambos* (...) (FREYRE, 1979a, p.89)

Nas notas finais desse texto, Gilberto Freyre, remetendo-se ao caráter sociológico de *Os Maias*, defende com veemência a expressão literária em *Casa-grande & senzala*, citando, para isso, as “recentes teorias da comunicação”, conceitos elaborados, segundo o sociólogo, entre 1960 e 1970.

Resta comentarmos sobre as investidas ficcionais de Gilberto Freyre. Além das duas “semi-novelas”, classificação do próprio autor, intituladas *Dona Sinhá e o filho do padre*, de 1964, e *O outro amor do Dr. Paulo*, de 1977, o sociólogo também escreveu três contos na década de 70, reunidos postumamente em *Três histórias mais ou menos inventadas*. Como já observamos, essas obras de cunho ficcional também foram publicadas, coincidentemente, num momento em que Freyre questionava seus detratores por não inseri-lo no campo literário. Não por acaso, em nossa interpretação, na obra *O outro amor do Dr. Paulo*, o autor concebe um encontro de alguns brasileiros, em Paris, com o cônsul Eça de Queirós, no final do século XIX. Segundo Tania Carvalhal:

Percebe-se que Freire conhecia bem não só a obra como a vida do escritor português, pois no capítulo em pauta, sob forma de perguntas que lhe fazem as personagens, deixa Eça falar sobre temas conhecidos daqueles que o leram: a planejada vinda ao Brasil como Cônsul Geral, que nunca ocorreu, seu apego pela paisagem rural portuguesa e a crítica à sociedade de seu tempo.(...). Em particular, Freire o faz manifestar-se sobre Machado de Assis em quem Eça reconhece “um mestre na arte do romance e na do conto: duas artes – acentuou – distintas. Para dizer, mais adiante (...) Um grande retratista de mulheres. De mulheres brasileiras. A aristocracia brasileira do Império está retratada nos seus romances e nos seus contos, nessas figuras de mulheres finas e – acrescenta irônico – nem todas Capitus, assim como nas de alguns homens também finos. Mas, umas e outros, essencialmente humanos”. (...) a seguir, a personagem Camargo menciona que o Brasil precisava de um Eça. “Não, não precisa – diz Eça”. E acrescenta: “Precisa de um Oliveira Martins historiador, sociólogo, pensador, ensaísta em profundidade”. E ainda considerando indiretamente o assunto: “Cada vez mais admiro Machado de Assis. E Portugal nada seria sem Oliveira Martins”. (CARVALHAL, 2000)

Não teria Gilberto Freyre, transposto para a ficção seu desejo de representar para a intelectualidade brasileira o mesmo valor que a personagem Eça atribuía a Oliveira Martins na semi-novela, como um “historiador, sociólogo, pensador, ensaísta em profundidade”, opinião

que o autor português já havia expresso, na vida real, em vários de seus textos? Não estaria Eça, inegavelmente um literato muito respeitado pela comunidade intelectual brasileira, especialmente pela pernambucana, preconizando o surgimento de um Oliveira Martins no Brasil, na figura dele próprio, Gilberto?

Ambições à parte, importa assinalar que os textos de Gilberto Freyre tomados neste trabalho procuram se apropriar em algum nível do capital simbólico angariado por Eça de Queirós e que tal apropriação é legítima na medida que Freyre se revela um grande conhecedor da obra queirosiana e, sobretudo, um intelectual afinado com posturas ideológicas e literárias que estão, em maior ou em menor grau, presentes nos textos do escritor português.

CONCLUSÃO

Como vimos no decorrer deste trabalho, Eça de Queirós foi um autor consagrado pelos intelectuais brasileiros. Seus primeiros artigos, reunidos sob *As farpas*, publicados em parceria com Ramalho Ortigão, projetaram seus autores no Brasil. Embora alguns dos textos que compõem essa coletânea tenham, a princípio, suscitado contrariedade no Brasil, rapidamente essas divergências de opiniões seriam substituídas pela admiração a Eça de Queirós, admiração que rapidamente se transformou num verdadeiro culto à sua pessoa e à sua obra no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Nesse entusiasmo, destacou-se a sociedade pernambucana, segundo alguns estudiosos da literatura. Gilberto Freyre, que fazia parte da elite intelectual pernambucana, também foi contagiado por esse entusiasmo em relação à obra de Eça de Queirós, o que o jovem escritor de *Tempo de aprendiz* apontaria desde seus primeiros textos, com diversas citações ao universo queirosiano.

Através da leitura de várias obras de Gilberto Freyre, soubemos que o futuro sociólogo conhecia a empatia pelo escritor português nos meios intelectuais que freqüentava. Por esse motivo, fundamentando nossa apreciação do *corpus* privilegiado neste trabalho em conceitos de teóricos da análise discursiva e da análise sócio-literária, entendemos que essas citações visavam tanto estabelecer uma comunhão com seu leitor, como capitalizar bens simbólicos que o projetassem no campo erudito. Essas referências também teriam sido empregadas como argumento de poder para convencer seu público da qualidade de suas idéias inovadoras no aspecto temático e estilístico. Freyre, como vimos, não considerava o emprego de citações como falta de originalidade, expressando em alguns textos que em todas as áreas do conhecimento humano o que fazemos são recriações, como ele mesmo dizia, citando Eça de Queirós entre os gênios da literatura que possuem o que ele denominou de memória criadora:

É que, salienta o crítico [Boulenger], a imaginação não cria como vulgarmente se pensa, isto é, inventando; o que ela faz é combinar. E essa obra de combinação não se realiza sem a memória.

Por aí se explicaria o fato, destacado também por Boulenger, de quase todos os gênios da literatura francesa terem sido homens de grande memória criadora: Rabalais, Montaigne, Descartes, Racine, Hugo, Taine, Renan. E o mesmo não é certo da literatura em língua portuguesa: Fernão Lopes, Vieira, Garrett, Eça, Oliveira Martins, Almeida, Machado,

Pompéia, Nabuco, Euclides, Lima Barreto, Graça, não foram homens principalmente de memória criadora? Em literatura – como na própria ciência – “as combinações de recordações variam ao infinito” como lembra Boulenger, resultando essas combinações novas em verdadeiras criações.

Na realidade ninguém cria de modo absoluto; nem do abstrato nem do concreto. Nem em matemática nem em pintura ou culinária. O que o criador científico, artístico ou literário faz é descobrir relações novas. Relações novas entre pessoas e coisas. Entre pessoas e animais. Entre pessoas e fatos. Entre épocas. Entre sociedades humanas. Entre os sentidos, os órgãos, os chamados instintos do homem e a sua inteligência.

Já nos primeiros anos de sua precoce carreira como sociólogo, constatamos que o escritor pernambucano identificou-se com a concepção nacionalista e tradicionalista da personagem Fradique Mendes, que ele percebia como um alter-ego de seu criador. Observamos também que, se Freyre estabeleceu convergências em suas opiniões sobre a valorização da cultura nacional, as diferenças também sobressaíram em seus textos, à medida que o autor, já no Brasil, via-se tomado como incoerente e passadista, um turista pedante, recém-chegado a seu país, crítico do exotismo estrangeiro que encontrara em sua terra, tal qual “um Fradique”. Percebemos em nossa pesquisa que Freyre vai se distanciar da imagem de Fradique, nesse recorte sociológico que o escritor brasileiro fez das opiniões da personagem, insistindo na visão conciliatória entre idéias que, à primeira vista, pareciam opostas: o tradicionalismo e o modernismo. A diluição desse vínculo com a figura de Fradique é claramente perceptível no texto em homenagem ao centenário do autor português, “Lusitanidade e universalidade em Eça de Queiroz”, quando, um já consagrado Freyre, ironicamente, censurou o criador de Fradique Mendes, porque percebeu que o tradicionalismo de Eça/Fradique era artificial, restrito ao campo das idéias. Uma valorização fradiqueana da cultura portuguesa que só se teria se compatibilizado com a idealização que fizera dela o incipiente sociólogo em suas manifestações literárias de juventude.

Observamos em seus primeiros textos de *Tempo de aprendiz* que Gilberto Freyre, desde muito jovem, consagrou Eça de Queirós como um grande mestre na revolução da ortodoxia literária, mas que as citações a esse aspecto da obra queirosiana foram diminuindo, à medida que o sociólogo Freyre começou a se projetar nacionalmente após a publicação de sua mais famosa obra *Casa-grande & senzala*, em 1933. Indicamos a possibilidade de que, após a publicação de *Ordem e progresso*, e consciente de que Eça de Queirós ainda figurava no imaginário intelectual brasileiro como uma grande referência literária, as citações,

apontando a similitude do estilo de ambos, reapareceriam em seus textos, paralelamente às suas novas incursões no campo artístico.

Ao mesmo tempo em que atribuiu a si mesmo e ao escritor português o papel de renovadores da língua portuguesa e da linguagem literária em seus respectivos países, Freyre tentou demonstrar que também Eça, por ter ousado escrever em um estilo menos convencional, numa linguagem mais coloquial, foi duramente criticado por alguns de seus contemporâneos. Gilberto Freyre via nas críticas negativas que sua obra recebia a mesma incompreensão que Eça sofreu por suas inovações estilísticas, e que, segundo o escritor pernambucano, não diminuíram seu valor artístico, nem impediram a consagração final do escritor português.

Freyre tentou nos mostrar, através das referidas citações, que também seu estilo inovador, mesclando análise social e impressões subjetivas, poderia tornar sua obra menos acadêmica, no sentido mais convencional do termo, mas jamais menos literária, sendo que o ensaísmo jornalístico, atividade constante e comum a ele e Eça, não poderia ser considerado uma arte menor, como insistiam alguns de seus críticos, que ele cunhou de ortodoxos.

Esperamos ter ressaltado a relevância das citações queirosianas na produção cultural de Freyre exemplificada neste trabalho com alguns textos de sua vasta obra: germinais em *Tempo de aprendiz*, mas uma constante em seu trabalho intelectual, valorizadas ora mais por seu valor sociológico, ora mais por seu valor literário. Podemos dizer que esta é a maneira que Gilberto Freyre, desde muito jovem, encontrou para se afirmar num meio intelectual que lhe era adverso e, sobretudo, consagrar Eça de Queirós não apenas como literato, mas como um grande mestre, opinião que pode ser resumida nestas palavras de Freyre:

Se por algum tempo o intelectual Eça de Queirós comprometeu, ou pareceu pôr em perigo, o presente e o passado da língua e da literatura do seu país, foi para assegurar a essa língua e a essa literatura um futuro que não teriam sem a ação – inclusive no Brasil: num novo e vasto espaço e num como novo e vasto tempo – intrepidamente renovadora desse intelectual tão sensível a sugestões de passado como a provocações de presente, tão secretamente aliado ao futuro de sua gente e da própria gente brasileira. Ao futuro da língua e da literatura comuns a essas duas gentes, igualmente suas, quer em seus antecedentes, quer em seus futuros. (FREYRE, 1973a, p. 226-227)

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de Eça de Queirós

QUEIROZ, José Maria Eça de. *Obras*. Porto, Lello e Irmão Editores, 195-.

2. Sobre Eça de Queirós

_____. *Portugal de Eça de Queiroz*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

150 anos com Eça de Queirós - Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos. São Paulo, Centro de Estudos Portugueses, USP, 1997.

ABDALA JUNIOR, Benjamin (Org.). *Ecos do Brasil - Eça de Queirós* - leituras brasileiras e portuguesas. São Paulo, Senac, 2000.

AMRAL, Eloy, MARTHA, M. Cardoso. . *Eça de Queiroz*: In Memoriam. Coimbra, Atlântida, 1947.

ASSIS, Machado. “Eça de Queirós”. In: *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, Inc, Editores, v. 29, 1962.

BERRINI, Beatriz. Eça de Queiroz – “A ilustre casa de Ramires” - cem anos. São Paulo, Educ, Fapesp, 2000.

BERRINI, Beatriz (Org.). *Eça de Queiroz*: Literatura e arte, uma antologia. Lisboa, Relógio d’água Editores, 2000.

CARVALHAL, Tania Franco. *Centenários cruzados: Eça de Queirós e Gilberto Freire*. In: Seminário Internacional Eça de Queirós entre Milênios - Pontos de Olhar. UFRGS, 2000.

CASTILHO, G. de, (Org.), *Eça de Queirós, Correspondência*, (2 vols.), Lisboa, Imprensa Nacional, 1983.

CATTON, Albano Pereira. *Eça de Queiroz*: Dicionário biográfico de seus personagens. Editor Dorsoi, 195-

CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queirós, agitador do Brasil*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.

CORTESÃO, Jaime. *Eça de Queirós e a questão social*. Lisboa, Portugália, 1980.

FARO, Arnaldo. *Eça e o Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da literatura realista*. São Paulo, Editora Anchieta, 1946.

_____. “...um pobre homem de Póvoa do Varzim....”. Lisboa, Portugália Editora, 195-

GALVÃO, Walnice Nogueira, GOTLIB, Nádia B. (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000

GUERRA DA CAL, Ernesto. *Língua e estilo de Eça de Queirós*. 4.ed. Coimbra, Livraria Almedina, 1981.

JESUS, Maria Saraiva de. "A difusão do realismo e do naturalismo em Portugal". In: Carlos Reis (dir.), *História da literatura portuguesa*, Lisboa, Alfa, 2001, v.5.

JORGR, J de Melo. *Os tipos de Eça de Queiroz*. São Paulo, Livraria do Brasil, 1940.

LIMA, Isabel Pires de. *As máscaras do desengano - para uma abordagem sociológica de “Os Maias” de Eça de Queirós*. Lisboa, Caminho, 1987.

LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1959., 1965.

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1988.

MARTINS, A. Coimbra. *Ensaaios queirosianos*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1967.

MATOS, A. Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ed. Lisboa, Caminho, 1993.

_____. *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*. 2.ed. Lisboa, Caminho, 2000.

MEDINA, João. *Eça de Queiroz e a geração de 70*. Lisboa, Moraes Editores, 1980.

_____. *Eça político*. Lisboa, Seara Nova, 1984.

_____. *Eça de Queirós, antibrasileiro?* Bauru, Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 2000.

MELLO, Padre Allyrio de. *Eça de Queirós, o exilado da realidade*. Porto, Livraria Tavares Martins, 1945.

MENDES, Luís Felipe de Castro. *Eça de Queirós e o Brasil ou o sentimento impossível*. In: Revista *Convergência Lusíada*. N. 20. Rio de Janeiro, Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, nº 20, 2000.

MINÉ, Elza (Org.). *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. São Paulo, Ateliê Editorial, Instituto Camões, 2000.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 21ed. São Paulo, Cultrix, 1985.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça: vida e obra de José Maria Eça de Queirós*. Rio de Janeiro, Record, 2001.

- MOOG, C. Viana. *Eça de Queirós e o século XIX*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- PAULA, E. Simões de. *Figuras de destaque*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1923.
- PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (Org.). *O livro do centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Edições Dois Mundos, Portugal-Brasil, 1945.
- RAMALHETE, Clóvis. *Eça de Queiroz*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1942.
- REIS, Carlos (Org.). *História da literatura portuguesa*. Lisboa, Alfa, 2001, v.5.
- REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Imprensa-Nacional, Casa da Moeda, 2000.
- _____ e MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa queirosiana - o espólio de Eça de Queirós*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- _____. *Eça de Queiroz - literatura e arte: uma antologia*. Lisboa, Relógio D'Água, 2000.
- _____. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra, Almeida, 1975.
- _____. *Estudos queirosianos*. Lisboa, Editorial Presença 1999.
- ROSA, A. Machado da. *Eça, discípulo de Machado*. Lisboa, Ed. Presença, 1979.
- SACRAMENTO, Mário. *Eça de Queirós: uma estética da ironia*. Coimbra, Coimbra Ed., 1945.
- SARAIVA, António José. *As idéias de Eça de Queiroz*. Lisboa, Centro Bibliográfico, 1946.
- SCARPELLI, Marli Fantini, OLIVEIRA, Paulo Motta (Org.). *Os centenários – Eça, Nobre e Freyre*. Belo Horizonte, Centro de Estudos Portugueses, UFMG, 2001.
- SERGIO, Antônio. "Notas sobre a imaginação, a fantasia e o problema psicológico-moral na obra novelística de Queirós". *Obras completas, Ensaios*. Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1980.
- SERRÃO, Joel. *O primeiro Fradique Mendes*. Lisboa, Horizonte, 1985.
- SIMÕES, José Gaspar. *Vida e obra de Eça de Queirós*. Amadora, Bertrand, 1980.
- SOUSA, Franklin de. *O segredo de Eça: ideologia e ambigüidade em 'A cidade e as serras'*. Lisboa, Edições Cosmos, 1996.
- SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Tese e Antítese - Ensaios*. 3ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1978.
- TRÊPA, José. *Eça de Queirós visto pelos seus contemporâneos*. Porto, Lello&Irmãos, 1945.

3. Obras de Gilberto Freyre

FREYRE, Gilberto. “A ‘História da Civilização’ do Sr. Oliveira Lima”. In: *Revista do Brasil*. São Paulo, n.80, p. 363-371, ago. 1922.

_____. *Artigos de jornal*. Recife. Mozart, 1934.

_____. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. Ilustrado por Luís Jardim. Recife: s. n., 1934.

_____. *Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

_____. *Portugal para-inglês-ver*. Diário de Pernambuco. Recife, 09 set. 1937.

_____. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

_____. *Açúcar: algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1939.

_____. *Região e tradição*. Ilustrado por Cícero Dias. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1941.

_____. “Atualidade da sociologia”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 8 out. 1941.

_____. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1942.

_____. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

_____. “Dom Pedro II imperador cinzento de uma terra de sol tropical”. In: *Perfil de Euclides da Cunha e outros perfis*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944.

_____. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945. 2v.

_____. “Amizade com Oliveira Lima”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 22 nov. 1946.

_____. *Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947. (Documentos Brasileiros, 56)

- _____. *Ingleses no Brasil*: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. (Documentos Brasileiros, 58).
- _____. *Quase política*: 9 discursos e 1 conferência mandados publicar por um grupo de amigos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.
- _____. *Um brasileiro em terras portuguesas*: introdução a uma possível luso-tropicologia acompanhada de conferências e discursos proferidos em Portugal e em terras lusitanas e ex-lusitanas da Ásia, da África e do Atlântico. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (Documentos Brasileiros, 76).
- _____. “Getúlio Vargas: meu depoimento”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 5 set. 1954.
- _____. *Assombrações do Recife velho*. Ilustrado por Lula Cardoso Ayres. Rio de Janeiro, Condé, 1955.
- _____. *Em Torno da situação do professor no Brasil*. Recife, Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1956.
- _____. *A experiência portuguesa no trópico americano*. México. Editorial Cultura, 1957.
- _____. *Sugestões em torno de uma nova orientação para as relações intranacionais no Brasil*. São Paulo: Fórum Roberto Simonsen, 1958.
- _____. *Arte, ciência e trópico*: em torno de alguns problemas de sociologia da arte. São Paulo, Martins, 1962a.
- _____. *Homem, cultura e trópico*. Recife: Imprensa Universitária, 1962b.
- _____. *Talvez poesia*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1962c.
- _____. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962d. São Paulo, Boitempo, 2004.
- _____. *Retalhos de jornais velhos*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1964.
- _____. *Dona Sinhá e o filho padre: seminovela*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- _____. *Meu pai*. Recife, s. n., 1964.
- _____. *6 conferências em busca de um leitor*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1965.
- _____. *Dante romântico e anti-romântico*. Recife, s.n., 1966.
- _____. *Brasis, Brasil e Brasília*: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e das relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural. Rio de Janeiro, Record, 1968a.

- _____. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1968b.
- _____. *Dom Pedro II julgado por alguns estrangeiros seus contemporâneos*. Petrópolis, Museu Imperial, 1970.
- _____. *Palavras proferidas na solenidade de inauguração, com a presença do sr. Presidente Garrastazu Médici, do Parque Nacional dos Guararapes*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1971a.
- _____. *Novo mundo nos trópicos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971b.
- _____. *Seleção para jovens*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971c.
- _____. *A Propósito de José Bonifácio*. Recife: IJNPS, 1972a.
- _____. *Doutoramento de Gilberto Freyre*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1972b.
- _____. *Saneamento e trópico*. Diário de Pernambuco. Recife, 30 abr. 1972c.
- _____. *Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral, e do homem brasileiro, em particular*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1973a.
- _____. *Brasil Açucareiro*. Rio de Janeiro, n.41, v.2, p. 11-16, ago. 1973b.
- _____. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1975a.
- _____. *Entrevista con Gilberto Freyre*. México, Frente de Afirmación Hispanista, 1975b.
- _____. *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades e possíveis futuros nas suas interrelações*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975c. (Coleção Documentos Brasileiros, 168).
- _____. *Tempo morto & outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 1975d.
- _____. *Nelson Rodrigues, escritor*. In: RODRIGUES, Nelson. *O reacionário: memórias e confissões*. Rio de Janeiro, Record, 1977a.
- _____. *O outro amor do Dr. Paulo: seminovela*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977b.
- _____. *Alhos e bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios, de Joyce a cachaça; de José Lins do Rego ao cartão postal*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978a.
- _____. *Cartas do próprio punho sobre pessoas e coisas do Brasil e do estrangeiro*. Organizado por Sylvio Rabello. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1978b.

- _____. *Prefácios desgarrados*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978c. 2 v.
- _____. *Heróis e vilões no romance brasileiro*. Org. por Edson Nery da Fonseca. São Paulo, Cultrix, 1979a.
- _____. *Tempo de aprendiz*: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918 a 1926. Organizado por José Antônio Gonsalves de Mello. São Paulo, IBRASA, 1979b. 2v.
- _____. *Gilberto poeta: algumas confissões*. Recife: Ranulpho Editora de Arte, 1980a.
- _____. *Poesia reunida*. Recife: Pirata, 1980b.
- _____. *Um escritor brasileiro recorda seus contactos com a Espanha*. Cultura - MEC. Brasília, n. 10, v. 35, p. 103-112, jul./dez. 1980c.
- _____. *Gilberto Freyre na UNB*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1981a.
- _____. *Pessoas, coisas e animais*, 2ªed., Porto Alegre – Rio de Janeiro, Globo, 1981b.
- _____. *Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e nãoos num mundo em transição*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.
- _____. *Camões: vocação de antropólogo moderno?* São Paulo. Conselho da Comunidade Portuguesa do Estado de São Paulo, 1984.
- _____. *Modos de homem & modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- _____. *Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre, aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre e da monarquia para a república*. Rio de Janeiro: Record, 2000. 2v.
- _____. *Aventura e rotina*.: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro, Topbooks, 2001.
- _____. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília, DF/ São Paulo, SP, Editora UnB/Imprensa Oficial SP, 2003.
- _____. *Palavras repatriadas*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 2003.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2003a.
- _____. *Três histórias mais ou menos inventadas*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 2003b.

4. Sobre Gilberto Freyre

ADAMI, Simone Aparecida Camargo. *Gilberto Freyre em três tempos: um estudo da gênese de Casa-grande & senzala a partir de Tempo morto & outros tempos*. São Paulo, 2002. (Dissertação de Mestrado)

ADOLFO, Sérgio Paulo. “Existe o mundo que o português criou?”. In: *Terra roxa e outra terras*. Revista de estudos literários, Londrina, Paraná, UNIPAR 2002. v. 1. p.24-31.

AMADO, Gilberto et al. *Gilberto Freyre - sua ciência, sua filosofia, sua arte: ensaios sobre o autor de "Casa-Grande & Senzala" e sua influência na moderna cultura do Brasil, comemorativos do 25º aniversário da publicação deste seu livro*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1962. 576p.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz, Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

AZEREDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo em Pernambuco*. FFLCH, USP. São Paulo, 1983, 2v. (Tese de Doutorado)

BURKE, Peter. “Gilberto Freyre e a nova história”. In: *Tempo Social* – Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.9, n.2, p.1-12, out.1997.

CHACON, Vamireh. *Gilberto Freyre: uma biografia intelectual*. Recife: Editora Massangana, São Paulo: Ed. Nacional, 1993.

_____. *A luz do norte*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.

COUTINHO, Odilon Ribeiro. *Gilberto Freyre ou O ideário brasileiro*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2005.

DAMATTA, Roberto. “A originalidade de Gilberto Freyre”, in *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, ANPOCS, Rio de Janeiro, n.24, p.3-11, 1987.

DIMAS, Antonio. “Barco de proa dupla”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.1, p.112-126, mar./mai.1989.

_____. “De Gilberto Freyre para Fidelino de Figueiredo”. In: *A presença de Castello*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/IEB, 2003 p. 125-132

_____. ; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatay. *Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre, Editora da UFRGS/ São Paulo, EDUSP, 2006.

- _____. “Gilberto Freyre e a crítica literária”. In: *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2001.
- FONSECA, Edson Nery da (Ed.). *Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Comp. Ed. de Pernambuco, 1985.
- _____. (Org.). *Sobrados e Mucambos: entendimento e interpretação*. Recife: Massangana, 1996.
- _____. “Casa-grande & senzala: biografia de um livro”. In: *Ciência e trópico*. v.2, nº2, p.169-211, jul-dez. 1974.
- _____. *Gilberto Freyre de A a Z*. Rio de Janeiro, Zé Mário Editor, 2002.
- FREYRE, Fernando de Mello. *Brasileiridade*. Recife: Massangana, 1992.
- INOJOSA, Joaquim. O movimento modernista em Pernambuco. Rio de Janeiro, Gráfica Tupi, 195-
- _____. *Pá de cal*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Editora Meiodia, 1978.
- _____. *Sursum corda*. Rio de Janeiro, s.n., 1981.
- KOSMINSKY, Ethel Volfzon, LÉPINE, Claude, PEIXOTO, Fernanda Áreas (Org.). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2003..
- MACIEL, Marco. *O Século de Gilberto Freyre*. In: Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos. Recife, 21 a 24 mar. 2000.
- MARTINS, Wilson. *A idéia modernista*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2002.
- MOTTA, Roberto (Org.). *Seminário de Tropicologia*. Recife, Massangana. 1980.
- OLIVEIRA, J. Gonçalves de (Ed.). *Expressão literária em Gilberto Freyre*. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1981.
- PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo, Editora UNESP, 2005.
- PEIXOTO, Fernanda. “A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre”. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v.17, n.1, p.159-173, jun.2005.
- RIBEIRO, Darcy. “Gilberto Freyre: uma introdução a *Casa-grande & senzala*”. In: *Sobre o óbvio*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- SANTOS, Luiz Antonio de Castro. “O espírito da aldeia”. In: *Novos Estudos Cebrap*. n. 27, p.45-66, jul. 1990.

TUNA, Gustavo Henrique. *Gilberto Freyre: entre tradição & ruptura*. São Paulo: Cone Sul, 1999.

VILA NOVA, Sebastião. *Eça de Queiroz e Gilberto Freyre: algumas aproximações*. In: Seminário Internacional Novo Mundo nos Trópicos. Recife, 21 a 24 mar. 2000.

_____. *Sociologia & pós-sociologia em Gilberto Freyre: algumas fontes e afinidades teóricas e metodológicas de seu pensamento*. Recife: Massangana, 1995.

5. Bibliografia teórica e geral

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo, Editora SENAC, 2002.

_____. Benjamin (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.

AGUIAR, Flávio W., VASCONCELOS, Sandra Guardini T. “O conceito de transculturação na obra de Angel Rama”. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.

AHMAD, Aijaz. *Linhagens do presente*. Trad. Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de, FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia intertextualidade*. São Paulo, Editora da universidade São Paulo, 2003.

BERND, Zilá. “O elogio da criouliidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe”. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed., São Paulo, Cultrix, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2005.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 2.ed. São Paulo, EDUSP, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. Série Princípios. 4 ed. São Paulo, Editora Ática, 1999.

CERTEAU, Michel de. Trad. Ephraim Ferreira Alves. *A invenção do cotidiano: a arte de fazer*.

- CEVASCO, Maria Elisa. “Dois críticos literários”. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. “A crítica literária na América Latina e os novos rumos do comparatismo”. In: *O discurso crítico na América Latina e os novos rumos do comparatismo*. Org. Tania Franco Carvalhal. . Porto Alegre, Editora Unisinos e Instituto Estadual do Livro, s/d.
- _____ & CARVALHAL. Org. Tânia Franco Carvalhal. *Literatura Comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária – Uma Introdução*. Tradução e notas de Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo, Beca, 1999.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FIGUEIREDO, Candido de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1949.
- FIORIN, José Luiz. “Bakthin e a concepção dialógica da linguagem”. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.
- FOKKEMA, Douve W. *História Literária, Modernismo e Pós-Modernismo*. Tradução de Abel Barros Baptista. Lisboa, Veja /195-/.
- FOUCAULT, Michel. O que é um autor?. Trad. Antônio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [S.l.] Passagens, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rose Freire d’Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo*. História-Teoria-Ficção. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- MACHADO, A. M. & PAGEAUX, D-H. *Da Literatura Comparada à Teoria Literária*. Lisboa, Portugal, Edições 70, s/d.
- MAINGUENEAU, Dominique. O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade. São Paulo, Martins fontes, 2001.
- MASINA, L. “Três visões críticas sobre a América Latina: Antonio Candido, Ángel Rama e Antonio Carnejo Polar” in *Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no*

- Comparatismo*. Org. Tânia Franco Carvalhal. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d.
- MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 4ª ed. São Paulo, Melhoramentos, 1971.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *O Romance e seus Problemas*. Lisboa, Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: História, teoria e crítica*. São Paulo, Edusp, 1997.
- PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. São Paulo, Livraria Martins fontes Editora, 2002.
- Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1994.
- PIZARRO, Ana. “Áreas culturais na modernidade”. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. “A propriedade é um roubo” e outros escritos anarquistas. Porto Alegre, L&PM, 2001.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Coimbra, Livraria Almedina, 1995.
- SAID, Edward. *Cultura e política*. Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Boitempo Editorial, s.d.
- _____. “Literatura e Subdesenvolvimento”. In: *A Educação pela Noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Ficção e Confissão*. ed.34, Rio de Janeiro, 1992.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira (Momentos decisivos)*. São Paulo, Martins, 1959.
- _____. *Literatura e sociedade*. 8ªed. São Paulo, Publifolha, 2000.
- _____. *Tese e Antítese - Ensaios*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- _____. *Vários Escritos*. 3. Ed. Revista e ampliada. São Paulo, Duas Cidades, 1995.